MAX FREEDOM LONG
A CIÊNCIA SECRETA
EM AÇÃO

A CIÊNCIA SECRETA EM AÇÃO

A Sabedoria dos Kahunas
para Curar e Construir uma Realidade Melhor

Max Freedom Long

MAX FREEDOM LONG

The Secret Science at Work

The Huna Method as a Way of Life

Ficha Catalográfica

Long, Max Freedom (1890-1971)

Título original: *The Secret Science At Work*
O Método Huna como um Caminho da Vida
Capa: Imagem original (sem autoria)

Tradução: **Ceres Elisa da Fonseca Rosas**

1ª Edição 1992 - 312 p. 22 cm (esgotado)

Classificação Dewey 299.9242 (ISBN 9780875160467)
1. Magia havaiana. 2. Ciências Ocultas. 3. Esoterismo. 4. New Age

Obra Digital:
e-Book: 2018
Digitalização: Web
Revisão e produção:

Avisos:

A revisão textual atendeu o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (em vigor desde 2009) e, preservando a fraseologia e a autoria, corrigiu alguns erros do layout e da tipografia incluindo pontuação. Em trabalho voluntário sem fins lucrativos, a obra digital foi composta para a cultura de deficientes visuais; se você não o for e venha a acessá-la, por favor considere comprar um livro físico original e doá-lo a uma biblioteca, para não afetar direitos autorais, que até podem ter sido doados para obras assistenciais. Eventuais realces de textos não existem no original. As Notas do Revisor (N.R.) estão no final.

Livro Físico:

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E EDITORIAL UNIVERSALISTA

Prólogo

Nosso primeiro contato com a Huna aconteceu por volta de 1973, graças ao saudoso Dr. Juan Alfredo César Mueller, doutor em psicologia, escritor e alquimista. Correspondeu-se com Max Freedom Long e durante seus anos de trabalho em São Paulo, "iniciou" numerosas pessoas na psicologia dos kahunas.

Na realidade, a sabedoria Huna já era há muito conhecida no Brasil. Em 1961, foi editado "Milagres da Ciência Secreta" pelo Grupo Editorial Monismo e, vinte anos após estar esgotado, ainda era procurado nas livrarias. Algumas pessoas ligadas aos métodos de controle mental também divulgaram os princípios Huna no Brasil, em seus cursos.

Durante os anos oitenta, surgiram grupos de estudos em várias partes do país. O mais persistente deles, em Campinas, SP, editou as "Cartas sobre Huna" de E. Otha Wingo, que descreve em doze lições tanto o fundamento, como a técnica da prece-ação.

Em 25 de janeiro de 1987, foi fundada a Associação de Estudos Huna, uma entidade destinada ao estudo e aplicações das descobertas de Max Freedom Long no campo de psicofilosofia, com sede em Canarana, MT, residência da primeira presidente. Iniciou-se a edição de um boletim, contendo artigos atuais sobre o emprego da Huna no dia-a-dia, aplicada por um número cada vez maior de pessoas, como um método que realmente age. A **Associação de Estudos Huna** continua congregando os interessados no assunto que desejam manter um elo com todos que

compartilham a filosofia e obtêm resultados com as práticas. Atualmente, sua sede fica em Veranópolís, RS.

Em 1989, a Fundação Educacional e Editorial Universalista, de Porto Alegre, RS, publicou "O Caminho ao *EU Superior* segundo os Kahunas", uma compilação dos fundamentos da Huna de autoria de Ceres Elisa da Fonseca Rosas[1] e, no ano seguinte, "Crescendo na Luz", de Max Freedom Long, contribuindo para a divulgação da Huna entre os muitos adeptos espalhados peio Brasil.

Como o próprio Max Freedom Long diz neste livro, não era a sua intenção, em hipótese alguma, iniciar um "culto" ou uma seita. A Huna é apenas uma ferramenta eficiente, com a qual trabalhamos os nossos EUs e conseguimos a plena integração da personalidade humana, de forma a tornarmos o Homem triuno capaz de conseguir para si e para os entes queridos, uma vida realizada, saudável e feliz, pois, acreditavam os kahunas, ele fora feito para assim ser.

A parte mais extraordinária desses ensinamentos, que tem pontos em comum com muitos outros sistemas psicofilosóficos é a de permitir que SEJA MUDADO O FUTURO que foi construído anteriormente, a partir da média de nossos pensamentos diários, bons ou maus. Através do contato com o *EU Superior*, nosso anjo guardião e um dos membros de nossa trindade, e dos métodos de prece-ação aqui ensinados, poderemos mudar para melhor o que foi imperfeitamente criado e construir condições mais favoráveis, desde que atendamos o princípio fundamental de NÃO FERIR, nem prejudicar ninguém, nem a si próprio.

A edição em português de "A Ciência Secreta em Ação" pela FEEU é motivo de satisfação, pois permite ao leitor penetrar, sozinho, nos conhecimentos milenares de uma das civilizações mais pacíficas do mundo, iniciando uma viagem emocionante no caminho da descoberta de nosso imenso

potencial interior — com a possibilidade de aplicá-lo na própria vida. Desde que seja corretamente aplicada, a sabedoria Huna AGE, para felicidade nossa e de todos que nos rodeiam.

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS HUNA

Prefácio

Meu primeiro livro, *Recuperando a Magia Antiga*, que relatava sobre as crenças psicorreligiosas dos antigos polinésios e procurava explicar a magia pelos sacerdotes nativos do Havaí (os Kahunas), foi publicado em Londres em 1936. Apareceu em uma pequena edição de menos de mil cópias e foi distribuído principalmente na Comunidade Britânica antes do início da II Guerra Mundial. Durante a guerra, os clichês e o remanescente da edição do livro foram destruídos pelo bombardeio inimigo. Embora poucos dos livros tenham sido vendidos, foram colocados nas bibliotecas e mais de mil leitores escreveram-me a respeito da descoberta do antigo sistema. Seguiu-se vigorosa e valiosa correspondência e foi-me enviado muito material adicional de campos afins.

Em 1948, foi publicado nos Estados Unidos um livro, revisado e muito ampliado, sobre o mesmo assunto, sob o título de *Milagres da Ciência Secreta*[2]. Eu esperava que esse livro pudesse fazer os leitores caminharem por si próprios, por assim dizer, ao testar os velhos métodos, se desejassem. Contudo, centenas de cartas logo afluíram, perguntando sobre autoajuda ou apenas solicitando auxílio.

Ficou claro que devia ser desenvolvido algum método para manejar este fluxo inesperado de perguntas e também haver aqui uma promessa de auxílio para pesquisa ulterior e testes práticos. Assim, com a ajuda de alguns dos correspondentes, organizei um grupo disperso, com membros espalhados da Austrália à Inglaterra, pelos Estados Unidos e mesmo, nas partes conturbadas do continente

europeu. Este grupo acompanhou comigo os estudos, ulteriores do antigo sistema e, especialmente, a tarefa de determinar se tínhamos aprendido o suficiente sobre a teoria e prática ou não, a fim de sermos capazes de realizar milagres nós próprios. Nosso interesse centralizava-se principalmente em milagres de cura física, mas incluía a cura ou correção de circunstâncias, embaraços sociais, fracasso financeiro e desequilíbrios mentais.

A palavra ***kahuna*** é um termo antigo e ainda em uso hoje. É pronunciada "***ca-hú-na***"{3} e significa "guardião do segredo". O nome para a tradição oculta deles nunca foi encontrado. O código secreto tinha sido conservado de forma tão zelosa que bem poderia não ter recebido um nome. Ou, se tinha, poderia ter sido sagrado demais para mencionar, como o nome de Deus em alguns cultos. A denominação que usamos, por esta razão, é ***Huna*** (pronunciado *hú-na*), que quer dizer "segredo".

Assim, aconteceu que, em nossa pesquisa por um nome para a nova organização, uma vez que nosso projeto era a pesquisa desse sistema e seus correlatos, psicologia e ciências psíquicas, decidimos por "Associação de Pesquisa Huna", abreviada APH.

Dessa forma, começamos o trabalho, que era realizado através de cartas. Um pouco mais tarde, coordenei as informações para uso de todos, emitindo um panfleto mimeografado bimestral, de oito páginas, o *Boletim APH*. Na APH estavam alguns dos melhores estudantes que havia da matéria deste campo. Havia também aqueles que tinham tido pouca compreensão do que estava sendo testado, mas necessitavam de cura para o corpo, mente, bolso ou circunstâncias e, por essa razão, uniram-se ao trabalho da melhor forma que puderam. Outros eram dotados de habilidades paranormais ou poderes curativos naturais.

Havia alguns que apenas acompanhavam por curiosidade, pouco fazendo eles próprios, mas observando atentamente para ver o que os outros realizavam ou descobriam. Muitos faziam experimentos com vigor e entusiasmo. Ocasionalmente, as pessoas partiam e sempre outras estavam chegando. De seis em seis meses eliminava da lista aqueles que não tinham enviado os relatórios exigidos, que eram a medida de nosso progresso. Assim o grupo tem mantido uma média de um pouco acima de trezentos membros.

Na ocasião em que escrevo, cinco anos após a organização da APH, o trabalho de desvelar e testar a Huna progrediu ao ponto de produzir um novo relato. Muito realizamos e aprendemos do que não sabíamos no começo. Neste relatório, tentarei comunicar ao leitor as últimas descobertas da Huna e minhas, como também instruções sobre os métodos que achamos melhor para o uso prático da Huna.

A leitura de *Milagres da Ciência Secreta* é uma excelente preparação para a introdução ao uso da Huna, mas uma suficiente informação básica será incorporada neste livro para dar uma visão útil do sistema de crença e práticas sobre as quais o trabalho experimental tem se baseado até aqui.

Nenhuma tentativa foi feita para apresentar as informações na ordem exata em que foram obtidas, no período de cinco anos. Em primeiro lugar são dadas instruções úteis para a ação básica envolvida em fazer a prece do tipo Huna. Seguindo-se a isto, fornecemos informações cobrindo o trabalho a ser feito ao longo de outras linhas curativas, com ou sem uso dos métodos de prece.

De permeio às instruções, serão encontradas

explicações das fontes de conclusões, de símbolos, palavras e raízes de palavras familiares à Huna, mas que são também encontradas em outras religiões, principalmente no cristianismo. Estas têm a intenção de demonstrar que os significados atribuídos à Huna são bem fundamentados. Isto é essencial, a fim de estabelecer suficiente confiança e crença no sistema para torná-lo aceitável, pois sem que se esteja convencido de que as instruções são baseadas em dados válidos, nenhum benefício pode ser obtido de nossas descobertas e experiências. É evidente que a mesma verdade permeia todos os sistemas psicorreligiosos. Os elementos básicos da Huna são uma parte da sabedoria antiga encontrada em certa proporção em todas as religiões. A Huna é compatível com outros sistemas, não interfere com nenhum deles, mas torna possível um maior entendimento de velhas verdades.

O propósito deste trabalho jamais foi o de iniciar um "culto". Foi, e continua a ser, o de auxiliar as pessoas a se ajudar e a ajudar uns aos outros através do uso de métodos Huna. A pesquisa de forma alguma está concluída. Os conceitos oferecidos agora estão abertos a mudanças, quando novas informações forem trazidas à luz, que justifiquem tal alteração.

O alvo deste trabalho não é apenas a cura do corpo e mente, dos embaraços sociais ou econômicos, mas uma restauração do conhecimento perdido ou de um meio de vida tal qual era ensinado, não somente pelos kahunas, mas por Jesus e por muitos grandes iniciados do passado, sob um antigo código secreto. Com a divulgação deste código, a "Verdadeira Luz" pode ser dada ao mundo, para ser conhecida e usada por todos que têm "olhos para ver e ouvidos para ouvir".

Capítulo 1.
A Redescoberta da Ciência Perdida

O campo deste estudo foi o Havaí, geograficamente a parte mais isolada da Polinésia. Era um campo virgem porque, apesar da espantosa evidência dos poderes dos kahunas (os sacerdotes e magos dos velhos tempos), os antropologistas tinham jogado seus trabalhos e crenças no lixo, considerando-os "superstição". Os missionários cristãos, que chegaram em 1820, desaprovavam os milagres realizados pelos nativos e dirigiram todos seus esforços no sentido da erradicação das crenças kahunas.

As ilhas havaianas tinham ficado isoladas do resto do mundo conhecido durante séculos, até que o Capitão Cook as descobriu em 1778. Os habitantes eram primitivos, mas primitivos de alta inteligência. O historiador Toynbee descreve-os como sendo uma "civilização estacionária". Tinham vindo através do vasto Pacifico, de algumas outras terras, como suas lendas contam, navegando em canoas a remo, guiados pelo conhecimento das estrelas. Nunca ficou provado onde era seu lar original. Algumas autoridades acreditam que era no Oriente próximo e que emigraram de lá através da Índia.

Estou inclinado a concordar com esta opinião. De onde quer que tenham vindo, trouxeram consigo, em formas de lendas, narrativas paralelas àquelas do Jardim do Éden, do dilúvio, Jonas e a baleia, e outras histórias do Velho Testamento. O fato de que não havia história concernente a Jesus, indicaria que as migrações começaram antes do

tempo dEle.

Toynbee acha que a civilização ficou "estacionária" porque os viajantes encontraram um lugar ideal em termos de clima, fornecendo comida fácil de cultivar e colher, de modo que não havia "desafio" para melhorar mais a sua condição. Estou convencido de que os kahunas, entre si, deliberadamente, procuraram um lugar isolado a fim de que pudessem preservar de contaminação seu conhecimento secreto. Eles devem ter visto esses conhecimentos distorcidos, esquecidos, sepultados em dogmas autocráticos antes que deixassem sua terra natal. No Havaí, foram capazes de continuar o uso de seu conhecimento para o bem da tribo e foi séculos depois que a temida contaminação se estabeleceu.

É verdade que os polinésios não inventaram artes mecânicas, como sinal de uma civilização em desenvolvimento, tais como fiação, tecelagem, cerâmica e fabricação de cestos. Faziam papel batendo tiras molhadas de casca de árvore, enquanto as vasilhas eram fabricadas de conchas ou de cabaças. Redes simples eram feitas de cordões de fibra trançada para formar bolsas, nas quais carregavam suas vasilhas de cabaças ou para serem usadas na pesca. Para laçar pássaros e animais, usavam cordas. Facas e machados eram produzidos de concha ou pedra. O fogo era conhecido e usado. As casas eram feitas de sapé sobre estruturas de madeira.

Mas isto não indicava falta de inteligência ou habilidade.

Seu talento básico ou racional jazia, não em mecânica, mas em habilidade peculiar para chegar a um entendimento da consciência humana, sua natureza e divisão, e de forças através das quais os elementos da consciência agiam. Este conhecimento, usado pelos kahunas da tribo para a

realização de milagres, preservaram e conservaram secreto. E com o advento dos tempos modernos, os havaianos mudaram em uma única geração, de pessoas de uma civilização estacionária para um povo que aceitou e faz uso de todas as comodidades da moderna civilização.

Quando cheguei a saber que havia uma “língua sagrada”, oculta, em sua linguagem do dia-a-dia, pensei que devia ter sido construída dessa forma, quando a própria língua fora inventada, lá longe no passado obscuro e nebuloso, antes que emigrassem de sua terra natal. Essa ideia teve alguma base em fatos quando, após a publicação do meu primeiro livro na Inglaterra, W. Reginald Stewart, de Brighton, Inglaterra, escreveu-me. Contou-me ele que, quando jovem, como correspondente estrangeiro, tinha sabido de uma tribo de berberes que viviam nos Montes Atlas, na África, do outro lado da Espanha, que possuíam um grande conhecimento de “magia” e cuja tradição tribal indicava uma migração em direção ao oeste, procedente do Egito.

O Sr. Stewart procurou a tribo. Era pequena e nela permanecia apenas uma pessoa que sabia e podia usar o antigo sistema. Era uma mulher e seu título era **quahini**, que não era uma palavra berbere, soube-se muito mais tarde, mas uma variação da **Kahuna wahine** havaiana, significando “**mulher kahuna**”. Depois de alguma dificuldade, Stewart conseguiu ser adotado por aquela mulher como um filho de sua consanguinidade, com muito cerimonial e ritual. Somente como filho do mesmo sangue seria considerado apto a receber o treinamento que desejava, sobre o conhecimento e uso da tradição que tornava possível a realização de milagres.

Começou seu treinamento junto com a filha da mulher kahuna, sendo-lhe ensinada, em primeiro lugar, a teoria

geral do antigo sistema de psicologia, associado à religião. Para ilustrar certos pontos, foram feitas demonstrações de diversas espécies. A instrução, explicou a professora, só podia ser dada naquilo que chamava de “a língua secreta”. Esta não era o dialeto berbere que a tribo usava. Stewart teve grande dificuldade para perceber o significado das palavras traduzidas para o berbere e francês, sendo a última língua familiar tanto a ele como para a professora. Fez um progresso lento, mas firme, ao entender e gradualmente acumular uma lista de vocábulos cobrindo muitas das palavras importantes da “língua sagrada”. Seu treinamento foi interrompido quando a teoria tinha sido coberta apenas parcialmente. Durante um combate entre duas tribos, que não eram relacionadas com aquela a que ele tinha se identificado, uma bala extraviada atingiu a mestra, matando-a.

Quando, muitos anos após, já aposentado, o Sr. Stewart encontrou por acaso meu relato, descobriu que em parte era descrito o que tinha aprendido no norte da África. Comparando suas notas amarelecidas e a lista de palavras, viu, para sua surpresa, que a “língua sagrada” era inquestionavelmente um dialeto da Polinésia de hoje, a mesma língua da qual eu tinha dado exemplos em meu livro. Uma longa correspondência iniciou-se entre nós, até sua morte durante a II Guerra Mundial, e ajudou a consubstanciar minhas descobertas e impulsionar as pesquisas.

A prova mais convincente de que a antiga sabedoria era originariamente bem conhecida e usada no Oriente Próximo, foi revelada no quarto ano do trabalho da Associação de Pesquisa Huna. Descobrimos que, em muitas partes do Velho Testamento, do Gênesis em diante, havia ensinamentos da Huna mencionados, e relatos dos milagres realizados pelos iniciados que usavam o mesmo

conhecimento, mas que não eram de tribos polinésias, que estavam iniciando então sua longa migração para novos lares no Pacífico — ou, em um caso, indo para oeste, para estabelecer-se nos Montes Atlas.

Em todos os casos, as veladas referências estavam ocultas sob símbolos tipicamente Huna, dos quais muito será dito adiante. Formavam o que pode ser chamado de “código secreto”, por falta de melhor termo, e tornou possível em data posterior, por causa da redescoberta da Huna, entender o que fora dito pelo iniciado kahuna que escreveu o relato do Jardim do Éden, ou por quem fez a narração dos milagres realizados por Moisés e Aarão no Egito e, mais tarde, dos dias passados pelos filhos de Israel no deserto. Prosseguindo no Velho Testamento, encontramos iniciados em código Huna e somos capazes de descodificar as profecias de Isaías e Jeremias, em simples e pura Huna.

No Novo Testamento, o mesmo código é encontrado e o mesmo uso de símbolos para ocultar o conhecimento Huna. Jesus, o Grande Iniciado, esforçou-se em espalhar as mesmas crenças básicas com os mesmos símbolos, e iniciar seus discípulos. Ele realizou milagres típicos à maneira dos kahunas e conservou o culto do segredo com cuidado. Transmitiu aos discípulos, em Huna ou mistério, ensinamentos referentes ao “Reino dos Céus”, a fim de que também eles pudessem realizar milagres e entender as verdades ocultas.

Antes de prosseguir, gostaria de tornar a contar a forma pela qual comecei minha longa pesquisa do antigo conhecimento Huna.

Quando fui ao Havaí pela primeira vez, há cerca de trinta e cinco anos atrás[4], tive a felicidade de tornar-me amigo de um cientista afamado e idoso, o Dr. William Tufts Brigham, há muito curador do Museu Bishop, em Honolulu.

Durante quarenta anos antes de nosso encontro, ele vinha observando e registrando a realização de milagres pelos kahunas. Podia atestar os muitos milagres de cura e tinha participado, ele próprio, sob a proteção deles, do passeio sobre fogo de lava fervente. Havia acumulado provas do controle do tempo pelos sacerdotes nativos, e muitos outros menores.

Mas o que o Dr. Brigham tinha sido incapaz de descobrir era como os kahunas realizavam os milagres. Eram seus amigos, gostavam dele e confiavam nele, mas não divulgaram seu segredo. Sempre, notou ele, usavam preces, cantos e rituais como parte do trabalho. Isto eles o deixavam ouvir e observar. Mas como isso realizava milagres? Assegurou-me que não podia haver poder mágico nas folhas de “ti” usadas nos ritos de andar no fogo, nem no ritual da cabaça segura nas mãos, quando os ventos e clima estavam sendo controlados.

Obviamente, o poder vinha através da prece e alguma Força ou inteligência Invisível, com a qual os kahunas sabiam entrar em contato. Realizavam seus milagres através da prece, não apenas uma vez na vida, mas frequente e consistentemente. Meu próprio interesse na habilidade de alguns seres humanos de sobrepujar as “leis” ordinárias do mundo físico, era algo antigo. Tinha despendido anos no estudo de várias religiões, nas quais eram relatados milagres realizados com a ajuda de um Ser Superior. Tinha seguido pistas através das ciências psíquicas e especialmente, tinha tentado encontrar alguma explicação no estudo da psicologia.

Então o Dr. Brigham, sabendo que o fim de sua vida estava se aproximando e tendo encontrado um jovem com um interesse devorador e desejo de cavar fundo o mistério, preparou-se para lançar seu manto em meus ombros.

Treinou-me na abordagem adequada e deu-me todas as informações que tinha reunido em tão longo período.

Por sua sugestão, pesquisei seus relatos tanto com os nativos quanto com os brancos, verificando os fatos e acrescentando ao material existente. Sempre perguntava como os kahunas tinham realizado os milagres. Ninguém sabia e para os nativos o assunto todo parecia ser um tabu. Infelizmente, as gerações mais jovens de havaianos tinham estado mais interessadas em coisas modernas do que na tradição antiga e não tinham tido o necessário treino para aprender a produzir resultados miraculosos. E agora não havia ninguém para oferecer treinamento, pois a morte tinha levado os velhos kahunas que o Dr. Brigham tinha conhecido anos atrás — não restava nenhum realmente perito. Fui capaz de encontrar somente dois ou três que sabiam apenas partes da tradição, e deles pude somente conseguir leves insinuações do que realmente havia atrás de suas preces ou práticas de ritual para torná-las eficazes. Finalmente, acabei por reconhecer o fato de que os kahunas estavam irrevogavelmente obrigados a guardar segredo. Depois da morte do Dr. Brigham, prossegui sozinho por dezesseis anos, tentando penetrar nesse código secreto. Descobri muitas histórias novas e autênticas de milagres, mas sempre o segredo me escapava. Desistindo em 1931, deixei o Havaí. Eu ainda estava convencido de que era possível realizar milagres de muitos tipos, se apenas se soubesse como conduzir o ato interior que tornaria eficaz a prece ou ritual.

Em 1934, muito tempo depois que tinha desistido da esperança de jamais vir a resolver o problema, acordei uma noite com uma ideia. A ideia, seguida de muito esforço constante, forneceu uma pista para o mistério.

Resumindo a história, deixe-me contar o que encontrei,

em lugar de narrar os estágios exatos e lentos, através dos quais cheguei a ele. Partindo da ideia de que os kahunas deviam ter palavras na língua nativa para ensinar os kahunas em preparação a realizar milagres, comecei a estudar toda e qualquer palavra no dicionário de havaiano que pudesse ter nomeado alguma coisa que tivesse a ver com a natureza mental e espiritual do homem[{5}].

Quase imediatamente comecei a encontrar tais palavras. Para minha surpresa, nomeavam em termos inconfundíveis as *partes da mente*, como nós as chamamos na moderna psicologia. Nomeavam e descreviam o subconsciente e o consciente. Além disso, citavam o supra consciente, que somente a religião reconhece como a parte espiritual do homem. Tinham palavras para três espécies de força vital e mesmo o “complexo”, conforme descoberto pela psicanálise. Em questão de moral, tinham uma dúzia de palavras para nossa única, usada para descrever as tênues nuances de diferença entre tais coisas como *pecado de ferir os outros* e o complexo, que para eles também era um *pecado*. Foi gradualmente revelado que os kahunas tinham, na verdade, um profundo entendimento da forma pela qual a mente humana age e aquilo foi o começo do acesso ao código. Prossegui avidamente com o estudo das palavras.

A língua polinésia é muito simples. Para formar as longas palavras descritivas, pequenas palavras ou raízes eram meramente acrescentadas. (Uma palavra pode ser um verbo ou um substantivo, de acordo com seu uso, sendo a voz passiva indicada por um curto sufixo; o tempo é indicado pelo acréscimo de outra palavra à sentença, para mostrar tempo e direção). Foi na tradução das raízes que começaram a aparecer as espantosas evidências.

Tomemos, por exemplo, a palavra para *subconsciente*, **uni-hipili**. Fui atraído por ela somente porque tinha como

um de seus três significados exteriores "**um espírito**", sendo os outros dois "*um gafanhoto*" e "*ossos da perna e braços*". Esta é uma palavra longa e feita de várias pequenas palavras-raízes, cada uma das quais tem vários significados próprios. Nenhuma dessas raízes ou seus significados descrevem, quer o gafanhoto, quer os ossos da perna e braço. Várias parecem não ter nada a ver com um espírito, mas descrevem o *subconsciente* tão bem, que quem quer que esteja familiarizado com as descobertas modernas concernentes à natureza dele, ficará imediatamente espantado com o fato de que o *subconsciente* deve ser a coisa descrita — que essa espécie de "espírito" deve ser o *subconsciente*.[{6}]

As raízes descrevem-no como um *espírito* que faz coisas, das quais a *mente consciente* (ou *espirito*) nada sabe. É discreto e trabalha silenciosa e cuidadosamente. Pode recusar-se a fazer coisas que deveria fazer e pode ser paralisado por medo de punição (raiz **nihi**). É um espírito que adere firmemente a outro espírito (neste caso, o *EU mente consciente*) e age como um servo, aceitando ordens dele, mas frequentemente é teimoso e recusa-se a obedecer (raiz **pili**). É um espírito ou EU separado e independente (raiz **u**), assim como o *EU consciente* e o *EU supraconsciente* são espíritos separados e independentes. Este espírito subconsciente comumente relaciona-se de perto com o *EU mente consciente*. É um espirito que fabrica e maneja a força vital. Vive no corpo físico e com este se reveste, assim como o *EU consciente* ou **uhane**", o *espirito que fala*. Esconde coisas (tais como o complexo). É um espírito que é enfraquecido, se o seu suprimento de força-vital for roubado dele por espíritos obsessores.

Isto é suficiente para demonstrar o método usado para encontrar os significados ocultos nas palavras. Também revela o fato de que os kahunas conheciam aquilo que

chamamos de as três "*partes da mente*", como três entidades separadas, ou EUs. É importante lembrar isto, na medida em que prosseguimos.

Em lugar de usar os termos havaianos para os três EUs, nós, da APH, achamos mais fácil chamá-los de *EU Básico*[{7}], *EU Médio* e *EU Superior*.

Pelo mesmo tipo de trabalho lento e paciente, desvelei a crença kahuna de que os três EUs habitam três corpos invisíveis ou sutis, um para cada EU. Em linguagem moderna chamamos, a grosso modo, de "duplos etéricos" dos três EUs. Contudo, aqui conservamos o termo havaiano, *corpos* ***aka***,

O **mana** é outra palavra que conservamos. Esta é a força vital, a força da vida e dela dependem todas as atividades dos três EUs.

Criada automaticamente pelo *EU Básico* a partir do alimento ingerido e ar respirado, é usada petos outros EUs — mas é graduada em nível vibratório, conforme passa de um EU para o seguinte.

Os três EUs, cada um em seu próprio *corpo* ***aka*** e cada um deles usando sua parcela **mana**, são ligados uns aos outros pelos cordões feitos da mesma substância ***aka*** da qual é constituído o *corpo* ***aka***.

Todas estas coisas serão explicadas e expandidas mais tarde, para dar-lhes significado e perspectiva, mas é bastante, no momento, mencioná-las, mostrar que eram apresentadas sob um modelo de "trindade" e prosseguir narrando os símbolos encontrados na língua.

Os kahunas não escondiam a tradição secreta somente em palavras e raízes, também usavam símbolos. Por

exemplo, em lugar de usar sempre a palavra **mana** para força vital, descobri que frequentemente substituíam a palavra por "água'', **wai**. Encontrando-a consistentemente usada em muitas palavras compostas, ou frases onde o **mana** estava evidentemente sendo discutido, cheguei à conclusão de que a "água" era o símbolo para **mana**. Onde ela era a força vital gerada pelo *EU Básico* a partir dos alimentos e ar consumidos, era usado o símbolo simples de água. A água subindo até transbordar, como em uma fonte, era o símbolo de força vital acumulada como uma sobrecarga pelo *EU Básico*. A força vital do *EU Superior*, originariamente tirada do *EU Básico* por meio do *cordão **aka*** de conexão, era simbolizada por nuvens e neblina, que são feitas de finas gotículas de água. Estas, quando caíam em forma de chuva fina, simbolizavam o retorno da força vital, que tinha sido transformada para suportar as bênçãos do *EU Superior*, ao cair sobre os EUs médios e básicos para ajudar e curar.

A árvore e a videira também eram usadas como símbolos, as raízes sendo o *EU Básico*, o tronco e galhos o *EU Médio* e as folhas, o *EU Superior*. A seiva circulando através das raízes galhos e folhas, representava o **mana**.

Nossa preocupação é entender nossos três EUs e como eles podem ser levados a trabalhar harmoniosamente em conjunto. Somente então o homem pode estar completamente integrado, como certamente deve ser. Pensamos que conhecemos nosso *EU Médio* ou consciente muito bem, mas podemos descobrir muitas coisas surpreendentes sobre nossos hábitos mentais, que têm um efeito perturbador nesta integração. Poucas pessoas estão muito cientes de seu *EU Básico* ou subconsciente, suas capacidades e limitações. É necessário procurar conhecê-lo e saber entendê-lo, a fim de que possamos treiná-lo a trabalhar cooperativamente com as partes consciente e

supra consciente da mente. Quanto ao *EU Superior*, que não tem limitações, exceto as impostas pelos *EU Básico* e *EU Médio* através de falhas em cumprir sua parte, encontraremos provas práticas de seus poderes, uma vez que tenhamos aprendido a fazer e manter contato operante com ele.

O primeiro e contínuo interesse de um grande número de Associados de Pesquisa Huna era o de aprender e fazer uma prece eficaz. Necessitavam urgentemente de ajuda acima de seus próprios recursos, auxílio para a solução de muitos problemas com que nos defrontamos todos. Aceitavam o fato de que, somente fazendo um esforço sincero para entender os três EUs em seus corpos invisíveis, o **mana** que pode ser tornado mais poderoso e eficaz, e depois colocando a informação em prática, poderia ser feito um teste adequado do caminho oferecido pelos kahunas.

Descobrimos que frequentemente há necessidade de desaprender outras ideias que são dogmáticas, mais do que bem provadas e testadas. Pode ser necessária uma releitura e revisão deste livro, para realizar isso e ao mesmo tempo mudar velhos hábitos de pensamento em novos, quando se inicia a prática visando fazer uma prece eficaz.

Muitas pessoas que leram meu último livro, procuraram cura do corpo por meio de algum kahuna, apesar do fato de que eu tinha declarado não haver nenhum kahuna remanescente, em exercício atualmente no Havaí, e que eu próprio não sou um kahuna. Estavam cientes, tanto quanto nós todos, de que há tradições de muitos anos, de cura por "imposição das mãos". É verdade que existem umas poucas pessoas especialmente dotadas, as quais têm poder para curar dessa forma, mesmo que não tenham ouvido nada sobre Huna ou sobre as muitas coisas que entram nas atividades do subconsciente ou do supra consciente, que

são automaticamente colocadas em movimento quando a cura é empreendida. O mesmo pode ser dito a respeito daquelas pessoas afortunadas, que são da mesma forma bem-dotadas em matéria de prece, e que podem emitir uma prece e tê-la respondida com uma margem suficientemente alta de sucesso, além e acima da média do “acaso”. Tivemos algumas pessoas desse tipo no trabalho da Associação de Pesquisa Huna, muitas das quais estavam ávidas por saber o que havia atrás daquilo que realizavam e assim melhorar seus resultados.

O senso comum dita que utilizemos todos os auxílios eficazes e poderosos da moderna ciência médica, em matéria de cura. Alguns kahunas usavam o que sabiam de remédios, tais como ervas, e também usavam **lomi-lomi** (manipulação) na cura dos doentes. Mas às vezes acontece, ainda hoje, que a ciência médica abdique de um caso dando-o como perdido, só para descobrir que foi *miraculosamente* curado por métodos outros que não são científicos.

O ponto real de toda essa questão é que se pode e deve-se trabalhar com os vastos e intocados poderes, com a finalidade de atingir a saúde e conservá-la. Além disso, se assim é desejado, é possível, em muitos casos, eu creio, desenvolver-se como kahuna e assim tornar-se um curador de outras pessoas.

Capítulo 2.
Familiarizando-se com o Eu Básico

Comecemos, então, assim como fizemos na APH, tentando descobrir tudo o que pudermos sobre nosso *EU Inferior*. Ao usar este termo, deve ser enfatizado que não significa que o *subconsciente* é **inferior** em um sentido ignóbil ou degradante. Quer dizer simplesmente que é o menos evoluído dos três EUs, na escala de crescimento ou evolução.

O conceito das atividades da *mente inconsciente* foi explorado, pela primeira vez nos tempos modernos, por Sigmund Freud. A ele e a seus seguidores muito devemos, mas desencadeou uma verdadeira guerra. Mesmo hoje, uns poucos psicólogos aguerridos e amargurados ainda estão se mantendo contra suas descobertas. Para fazer isso, foram forçados a cair no behaviorismo e questionar a própria natureza da consciência, como algo à parte dos processos químicos do corpo. Felizmente, a grande maioria dos psicólogos aceitaram o *subconsciente* (ou nosso *EU Básico*) como um fato e como uma descoberta muito valiosa. Por essa razão, não precisamos parar para revisar a questão de se os kahunas estavam certos ou não, em acreditar em um *EU Básico*. Nem necessitamos de nos alongar explicando, como fiz em *Os Milagres da Ciência Secreta*, as razões para decidir que o *EU Básico* é uma entidade separada e não uma parte de *EU Médio*.

Os kahunas, evidentemente, consideravam o *EU Básico* como algo que devia ser entendido a todo custo. Sua

palavra para nomeá-lo, **unihipili**, usada no Capitulo I como um exemplo de derivação de palavras secretas a partir de pequenas palavras-raízes, contém ainda mais significados do que foram demonstrados ali. Tinham uma palavra alternativa, **uhi-nipili**, significando o *EU Básico*, que repetia algumas das raízes, mas continha outras, fornecendo significados adicionais. Também há palavras e símbolos de “referência cruzada”.

O total de tudo isso nos diz o seguinte sobre o *EU Básico*:

1. É um espírito ou consciência separado e consciente, tal como são o *EU Médio* e o *EU Superior*. É um deus menor na constituição.

2. É o servo dos outros EUs; é ligado ao *EU Médio* como um irmão mais novo e se apega a ele como fossem duas partes de algo colado em conjunto.

3. O *EU Básico* tem o controle de todos os vários processos do corpo físico e de tudo, exceto dos músculos voluntários. Em seu *corpo* ***aka***, pode escorregar para dentro e para fora do corpo físico. Está no corpo como um lápis em um estojo. Impregna cada célula e tecido do corpo e cérebro, e seu corpo é um molde de cada célula, tecido ou fluido.

4. Ele, e somente ele, é a sede das emoções. É o que derrama lágrimas. Se alguém desacredita disso, experimente derramar lágrimas de tristeza só com o *EU Médio* e veja como é impossível. As lágrimas não fluirão, até que a emoção de tristeza seja despertada no *EU Básico*, neste caso pelo *EU Médio*, com um esforço especial para pensar em coisas tristes e fazer o *EU Básico* relembrá-las e revivê-las. Mesmo isso pode não ser suficiente para provocar lágrimas. Por outro lado, pode-se

inesperadamente ler, ver ou ouvir algo que toca a emoção e o *EU Básico* reage por si só e nos embaraça com um repentino fluxo de lágrimas.

Amor, ódio e medo, todos vêm do *EU Básico* como emoções e podem ser tão fortes que varrem a vontade do *EU Médio* e o forçam a juntar-se ao sentimento da emoção ou a reagir contra ele. O entendimento disso é importante, porque frequentemente somos transportados pelas emoções do *EU Básico* e, desta forma, somos subjugados e desviados por ele. O trabalho principal do *EU Médio* é aprender a controlar o *EU Básico* e impedi-lo de escapulir.

5. O *EU Básico* manufatura toda a força vital ou **mana**, para uso dos três EUs. Normalmente, compartilha o **mana** com o *EU Médio* que pode usá-lo como *vontade*. (**Mana**-**mana** — **mana** dividido ou compartilhado). Ao fazer uma prece, o *EU Básico* contata o *EU Superior* por meio do *cordão **aka***, que ele ativa e ao longo do qual envia um suprimento de **mana** para ser usado pelo *EU Superior*, em resposta às nossas preces.

6. O *EU Básico* recebe todas as impressões sensoriais através dos órgãos dos cinco sentidos e as apresenta ao *EU Médio* para explicação. (O *EU Médio* é o EU raciocinador que sabe o que fazer da evidência apresentada e ordena a ação, se necessária).

7. O *EU Básico* realiza o trabalho de registrar toda impressão e todo pensamento. Pode-se dizer que faz um molde delgado de substância ***aka*** de seu corpo etérico, algo assim como a forma pela qual registramos som em um disco fonográfico, ou palavras, escrevendo-as no papel. Todos sons, cenários, pensamentos ou palavras chegam em *sequências de tempo* ou em unidades que contêm muitas impressões isoladas reunidas. Os kahunas simbolizavam-nas como cachos de pequenas coisas

redondas, tais como uvas ou cerejas. Comumente esses cachos microscópicos de substância invisível são carregados naquela parte do *corpo* ***aka*** do *EU Básico* que impregna ou se identifica com o cérebro. Mas na hora da morte, o *EU Básico*, em seu *corpo* ***aka***, deixa o corpo e o cérebro, como um lápis que é retirado de um estojo; e, ao fazer isso, leva consigo a memória.

8. O *EU Básico* responde rapidamente ao comando do *EU Médio* trazendo lembranças usadas frequentemente, de modos que a impressão dada, quando falamos ou escrevemos, é de que nós, o *EU Médio*, temos todas as lembranças bem à mão para uso a qualquer tempo. Esta é a condição ideal ou normal, na qual a cooperação dos dois EUs é quase perfeita. Quando o *EU Superior* puder ser incluído como uma unidade ou parceiro total nos atos que envolvem sua ajuda, tudo está bem. Se, por outro lado, o *EU Básico*, por várias razões, estiver fora do alcance e os três EUs não puderem trabalhar juntos facilmente, é certo que surgirão problemas.

9. O *EU Básico* é o que pode ser influenciado ou controlado por sugestão mesmérica ou hipnótica. Desempenha, também, um papel importante na implantação de formas de pensamento de ideias, para serem sugeridas a outros, no *corpo* ***aka*** de alguém disposto a aceitar a sugestão.

10. O *EU Básico* tem completo controle de qualquer uso de **mana** inferior ou na força vital básica, e dos muitos usos da substância ***aka*** em seu corpo etérico.

11. O *EU Básico* pode conservar ideias não-racionalizadas, no seu *corpo* ***aka***, como cachos de memórias — ideias que o *EU Médio* não estava em condições de racionalizar, quando formuladas. Isto raramente pode ser relembrado pelo *EU Médio*, que não está ciente de que estão lá e, assim, não pode pedir para que sejam enviadas a ele.

Como o *EU Básico* reage a essas *fixações* ou *complexos* tão fortemente, o *EU Médio* não pode controlá-lo, surgem problemas por essa causa.

Há outras coisas do *EU Básico* e suas tendências que são conhecidas e estas serão enfatizadas à medida que as encontrarmos. Mas há um ponto que deve ser trazido à baila aqui e enfatizado fortemente. Os psicólogos modernos, dos quais Jung é um bom exemplo, escreveram repetidamente sobre o quanto o *EU Básico* ou *subconsciente* é funesto, selvagem e mau. Falam de suas experiências na psicanálise de pessoas e sobre o choque e horror experimentado por seus pacientes, após terem seus subconscientes drenados e serem trazidos à luz seus complexos, necessidades irracionais e lembranças.

A Huna oferece muito para corrigir esta atitude unilateral e errônea. Se concordarmos com os kahunas que há crescimento e evolução no mundo, onde quer que haja qualquer forma ou nível de consciência expressando-se na vida, devemos concordar que o *EU Básico*, como o *EU Médio* e o *EU Superior*, tem se elevado por um processo evolutivo, a partir de níveis inferiores. A forma mental do *EU Básico* é muito limitada. O *EU Médio* evoluiu até o ponto em que seu poder de raciocínio é enormemente superior e a mente do *EU Superior* é ainda mais altamente evoluída, devido a transcender tanto a memória como a razão, está quase além de nossa compreensão de sua natureza.

Comparando o poder dos animais evoluídos, como por exemplo, os cavalos domesticados, gatos ou cães, vemos que o *EU Básico* não é muito superior a eles em progresso evolutivo. Como estes, ele observa, lembra e usa o raciocínio elementar. Como eles, sente emoções de amor, tristeza, raiva e temor. Resumindo, é também um EU animal — a parte animal do homem, residente num corpo como em

todos animais, mas com a vantagem de ter consigo, como hóspede no mesmo corpo (ou como um companheiro após a morte, quando somente *corpos* ***aka*** são habitados), o *EU Médio* — o raciocinador e guia mais sábio.

É uma atitude totalmente errônea de algumas escolas, deste ponto de vista, o deixar de lado a drenagem do *EU Básico*. O *EU Básico* animal ainda tem muitos instintos e necessidades puramente animais. Compreendemos um selvagem quando faz coisas que revoltariam um homem civilizado. Compreendemos um cão ou gato quando agarra um rato e o mata com selvageria e satisfação. Se as necessidades primitivas (ou possivelmente a memória racial, como Jung acredita ser), forem descobertas latentes no *EU Básico*, ou mesmo levemente ativas, quando drenamos profundamente, isso não é motivo para condenar o *EU Básico* com desgosto.

A tarefa do *EU Médio* é a de ensinar e guiar o *EU Básico* — para acompanhá-lo em seu crescimento evolutivo tão rapidamente quanto possa e ajudá-lo a ser menos animal e mais humano. (Assim como o *EU Superior* oferece orientação e instrução, se aceitarmos, a nós que somos *EUs Médios*, a fim de que possamos crescer em direção ao próximo nível de consciência, com sua mentalização superior).

O pior erro, e o mais comum, cometido pelo *EU Médio* é "ficar de quatro", por assim dizer, e participar de toda a selvageria animal e condição emocional do *EU Básico*. Isto é feito muito frequentemente, especialmente quando o *EU Básico* está muito fora de controle, por estar cheio de complexos. Mas esta não é, de forma alguma, a coisa normal a fazer. Não há espetáculo mais deprimente que o de um *EU Médio* esquecido de sua posição de mestre e de sua dignidade como diretor e regente básico, esquecendo-se a tal ponto, que os ódios, raivas ferozes e selvagens, bem

como os temores insondáveis do *EU Básico*, não são apenas compartilhadas, mas encorajadas. Não se chafurde com o *EU Básico*, mesmo se estiver bem escuro lá dentro. Tiramo-lo da lama, lavamo-lo até limpar e ensinamo-lo a agir como um homem: Nossa tarefa, como *EUs Médios*, é primeiramente a de aprender a trabalhar consciente e adequadamente com ambos — o *EU Básico* e o *EU Superior*. Tudo o que for dito nas páginas seguintes, tem por finalidade explicar como isso deve ser feito.

Nunca esqueça que o *EU Básico* normal é querido, animado e amoroso, que é infinitamente fiel, disposto e ávido. Se ele assim não for, então é parte de nossa tarefa descobrir por que, tal como trabalharíamos para aprender por que uma criança doente é rabugenta e teimosa e corrigimos as maneiras dela.

Conhecer o *EU Básico* pode ser uma tarefa deliciosa, como muitos APH descobriram logo em nosso trabalho. Discutimos as formas e meios de nos familiarizarmos, um com o outro, nos primeiros Boletins e caímos no hábito de falar do *EU Básico* como “George”. Isto surgiu naturalmente, do ditado “Deixe por conta do George”, que é tão adequado ao *EU Básico*, já que ele faz, no mínimo, nove décimos do trabalho do homem físico. Contudo, como a um “velho cão”, pode-se ensinar a ele “novos truques” somente pelo esforço persistente do *EU Médio*.

Muitos de nós nos acostumamos a chamar nossos *EUs Básicos* de “George”, ou como “Georgete”, unicamente para descobrir que o *EU Básico* tem ideias bem definidas de quem e do que ele é e o que prefere em termos de um nome. Mas deixem-me começar mais ou menos do começo e contar a história — ela é bem digna de ler porque fornecerá os métodos que você, leitor, pode desejar testar por sua vez e fazer bom uso deles.

Em primeiro lugar, deve-se acreditar que há um *EU Básico*, que ele realmente está lá <u>para</u> ser contatado. Em segundo, senta-se em um lugar tranquilo e convida-se o *EU Básico* a fazer-se conhecido. Pode-se falar com ele em voz alta e deve-se então esperar pacientemente e observar por ver que impressões vêm do centro da mente, que são compartilhadas pelos dois EUs. George pode lhe mandar um pensamento de sua própria iniciativa ou pode esperar, na incerteza do que você deseja ou está planejando fazer, e aguardar alguma ordem mental que o instruirá sobre qual o seu papel nesta nova atividade.

Frequentemente, vale a pena manter uma longa conversação monologada com George no primeiro encontro. Diga-lhe que você decidiu que o par formado por vocês devia conhecer- se melhor e deveria divertir-se aprendendo a jogar juntos. Isto pode parecer infantil — mas o *EU Básico* é algo como uma criança muito precoce. Pode ser fantasioso, inteligente, obsequioso, teimoso ou impetuoso — de acordo com sua natureza particular. Eles nunca são iguais, não mais que qualquer *EU Médio* e não há como saber como é o *EU Básico* individual, até que se tome o tempo necessário para conhecê-lo.

Como regra, nada acontece de imediato. Mas com uma pequena explicação, um dos novos jogos pode ser começado logo. O *EU Básico* quase sempre gosta de brincadeiras e aprecia os mesmos jogos de que você gosta (de outra forma você não os apreciaria). Sugira em voz alta para George que lhe dirá que coisas devem ser encontradas no tesouro da memória, e ele deve ver quão rápido pode encontrá-las e trazê-las para fora, para serem apreciadas. Um homem pode voltar a um brinquedo favorito da infância, tal como um caminhão vermelho, e uma mulher à sua boneca favorita. Ou pode haver outros objetos amados ou talvez jogos, com os quais se brincava. Selecione um ou convide George a trazer

à memória a lembrança do que mais gostava. Eu próprio fiz isso, ao realizar meus primeiros testes.

Sugeri que voltássemos ao passado e tentássemos lembrar o presente de que mais gostamos, quando chegou nosso terceiro Natal. Em obediência, foi-me dado o quadro de lembranças de uma mula de brinquedo, que sacudia a cabeça. Considerei-o interessado e descobri que ainda proporcionava um leve toque de prazer, após todos esses anos, mas enquanto esperava, outras lembranças, há muito esquecidas, inundaram minha mente. Lá estava eu novamente, tão pequeno que me sentava em uma banqueta e usava uma cadeira de cozinha como carteira, enquanto cuidadosamente desenhava uma figura. Minha irmã, um pouco mais velha do que eu, repentinamente estava ao meu lado, dirigindo meus esforços. Um brilho emocional afetuoso insinuou-se e uma concentração quase sem respiração, enquanto o desenho absorvia o menininho que misteriosamente parecia ser novamente uma pequena parte de mim. Foi uma sensação estranha, deliciosa, e fiz o possível para mostrar minha apreciação e partilhar minhas agradáveis emoções e lembranças com meu *EU Básico*.

Logo tomou-se uma experiência muito gratificante. Eu não precisava fazer quase nada mais, senão ficar de prontidão, alegrar-me, compartilhar e observar com o canto do olho, por assim dizer, aquilo que George me traria. O velho quarto que tinha estado nebuloso, foi descoberto pouco a pouco, um canto aqui, um pedaço de mobília ali, mas mesmo que George tentasse e eu esperasse, não pudemos encontrar a totalidade dele. Então, num ímpeto, George começou a trazer seus tesouros para mim, empoeirados com a passagem dos anos e parcialmente indistintos, mas vivos e brilhando com as emoções de prazer e contentamento que traziam de volta para serem compartilhadas e revividas. Lá estava o verão, bem sem

aviso prévio, e nós vadeando no pequeno riacho perto da cozinha. No regato estava a tartaruguinha que amávamos e admirávamos e, melhor de tudo, lá veio o chamado de minha mãe da cozinha e com ele retornou tal fragrância de rosquinhas quentes, acabadas de sair do forno, que encheu minha boca totalmente de água. Perguntei a George, após uma pausa, na qual gozamos da fragrância dos biscoitos e comemos um até a última migalha, condimentado e quente, se podia achar algo mais que tivéssemos compartilhado e que fosse tão bom.

Isso trouxe uma vivida figura de um menino ainda menor, e juntos entramos e nos apoderamos dele. Estávamos sentados em uma pilha de livros, sobre uma cadeira alta, na mesa de minha avó e os arredores eram muito novos, estranhos para mim. Olhei por uma janela sobre o peitoril, no qual havia gerânios vermelhos em flor. Havia uma toalha de quadriculados vermelhos e brancos sobre a mesa e em minhas mãos eu segurava com grande cuidado um cálice de vidro com saliências arredondadas nos lados e um pé longo. O gosto do leite rico reproduziu-se vividamente. Vi o rosto barbado de meu avô e a piscadela em seus olhos.

Um dia depois nós conversamos intimamente de novo e por muitos dias após isso. Exploramos nossos gostos mútuos e desgostos, revezando-nos em decidir o que gostávamos mais e lembrando-os. Cobrimos coisas que fizemos, que aprendemos a fazer, que aprendemos ou deixamos de aprender na escola — mesmo as que gostávamos menos de realizar.

Passo a passo nos conhecemos. Descobri que meu George estava somente levemente interessado em certas coisas que eu pensava serem muito interessantes. Por exemplo, pensava que seria agradável relembrar aspecto da sala em Wyoming, onde tinha passado meus dias de oitava

série e recordar a aparência de minha professora. George, contudo, não se divertira naquele ano. Embora eu tentasse, não pude fazê-lo encontrar para nós a menor coisa concernente àquele ano escolar. Eu ainda não sei onde a sala era ou quem teria sido a professora, embora os anos anteriores àqueles voltassem todos à memória em detalhes satisfatórios, bem como os anos de ginásio, escola normal e Universidade. Logo que possa entrarei no assunto daquele ponto obscuro em nossas lembranças mútuas e verei o que George tem enterrado lá — pode ser algo muito importante. Pode estar escondendo uma fixação selecionada, que está focalizada naquele ano ou, mais provavelmente, naquela professora, quem quer que tenha sido.

Minha experiência não é incomum. Cartas de APHs chegaram falando de lugares obscuros em suas lembranças e de pequenos artifícios ímpares que encontraram para tomar parte nas atividades de seu *EU Básico*.

É surpreendente quão rápido nos tornamos conscientes, de uma estranha forma interior, da personalidade do *EU Básico* e do “lá está ele”. Desenvolve-se um espírito de camaradagem e uma nova consciência, que nunca antes existira. E, à medida em que se chega mais e mais à completa percepção de que George é quem deve colocar em movimento as emoções, para se repetirem ao acompanhar uma lembrança, mais nos tornamos progressivamente capazes de nos destacarmos daquelas emoções e olhá-las com vivido interesse, enquanto as deixamos vibrar, zumbir e agitar-se — para não mais sermos apanhados em sua corrente e carregados por ela. É uma coisa muito gratificante tomar-se capaz, de forma crescente, de permanecer de lado e ser juiz tranquilo, quando os acontecimentos agitam George. Além disso, se ficamos à parte e não somos varridos pela inundação emocional, podemos dar a mão a George e tirá-lo dela rapidamente. As correntes de preocupações

prejudiciais que se repetem, muitas vezes quando deveria haver sono e descanso, são as mais difíceis de aprender e evitar, uma vez que vêm inesperadamente na inundação. Mas com prática, elas podem ser postas de lado, assim que começarmos a fornecer a George uma linha construtiva de pensamento, como um substitutivo.

De fato, muitos de nós descobrimos que não é apenas George que necessita ser treinado — é também o *EU Médio*. E frequentemente a compreensão disso é mais um choque, quando temos que enfrentar face a face o fato de que temos estado sentados preguiçosamente a maior parte de nossa vida, enquanto deixamos George dirigir o espetáculo de qualquer forma que ele queira escolher, seja certa ou errada.

Uma vez que seja dado um bom começo na direção do tornar-se relacionado com o *EU Básico*, pode ser empreendido o próximo estágio de treinamento. Até este ponto tivemos que nos contentar com uma mistura de respostas que George deu sem nossa ajuda, e aquelas que foram obtidas parcial ou completamente por nossa sugestão. O que se necessita agora é de uma forma de colocar George inteiramente a cargo do processo.

O uso do pêndulo tem servido para esta finalidade. Para atender a essas necessidades é preciso somente encontrar algum objeto pequeno, que servirá de peso ao ser pendurado em um fio ou cordão de cerca de 8 cm, preferivelmente de seda. O pêndulo, como é chamado, pode ser uma conta de vidro grande, um botão redondo, um pequeno cristal, como o usado em candelabros ou qualquer objeto pequeno, que possa ser pendurado de um fio. Tenho visto serem usados anéis e também uma cruz em uma corrente fina.

Segure o pêndulo acerca de sete cm do peso e peça a George para usar os músculos involuntários, a fim de fazer o

pêndulo balançar como ele queira. Devido ao fato de serem usados os músculos involuntários, temos neste método um meio de deixar o *EU Básico* livre para resolver qual será sua resposta a uma pergunta e então torná-la conhecida do *EU Médio* por certas oscilações do pêndulo.

Um conjunto de regras do jogo (chamado pelos radiestesistas de *convenção*), deve ser estabelecido pelo *EU Médio* e cuidadosamente explicado ao *EU Básico*, a fim de que George saiba como responder corretamente. Estas regras variam entre os radiestesistas e outros operadores do pêndulo. Minha convenção pessoal é aquela em que uma *oscilação em cruz*, em relação ao corpo, significa “**sim**”; uma para *frente e para trás* “**não**”. Um balanço em *diagonal* ao corpo indica “**em dúvida**”. Um *círculo no sentido horário* significa “**bom**” e uma *oscilação anti-horária*, “**mau**”.

Uma pessoa destra segurará o pêndulo com os primeiros dois dedos e o polegar da mão da mão direita, os canhotos com os mesmos dedos da esquerda.

Muitas vezes George entenderá melhor se pegarmos uma folha de papel e desenharmos linhas de 15 cm sobre ele, marcando-as para corresponder à direção das oscilações “sim” e “não”, a diagonal e o círculo — indicando a direção do círculo por flechas, para “bom” e “mau”. Os algarismos podem ser expressos pelo número de oscilações dadas em resposta a uma questão. O pêndulo é seguro de forma a deixar livre o papel. O cotovelo é conservado sem descansar na mesa, nestas tentativas preliminares, porque isto dá a George mais liberdade com o braço. Mais tarde ele será capaz de balançar o pêndulo enquanto você se coloca de forma mais confortável, amparando o braço com o cotovelo sobre a mesa. Grande cuidado deve ser tomado para não oscilar o pêndulo com os músculos voluntários.

Quando estiver pronto, diga a George para observar,

enquanto você demonstra como se joga. Segure o pêndulo sobre o papel e diga: “Isto é o que você faz para dizer “sim” e isto para dizer “não” e assim por diante. Balance você mesmo o pêndulo com os músculos voluntários que estão sob seu controle e mostre como ele vai. George aprende rápido e a não ser que tenha uma razão oculta, participará do jogo imediatamente.

Agora pare de balançar o pêndulo você próprio, mas segure-o suspenso, pronto para balançar e diga a George: *Agora tente você. Dê-me o balanço para “sim”*. Dê-lhe tempo e, se ele não puder fazê-lo, demonstre novamente ou várias vezes, ou talvez descanse até mais tarde e comece tudo de novo. Também pode dizer a George que ele é uma pessoa muito importante, que é primordial que vocês dois aprendam a conversar por este meio, a fim de que ele possa oferecer seus pontos de vista sobre coisas que acontecem.

Somente uns poucos membros da APH falharam em conseguir que George cooperasse com o pêndulo. Ao contrário, alguns dos Georges eram como gatinhos brincalhões e se divertiam brincando com o pêndulo, balançando-o em círculos e linhas, sem nenhuma semelhança com os movimentos próprios a uma conversação. Em várias ocasiões, foi descoberto que o objeto usado para fazer o pêndulo não era apreciado pelo *EU Básico* e que experimentando várias outras bijuterias ou objetos pequenos, podia-se encontrar um que fosse aprovado pelo *EU Básico* e era logo posto a oscilar. (Frequentemente um pêndulo mais pesado trabalha melhor).

A característica identificadora deste primeiro teste é que, quando o pêndulo é balançado pelo próprio *EU Básico*, o *EU Médio* experimenta pouca ou nenhuma sensação— isto é, nenhuma sensação de que o *EU Médio* está de alguma forma fazendo o pêndulo balançar. Isto acontece, em parte,

porque o movimento da mão que aciona o pêndulo e o conserva oscilando (sob o controle do *EU Básico*) pode ser tão leve a ponto de não ser detectado. O mais leve impulso produzirá a oscilação e a resistência automática da mão ao empuxo do movimento e gravidade do pêndulo balançando, agirão como um amplificador, de formas que quanto mais se resiste à oscilação, mais ampla se tornará.

Raramente é possível saber muito sobre a personalidade do *EU Básico*, até que o pêndulo entre em uso e permita-lhe agir por si próprio. Um *EU Básico* pode ser uma entidade muito tranquila e sóbria, outro brincalhão ou caprichoso e difícil de se fixar em qualquer tarefa. Lembre-se de que a variação é semelhante àquela que pode ser observada em crianças. É, na verdade, muito parecido com travar conhecimento com uma criança. Deve-se ganhar sua confiança, encontrar coisas de interesse comum, construir um elo cálido de confiança, afeto e amizade. Alguns *EUs Básicos* responderão a “pitos”, outros emburrarão e se recusarão a obedecer. Muitos têm de ser persuadidos, mas frequentemente o melhor meio de conseguir cooperação é através do louvor, amor e rápido perdão pela falha em obedecer ou cooperar.

Neste estágio, e até que esteja certo de que se tornou bem familiarizado com o *EU Básico* e suas inclinações, descobriremos que é bom ir vagarosamente, agir cautelosamente — e, acima de tudo, evitar deixar o sentimento de impaciência com o *EU Básico*, ou com todo o programa de treinamento, assumir o controle. Basta você permitir-se, apenas uma vez, jogar o pêndulo de lado e gritar com raiva “a coisa não funciona” ou então: “o meu *EU Básico* é um boboca completo” e daí para a frente o *EU Básico* pode nunca responder ou participar de bom grado do exercício (ou, como é melhor chamá-lo, do “jogo do pêndulo”).

A recompensa é algo usado no treino de animais. É também útil no treinamento do *EU Básico*. A recompensa pode ser louvor, cada vez que a ordem é adequadamente obedecida; alguns usam mesmo um petisco como recompensa, gozando o *EU Básico* de uma mordidela em algo que aprecia. (Naturalmente o *EU Médio* também gosta do petisco, trabalhando os dois no corpo em tal íntima união).

Tão logo o *EU Básico* tenha aprendido a usar o pêndulo e a responder com precisão quando você pede o balanço em uma direção especificada, pode-se começar uma conversação simples. Você faz as perguntas e George responde com o pêndulo. As perguntas devem ser concernentes a coisas que está seguro de serem conhecidas e entendidas pelo *EU Básico*. Naturalmente, ambos saberão as respostas, no princípio, e isto lhe permite verificar a precisão delas e julgar o progresso feito.

Logo o questionamento pode ser formulado para pedir a opinião de George sobre assuntos simples ou pedir-lhe para adivinhar. Se você não está certo de que horas são, faça uma suposição — como, digamos, quinze minutos após determinada hora. Então deixe-o fazer sua estimativa, dando o número certo de balanços para corresponder aos minutos. Ou você pode sugerir adivinhações para George, tais como 12 minutos e ele pode balançar “não” até que você acerte o número que ele escolher. Verifique o relógio, então, e elogie-o se estiver certo não o culpe se ele estiver errado. George é hábil em dizer as horas, como sabem aqueles que nunca necessitaram de um despertador e geralmente responde bem a esse exercício, de modo que é excelente para começar uma sessão prática.

Alguns Georges gostam de contar e são peritos nisso. Um associado tomou emprestado, de sua esposa, uma caixa

de botões e colocava um punhado deles sobre a mesa, espalhava-os, e ele e George faziam estimativas de cada vez, do número de botões espalhados. O George dele logo mostrou-se duas vezes mais rápido e duas vezes mais preciso do que ele, no jogo, e era calorosamente elogiado.

Se George não responder a uma pergunta, depois de uma pausa adequada para dar-lhe uma chance de responder, será dada oportunidade para se relacionarem ainda melhor, fazendo uma série de perguntas, visando obter as razões por não gostar daquela questão em particular ou descobrir porque não a respondeu. Ele pode, bem naquela hora, ter se cansado do jogo. Se assim for, geralmente admitirá isso quando perguntado de forma amigável. Se estiver cansando, George deveria ser desculpado daquela vez e serem retomadas as atividades normais do dia. George às vezes é muito teimoso, mal-humorado e impaciente. A não ser que você o tenha em melhor controle que a maioria, não tente forçá-lo nas ocasiões em que não quiser jogar. (Também pode ser que tenha tocado em um complexo de alguma espécie, que fez George encerrar a sessão, ficar nervoso ou reagir de alguma forma física que será facilmente notada nas sensações ou reações corporais).

Ao contrário do jogo de evocar lembranças e revivê-las com seu total conteúdo emocional, o jogo do pêndulo tende a separar os dois EUs, de forma que as emoções são menos compartilhadas ou não são compartilhadas de forma alguma. É bom, contudo, observar qualquer sentimento de emoção que George possa compartilhar com você, e se nenhuma vem quando as perguntas são feitas sobre pessoas ou coisas que acha poderem causar emoções no *EU Básico*, tais como amor, temor ou ódio, certifique-se perguntando sobre quais seriam as reações particulares de George. " Você gosta do Sr. Black? " Pode perguntar e observar

cuidadosamente a resposta. Pode ser importante, porque o *EU Básico* do Sr. Black é bem capaz de sentir em relação a você e seu *EU Básico,* o mesmo que seu *EU Básico* sente por ele, o que faria com que o *EU Médio* do Sr. Black sentisse o mesmo. Se George tem uma antipatia irracional pelo Sr. Black, pode ser convencido do contrário, pela conversação. Vale a pena tentar, e a recompensa pode ser um amigo útil, em lugar de um inimigo em potencial.

Acima de tudo, evite como evitaria uma praga, a tentação de pedir a George para predizer acontecimentos futuros ou entrar em contato com espíritos de falecidos e dar mensagens provindas deles, através do pêndulo. Tais operações são perigosas, como também inúteis, no estágio primário do treinamento e, se permitidas em qualquer estágio do trabalho, vêm apenas no que pode ser chamado de trabalho de pós-graduação. Nunca é demais enfatizar isso.

George geralmente gosta muito de agradar. Frequentemente deseja muitíssimo favorecê-lo, quando você faz uma pergunta referente ao futuro, ou talvez sobre alguém distante. Relutante em desapontá-lo, tentará agradá-lo inventando a resposta e em quase todos os casos, dará as respostas que pensa serem desejadas, quer por medo ou confiança. Este esforço para acomodar, não só lhe dá informações falsas, baseadas nas quais você pode agir de forma não recomendável, mas muitas vezes resultam em fazer o pobre George (ou Georgete) ser classificado como um *EU Básico* não confiável, um mentiroso de primeira classe.

Além disso, uma vez caído em desgraça e feito envergonhar-se, o *EU Básico* pode recusar-se inteiramente a continuar o treino e aprender a realizar habitualmente seu papel na prece Huna — a prece que pode ser feita com

sucesso quando TODOS TRÊS EUS estão desempenhando seus respectivos papéis previstos desde o começo da prece até o aparecimento da resposta materializada.

Capítulo 3.
Desenvolvendo as Habilidades Latentes do Eu Básico

O *EU Básico* tem três habilidades pouco entendidas, que faltam completamente no *EU Médio*, mas que são de maior importância quando se trata de fazer uma prece eficaz.

Estas habilidades são parte da herança do *EU Básico*, tanto quanto são seus instintos primordiais: a habilidade para lembrar e para usar os cinco sentidos. Muitas pessoas, quase sem saber, fazem o seu *EU Básico* usar as faculdades que vamos considerar e, por causa disso, emitem preces que são respondidas. Infelizmente, a maioria daqueles que oram têm *EUs Básicos* que não utilizam essas habilidades e estas pessoas, se conseguem resultados, são insuficientes.

Estas três habilidades ou faculdades inatas do *EU Básico* podem ser descritas como segue:

1. A habilidade de sentir as irradiações das coisas, objetos e substâncias, quando de tal natureza que não são registradas pelos órgãos dos sentidos normais que nos proporcionam visão, audição, tato, olfato, ou sensações de temperatura. (Trataremos destas habilidades latentes mais adiante).

2. A habilidade de atar, a uma pessoa ou coisa, uma vez feito o contato, um fio invisível de substância ***aka*** ou ectoplásmica do corpo etérico do *EU Básico*. A palavra-raiz no nome Huna do *EU Básico*, **pili**, tem

como um dos seus significados aquele de “pegajoso”. Uma ilustração rudimentar da ideia pode ser encontrada no que acontece quando se toca algo como um papel pega-mosca. Quando afastamos o dedo, estende-se um fio fino de resina pegajosa — este fio faz conexão entre o dedo e o papel pega-mosca. O contato pode ser feito com coisas, objetos ou pessoas, tocando-os, vendo-os (ao longo da linha de visão) ou ouvindo-os. Uma vez que tal contato foi feito e estabelecido, um *fio* ***aka*** invisível para ligar-nos a algo, este fio é mais ou menos permanente, e é ligado ao *corpo* ***aka*** na região do plexo solar. Depois que o fio é estabelecido, o *EU Básico* tem, por uma de suas habilidades latentes, a faculdade de lançar uma projeção (*nós a chamamos de “****dedo****”*) de sua substância do *corpo* ***aka***, para seguir o fio conector e permitir encontrar e estabelecer pleno contato novamente com a pessoa, objeto ou coisa, na outra extremidade do fio. Cada vez que é assim seguido e feito contato recente com algo, o fio é fortalecido, tornando-se mais permanente e fácil de seguir.

3. A terceira habilidade latente é aquela na qual os *fios* ***aka*** estabelecidos são usados de dois meios diferentes:

a) O *dedo* ***aka***, uma vez lançado e projetado para seguir o fio estabelecido, pode carregar com ele uma parte da duplicação ***aka*** dos órgãos do sentido. (Quando morremos e vivemos no *corpo* ***aka***, todos os órgãos do sentido são duplicados em substância ***aka*** e vemos, ouvimos, cheiramos etc., tal como quando em corpo físico. Na “projeção astral”, a ser logo mencionada, todo o *corpo* ***aka*** é projetado a uma distância, e lá usa os sentidos, tal como se o próprio corpo tivesse sido projetado, apanhando as impressões sensoriais

daquilo que experimenta).

O *dedo* ***aka*** projetado, embora seja apenas uma pequena parte do *corpo* ***aka*** total, pode usar todos os cinco sentidos para conseguir impressões da coisa com a qual é feito o contato, e estas impressões sensoriais podem ser enviadas de volta através da conexão (ou *fio-dedo* engrossado ou ativado) e apresentadas ao *EU Médio*. Estas são entregues pelo *EU Básico* não exatamente como as impressões sensoriais normais obtidas através do uso dos olhos físicos ou ouvidos, mas sob a forma de uma impressão que é mais semelhante à lembrança de tais impressões. Por exemplo, quando as impressões de um objeto são enviadas de volta, parecerão mais como uma imaginação do que uma realidade — mais como qualquer uma das centenas de quadros mentais que podemos reunir no estímulo do momento. Isto se tornará mais claro à medida que prosseguirmos.

b) O segundo uso desta terceira habilidade latente é aquele de reverter o fluxo das impressões ao longo do *dedo* ou *cordão* ***aka*** de conexão que foi posto a agir. Não somente as impressões podem ser reunidas e enviadas de volta ao longo do cordão para o *EU Médio*, mas as impressões podem ser enviadas no outro sentido. Estas impressões têm que ser mudadas, a partir da luz, som ou cheiro real de alguma coisa, para lembranças dela — para FORMAS DE PENSAMENTO disso. Estas são minúsculas impressões estampadas em pedaços microscópicos de *substância* ***aka***, e várias de tais partes podem estar reunidas em um cacho para produzir impressões necessárias, para dizer o que está sendo pensado. Este envio de cachos de formas de pensamento (em lugar de sensações reais ou as coisas reais sentidas) é chamado de TELEPATIA.

A necessidade de treinar o *EU Básico* a usar estas três habilidades latentes, mas naturais, é de capital importância na prece, porque TODA A PRECE É TELEPÁTICA. E nesta discussão estamos trabalhando em direção ao entendimento dos meios de fazer preces que obtenham resultados.

A Bíblia nos diz que "*Deus é um Espírito*". Com isto os kahunas concordam, acrescentando que o *EU Superior* do homem é também um espírito. Somente os *EUs Básico* e *Médio* vivem nos corpos físicos densos, com ouvidos e olhos físicos. O *EU Superior*, a quem toda a prece é dirigida em primeiro lugar, mesmo se destinada ao Deus Supremo, **não tem ouvidos físicos. Ele não ouve nenhum som físico.** Não importa quão alto ou sinceramente falemos com ele através de palavras, não tem meios de ouvir-nos. A única forma de levar nossas preces a ele é através do envio telepático de cachos de formas de pensamento das ideias, incorporando as coisas pelas quais oramos.

Portanto, porque somente o *EU Básico* pode fazer o contato com o *EU Superior* pela extensão de um *dedo **aka***, a fim de seguir o fio estabelecido até o *EU Superior* — e, além disso, porque somente o *EU Básico* pode tornar nossas ideias de prece ou palavras em forma de pensamento e enviá-las ao longo do *cordão **aka*** ativado — resulta que, a não ser que treinemos o *EU Básico* para entender a utilização desta habilidade latente, e então a use quando desejamos enviar uma prece, NADA SERÁ CUMPRIDO.

Este é um dos maiores segredos da Huna e explica qual tem sido sempre o problema, quando as preces aparentemente não são ouvidas. (Testemunhe os apelos constantes dos Salmistas, suplicando para serem ouvidos). **Se quisermos nos certificar de que nossa prece alcança o *EU Superior*, e não morre em nossos lábios como *palavras vazias*, devemos colocar a telepatia**

em ação.

Deus criou o homem à Sua própria imagem. Os homens, como Deus, têm sua habilidade criadora, mesmo se for infinitesimal, comparativamente. Deus criou pelo uso da "Palavra" — primeiro decidindo o que devia ser criado, depois visualizando e fazendo tomar forma. O homem deve decidir o que deseja criar, antes de começar a orar. Orar é simplesmente pedir ao *EU Superior* para fazer a sua parte na criação das condições desejadas, pelas quais oramos, e usar suas habilidades mentais e criativas superiores para ajudar a concretizar os estados ou condições almejadas.

A Huna divulga-nos o fato de que TODOS TRÊS EUS DO HOMEM têm seus papéis a desempenhar na operação criativa da prece. Se qualquer um dos EUs não fizer a sua parte, a operação é inútil. E, se o *EU Básico* não for ensinado a enviar a prece telepaticamente, depois de procurar, em primeiro lugar, ativar o *cordão* ***aka*** ao *EU Superior*, nada acontece. A tragédia dos vinte séculos que passaram desde que Jesus viveu e ensinou, é que esta parte do segredo foi perdida — os homens falharam em reter o conhecimento daquilo em que consiste a prece e de como usá-la.

O fato de que há *fios* ***aka*** e que podem ser seguidos por uma projeção de *dedo* ***aka***, ativado e posto em uso pelo *EU Básico*, parecia uma mera teoria fantástica aos primeiros APHs.

Mas, quando a informação foi posta em uso e começou a mostrar resultados, depois do período de prática necessário para treinar o *EU Básico* a usar suas habilidades latentes, aí o assunto pareceu muito simples. Deve-se conhecer a teoria, a fim de treinar o *EU Básico* de forma melhor e mais rápida, mas uma vez cumprido o treinamento, o *EU Básico* automaticamente responde e começa a desempenhar seu papel toda a vez que uma prece é feita.

Muitas pessoas estão familiarizadas com o uso da telepatia em suas próprias vidas, pelo menos em pequena extensão. Os pensamentos passam entre marido e mulher ou entre o amigo e a amiga, muito frequentemente. Um dos APH, quando entendeu o que era telepatia, aprendeu rapidamente a chamar seu cachorro por esse meio, não importa quão distante ele vagasse pelos campos.

Em nosso trabalho da APH, então, o primeiro passo em direção ao aprendizado para fazer o tipo de prece eficaz era ensinar o *EU Básico* a projetar um *dedo* ***aka***, e em seguida, em combinação com aquela ação, projetá-lo suficientemente longe para seguir um *fio* ***aka*** até seu fim, e fazer o contato com o que estivesse lá.

A viagem astral tem sido um assunto popular entre escritores e pessoas paranormais, e o leitor pode estar familiarizado com o livro *Projeção do Corpo Astral*[8], de Carrington e Muldoon, no qual é bem demonstrado como todo o *corpo* ***aka*** do *EU Básico* pode ser projetado à distância, mantendo-se a conexão com o corpo físico somente por um *cordão* de substância ***aka***. Contudo, como o leitor também pode saber por experiência, este não é um ato fácil de se realizar.

O que é bem mais fácil e, na verdade, tudo que é necessário a qualquer tempo, é a projeção de uma pequena parte do *corpo* ***aka***. Mesmo o *EU Básico* mais sem talento, geralmente mostrará pouca hesitação em projetar um *dedo* ***aka*** um centímetro ou mais fora do corpo, mesmo nas primeiras tentativas, e mais tarde se tornará desejoso e capaz de projetar-se desta forma, tão longe quanto necessário. Em seu livro *Pensamento através do Espaço*[9], Harold Sherman faz uma brilhante narrativa de seu contato telepático com Sir Hubert Wilkins, o explorador do Ártico, se o leitor desejar verificar o fato de que a distância faz pouca

diferença nas projeções e emissões telepáticas.

Um dos esquemas de treino mais fáceis é encontrado no que chamamos na APH de Caixa de Experimentos. Para tentar isto consiga na farmácia um jogo de seis caixas de pílulas[10]. O formato e a cor não fazem diferença, desde que as caixas sejam idênticas em tudo. Uma vez que sejam encontradas, selecione seis pequenos objetos de qualquer espécie, desde que diferentes. Podem ser botões, chaves, carretéis, qualquer coisa à mão. Em cada caixa ponha um objeto. Fecha-as e coloque-as sobre a mesa. Agora feche os olhos e misture as caixas para embaralhá-las, a fim de que seja impossível dizer que objeto cada caixa contém.

Pede-se ao *EU Básico*, então, para projetar um *dedo* ***aka*** através da cartolina (os *dedos* ***aka*** atravessam facilmente substâncias porosas), para descobrir que objeto está em cada caixa. Ou, pode-se dizer ao George, em uma explicação simples, que ele já atou um *fio* ***aka*** a cada objeto pelo simples processo de manejá-lo e colocá-lo na caixa e que pode seguir os *fios* ***aka*** na caixa com seu dedo projetado e encontrá-lo facilmente. Uma vez encontrado, deve sentir o objeto de qualquer forma que deseje e enviar a impressão do que tocou, de volta para o *EU Médio* no corpo, através do *cordão* ***aka***.

Neste ponto, pode-se fornecer uma cuidadosa instrução a George. Às vezes é útil pegar e fazer um desenho rudimentar da mão, mantida a uma distância de cerca de dois centímetros da caixa, e de um *dedo* ***aka*** projetado do dedo físico e entrando na caixa para tocar o objeto. Linhas pontilhadas são suficientes para indicar o esboço do dedo projetado e do objeto oculto na caixa. George terá, naturalmente, de entender bem o que se deseja e sentir que é importante. Seu primeiro impulso será de estender a mão, agarrar a caixa, abri-la, olhar dentro e deste modo normal e

inteiramente físico, descobrir o que está nela.

Esta resposta e ação naturais devem, naturalmente, ser impedidas, e deve-se dizer a George as razões por que é preciso usar o método de projeção. Deve ser-lhe dito simples e diretamente que quando aprender sua primeira parte do trabalho, poderá então usar a telepatia — e que, uma vez esta aprendida, poderá ser capaz de ajudar a fazer preces e conseguir muitas coisas desejáveis, através do auxílio do seu *EU Superior*.

Felizmente já há, em cada um de nós, um forte *cordão* ***aka*** de conexão entre o *EU Superior*, o *EU Básico* e o *EU Médio*. Isto é estabelecido na hora do nascimento ou antes, e só é preciso ativá-lo e colocá-lo em ação. O *EU Médio*, embora ligado com os outros dois EUs por cordões ***aka***, não tem a habilidade de usar o mecanismo telepático. Estes estão na esfera do *EU Básico*. (Se não fosse dessa forma, nossas preces seriam sempre respondidas, se fossem adequadas para tal fim).

Meu próprio conjunto de caixas de pílulas com o qual treinei inicialmente meu George, continha uma velha chave de carro, um pequeno ímã, um carretel de madeira, um pequeno elefante de cerâmica pintado de bronze, um par de dados de plástico verde com pontos brancos e uma lâmina de barbear em uma capa de plástico vermelho.

Peguei papel e lápis para anotar meus pontos de “adivinhação” e qualquer coisa acima de uma identificação bem-sucedida de um objeto, em seis tentativas, era anotado como acima do “acaso”. Eu conservava o primeiro dedo de minha mão direita bem acima da caixa, esperava que George descobrisse o que estava dentro e me desse a impressão mental, então anotava a impressão e prosseguia para a próxima caixa. Quando todas as seis tinham sido manejadas desta forma, as caixas eram abertas e verificada

a minha lista, para ver que porcentagem de sucesso eu tinha obtido.

Minha experiência foi muito semelhante à de muitos APHs, que fizeram seus testes de treinamento um pouco mais tarde. A princípio, a porcentagem era muito baixa. Depois, com períodos de prática diária de quinze a trinta minutos (nunca trabalhando quando há um sentimento de impaciência ou cansaço em relação ao esforço) a contagem começava gradualmente a melhorar. Alguns *EUs Básicos* aprenderam muito mais rápido que outros, e alguns fizeram surpreendentes contagens quase na primeira tentativa. O normal é que o número de pontos melhore em um período de poucos meses, chegando-se frequentemente a seis identificações corretas em seis tentativas. Mas em dias não muito bons ou quando George não está interessado, os acertos podem ficar bem abaixo da probabilidade, parecendo indicar recusa voluntariosa da parte de George em cooperar. Pode ser somente que George, uma criatura de hábitos, esteja agitado porque alguma tarefa geralmente feita a esta hora está sendo negligenciada. Em todo caso, é hora de parar a prática, por enquanto.

O dedo pode ser conservado a maior distância da caixa à medida que a prática avança, e eventualmente o contato pode ser feito simplesmente pela projeção natural de ***aka*** que acompanha o ato de olhar a caixa de tão longe quanto possa ser claramente vista. Em uns dos primeiros grupos de APH que se reuniam toda a semana para realizar tais testes de treinamento, membros diferentes frequentemente agiam como embaralhador e controlador dos pontos, cuidando do conjunto de caixas que eram colocadas sobre o tapete em uma extremidade de uma grande sala. Os outros se revezavam em sentar no lado oposto da sala e tentar, por contato visual apenas, identificar os objetos nas caixas. Não era fora do comum um acerto total.

Uma das coisas que aprendemos a observar era a tendência de o *EU Básico* dar ao *EU Médio* um símbolo, em lugar do pensamento direto do objeto da caixa. Eu estava, certa ocasião, trabalhando com um dedal emprestado dentro de uma das caixas quando, em vez de dar-me a impressão do dedal, meu George preferiu fornecer-me o quadro mental de uma agulha com um fio branco, pronto para uso na costura. A princípio este símbolo substituto me causou estranheza, mas logo aprendi a parar para considerar tais símbolos e deduzir pela sua natureza que objeto estava sendo indicado. Em lugar da impressão de uma chave do carro, obtinha um carro inteiro de alguma espécie indefinida, que parecia composto de todas as várias marcas de carro que conhecia bem.

Um método ligeiramente mais simples de identificar os objetos nas caixas envolve o uso do pêndulo. Neste método, o pêndulo é seguro sobre cada caixa, por sua vez, e alguém diz: “Este é o carretel? “ Ou “esta é a chave”? nomeando a lista de objetos. (Aqui certifique-se de que já estabeleceu sua própria convenção para o tipo de movimento significando “sim”, “não” ou “duvidoso”, a fim de que a resposta possa ser dada). Este método tem uma decisiva vantagem em que prevê uma clara indicação, por meio do pêndulo, se George acredita que certa coisa está em determinada caixa ou não. No outro método, a imaginação frequentemente entra em ação e pode-se pensar que George está apresentando uma impressão, quando não está.

Qualquer que seja o método usado, o treinamento inicial é quase o mesmo e uma vez que o *EU Básico* aprende a entender e a responder ao pedido para fazer contato com uma pessoa ou coisa — ou, quando chegar a hora, com o *EU Superior* — esta parte do treino pode ser chamada de um sucesso. A prática ulterior pode incluir troca telepática entre duas pessoas, sendo as figuras as mais fáceis de enviar e

receber.

O Dr. Rhine, da Universidade de Duke, tornou a percepção extra-sensorial (PES) aceitável a todos, com exceção dos mais conservadores. Os testes feitos por seus estudantes incluíram cartas em lugar de caixas, sendo usado um baralho especial, no qual desenhos simples substituíam as impressões das figuras nos baralhos comuns. Nos grupos da APH usamos frequentemente esses baralhos PES e descobrimos que se registrava o mesmo aumento de pontos conseguido com as caixas.

A teoria oferecida pelo Dr. Rhine para explicar a habilidade do experimentador em identificar os baralhos virados para baixo, nunca foi muito satisfatória. Em termos Huna, diríamos que o *EU Básico* projeta um *dedo* ***aka***, penetrando facilmente através das cartas e sente com o dedo que símbolo está impresso na parte inferior de uma carta, ou de um certo número de cartas, através do baralho. No esforço para explicar o que é feito, o Dr. Rhine sugere que o subconsciente do experimentador faz algo bem mais difícil e complicado — que penetra o futuro, clarividentemente, e é capaz de relatar de volta à mente consciente que cartas serão viradas e em que ordem, quando forem removidas uma por uma do baralho em um momento posterior. Os kahunas acreditavam que somente o *EU Superior* é capaz de ver precisamente o futuro e que, quando tal visão é demonstrada, é porque o *EU Superior* olhou para o futuro e deu a informação, assim obtida, para o *EU Básico*, que passa a informação adiante, para o *EU Médio*.

Outra explicação às vezes oferecida para os resultados da PES quando são usados os baralhos é de que tudo irradia constantemente uma forma de energia peculiar à sua composição, forma, consistência, densidade, etc., e que o *EU subconsciente* tem entre suas habilidades latentes a de

sentir as irradiações dessa natureza, embora sejam sutis demais para serem registradas pelos sentidos físicos.

Não há dúvida de que o *EU Básico* tem tal habilidade e que a maioria das pessoas pode treiná-lo a usá-la, dedicando tempo suficiente para isso.

O *radium* é um exemplo primordial de uma substância que irradia força, enquanto expande-se gradualmente e transforma- se em outra substância menos ativa. O carbono, embora irradiando em uma forma muito mais lenta e suave, tem as mesmas propriedades. As irradiações de carbono de florestas queimadas trazidas à luz em escavações arqueológicas, podem ser medidas por instrumentos sensíveis e a idade do carbono verificada precisamente, para determinar a época em que o fogo foi aceso por algum povo antigo.

Para descobrir água, a radiestesia depende das irradiações da água que flui sob o solo, e o *EU Básico* — geralmente com o auxílio de algum instrumento simples como uma forquilha ou mesmo um pêndulo— pode sentir e relatar a presença de água. Um bom radiestesista pode determinar/através de seu instrumento, a quantidade de água disponível, sua profundidade e se é quente ou fria, pura ou impura. Vários APH demonstraram esta habilidade radiestésica em relação à água e um deles é um profissional muito conhecido e ocupado, cujo trabalho é encontrar água e determinar onde devem ser perfurados os poços.

As explicações dos poderes da PES, contudo, em termos destas radiações, estão longe de serem satisfatórias. Por exemplo, digamos que um baralho de PES jaz no tapete diante de alguém e que nos cartões há um número de diferentes símbolos, todos impressos em papel com a mesma espécie de tinta. A única coisa a torná-los diferente seriam o formato dos símbolos impressos e estes — a fim de fornecer

ao *EU Básico* um meio de identificá-los e distingui-los um do outro — teriam que enviar radiações que seriam distintas e separadas. (De outra forma haveria uma mistura de radiações e nenhum "padrão de irradiação" para o *EU Básico* apanhar e reconhecer).

Esta dificuldade seria ainda maior no caso de um objeto como uma lâmina de barbear que usei e que tinha a lâmina de aço dentro de um envoltório plástico vermelho. Conforme se acredita em círculos científicos, as irradiações que se movem para fora de qualquer centro, tendem a mover-se em todas as direções, se não detidas. Não viriam em forma de "raio", da lâmina em sua caixa de papelão marrom e viajariam — como em nossos testes do grupo APH — direto da lâmina através da sala até o experimentador, no outro lado. Além disso, no caso da lâmina, as radiações seriam misturadas com as do plástico, do papelão da caixa, do papel marrom da cobertura da caixa e do pigmento na tinta branca impressa na cobertura. Acrescente a estas substâncias irradiantes o tapete, o assoalho e outras caixas do conjunto e resultaria uma interpenetração de irradiações que o *EU Básico* dificilmente seria capaz de selecionar, a não ser que tivesse um aparelho de sintonização especial, semelhante àquele usado em rádios, mas centenas de vezes mais complicado e seletivo. As experiências mais recentes do Dr. Rhine, nas quais a "vontade" é usada para influenciar a posição em que o dado cai, acrescenta crédito à teoria do *dedo* ***aka*** e as experiências dos círculos de pesquisa paranormal com "telecinese" é ainda mais evidenciadora. Na última, muitos objetos foram movidos ou levantados por paranormais e isto sem contato físico com eles. A explicação oferecida para isto é de que "bastões ectoplasmáticos" (ou fios) são projetados das mãos ou corpo sensitivo ou paranormal e que estes se atam momentaneamente a objetos distantes, de alguma forma, e exercem força física real para movê-los. (Esta força será discutida mais tarde, de

forma mais extensa). Esta explicação está inteiramente de acordo com as teorias legadas a nós pelos kahunas — e novamente, parece, o assunto das irradiações pode ser eliminado, como responsável pelo efeito psicocinético.

As habilidades do *EU Básico* de entender uma protuberância de seu *corpo* ***aka*** é de extrema importância para o estudo da Huna e para qualquer pessoa desejosa de colocar o sistema antigo em uso prático.

Por esta razão, necessitamos de provas de que a projeção é um fato, para ter confiança total. Há muitas registradas, para as quais não há espaço aqui e mencionarei a seguinte peça de evidência porque é de data recente e seria relativamente fácil de verificar.

O número de março de 1952 da revista STAG contém um artigo escrito por John Zischang sobre um caso interessante, que me foi relatado de várias outras fontes. Refere-se a um italiano, Achille D'Angelo, agora de meia idade, que faz visitas ocasionais a este país.

Em sua juventude, quando caminhava vinte passos atrás de uma bela jovem em Nápoles, sentiu uma necessidade premente de alcançá-la e tocá-la, e sua mão involuntariamente fez o movimento de uma carícia. A moça reagiu como se realmente sentisse a mão, gritou e virou-se para ver quem a tinha tocado. Não vendo ninguém mais próximo que a vinte passos de distância, desmaiou — supostamente do medo da experiência supranormal. D'Angelo, tendo desta forma descoberto seu poder, jurou usá-lo somente para o bem e dedicou-se a experimentá-lo. Provou ser útil na cura e tornou-se bem conhecido.

Seu poder foi testado em Nova Iorque em condições de pesquisa paranormal e a plena luz demonstrou sua habilidade de projetar uma mão invisível e fazer seus toques

claramente sentidos pelas pessoas, que se sentavam quietas, com olhos fechados. O autor do artigo mencionado relata que ele ficou espantado, em uma ocasião, por ter um dedo tocado atrás de seu pescoço e soube depois que tinha sentido isto quando D'Angelo tinha tocado uma mulher da Sociedade de Pesquisas Paranormais local, como parte da demonstração. D'Angelo explicou que havia aprendido logo no decorrer de seus experimentos que não podia controlar a projeção de parte de si mesmo na forma tangível de uma mão — e estar certo de qual pessoa ou parte de uma pessoa iria tocar.

Nem os investigadores ou o próprio Sr. D'Angelo foram capazes de dar uma explicação do que acontecia, quando visualizava tocar uma pessoa e fazia movimentos de toques à distância.

O fato de que toques podem ser feitos à distância dessa forma, prova decisivamente a projeção do *dedo* ***aka***. Mas, em acréscimo, a falta de habilidade em determinar os lugares das pessoas que deveriam ser tocadas, prova que o *EU Médio* do Sr. D'Angelo não era o EU que fazia o trabalho real — era o *EU Básico*, e este é caracterizado pela sua relutância em aceitar controle, quando deseja fazer coisas à sua moda. (O que nos leva de volta à necessidade de treinamento).

Antes de prosseguir na discussão dos pontos delicados da telepatia usada na prece, precisamos fazer uma pausa para considerar em detalhe a natureza das formas de pensamento, que devem ser devidamente entendidas a fim de que as estruturas da prece possam ser corretamente construídas, antes da projeção telepática posterior ao *EU Superior.*

Capítulo 4.

Formas de Pensamento, Auras e sua Medida.
O “Aurameter”.

Quando os kahunas e seu povo passaram através da Índia, deixaram lá uma certa porção de sua tradição. Ou talvez o povo da Índia tenha desenvolvido a mesma tradição, em parte por si mesmo. Em qualquer caso, a ideia da FORMA DE PENSAMENTO e de que “um pensamento é uma coisa”, chegou ao mundo ocidental durante a última parte do século passado, por meio da Teosofia, que é amplamente baseada nas crenças mantidas na Índia e no Tibet.

O conceito da forma de pensamento foi muito mudado, em relação ao seu original Huna. Escritores ocidentais especularam e na Índia foi acrescentada muita contaminação à ideia originalmente simples. Dizem-nos agora, com toda a seriedade, que se pode concentrar profundamente e criar por meio de pensamento uma criatura invisível da mente, que pode ser dotada de vida e enviada a ajudar ou atrapalhar outros. As temidas palavras “*magia negra*” são murmuradas com relação a isso e conta-se que homens e mulheres maus criaram criaturas maléficas de pensamento e que se permitiu vagarem descontroladas pelo mundo invisível e causaram perturbação infindável. Dizem que são semelhantes ao “*cascão astral*”, mas que lhes falta uma entidade consciente, ou “EU”, para animá-las e dirigi-las. De alguma forma, supõe-se que este *cascão astral* permanece suficientemente vivo para vagar pelo mundo, do mesmo jeito que a criatura da forma de

pensamento, e causar perturbação de um modo semelhante.

A Huna leva-nos ao conceito original do *corpo* ***aka*** do *EU Básico* e das *formas de pensamento*. Uma *forma de pensamento* é uma impressão moldada na matéria invisível do *corpo* ***aka*** do *EU Básico*. Um certo número de impressões relacionadas forma um cacho de *formas de pensamento* e tais cachos registram e contêm as lembranças de acontecimentos completos. Nenhuma criatura de *forma de pensamento* pode ser criada pela mente. Uma lembrança em *formas de pensamento* de uma série total de eventos não pode tornar-se o corpo invisível de um espírito, EU ou unidade de consciência.

Já discutimos a crença Huna que coloca a memória em depósito no *corpo* ***aka*** do *EU Básico*, mais do que nos tecidos do cérebro físico. Mas descobertas médicas recentes demonstraram que o ***aka*** do cérebro, durante a vida e consciência, interpenetra as correspondentes partes do cérebro físico. Aberturas feitas no crânio desnudando a camada externa do cérebro na região acima e atrás das orelhas, podem ser tocadas com uma agulha que transporta uma suave corrente elétrica e, sem danos ao paciente, pode fazê-lo lembrar-se e mesmo reviver em vividos detalhes, acontecimentos de sua vida passada. Não foi encontrada evidência de mudança celular no tecido do cérebro, indicando que as lembranças são impressas lá, mas não pode ser negado que o estímulo correto fará com que as lembranças sejam despertadas. Há algo armazenado lá, que é tanto material como real, ainda que invisível e intangível.

Em vários grupos engajados no estudo da ciência psíquica durante os últimos cem anos, muito foi feito experimentalmente para tentar fotografar as *formas de pensamento*, ou fazê-las impressionar filmes fotográficos, quando os filmes eram postos em contato com a cabeça ou

as mãos de alguém que se concentrava no pensamento de algum objeto, tal como um cubo ou um globo. Alguns resultados foram obtidos e registrados em relatórios, artigos ou livros, mas as imagens no filme não eram muito definidas.

Recentemente, nossa pesquisa APH desenvolveu um excelente método físico de provar a verdade das *formas de pensamento* e o *corpo* ***aka*** ou "aura", como postulado pela Huna. Foi descoberto que estas coisas podiam ser medidas pelo uso de um instrumento de um tipo quase desconhecido, que tinha sido desenvolvido por um radiestesista profissional de Elsinore, Califórnia, o Sr. Verne L. Cameron.

Este instrumento é chamado de "*Aurameter*". Seu inventor, alguns anos atrás, começou a pesquisar água com uma forquilha de salgueiro. Estava trabalhando sobre uma conhecida corrente subterrânea, mas por algum tempo não foi capaz de obter nenhum tipo de resposta. Então, como relata em seu livro *O Aurameter*"[11]: "*finalmente desenvolvi a 'sensação' de uma varinha e uma espécie de consciência ao entrar no que chamo de uma carga elétrica. A varinha então passou a reagir muito fortemente e começaram meus longos anos de experiência como radiestesista*".

Em sua pesquisa por um instrumento melhor que a forquilha de salgueiro, inventou e testou uma porção de instrumentos, conseguindo finalmente dois que eram simples, leves, compactos, muito úteis e únicos neste campo. Nenhum deles fazia sentido em termos da ciência moderna. Repentinamente, demonstrou-os para cientistas, na esperança de que fossem entendidos ou pelo menos aceitos, se não por outra razão, pelo menos porque funcionavam. Finalmente, agiram com pessoas suficientemente paranormais para aprender a operá-los.

O primeiro instrumento do par é algo como um grande canivete com um peso em forma de bola no final de uma lâmina circular. O cabo da faca é seguro na mão com a lâmina fechada e a esfera para cima de tal forma que a lâmina, que é equilibrada de forma que mal fica de pé, possa cair para a posição aberta, quando o empuxo sobre ela, vindo do subsolo, for ligeiramente aumentado.

Como todos sabem, a gravidade não deve mudar perceptivelmente enquanto se anda ao longo de uma estrada nivelada. Mas algo que aumentava foi encontrado por Cameron, quando, caminhando ao longo de uma estrada em nível, aconteceu passar sobre um forte fluxo subterrâneo de água, pois quando chegou em cima dela a lâmina delicadamente equilibrada e a bola foram puxadas para baixo, como se por uma gravidade adicional, caindo a lâmina sempre na posição aberta.

Uma das peculiaridades do instrumento só foi descoberta algum tempo depois, após ter sido colocado em uso. Era o fato de que havia uma demora de 20 a 30 segundos entre a hora em que o operador pegava o instrumento na mão para começar a fazer os testes de qualquer tipo mencionado, e a hora em que o empuxo se desenvolvia suficientemente para contrabalançar o peso da lâmina e fazê-la cair. Este “lapso de tempo” era também “não científico”, mas acontecia da mesma forma.

O segundo instrumento, o Aurameter, é construído sobre um princípio diferente. Nele a lâmina balanceada é ligada a um cabo semelhante a uma faca com um suporte de pino para permitir-lhe mover-se livremente de um lado para outro, quando a lâmina é segura horizontalmente acima do solo (ou, para esclarecer, pode-se dizer que esta faca permanece aberta todo o tempo, mas que a lâmina é livre para balançar para frente e para trás, horizontalmente,

assim como um pêndulo oscila de um suporte vertical). Deve-se segurar o instrumento de forma que sua esfera esteja levemente inclinada para cima, a fim de que a extremidade fique equilibrada — de outra forma, será puxada pela gravidade e cairá de um lado ou de outro.

Em muitos aspectos o Aurameter se assemelha ao pêndulo, embora o último seja suspenso de um cordão ou fio e balance a partir de uma linha vertical, em lugar de na horizontal. Contudo, a diferença principal é que, enquanto os dois instrumentos que acabamos de descrever parecem reagir à presença da água como se a gravidade tivesse puxado com mais força, o pêndulo não. O pêndulo tem que depender do *EU Básico* do operador para sentir a presença de água, e fazer o pêndulo balançar, de acordo com um código pré-estabelecido ou convenção, para indicar a água.

A forquilha de salgueiro, de aveleira, de osso de baleia ou de arame torcido, nas mãos de um bom radiestesista, contudo, será empurrada para baixo quando um fluxo de água subterrâneo está nas proximidades e frequentemente com tal força que, se a forquilha de varinha verde for segura com muita força para tentar impedi-la de mergulhar, a casca será partida onde fica presa nas mãos do radiestesista.

Muitas tentativas de explicações foram dadas para esta estranha força, que age como a gravidade, mas que parece ter pouco ou nada a ver com ela. De todas as explicações, a melhor e mais simples parece ser a fornecida pelo antigo sistema Huna. Em termos de Huna, podemos dizer que o *EU Básico*, uma vez aprendida a convenção a ser usada entre ele e o *EU Médio* para indicar a descoberta da água, irá **(a)** descobrir a água subterrânea por meio da sensibilidade às radiações, natural nele e **(b)** provocar a inclinação da forquilha ou a queda da lâmina equilibrada ou o balanço horizontal da esfera do Aurameter.

Pode ser explicado que a combinação de *substância* ***aka*** com a **mana** (ou força vital) flui no instrumento que é usado e lá — sob a direção da mente do *EU Básico* — exibe suas incomuns características de agir como uma substância ou força, viva e inteligente. Age, na realidade, puxando ou fazendo pesar para baixo a esfera da lâmina, ou a ponta da forquilha. O lapso de tempo que é notado na reação destes instrumentos, parece ser necessário para permitir ao *EU Básico* fazer a *substância* ***aka*** e **mana** fluírem, ou se projetar da mão ao instrumento, para torná-lo pronto a responder à direção do *EU Básico*. (É interessante notar, em relação ao acima, que o Sr. Cameron fala de "lançar nele o que eu chamo de "carga áurica").

O fluxo subterrâneo de água é localizado pelo Sr. Cameron ao caminhar, para a frente e para trás, carregando o primeiro instrumento. A queda da ponta-esfera da lâmina pode indicar a presença de água ou, se não houver água subterrânea, não cai. Mas, se o fizer, o segundo instrumento, o Aurameter, é então empunhado e Cameron volta a se aproximar do mesmo lugar. A lâmina do Aurameter, que não pode cair, balança fortemente para fora, quando se aproxima do lugar sobre um fluxo subterrâneo de água, como se evitasse uma chaminé de aura crescente, formada pela água.

Esta aura proveniente da água pode ser grande ou pequena, de acordo com o volume da água da corrente subterrânea ou corpo. Em muitos casos, a água está subindo de um lugar profundo na terra, naquele ponto, e assim forma uma chaminé de aura circular. Se a água for quente, a aura é geralmente oval em formato. A radiação, também, sobe em forma de uma cunha, falando de forma geral. Se a água estiver muito profunda, o final da cunha será mais largo na superfície do solo, do que se a água estiver próxima da superfície. Por causa disto, a profundidade do poço

necessária para alcançar a água será determinada por um teste para encontrar a largura da cunha. Estas formas são determinadas pesquisando a toda a volta com o Aurameter, que reage para fora da parede de radiações.

Há muito mais nesta área do que pode ser explicado aqui e a radiestesia da água por indivíduos treinados com o dom paranormal adequado é uma prática estabelecida e respeitada em muitos outros países, embora menos bem conhecida do que aqui. Os governos canadense e australiano têm radiestesistas profissionais constantemente em ação para localizar água. Na II Guerra Mundial, o sucesso da campanha africana para seguir os alemães comandados pelo General Rommel prendia-se ao fato de se os radiestesistas oficiais do exército britânico seriam capazes de encontrar água para suprir as tropas em marcha, ou não. Numa famosa ocasião, foi feita a localização bem-sucedida de um bom fluxo de água pura em um vale, onde todos os poços anteriores tinham tido um fluxo escasso e suas águas estavam cheias de minerais, de forma a torná-las impróprias para o uso.

Quando, como leitor dos *Milagres da Ciência Secreta*, Verne Cameron visitou-me pela primeira vez, trouxe seus instrumentos e começou um estudo deles, que mais tarde foi relatado em muitos Boletins APH. Cameron demonstrou ser um tesouro de informações, pois além das experiências com os aparelhos na medida da aura de fluxos de água, tinha medido as auras humanas, assim como as auras de objetos, plantas e animais. Naturalmente, os APHs estavam extremamente interessados, quando ele se juntou aos membros e demonstrou com facilidade as descobertas que tinha feito alguns anos antes.

O *corpo* ***aka*** humano, aura ou “duplo etérico” tinha sido estudado pelo Dr. Kilner alguns anos antes disto[12] e através de uma tela colorida, ele e seus amigos tinham sido

capazes de vê-lo, enquanto se estendia além do corpo físico, algumas vezes expandindo-se mais, outras menos, e frequentemente com uma protuberância no centro do corpo para encontrar e tocar a protuberância de um *corpo* ***aka*** de alguém muito amado, que estivesse se aproximando. O Sr. Cameron tinha descoberto com o Aurameter que os limites do *corpo* ***aka*** podiam ser medidos com precisão, mesmo se não vistos.

O *corpo* ***aka*** ou aura era como o das correntes subterrâneas de água, ainda mais porque parecia possuir uma carga de força que empurrava a cabeça do Aurameter, quando era movido para a margem exterior dele. Conservando o instrumento em movimento ao longo da aura, para cima, para baixo e dos lados, justamente no ponto onde o empurrão sobre a ponta do Aurameter podia ser sentido, podia ser traçado o seu limite. Normalmente, o ***aka*** sobressai apenas uns poucos centímetros do corpo, exceto nos ombros e sobre os genitais, em cujos pontos a aura se estende mais além. Pontos do corpo que não estavam normais, como órgãos ou dentes com problemas, tinham nestas partes "inchado" e sobressaindo de forma incomum. Juntas, como na espinha, que necessitassem de ajuste, mostravam inchaços da aura sobre elas, que desapareciam quando o ajuste fosse feito com sucesso.

A propósito, o Sr. Cameron realizou testes com seu Aurameter em San Diego, Califórnia, que mostram de forma convincente que os espíritos dos mortos sobrevivem e vivem em seus *corpos* ***aka*** (os *corpos* ***aka*** combinados dos *EUs Médio* e *Básico* — o do *EU Básico* sendo bem mais denso, mesmo se ainda invisível).

O Sr. Mark Probert, de San Diego, um médium bem conhecido, trabalha com um certo número de espíritos que vêm falar através dele quando está em transe.

Naquela ocasião, entrou no costumeiro transe e um espírito falou através de seus lábios, mantendo uma viva conversação e demonstrando muito interesse no Aurameter, que estava sendo testado. Ele concordou prontamente em ficar ao lado do médium, enquanto o Sr. Cameron tentava localizar seu *corpo* ***aka*** e traçar seu contorno. Achou-o imediatamente, e contornou-o com mais facilidade do que se tivesse pertencido a um homem vivo.

O espírito então sugeriu um teste. Disse que iria se esconder na sala, e que se pudesse ser encontrado com o Aurameter, sendo que o Sr. Cameron e os outros não podiam ter nenhuma ideia de onde pudesse estar escondido, o teste seria na verdade bem comprovador. Foi lhe dado um momento para se esconder e a procura começou. O Aurameter foi usado para sentir aqui e ali, até o teto e ao longo das paredes, indo e vindo através de toda a sala. Em poucos minutos, no nível do assoalho, logo abaixo da ponta da grande mesa que se erguia no centro da sala, a cabeça do Aurameter foi empurrada. Tinha entrado em contato com o *corpo* ***aka*** do espírito. Em questão de segundos foi contornado, sentado de pernas cruzadas no assoalho, seu rosto em direção ao médium, as costas para o Sr. Cameron. O espírito, falando novamente através do médium, verificou sua posição e explicou "*Eu pensei que você ia esperar que eu ficasse de pé em frente ao médium e de frente para você, assim eu me sentei para enganá-lo e virei o rosto para ele*".

Nesta experiência, algo muito novo e importante tinha sido acrescentado aos anais da pesquisa paranormal, e mais uma vez a Huna recebeu prova de sua correção.

E agora chegamos à descoberta do Sr. Cameron de que se podia fazer uma imagem mental ou forma de pensamento de um objeto e que o Aurameter iria subsequentemente reagir a ela, como faz à aura humana. Muitos testes

convincentes foram realizados, nos quais o Sr. Cameron saía da sala, enquanto os outros combinavam sobre que objeto devia ser visualizado para formar uma forma de pensamento de um certo formato, em um determinado lugar. Cubos, globos, vasos de vários formatos — toda espécie de coisas — eram visualizadas e prontamente encontradas pelo Sr. Cameron, quando retornava à sala e começava a pesquisar o lugar designado para localizar o formato com a ponta do Aurameter.

Algo peculiar frequentemente era notado: que a forma visualizada muitas vezes parecia ter crescido ou se contraído muito, quando encontrada. Isto, contudo, estava de acordo com as crenças dos kahunas, que sabiam que se podia fazer o *corpo* ***aka*** crescer, de modo que sobressaía muito, ou ficar tão pequeno que se retraía dentro do corpo completamente.

As *formas de pensamento* demonstraram ter a mesma qualidade. Elas podiam ser feitas microscópicas em tamanho, para serem armazenadas em cachos de formas de pensamento de lembranças, ou ser expandidas ao tamanho da coisa que representavam. Um dos mais convincentes testes do Aurameter foi realizado quando um membro do grupo que estava visualizando um círculo de pé sobre um canto da mesa, ocupou-se em visualizar um quadrado no mesmo lugar, sem dizer aos outros. O Sr. Cameron chegou, começou seus testes e parou. Tentou novamente, mais cuidadosamente, depois percorreu a forma de pensamento com o Aurameter vagarosamente, seguindo com grande cuidado cada curva e ângulo. “*Isto parece ser um círculo com um quadrado de um tamanho menor superposto a ele*”, observou; “*Os cantos do quadrado saem um pouco além do círculo, em quatro lugares*”. Foi somente então que a pessoa que tinha acrescentado o quadrado explicou o que tinha feito.

Tendo considerado as mais recentes provas da crença antiga de que “um pensamento é uma coisa”, podemos completar nosso quadro mental de como o *EU Básico*, usando os cinco sentidos e guiado pelo *EU Médio*, observa o que está acontecendo e faz registros invisíveis e microscópicos de *formas de pensamento* para servir como lembranças dos acontecimentos.

O *EU Médio* faz seu papel neste trabalho, ao decidir o que os eventos significam e qual pode ser sua relação a outros acontecimentos — ou, como é chamado: “racionalizando-o”. O cacho de *formas de pensamento* das lembranças, uma vez que recebe do *EU Médio* seu significado racional e importância, é armazenado pelo *EU Básico* no *corpo* ***aka*** (quando o *EU Médio*, por alguma razão, **não racionaliza** antes da armazenagem, causa perturbação, como dissemos).

Aquilo que pensamos ou imaginamos também é registrado da mesma forma em lembranças e, à medida que o tempo passa, acumulamos uma vasta quantidade de lembranças, que são representadas por cachos de formas de pensamento. No que concerne à nossa vida mental, somos “*o que pensamos*” e se o pensamento for imperfeito, ou se há lembranças feitas pelo *EU Básico* sem a devida racionalização do *EU Médio*, podem causar muito prejuízo para a mente e o corpo — um assunto muito importante que será discutido depois.

Por enquanto, contudo, nossa atenção necessita ser focalizada no papel que os cachos de forma de pensamento desempenham na telepatia e sobre as melhores formas de ensinar o *EU Básico* a usá-la.

Capítulo 5.
O Contato Telepático entre Pessoas

Quando dois amigos ou dois membros de uma família entendem como os *EUs Básicos* trabalham, podem começar, com proveito, a prática de enviar mensagens telepáticas de um para o outro.

Sabemos, pelas experiências com as caixas e baralhos, como o EU Básico projeta um *dedo* ***aka*** ao longo de um *fio* ***aka*** para obter informações. Sabemos que, quando desejamos enviar uma mensagem, esta caminha ao longo do *fio* ***aka*** em formas de pensamento e parece que a realidade delas foi suficientemente provada.

Uma coisa precisa ser introduzida neste ponto, e é o papel que o **mana**, ou força vital, desempenha na telepatia. Vimos que o **mana** flui do *EU Básico* do operador para o Aurameter, a fim de fazê-lo reagir. Da mesma forma, o **mana**, ao longo do *cordão* ***aka***, entre duas pessoas que estão em comunicação telepática.

Os *fios* ou *cordões* ***aka*** invisíveis podem ser comparados, a grosso modo, a fios de telégrafo, através dos quais podemos enviar mensagens. Levam **mana**, assim como os fios carregam eletricidade. Da mesma forma como os fios telegráficos levam mensagens em símbolos para o terminal receptor, os *fios* ***aka*** podem levar (e realmente transportam, no fluxo de **mana** correndo entre eles) cachos de microscópicas *formas de pensamento*. Quando recebidas por um *EU Básico* no distante terminal do fio, estas *formas de pensamento* levam impressões mentais que comunicam

a mensagem. O *EU Básico* do receptor então as apresenta ao *EU Médio*, como impressões que são semelhantes a lembranças, quando são transmitidas coisas que apenas “surgem na mente”.

Ainda não sabemos que forma de força o **mana** pode ser. Certamente não é eletricidade do tipo eletromagnético, e age mais como corrente direta do tipo gerado através da ação química. Contudo, é caracterizada pelo fato de que parece uma **força viva**, quando a substância do *corpo* ***aka*** ou *cordão* serve como um lugar de armazenagem para ela, ou como um *fio condutor*, varinha ou *cordão*.

Ela tem outra característica, que é a de que parece encontrar na *substância* ***aka*** o **condutor perfeito**. Comumente, a corrente elétrica direta não pode ser enviada muito distante em um fio porque enfraquece ao ponto de se anular. Todas as linhas de força transportam correntes alternadas de alta voltagem.

Temos prova de que na telepatia o *fio* ***aka*** é somente um substituto perfeito ou vivo para um fio e que o **mana** flui tão facilmente sobre um fio de conexão, quer fazendo meia volta ao mundo ou atravessando uma sala.

A teoria popular de que a transmissão telepática é semelhante ao envio de ondas de alta frequência do rádio através do ar, como em uma transmissora, provou ser falácia. As ondas de rádio diminuem e enfraquecem inversamente ao quadrado da distância que percorrem e, com uma usina tão pequena quanto o *EU Básico* humano, uma emissora de rádio deste tipo dificilmente seria capaz de alcançar além de uns poucos metros.

Ao começar a prática da telepatia com outra pessoa, é bom, no começo, que estejam juntas. Mais tarde as duas podem tentar enviar mensagens à distância uma da outra.

Uma pessoa envia as formas de pensamento, a outra é a receptora — sendo invertidos os papéis durante o período de prática. Os fios ***aka*** já são bem estabelecidos entre amigos. (Estranhos os estabelecem pela troca de olhares ou, melhor ainda, pelo aperto das mãos).

O *EU Médio* do receptor tem a tarefa maior, no princípio.

Não é muito fácil tornar nossos *EUs Médios* receptivos e mentalmente quietos a fim de que o *EU Básico* possa apresentar as impressões telepáticas que captou. Isto acontece porque, no curso de nosso trabalho diário de viver, George fica de prontidão constantemente para estar apto a receber ordens e cumpri-las. Desde a hora em que sai dos sonhos de manhã e seu homem acorda, deve estar pronto a apanhar a mais leve ordem — o comando para olhar o relógio e ver se é cedo ou tarde, para procurar algum artigo ou aparelho, obedecer à ordem de pegar um relógio com cuidado e colocá-lo no pulso sem deixá-lo cair.

Se há momentos em que o homem está inteiramente inativo e quando o *EU Médio* não está pedindo para recordar lembranças que serão usadas nisto ou naquilo, George pode permitir-se sonhar acordado, um pouco. Pode trazer à tona lembranças por si próprio e apresentá-las para o *EU Médio*. Muitos *EUs Básicos* são interminavelmente úteis e ansiosos em ver que o trabalho do homem esteja sendo feito adequadamente.

Em um calmo momento de descanso, o *EU Básico* se apressará a recordar-se de todas as coisas que deveriam ser feitas. Pode aproveitar a oportunidade para lembrar ao *EU Médio* que deve telefonar para a garagem sobre a bateria ou molhar o novo canteiro semeado no quintal.

Se estamos preocupados, George tentará ajudar-nos,

trazendo-nos as lembranças de condições sobre as quais estamos nos preocupando, e tentar corrigi-las. De fato, ele é tão esforçado nesta questão quanto é fortemente impressionado com a necessidade de consertar circunstâncias preocupantes, o que pode nos manter acordados metade da noite com a apresentação constante de assuntos da preocupação e com emoções relacionadas a elas.

Por causa deste hábito de conservar-se alerta para obedecer às ordens do *EU Médio*, pode-se dizer que George "não sabe o que fazer de si próprio", se dispensado dos deveres e mandado ficar sem encargos por algum tempo. Assim, cuidadosamente devemos dizer-lhe para assumir e realizar tarefas que somente ele pode cumprir.

Devemos dizer-lhe que o *EU Médio* não pode dirigi-lo, como seria o caso, se tivesse que colocar um prego em um exato ponto da parede. Podíamos falar que damos o martelo e o prego a George e lhe dizemos para sair, encontrar uma parede, marcar um bom lugar nela para pendurar um quadro, e colocar o prego — depois relatar-nos logo o que fez.

Já explicou a George que há *fios* ***aka*** bem estabelecidos entre você e seu amigo e que estes devem agora ser ativados ou colocados em ação, a fim de que as *formas de pensamento* possam ser enviadas de um para outro ao longo dele, para transportar as mensagens? Você diz ao George que seu amigo está prestes a enviar uma mensagem e que ele deve recebê-la, depois apresentá-la a você assim como faria com uma lembrança. Depois disso, deixe George de lado, mentalmente, e pare de oferecer sugestões e conselhos.

O amigo faz sinal de que o envio está começando. Você relaxa seu controle sobre George enquanto relaxa o corpo.

Não faça nada que necessite a atenção e ajuda de George. Tente limpar os pensamentos da mente, a fim de que esteja vazia e pronta para a mensagem a ser trazida ao foco da consciência.

Espere um momento. Nenhuma impressão chega. Se você é como muitos de nós, seu impulso será puxar George de volta e começar a dizer-lhe de novo o que deve fazer, apressando-o para dar a mensagem a você ou lhe dizendo que não recebeu nenhuma. Esta desafortunada ação seria comparável a chamar um cachorro de volta, depois de enviá-lo para procurar uma bola perdida no meio do mato (tendo-se assegurado, naturalmente, de que o cachorro entendeu em primeiro lugar o que estava sendo pedido a ele). Se, antes que o cachorro tenha estado bem enfronhado em sua procura, nós o chamássemos de volta para ver se tinha algo na boca ou se o conservássemos chamando-o de volta para lhe dar ordens repetidas, a bola só seria achada após longa demora, se tivesse sido encontrada.

Levando a analogia adiante, suponha que tivéssemos problemas com o cachorro, porque havia coelhos no quintal ou ele tinha um osso enterrado lá e decidiu que caçar os coelhos ou desenterrar seu osso para exame seria mais importante. Ou, o cachorro podia não estar bem certo quais das várias velhas bolas no quintal ele devia achar e trazer de volta. Podia até ter a ideia de que um velho sapato ou luva seriam melhores. Da mesma forma, George pode ter dificuldades para entender o que é desejado. Em lugar de esperar que as *formas de pensamento* da mensagem cheguem a ele provenientes do George do emissor, ao longo do cordão de *conexão* ***aka***, ele pode correr para o outro George e começar a fazer a leitura da mente — pode começar a examinar as lembranças armazenadas no *corpo* ***aka*** do outro George, enviando para o *EU Médio* uma bela coleção de sapatos, luvas e velhas bolas — mas não a bola

certa.

Além disso, uma vez que George é uma criatura que gosta de agradar e se esforça para isso, se não puder captar a mensagem para seu *EU Médio*, às vezes fará o possível para fabricar um substituto. Tentará interminavelmente adivinhar, se você deixar, e ficará transmitindo impressões que pertencem às velhas lembranças e que são imaginação, pura e simples.

Deve-se conservar o *EU Básico* no trabalho de encontrar a bola e somente a bola, mas deve lhe ser dada liberdade enquanto ele faz a pesquisa.

Para mantê-lo no trabalho e impedi-lo de correr atrás dos coelhos, a prática telepática geralmente caminha melhor no princípio, se dermos a George algo para fazer que seja real e não imaginário — tal como segurar um lápis sobre um papel e desenhar uma figura da coisa que o emissor telepata está olhando e enviando. O ato de desenhar tende a impressionar George no sentido de que o trabalho é vital e necessário e conservá-lo ocupado, tentando captar a impressão através das *formas de pensamento* projetadas.

O emissor telepático inexperiente, por outro lado, pode enviar de forma fraca, dessa forma tornando a recepção algo que demanda mais espera e mais paciência. Com principiantes, é uma boa ideia, para ambos, prover-se de papel e lápis, a fim de que aquele que tenta enviar possa desenhar cuidadosa e vagarosamente, enquanto mantém a ordem para seu George enviar a figura do que está sendo desenhado para seu amigo, o outro George no outro lado da sala (ou, mais tarde, do outro lado da cidade ou Estado).

Pode ser usado um símbolo simples ou esboço do desenho de uma árvore. Ficou comprovado que é mais fácil enviar e receber figuras. As cores são mais fáceis de usar do

que sons ou tons e perfume ou gostos são mais fáceis de transmitir do que sensações físicas de dureza, maciez ou tepidez e frieza.

Enviar a mensagem “*João, pare no armazém no caminho para casa e traga um pacote de manteiga*” é difícil, se devem ser enviados os sons das palavras. Mas a figura mental de um armazém e um pacote de manteiga é bem simples. Não é totalmente incomum encontrar maridos que recebem mensagens telepáticas desta natureza de suas esposas com certeza e precisão. Um APH relatou que captava a mensagem para trazer certas coisas para casa enquanto esperava, num estado momentaneamente relaxado, em seu carro, que um sinal do tráfego mudasse.

Se, quando a prática telepática é empreendida, os *EUs Básicos* parecem levar um longo tempo para fazer o que é esperado deles, pode ser tentada uma prática preliminar, na qual alguém se senta com papel e lápis e convida George a apresentar uma ideia para uma figura, ou quadro mental de algum acontecimento. Comumente, preparamos o *EU Básico* para ser guiado ao nos dar as lembranças necessárias e desejadas, com as quais formaremos o nosso pensamento ou com as quais prosseguiremos numa linha de pensamento ao falar ou escrever.

Todas as lembranças normais são amarradas em conjunto por *fios* ***aka***, a fim de que não se percam ou se tornem eventos isolados, mas sejam tecidas na trama do tempo e lugar; as lembranças de um acontecimento da infância estarão ligadas a outras lembranças do mesmo período e lugar. Se, por exemplo, penso em minha infância e desejo relembrar o nome de velhos colegas, de companheiros de brinquedo, dou ao George uma sugestão do que é desejado, pensando em algo que aconteceu em relação aos companheiros. George começa a desafiar

lembranças com grande rapidez, seguindo os fios ***aka*** de ligação de uma lembrança para outra, daquelas ligadas no mesmo grupo de tempo-espaço. Mais cedo ou mais tarde encontra o nome dos colegas e os apresenta.

O convite a George para ficar por conta própria por algum tempo, decidir o que lembrar e lembrá-lo sem ser forçado — depois apresentá-lo ao centro comum de consciência, quase sempre dá resultado. Umas poucas sessões diárias de prática com este exercício ensinarão o *EU Médio* a ficar de fora e deixar o *EU Básico* fazer o que é requerido dele. Ensinará a atitude calma e quieta de atenção e expectativa, que é necessária da parte do *EU Médio*, e ensinará George a ficar mais seguro de si, mais confiante de que está fazendo a coisa certa.

Se não tiver um parceiro com quem realizar os experimentos telepáticos por alguns minutos diariamente, há outro exercício ligeiramente mais difícil que fornece excelente treino. Este é o exercício chamado “psicometria”.

Para tentar isto, é necessário tomar emprestado de um amigo alguns objetos possuídos e usados por uma terceira pessoa, conhecida do amigo, mas não do experimentador. Artigos tais como um anel, um canivete, uma caneta tinteiro ou outros objetos que tenham sido usados habitualmente são excelentes para esta finalidade, porque o possuidor terá atado fortes *fios* ***aka*** aos objetos.

Segure cada um por sua vez nas mãos, depois de instruir George para colocar um *dedo* ***aka***, sentir ao longo do *cordão* ***aka*** ligado ao objeto e trazer de volta uma impressão do dono. Depois de suficiente prática em instruir George, em seguida relaxar e esperar que aja, começará a apresentar ao foco da consciência do *EU Médio* suas impressões da pessoa na outra extremidade do *fio* ***aka***, ligada ao objeto. Estas impressões podem ser lembradas ou

escritas e pode ser feita mais tarde uma verificação com o amigo que realizou o empréstimo dos artigos.

Nos testes de psicometria em um grupo APH, uma caixa foi passada entre os membros para coletar objetos a serem usados nos testes. Os objetos eram então distribuídos, recebendo-os as pessoas sem saber a quem pertenciam. A mulher que estava segurando meu relógio relatou que sentia o proprietário do relógio como um senhor idoso, com uma barba branca e uma personalidade muito bondosa. Quando reclamei o relógio, houve muita risada sobre o aparente erro, mas expliquei imediatamente o que tinha acontecido. O proprietário anterior do relógio tinha sido precisamente sentido e descrito. Ele o tinha carregado por alguns anos antes de sua morte e eu só recentemente o tinha recebido como um presente, da filha dele.

Uma vez que estes incidentes tocam no fato de que os *fios* ***aka*** podem levar a pessoas que já deixaram esta vida, pode bem apontar que este próprio fato é uma das muitas fortes evidências da sobrevivência humana da personalidade. O *corpo* ***aka*** retém as lembranças, após a morte física, assim como em vida. E estas lembranças, como também a aparência geral das pessoas delineadas no *corpo* ***aka*** sobrevivente, tornam possível trazer informação suficiente para identificar o indivíduo, como no caso do proprietário anterior do meu relógio.

Se não conseguir de George as impressões por meio da psicometria, pode-se recorrer novamente ao pêndulo, como vários dos APHs foram forçados a fazer. Com o pêndulo na mão usando a convenção que foi estabelecida para "*sim*" e "*não*", George pode ser instruído a seguir os *fios* ***aka*** estabelecidos até um amigo, encontrá-lo e indicar por um "sim" através do pêndulo que o contato foi completado. Realizado isto, as perguntas podem ser feitas e respondidas,

para dizer onde o amigo está, como ele é, o que está fazendo e se está com outros ou sozinho.

Conserva-se um registro das respostas, notando a hora do dia e verifica-se a precisão assim que se oferece a oportunidade. Um APH tinha um parente jovem cujo trabalho o levava pela cidade toda. Por este método, foi capaz de traçar os movimentos do jovem, precisamente. Com o tempo, costumava segurar o pêndulo em uma mão, e apontar para diferentes áreas da cidade em um mapa, enquanto George aguardava para dar uma oscilação significando "*sim*", quando o lugar certo era indicado.

Todos estes exercícios para treinar o *EU Básico* a desenvolver sua habilidade inata telepática são valiosos, porque tornam familiar o método de dirigir o *EU Básico* para seguir os *fios* ***aka*** até alguma pessoa ou coisa fora do homem. O mesmo método é usado quando desejamos contatar e enviar uma mensagem para o nosso próprio *EU Superior*.

Por aquilo que agora sabemos, é evidente que a região do plexo solar — no *corpo* ***aka***, não no físico — é onde os fios de conexão são ligados. Desse ponto podem ir em qualquer direção e acumular-se evidência de que há, durante nossa vida, *cordões* ***aka*** muito fortes que vão da região do plexo solar para cima, ao longo da espinha e saindo para fora através do topo da cabeça. Este cordão é a ligação natural entre o *EU Básico* e o *EU Superior*. .

E o que ativa este cordão? É o **mana**, a força vital. Falamos do **mana** em relação ao trabalho dos radiestesistas e no uso do Aurameter. Acabamos de explicar como leva os cachos de forma de pensamento ao longo dos fios ***aka*** na telepatia. De uma importância infinitamente maior é o fato de que o **mana** transporta as formas de pensamento ao longo do forte *cordão* ***aka*** que liga o *EU Básico* ao *EU*

Superior. É a força que torna possível a prece correta e eficaz, como também a resposta à prece.

Capítulo 6.
O Mana e a Sobrecarga de Mana

O mastro do totem dos indígenas norte-americanos, incorporando, como faz, um conjunto de antigos conceitos (que agora estão muito tristemente dispersos), nos oferece um dos melhores símbolos para os três EUs do homem, e para o **mana** ou força vital que usam.

No mastro do totem há uma coluna central, feita de uma figura colocada diretamente em cima da outra. Muitas vezes as duas figuras estão em pé sobre um animal e parcialmente unidas, como se uma estivesse sentada nos ombros da outra, as pernas cruzadas com os braços da figura inferior. Este par seria um bom símbolo da relação entre os *EUs Básico* e *Médio*, intimamente unidos, mas um deles um pouco acima do outro na ascensão provinda do mundo animal (simbolizada pelo animal em baixo). Ainda mais alto e raramente tão intimamente unida, vem uma figura que frequentemente tem asas abertas e que é ideal como representação do Anjo Guardião ou *EU Superior*, cujo símbolo é um pássaro. No cristianismo, era a pomba que viera do céu para pousar em Jesus recém-batizado.

O tronco central em que as imagens são esculpidas pode representar o **mana** básico, conforme é extraído da comida que ingerimos — seja ela do mundo vegetal ou animal — e do ar que respiramos. Este **mana** é retirado da comida e do ar pelo *EU Básico* e é armazenado em seu *corpo **aka***, mas é compartilhado com o *EU Médio* e o *EU Superior*.

Podemos supor que, se houvessem mais figuras

esculpidas no mastro do totem, acima daquela que selecionamos para desempenhar o papel do *EU Superior*, estas poderiam representar uma escala sempre ascendente de Seres mais elevados, que também devem receber **mana**, se precisarem ter força grosseira e pesada do mundo físico, suficiente para trabalhar em sua matéria e fazer as mudanças necessárias.

O **mana**, quando usado como a força vital do *EU Médio*, é transformado de alguma forma sutil. Não sabemos exatamente como. Os Kahunas antigos simbolizavam isto como uma **divisão** do **mana** básico em duas espécies, e o chamavam, no estado dividido, de **mana mana** — indicando pela duplicação da palavra, o fato de que estava duplicado em seu poder, a fim de que pudesse ser usado pelo *EU Médio* para comandar e controlar o *EU Básico*.

Esta é a força que conhecemos vagamente na moderna psicologia como a “vontade”. É também a força que deveria ser suficientemente potente, em qualquer ocasião, para fazer o *EU Básico* obedecer **a** toda ordem, mas que, como é fácil ver, raramente é usada em sua força total, resultando em um *EU Básico* que foge do controle frequentemente, em muitos de nós.

É tão mais fácil “deixar George fazer isso” do que decidir por nós próprios qual é a melhor coisa a ser feita e então manter George seguro, com um domínio firme da “vontade”, e fazê-lo executar o que tem de ser feito. Muitos de nós temos experimentado o fracasso em manter um regime, parar de fumar ou abandonar qualquer mau hábito.

Em alguns casos, George se comporta como um cavalo amedrontado que toma os arreios em seus dentes e foge. Uma vez que se põe a correr, há pouco a ser feito senão deixá-lo ir, enquanto o cavaleiro espera e aguarda pelo melhor. Uma vez que George, com seu gênio para formar

hábitos, aprende a realizar certa coisa de determinada forma, faz o seu mais poderoso e melhor esforço para impedir que o *EU Médio* lhe quebre o hábito.

Geralmente não se sabe que podemos usar certos exercícios (que serão logo descritos), para acumular uma sobrecarga — uma carga extra, grande e poderosa — de força vital a qualquer hora que necessitemos, desde que tenhamos uma saúde razoável e não estejamos morrendo de inanição. Podemos usar estas sobrecargas de **mana** de vários meios muito valiosos, particularmente na autocura e de outros e ao fazer uma prece que terá um real poder de agir.

Os kahunas acreditavam que, por uma ação da mente, uma pessoa aumenta a quantidade de **mana** que já criou a partir da alimentação e ar consumidos, apressando o processo de extração. Esta teoria é apoiada pelos nossos fisiologistas, ao descobrirem que, quando digerimos nossa comida, ela não é consumida imediatamente, mas é transformada em glicogênio ou açúcar sanguíneo e oxidada com o oxigênio do ar que respiramos, para fornecer-nos a quantidade de força e vigor que possamos necessitar para o trabalho que vamos realizar. Se isto é verdadeiro, e não há razões para questionar a descoberta, o *EU Básico*, que trata de tais assuntos, pode a qualquer hora começar a respirar mais ar e fazer com que mais açúcar sanguíneo seja queimado, para criar mais dessa estranha força quimicamente manufaturada que chamamos de **mana**.

O *EU Básico* aprende a fazer isso, na maioria das vezes, com muito pouco problema. Com um talento natural para esse trabalho e com suficiente prática, ele se torna perito e, como alguns dos APHs viram demonstrado em 1950, pode projetar a sobrecarga a um indivíduo em relaxamento e jogá-lo inconsciente no chão — não que qualquer bom APH

tomasse parte em tais atividades. (Esta demonstração foi feita por um hipnotizador itinerante em Hollywood, na Califórnia, e não como uma parte dos testes APH).

O fato mais interessante sobre o **mana** é que parece vivo e ter uma forma de inteligência própria. Isto não é o que acontece. Ele só pode agir quando carrega e vitaliza substância ***aka***, como quando um *dedo* ***aka*** é projetado, e invariavelmente a consciência é a do *EU Básico*, que está ditando a projeção e também as coisas que deve realizar. (A exceção acontece quando um espírito desencarnado assume o controle e dirige a sobrecarga de **mana** ao próprio *corpo* ***aka*** de seu *EU Básico*, e usa-o lá).

O acúmulo de uma sobrecarga de força vital é realizado, assim como no oscilar do pêndulo, ou na identificação de objetos ocultos em caixa de papelão — simplesmente explicando a George o que ele tem a fazer e depois pedindo-lhe para tentar realizar isso.

Para ajudá-lo, depois de explicarmos que queremos que queime mais comida na corrente sanguínea e fabrique muito mais força vital para acrescentar àquela já armazenada no seu *corpo* ***aka***, podemos usar os músculos voluntários e começar a respirar mais profundamente. Isto não só fornecerá o ar a ser usado, como também sugere o que desejamos que seja realizado.

Outra coisa que podemos fazer é realizar uns poucos exercícios, enquanto esperamos que George comece a trabalhar. Isto sempre impulsiona o *EU Básico* a manufaturar mais **mana**, de outra forma consumiríamos o que temos em poucos minutos e começaríamos a ficar tontos. Todo atleta sabe que só pode ir tão longe e tão rápido quanto "seu primeiro fôlego" — que é a carga de **mana** que tem em seu corpo e *corpo* ***aka*** no começo — mas que em pouco tempo consegue um novo suprimento de força — "seu segundo

fôlego" — e pode então continuar firmemente na maior velocidade.

Ou, em lugar do exercício, podemos assumir a atitude mental de alguém se aprontando para dar uma corrida. Conservamos na mente o quadro de prepararmo-nos para correr, respiramos mais rapidamente e deixamos os músculos um pouco tensos. George raramente falha em apanhar a ideia e começará a criar o **mana** desejado.

Eu narrei em "*Milagres da Ciência Secreta*" os métodos práticos ensinados pelo Barão Eugene Fersen, para criar uma sobrecarga de força vital no corpo. Ele percorreu este país alguns anos atrás, fazendo conferências e dando aulas. Seu termo para **mana** era "Força de Vida Universal" e tinha alguma ideia de que há graus nela. Contudo, não conhecia os três EUs da crença kahuna, nem seus três **manas**.

A diferença básica entre a teoria de Fersen e a teoria kahuna, como a vemos, jaz na questão de onde vem a sobrecarga de força vital. O barão Fersen acreditava, em parte, com os religiosos de algumas escolas da Índia, de que há uma Força de Vida Universal que está em toda parte, assim como um grande oceano de força espalhado pelo universo e do qual todos os seres vivos retiram sua participação neste poder de dar vida. Os kahunas não deixaram nada, quando desapareceram da face da terra no final do último século, que pareça indicar que consideravam a força vital universal em caráter. Mas Fersen acreditava que, por uma ação da mente, podia retirá-la do ar, absorvê-la e armazená-la em seu corpo.

A afirmação do Barão Fersen era: "*A Força de Vida Universal está fluindo através de mim agora... eu a sinto*". Havia uma pausa entre as duas partes da afirmação para deixar o fluxo acumular-se. Enquanto fazia esta afirmação, seus alunos ficavam de pé, com os pés tão separados quanto

fosse confortável manter, e estendiam os braços e mãos dos lados, ao nível dos ombros. Sua crença era de que os quatro membros se estendiam além do corpo astral ou duplo etérico e tocavam o fluxo de força no ar ao redor do aluno, absorvendo a carga como a antena do rádio capta as ondas de rádio de uma estação. Logo havia um formigar nas mãos, que podia ou não ser causado pelo acúmulo da sobrecarga, mas era esperado e a afirmação dizia que estava lá e George cumpria. (Ou, a circulação nos braços podia ter sido diminuída e por esta razão o formigamento acontecia). De qualquer forma, a sobrecarga de **mana** aparecia e podia ser demonstrada.

O falecido Dr. Oscar Brunler, o afamado cientista e radiestesista, foi um APH muito útil. Demonstrou ele um método que tinha usado, que era ainda melhor que o método Fersen, embora baseado na mesma ideia discutível de que a força estava no ar. Seu método acrescentava suficiente exercício físico à operação para provocar um início automático do acúmulo de mais **mana**, bem como respiração profunda e mais rápida. Ficava de pé, com os pés quase juntos e revolvia o ar com dedos estendidos, alcançando o mais alto que pudesse, ficando na ponta dos pés e revolvendo em um movimento circular que varria além dos lados de seus tornozelos (inclinando o corpo para alcançar os tornozelos) e terminando com as mãos e dedos trazidos ao redor e atrás de si, tão alto quanto possível.

Este círculo inclinado era, desta forma, cerca de três quartas partes de um círculo completo. Ao final de cada movimento de remexer, ele relaxava os braços e mãos um momento e os trazia de volta, depois endireitava o corpo, levantava os braços e repetia o movimento rítmico de revolver. Isto era feito vigorosamente várias vezes, enquanto sentia o quadro mental da força da vida sendo reunida e uma grande quantidade extra dela armazenando-se no

corpo.

O método Brunler, junto com a afirmação "*Eu estou acumulando uma grande sobrecarga de **mana***", repetida com cada balanço, é excelente. Mas, uma vez que George aprende a arte, obedecerá sem nada mais que um pedido mental do *EU Médio*. Algumas pessoas carregam uma carga normal de **mana** que é alta, outras uma muito baixa, mas todos podem acumular uma sobrecarga, o que pode ser testado.

O teste que o Barão Fersen usava e ensinava era simples. Uma pessoa bem carregada pode, se imaginar e figurar que está assim procedendo, fazer o **mana** em seu corpo concentrar- se nas mãos e lá tornar-se magnético em sua ação. As mãos são tornadas magnetos humanos desta forma simples e podem ser colocadas levemente nos ombros de um amigo que não esteja com sobrecarga (o amigo estando de costas para ele) e quando as mãos forem retiradas vagarosamente, puxarão como ímãs, muitas vezes com força suficiente para fazer o amigo perder o equilíbrio. Certas pessoas são muito facilmente atraídas desta forma que outras. Adquirindo antecipadamente uma sobrecarga e depois testando uma pessoa diferente, será encontrado um sensitivo que responderá ao puxão mais prontamente que os outros.

Contei em outra parte sobre uma experiência que realizei, após estudar com o Barão Fersen em Honolulu e praticar um pouco em acumular uma sobrecarga. Eu tinha conseguido um forte puxão, com sucesso, em vários amigos da turma, mas não estava seguro de que a sugestão ou mesmo a imaginação não pudessem ser responsáveis pela atração. Afim de me certificar, arrumei com um conhecido da turma para fazer um teste com o cachorro dele. Revezamo-nos, acumulando uma sobrecarga, ficando de pé

atrás do cachorro, colocando ambas as mãos em sua anca e retirando-as vagarosamente. O cachorro era atraído para nossas mãos, não importando quanto se agarrasse ao tapete para resistir. O estranho era que não sentíamos nenhum puxão em nossas mãos. Este fato é ainda difícil de explicar, mesmo em termos da Huna; contudo, é possível que o ***aka*-mana** em nossas mãos se expandisse enquanto as retirávamos, retendo um aperto no cachorro de alguma forma e, sob o comando do *EU Básico*, este usava a força nas projeções ***aka*** invisíveis para puxar o cachorro para trás.

Os espíritos, com nada mais que seus corpos ***aka*** e **mana** retirado dos vivos, podem usar todo o **mana** em um único e repentino esforço, com o resultado de que o vivo pode ser levantado no ar; mesmo pianos pesados são erguidos, ou casas inteiras sacudidas como por um terremoto).

Os kahunas, deve-se lembrar, usavam o símbolo da água para **mana**. Quando desejavam acumular uma sobrecarga, respiravam profundamente e visualizavam o **mana** erguendo-se como a água se levanta em uma fonte, cada vez mais alto, até transbordar. O corpo é visto como a fonte e a água é o **mana**.

Também podiam enviar ***aka*-mana** em bastões de arremesso, os quais, quando lançados sobre as cabeças de uma linha de guerreiros combatentes, para bater em um inimigo, tornavam o guerreiro assim atingido temporariamente inconsciente, assim como o hipnotizador em Hollywood, projetando uma sobrecarga ao longo da linha de sua visão — indiscutivelmente com a projeção de um dedo ***aka*-mana** — podia fazer uma pessoa rolar e cair inconsciente no chão.

O teste do puxão magnético demanda outras pessoas para realizá-lo e, por esta razão os APHs necessitavam de

um teste simples que pudessem realizar sozinhos. Não foi delineado logo, mas com o tempo desenvolveu-se um, que era satisfatório para muitos dos que tinham ensinado seus Georges a manejar um pêndulo com razoável habilidade.

Nesse teste, o pêndulo é tomado nas mãos da forma normal, mas seguro sobre a palma da mão esquerda. Dizia-se simples e cuidadosamente a George que desejávamos um relato, em código, através do pêndulo, da quantidade de **mana** que ele agora tinha em sua guarda — isto é, nos corpos físico e ***aka***, interpenetrados (isto daria a contagem normal; sem a sobrecarga).

Neste código, como em todos os outros, uma convenção deve ser estabelecida e bem entendida. Esta deveria ser feita para abreviar a apuração, uma vez que leva um longo e cansativo espaço de tempo para balançar uma contagem de mil. Sugira centenas, por esta razão e porque só estamos desejando uma comparação com a contagem que será feita após ter sido adquirida a sobrecarga. Será uma mudança interessante obter oscilações em círculos, que podem ser contados, em lugar dos balanços em linha reta anteriores.

O processo pode ser ainda mais abreviado pelo uso de uma convenção na qual você diz: “A contagem é acima de 300 oscilações? ” E se é obtida a resposta “sim” em 300, mas um “não” a 400, dizemos “Muito bem, vamos começar a contagem em 300”. Quando se alcança o número certo, George deve parar o balanço com uma leve sacudida ou agitação do pêndulo. Se você duvidar da contagem a que chegou, verifique com George a sua descoberta pelo método “sim” e “não”.

Quando se chegar a um acordo quanto à carga normal, deveria ser acumulada uma sobrecarga e feito outro teste para verificar a nova contagem. É bom ter um registro dos resultados desta prática cada dia, pois com somente uns

poucos minutos de prática diária, pode-se ver que a sobrecarga se torna cada vez maior. Algo em torno do dobro do normal é um bom resultado. Quatro vezes o normal é suficiente para enviar você e seu George para o topo da turma.

Alguns APHs nos relataram que o pêndulo balançava muitas vezes em círculos muito amplos, mas que George apenas continuava a oscilação da forma infindável, até que seus braços estivessem cansados demais para segurar o pêndulo por mais tempo sobre suas palmas. Tive a oportunidade, em duas ocasiões, de fazer testes de verificação com o pêndulo e meu George sobre as mãos de APHs que não podiam obter nada além de infindáveis contagens de balanços. Meu George provou ser satisfatório na medida para outros, como tinha sido para mim, dando-nos a contagem normal em cada ocasião e depois a contagem ampliada, após ter sido adquirida a sobrecarga. Em ambos os casos, uma pequena conversação e talvez um pouco de diálogo silencioso entre nossos dois Georges resultaram que o exercício fosse entendido e as oscilações erráticas mudassem para dar contagens precisas.

Por esta experiência, concluímos que a convenção não tinha sido entendida pelos Georges. Tinham apanhado a ideia de que o pêndulo devia balançar em círculos para indicar a carga de força vital — o que é ideia muito simples e fácil de entender — mas tinham falhado em entender sua parte ao usar um certo número de balanços para indicar uma carga normal e de fazer um número maior de oscilações para mostrar a sobrecarga.

O indivíduo com um nível baixo de carga normal de **mana** quase sempre pode descobrir que é capaz de sentir o aumento de **mana**, após fazer a sobrecarga. Esta acrescenta uma sensação de bem-estar, de força física, de vontade e

determinação e aguça a mente, torna a memorização mais rápida e mais fácil e os sentidos mais sensíveis.

A última característica é melhor notada na visão. O teste APH preferido é aquele de pendurar um quadro colorido, olhar para ele antes de adquirir uma sobrecarga e depois novamente, após ter acumulado a sobrecarga. A visão se torna mais clara e, além disso, é surpreendente o quanto mais vasto é o campo de que nos tornamos conscientes ao mesmo tempo, e quantos detalhes a mais sobressaem e como as cores se fortalecem. Um APH trabalhava durante longas e cansativas horas em seu emprego e descobriu que, se uma ou duas vezes, de manhã e de tarde, fizesse uma pausa para tomar uma sobrecarga de **mana**, ficava imediatamente fortalecido e grandemente revigorado.

Todas as evidências mostram que o **mana** é, na verdade, a força vital, e que, com ele a vida é forte e, sem ele, se desvanece. Isto não é exclusivamente uma descoberta da APH ou da Huna. Os médicos há muito sabem que se o nível de força vital cai muito baixo, o *EU Médio* perde seu controle sobre o *EU Básico* e este, faltando orientação, torna-se errático, depois surgem sintomas neuróticos ou psicóticos. E se o nível estiver suficientemente baixo, a vítima mergulha num estado de morbidez e depressão que pode terminar em insanidade.

Não se pode aumentar a substância de seu *corpo **aka*** ou perdê-la, mas pode-se aumentar sua carga de **mana** com resultados muito benéficos, quando estiver baixa demais ou quando for necessário mais mana para uma finalidade ou outra. Ao contrário, pode-se perder o **mana** a ser progressivamente afetado pela perda, terminando, se a perda for completa, em morte.

Contudo, o ponto que é mais importante ao considerar

o **mana** é que, quando se aprender a acumular uma sobrecarga, é possível usá-la — com a ajuda do *EU Superior* — para realizar milagres que vão desde a simples cura a mudanças miraculosas nos tecidos do corpo e mesmo no tecido do futuro.

Por esta razão, em lugar de fazer uma pausa aqui para discutir o uso da sobrecarga de **mana** nas mãos dos *EUs Básico* e *Médio*, prosseguiremos imediatamente a considerar a natureza do *EU Superior* — a fim de que possamos o mais breve possível empreender o trabalho com **mana** e cachos de *formas de pensamento*, em que todos três EUs trabalham juntos, como uma equipe perfeitamente equilibrada e coordenada.

Capítulo 7.
O Eu Superior

Os kahunas acreditam na terceira e mais alta forma de consciência do homem — aquela a que chamamos por convenção de *EU Superior* — e realizavam seus milagres através do contato com ele. Este, tal como os *EUs Básico e Médio*, é um espirito. Habita em seu *corpo* ***aka***, fora do corpo físico. Pode estar muito próximo deste ou a certa distância. Se os três EUs estiverem trabalhando, normal e livremente, o *EU Básico* — a pedido do *EU Médio* — pode a qualquer hora chamar o *EU Superior*, por meio do *cordão* ***aka***, e transmitir-lhe sua mensagem.

O nome que os kahunas usavam para o *EU Superior* era ***Aumakua***, significando "Espírito Paternal Totalmente Confiável" e ainda, "o deus que é um pai". Não era um pai comum, como é demonstrado pela raiz ***au***, que significa "mais velho" e totalmente amadurecido e evoluído, de forma que é superior em força, sabedoria e em confiabilidade. ***Au*** também significa "um cordão", neste caso o *cordão* ***aka*** que o liga ao seu par de EUs menos evoluídos.

Au, a palavra-raiz, também significa "uma ação da mente" e "um fluxo ou corrente, como do mar", que simboliza na raiz o fato de que o *EU Superior* realiza uma ação com sua mente, em resposta a nossas preces, para levar à realização, mas ao mesmo tempo deve haver um fluxo de **mana** para ele. (Um fluxo de corrente de água é um símbolo de mana).

Makua é "pais" ou "pai", e a raiz ***ma*** significa

“acompanhar”, representando o fato de que ele acompanha os *EUs Básico e Médio* através da vida, como seu guia. A mesma raiz tem o significado de “solidificar” e isto nos leva a uma das mais interessantes crenças encontradas na Huna.

É a crença de que todos os acontecimentos e circunstâncias que pedimos na prece para que o *EU Superior* faça acontecer, são primeiro formados de moldes invisíveis de substância ***aka***, pelo *EU Superior* — tendo ele o conhecimento e o poder para isso (se lhe for dado pelo *EU Básico* um suprimento diário de **mana**) — e que, a substância física é *solidificada* ou *materializada* dentro destes moldes ***aka***. Quando a *solidificação* é completada, o acontecimento ou circunstância de cura pedida repentinamente aparece como um fato ao nível físico.

A esta altura pode-se perguntar: qual a relação entre este conceito de poderes benéficos do *EU Superior* e Deus?

A ideia de Deus Supremo foi a contribuição hebraica para o pensamento mundial sobre este assunto. Mas ao realizar esta monumental peça de raciocínio, os pensadores causaram, para muitos ramos das religiões, a eliminação de todo nível ou forma de consciência existente entre o *EU Médio* e o Deus Supremo, deixando um vasto vazio que é contrário àquilo que vemos no processo evolutivo comum da terra.

Vemos a evolução da vida acontecer através de uma forma elementar para a próxima, através de formas cada vez mais complexas e assim por diante, até que seja alcançado o nível humano.

Cada forma de vida, não importa quão simples ou quão microscópica seja, mostra claramente possuir uma forma de consciência que a dirige e uma participação na força vital para vivificá-la. Parar no homem e saltar o abismo

inimaginável dos seus poderes inferiores de criatividade mental e física, para o do Criador Supremo, está em desacordo com tudo o que observamos em toda a parte — ordenado processo evolucionário, passo-a-passo, de progresso ascendente. Naturalmente, o fato de que o nível acima do homem físico não é visível aos olhos físicos, é responsável, em parte, por esta falha ser razoável.

O Deus mosaico era, para torná-lo mais aceitável, feito muito à imagem do homem. Para aqueles de pouca visão, era um ancião benigno com uma longa barba e olhos faiscantes, perigoso em sua ira, a não ser que se obedecesse ao que tinha ordenado. Supõe-se que seus mandamentos foram dados aos sacerdotes e entregues a leigos confiáveis. Faltando mandamentos dados em primeira mão, o livro em que os primeiros mandamentos tinham sido escritos tornou-se “a Palavra de Deus” e a desgraça atingia quem quer que contestasse aquela Palavra.

Não fazia diferença o fato de que tais “Palavras de Deus” existiam em todas religiões e que estas não concordavam muito sobre quais tinham sido os mandamentos.

Os kahunas acreditavam que, como o homem tem uma trindade de espíritos, deve haver também uma trindade de Seres constituindo o Deus mais elevado. A estes chamavam de ***Ku***, ***Kane*** e ***Kanaloa***, de acordo com os relatos lendários havaianos, mas eram considerados tão evoluídos e acima do nível humano que somente podiam ser personificados como grandes homens de poderes mágicos, que criavam mundos e pessoas e os governavam.

Os kahunas eram muito lógicos e sábios ao reconhecer a impossibilidade do *EU Médio* jamais ser capaz de entender a natureza do *EU Superior* ou a forma de mentalização que ele usa. Concluía-se que, se não podemos entender o *EU*

Superior, que é uma parte de nosso próprio ser e somente um estágio acima do *EU Médio* em evolução, a possibilidade de compreender Seres ainda mais elevados ou o Deus Supremo é muito improvável, na verdade.

Ensinavam que todas as preces devem primeiro ir para o *EU Superior*, pela simples razão de que somente ele está no final do *cordão* ***aka*** e porque nenhum Ser mais elevado pode ser alcançado.

Contudo, havia a crença de que, se o *EU Superior* não fosse capaz de realizar a condição pedida na prece, ele podia — à sua própria discrição — levar a prece a Seres ainda mais elevados.

Além disso, os *EUs Superiores* não existem como "lobos solitários". Fazem parte de uma associação íntima, amigável, chamada de ***Poe Aumakua***, ou "*Grande Companhia de* ***Aumakuas***", pronta a fazer tudo o que podem para ajudar-se mutuamente e, especialmente, a ajudar seus *EUs Básicos* ou o homem físico e auxiliar os indivíduos sobre quem os *EUs Superiores* associados agem como guardiões.

Conforme dito brevemente no Capítulo I, uma das mais importantes descobertas foi a de desvelar os ensinamentos Huna contidos em declarações veladas e pouco entendidas da Bíblia. Por meio dos símbolos usados, e traduzindo para a "língua sagrada" onde os significados interiores estão ocultos em palavras-raízes, estas declarações começaram a ficar claras. Revelaram um conhecimento comum entre os iniciados dos tempos bíblicos e os kahunas, no distante Pacífico.

Vamos, por exemplo, tomar a palavra *Jeová*, usada como um dos nomes de Deus no Velho Testamento. O significado de Jeová é "aquele que vem". Vertemos a frase "aquele que vem" em havaiano e temos **kokoke** e isto nos dá não somente o significado externo "aquele que vem" que

era tudo o que podia ser transferido por escrito nas escrituras hebraicas — mas também fornece as raízes das quais tiramos uma boa descrição de divindade assim nomeada.

E isto, como será visto, torna-se realmente uma descrição dos poderes do *EU Superior*.

Ko:. Cumprir, realizar, preencher (como responder às preces).
Realizar como um acordo (ou pacto).
Obter aquilo que é procurado.
Colocar uma lei em ação.
Conquistar ou submeter (ter grande poder).

Koko: Substituir um osso(como na cura instantânea).
Ajustar um osso.
Sangue" (símbolo na Huna da vida do corpo).
Cumprir (Mais enfático que apenas ***Ko***. O *EU Superior* faz as coisas acontecerem para cumprir a promessa de responder à prece).

Koke: Estar próximo (não distante, chegar perto de alguém).
Estar em termos amigáveis com alguém.
Ser atraído para alguém.
Favorecer alguém.
Fazer instantaneamente rápida e imediatamente
(Com o causativo hoo).

Têm acontecido algumas tentativas, nas igrejas cristãs modernas do tipo menos ortodoxo, de estabelecer um conceito do "Deus interior" o "Deus que reside no interior" ou "o pai que está dentro de vós". A ideia surgiu de certas frases do Novo Testamento, talvez especialmente das palavras de Jesus: "O reino dos céus está dentro de vós".

Procuramos na língua havaiana palavras que significassem “*um Deus que habita com ou dentro de alguém*” e encontramos ***akua noho***, outro dos vários títulos para o *EU Superior*.

Os significados ocultos são fornecidos pelas palavras-raízes como a seguir

Um ***akua*** era qualquer entidade ou ser superior ao *EU Médio* em inteligência ou poder ou outros atributos. Era superior em suas habilidades de julgar e aconselhar, guiar e proteger. ***Noho*** significa “habitar com alguém” — como o *EU Superior* chegando, a pedido, para habitar com o *EU Básico* e *EU Médio*. Mas, enquanto está com o par de EUs inferiores ou em contato com eles através do *cordão* ***aka*** de conexão, todos três EUs estão em uma condição especial ou estado de ser, o que é indicado pelo segundo significado, ***noho***. Este segundo significado é muito importante: é “*ter privilégios iguais*” com os *EUs Básico e Médio*. Isto aponta o fato de que ele deve ter participação no ***mana*** ou, força vital do homem para permitir-lhe funcionar no denso plano físico e também fazer seu trabalho criativo de moldar o futuro, no nível invisível de seu ser.

Isaías cita precisamente as ideias Huna do *EU Superior*, ao descrevê-lo como “Maravilhoso, Conselheiro”. Ele é tudo isso e mais ainda, devido a seu nível mais evoluído de inteligência e conhecimento mais elevado. É Guia como também Guardião, se nós apenas abrirmos nossos dois EUs inferiores e lhe permitirmos desempenhar seu papel natural em nossas vidas, neste nível. Isaías também chama o *EU Superior* de “Pai sempiterno” e isso nos leva de volta ao conceito de pai na palavra para *EU Superior*, ***Aumakua***.

Séculos após o tempo de Isaías, Jesus enfatizou o aspecto divino de “pai amoroso” até a completa exclusão do zeloso e irado Deus de seus antecessores. Isso não foi

omissão de parte de Jesus. Como dissemos, ele deve ter sido um iniciado nos antigos ensinamentos de Huna. Como tal, era capaz de tornar-se ativamente unido com, ou “um com o Pai” à sua vontade e, dessa forma, capaz de gozar o auxílio do *EU Superior*, ao viver a vida de homem triuno.

Jesus geralmente intitulava-se “Filho do Homem”, mas às vezes, Filho de Deus. Quando desafiado por causa deste último título, citava as antigas escrituras: “*Afirmo que vós sois deuses*”. Ele estava falando, como fez o salmista que estava citando, de seu nível de *EU Superior*.

Alguns dos Associados de Pesquisa Huna, criados dentro do cristianismo, questionaram a necessidade de sempre “pedir em nome de Jesus”, ao orar, Jesus instruiu “*Pedi em meu nome*” e uma ordem tão clara e incomum parece definida demais para colocar-se de lado como irrelevante.

A frase “Pedi em meu nome” pode ser traduzida ao havaiano e desta forma o significado secreto é revelado. O pedir é um “invocar” a quem se reza, no idioma havaiano. A palavra usada é ***ku-he-a*** ou sua alternativa ***ka-he-a*.** Em acréscimo ao significado de “chamar”, as raízes destas palavras nos dizem como invocar o *EU Superior* da maneira Huna.

Estende-se um *dedo* ***aka*** para tocar o *EU Superior* e atrair a atenção dele e, ao fazer isso, realiza-se um ato comparável àquele de pegar o telefone de seu gancho e discar um número. A chave na peça do aparelho permite que a corrente de eletricidade flua através do fio e o traga à vida. O fio ou cordão de substância ***aka*** que vai do *EU Básico* ao *EU Superior* é, de forma semelhante, carregado de **mana** e fica pronto para uso. A atenção do *EU Superior* é atraída e fica pronta para receber a mensagem telepática ou prece que enviamos, não somente em palavras, mas em

cachos de *forma de pensamento*, que representam palavras e pensamentos, quando são impulsionados ao longo do *cordão* ***aka*** pelo fluxo de **mana**, até o "Pai" *EU Superior*.

Isso corresponde ao segredo oculto na frase "pedir" ou "invocar". Em seguida vem o segredo oculto na palavra dos kahunas para "nome".

Esta é ***i-noa***. Nas raízes desta palavra, encontramos oculto o significado de "falar", indicando que o *EU Superior* responderá ao nosso apelo, e o significado de "liberar alguém de restrições de todas as espécies". Este é o pedido de que o *EU Superior* nos ajude a fazer o contato com ele, pela remoção de qualquer obstáculo que possa estar impedindo o *EU Básico* de enviar o **mana** e as formas de pensamento da prece para ele.

Ainda outra raiz tem um significado que nos diz o que é que faz com que o *EU Básico* falhe em ativar o *fio* ***aka*** ou "senda" simbólica ao *EU Superior*. Este significado é "ferir alguém de alguma forma", que no sistema Huna é cometer um "pecado".

Na Huna há um grande pecado, que pode ser conscientemente cometido, e somente um: FERIR ALGUÉM. O *EU Superior* está além do poder de ferir dos EUs mais abaixo, embora anseie para que o homem inferior viva a vida boa e sem ofensa. Pode ser entristecido, quando o homem permanece pecaminoso e, por causa de seus pecados, separa-se da ajuda e orientação diária que, sob circunstâncias normais, o *EU Superior* fornece.

O pecado de ferir outros, mental ou fisicamente ou ferir nosso próprio corpo por excessos, são coisas das quais estamos plenamente cientes e podemos parar de cometer. Há outros "pecados" sob forma de complexos e obsessões que serão discutidos no devido lugar.

A prece bem-sucedida, adequadamente dirigida a Deus por meio do *EU Superior* ou “Em meu nome”, como ensinado por Jesus, não pode ser feita enquanto se é culpado de ter ferido outros. Devem ser feitas reparações por todos ferimentos causados aos outros, se isso for possível, e se não, boas ações pelos outros, isentas de egoísmo, devem ser realizadas como uma reparação vicária pelos ferimentos causados àqueles que não mais podemos encontrar para pedir perdão e receber as coisas que podem ser oferecidas como restituição ou pagamento.

Uma das razões pelas quais o *EU Superior* foi chamado de “Pai Paternal Totalmente Confiável” foi a de que ele nunca interfere com os dois EUs inferiores{13} e não lhes retira o seu “livre arbítrio” — que é sua herança divina e direito de nascimento. Eles têm o privilégio de aprender por experiência e lhes deve ser permitido tentar, mas sem a interferência do *EU Superior* mais velho e mais sábio. Isto, naturalmente, pode levar a aprender pelo meio mais difícil, através da amarga experiência.

Alguns indivíduos têm um tipo de conhecimento “intuitivo”, que lhes diz haver um *EU Superior*, mas sentimento intuitivo é impossível de compartilhar. Pode-se apenas declarar a convicção de que sua intuição particular é válida e esta declaração pode ser ou não aceitável para outros.

Nos “*Milagres da Ciência Secreta*”, descrevi de forma extensa, o sistema místico encontrado no Zen Budismo, que se destina a sentir uma impressão intuitiva ou semi-sensorial do *EU Superior* como “*uma realidade*”. Contei minha experiência ao sentir esta forma de sensação e, com ela, a convicção de que há um mundo de arquétipos, que contém os moldes perfeitos de todas as coisas e as maiores verdades, embora sejam mantidas não para serem sentidas, mas como uma impressão de “estarem viventes” ou de

existirem fora do corpo e independentes do espaço, tempo e memória, mas sempre banhadas na luz, de uma cor ou de outra. Senti que eu era temporariamente uno com a luz, uma parte dela.

Podem ter havido experiências similares da parte dos primeiros kahunas, que os fez simbolizar o *EU Superior* como LUZ. Além disso, o *EU Superior* recebia o **nome de *Ao*** ou ***Io***, "*Luz*" e "*Verdade*" ou "*A Real Verdade*" e "*Realidade*". Dirigiam-se a ele frequentemente, com ***Ala***, que significa "*O Ungido*", mas que também significa "*O Caminho*", ou "*Senda*", ambas as palavras sendo símbolos do *cordão **aka*** que vai do *EU Básico* para o *EU Superior*.

No Novo Testamento, estes títulos são preservados somente neste sentido externo.

Permanecendo como alguém unido com o "*Pai*" e, portanto, podendo falar como o "*Pai EU Superior*", Jesus disse àqueles, de seus discípulos, que estava iniciando nos segredos antigos: "*Eu sou o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA*". A "*vida*" neste caso é o **mana** transformado pelo *EU Superior* e devolvido aos seus inferiores, como uma força de cura e bênção — como força do *EU Superior*.

Jesus falava de si próprio como a LUZ do Mundo e quando ensinava que somente através dele podia o reino dos céus ser alcançado; falava simbolicamente de si como *cordão **aka***, "CAMINHO" para o *EU Superior* — sendo este o único meio pelo qual se pode fazer contato com o *EU Superior*, a fim de fazer preces na forma Huna. O Reino dos Céus é também o *EU Superior*, simbolicamente.

O Ungido ou o Messias (o ser em contato com o *EU Superior*, como indicado em ***Ao***), era o título frequentemente usado no Velho Testamento, e tais referências foram apontadas por Jesus, séculos mais tarde,

como profecias de sua própria vinda e ministério. Estas passagens que se referem ao "Ungido" são breves e veladas alusões ao *EU Superior* e seus poderes abençoados, para ajudar, livrar dos problemas e perdoar o pecado.

Quando Jesus ensinava os não iniciados, usava o significado externo das palavras, assim como fizeram os kahunas durante sua estada no Egito e em sua residência posterior, na Polinésia. Para seus discípulos, contudo, ele ensinava os significados Huna ocultos nas raízes da língua sagrada. No Novo Testamento, em Mateus, 13:10-11, temos uma declaração muito clara, concernente ao seu ensino oculto. A tradução Fenton diz:

Tendo seus discípulos se aproximado Dele, perguntaram por que vós lhes falais em parábolas?

"*Porque*", respondeu Ele, "*é permitido a vós tornar-se familiarizados com os segredos do Reino dos Céus, mas não é permitido a outros*".

Nesta tradução literal, a frase da versão mais antiga da tradução do Rei Jaime foi substituída e a palavra "*mistérios*" tornou-se "*segredos*". Como a Huna era o grande "Segredo", há pouca chance de errar o significado desta referência oblíqua a ela, como o sistema que estava sendo ensinado.

Felizmente para a humanidade, a forma normal da vida é aquela onde os três EUs cooperam e os EUs inferiores convidam o *EU Superior* a desempenhar seu devido papel na tarefa de viver — recebendo o *EU Superior* sua parcela do "*pão nosso*", ou **mana** básico, e sendo pedido a ele sempre para usar sua sabedoria e poder superiores para guiar, curar e modelar o futuro do melhor modo possível.

A maior descoberta única na vida de qualquer ser humano é de que há um *EU Superior*. A segunda grande

descoberta é de que há um método de cooperar com ele para ser aprendido e colocado em uso.

Na vida normal, o *EU Superior* automaticamente fornece a orientação diária atrás dos bastidores, mesmo se não se está ciente disso. As coisas apenas “acontecem” da forma certa. As dificuldades são evitadas e a vida é vivida de forma suave, feliz e bem-sucedida. Serve-se e recebe-se a “alegria do Senhor” ou a felicidade que advém de ajudar os outros. Ao mesmo tempo, evolui-se. O *EU Básico* é treinado e aprende rapidamente a ser mais e mais como o *EU Médio*. O *EU Médio* torna-se mais e mais “confiável” dia a dia, e assim aproxima-se rapidamente o tempo em que se gradua no nível acima da consciência e vida e torna-se um *EU Superior*.

Aquele que é bem-sucedido em se unir frequentemente com o *EU Superior*, por meio do contato feito pelo *EU Básico* ao longo do *cordão **aka***, é simbolicamente, “subjugado” ao Senhor **EU Superior**. Jesus, falando novamente como e pelo “Pai”, ensinava “Meu jugo é suave, minha carga é leve” e assim os kahunas também ensinavam a respeito do homem purificado e capaz de unir-se, de acordo com sua vontade, a seu *EU Superior*.

Cada um dos três EUs têm uma forma diferente de mentalidade. O *EU Básico* encarrega-se de lembrar. O *EU Médio* não pode lembrar-se mas pode usar a razão para chegar a um entendimento próprio do que está acontecendo. O *EU Superior* tem uma forma de habilidade mental que parece incluir a de lembrar, e usar um poder de raciocínio muito superior ao do *EU Médio*, sendo capaz de ver o passado e o futuro que já se tornou cristalizado.

Por causa destas formas diferentes de pensar, é impossível para os *EUs Básico* e *Médio* entender completamente o *EU Superior*. O melhor que podemos fazer é tentar entender tanto quanto permite nossa mente

limitada e, partindo daí, amar esse *EU Superior* semelhante a um Deus e permanecer no conhecimento de que ele nos ama a qualquer tempo, não importa o que façamos ou deixemos de fazer, e está sempre pronto a responder a nosso chamado e a ajudar-nos, quando assim solicitado.

Nós, os EUs inferiores, somos os únicos responsáveis por quaisquer limitações colocadas na quantidade de ajuda que nos pode ser oferecida.

Capítulo 8.
Como fazer a prece em cachos de Formas de Pensamento.

O conceito básico da prece na Huna está contido em um certo número de palavras familiares e significativas para o iniciado na tradição, mas carente de qualquer sentido especial para alguém de fora.

O “cálice”, que é preenchido até transbordar, é um dos excelentes símbolos, porque um cálice pode representar o cacho de *formas-pensamento* usado ao compor a prece, que vai ser feita pelos *EUs Básico e Médio* e enviada telepaticamente ao longo do *cordão **aka***, para o *EU Superior*.

O preenchimento do cálice simboliza a “resposta” da prece pelo *EU Superior*. Isto também permite um símbolo adicional muito bom de como ele dá a resposta. Ao enviar um acúmulo de **mana** para cima, ao longo do *cordão **aka*** para o *EU Superior*, carregando telepaticamente as formas de pensamento que incorporam a prece e fazem um cacho ou “cálice”, o **mana** é simbolizado como água se erguendo de uma fonte. Quando ela alcança o *EU Superior*, é transformada em neblina ou nuvem, e é usada para realizar as circunstâncias que darão a resposta à prece.

Após a passagem de tempo suficiente (a não ser que a resposta seja dada instantaneamente), a situação aparece como uma realidade física. Isto é simbolizado como o derramamento de gotas de chuva do *EU Superior* para preencher o cálice. (Um belo uso desta taça e chuva é

encontrado na moderna versão do baralho do Tarô, reunido por Waite e conhecido como o *conjunto Pamela Smith*[14]).

No Egito, e especialmente na Índia; o cálice era substituído por um lótus dourado, que é em si próprio um cálice. Por causa do fato de o lótus nascer do brejo, tem caule longo (representando o *cordão **aka***) e porque flutua na água (símbolo do **mana** do *EU Básico*), serve bem para ilustrar as coisas necessárias para a prece.

O significado Huna dos símbolos perdeu-se em alguma época e na Índia de hoje o lótus tem outros significados — embora a frase “*Oh! A joia no lótus*” usada em mantras, indique o **mana** simbolizado pela chuva ou orvalho caindo em gotas para preencher o cálice.

Os kahunas, nas distantes eras, certificaram-se bem de que o símbolo do cálice não seria confundido. Fizeram isto reunindo as palavras que significavam “jato de água” e “um cordão” para formar ***ki-aka,*** a palavra usada ainda hoje para “cálice”. A água “esguichada” através do *cordão **aka*** para cima, para o *EU Superior*, conforme indicado neste símbolo, é, naturalmente, a sobrecarga de **mana**.

O cordão é o *cordão **aka*** de ligação. O cálice em si é a matriz, molde ou receptáculo no qual o *EU Superior* simbolicamente verte a chuva de bênçãos, a resposta à prece, assim como se verte material em um molde para fundir uma imagem.

É a repetição destes símbolos usados pelos kahunas que tornou possível aprender a tradição secreta nesta época tão distante. Usavam vários símbolos para cobrir o mesmo significado, como regra geral, e desta forma se certificavam de que o segredo contido nas palavras não seria perdido através das mudanças nelas ou na compreensão delas.

Se os kahunas estavam certos ou não em sua firme convicção de que o *EU Superior* deve receber suficiente **mana** básico para permitir-lhe moldar as coisas ou condições no nível do futuro invisível, em “respostas”, não podemos dizer sem testar suas crenças e ver se elas são práticas. O mesmo pode ser dito da ideia deles de que o *EU Médio* deve fazer o “cálice” ou matriz de *forma-pensamento*, como um passo preliminar, isto é, visualizar as condições a serem concretizadas, antes de pedir ao *EU Superior* para desempenhar seu papel.

O que realmente sabemos, contudo, bem além de qualquer dúvida, é que os kahunas pensavam, acreditavam e que trabalhavam com um método básico de prece. Seus símbolos, que tomaram tais cuidados tremendos para nos legar em um excelente estado de preservação, têm garantido isso.

Outro símbolo que foi usado mais frequentemente que o do cálice ou do lótus era o da “semente”. As *formas de pensamentos* eram invisíveis e pequenas demais para serem vistas, verdadeiras partículas de pó de pensamento, mas podiam ser claramente simbolizadas como cachos de sementes, que podiam ser enviados para o *EU Superior* em um fluxo de **mana**, ao longo do cordão.

Uma vez que a semente é plantada, deve ser molhada e deixada crescer. O envio diário de uma sobrecarga de **mana** para o *EU Superior* era simbolizado como água para nutrir as sementes mandadas ao *EU Superior* e plantadas no Jardim invisível do Éden, onde todos bons frutos amadurecem (mas, onde há uma árvore que produz o fruto do conhecimento carnal do pecado — o complexo — e, se a fruta dessa árvore for comida pelo *EU Básico*, causa a expulsão do Jardim e a boa fruta — a resposta à prece — não acontece e não é apreciada).

É interessante examinar os sentidos ocultos que os kahunas colocaram em suas palavras significando semente: **ano-ano**. Não somente queria dizer uma semente no sentido ordinário, mas, nas raízes havia o significado de algo que **mudava o estado das coisas ou mudava as condições atuais**.

Isto nos conta exatamente o que o *EU Superior* faz, quando uma prece é enviada para ele, como, por exemplo, ao pedir que uma perna ferida seja curada. O quadro mental da perna curada é feito e enviado telepaticamente como uma prece, e este quadro é a "semente". É também (de acordo com um dos vários significados diferentes ocultos na palavra **ano**), uma **semelhança ou imagem da condição desejada**. É o **significado contido nas palavras da prece** quando são faladas em voz alta, enquanto a prece é enviada no mesmo instante pelo *EU Básico*, telepaticamente.

É **algo que é colocado à parte, para uma finalidade especial: consagrado**.

Esta mesma palavra para semente também é a que significa "agora" e, por causa disto podemos entender a estranha prática aconselhada por Jesus: "*Pedi, crendo que já tendes recebido agora*".

A **semente é o quadro mental da coisa desejada. NÃO das condições atuais imperfeitas**. E o quadro da condição perfeita, curada ou corrigida tem que ser visto como condição perfeita, quando a semente está sendo feita. É uma condição do agora na preparação.

Ou, podíamos dizer da seguinte forma: não se pode fazer um quadro da perna ferida e enviá-lo ao *EU Superior* como a condição a ser concretizada. O futuro desejado deve ser visualizado como se fosse presente e real AGORA,

mesmo se somente no corpo do quadro de forma de pensamento da “semente”. O trabalho mais importante dos kahunas foi o de fazer preces que recebiam respostas, seja devagar ou instantaneamente.

A palavra “kahuna” contém o significado-raiz que indica as microscópicas formas de pensamento que devem ser feitas como primeiro passo para a prece. Este significado é o de “*finas partículas, como pó*”. *Poeira* é um bom símbolo, porque se levanta quando agitada e se ergue como se dirigindo para o *EU Superior*. A mesma palavra-raiz também significa “esconder”, e este era o grande dever secundário de todo kahuna — ocultar a tradição “secreta”.

Preparar-se para fazer uma prece era um passo muito importante. Devia-se decidir com grande cuidado pelo que orar e tinha-se que fazer um quadro completo, detalhado e perfeito, tanto quanto possível, na mente, das condições que se desejava ver acontecer.

O quadro seria real, perfeito e como um aperfeiçoado AGORA, embora a condição pudesse não acontecer até uma ocasião posterior. Preparar-se era chamado **ho-ano**, ou “*fazer a semente*” e tinha também o significado de “*tornar a mente solene*”, como ao preparar-se para adoração, e de “começar uma ousada aventura”. A prece é a mais alta forma de aventura, se aceitarmos o ponto de vista Huna sobre ela.

Em nosso trabalho da APH, as primeiras experiências ao fazer a prece do tipo Huna trouxeram à luz o fato de que as pessoas comuns quase não têm ideia de como conseguir produzir um quadro mental claro. Cartas, como parte dos controles, nos foram enviadas para contar que as preces estavam sendo oferecidas. Em cerca de metade delas, a doença ou outra condição que deveria ser removida, estava incluída na prece, e assim também no quadro enviado ao *EU*

Superior.

No caso de uma dor crônica, como um osso quebrado que se recusa se soldar adequadamente, não se ora "cura minha perna quebrada", pela razão de que o mencionar do problema faz com que se torne parte do quadro ou semente.

Em curto espaço de tempo, começamos a voltar para coisas elementares, a fim de aprendermos a fazer uma figura que contivesse somente as condições desejadas — apenas o quadro da perna em perfeitas condições AGORA, isto é, como um AGORA existente no cálice-semente-quadro, curada e perfeita.

Isto era muito difícil de fazer, deve-se admitir, porque na memória do *EU Básico* todas as lembranças relacionadas ao ferimento da perna e sua condição prejudicada estavam ligadas por muitos *fios* de "associação", feitos de substância ***aka***. Mesmo ao preparar o novo quadro, somente com grande dificuldade podia se evitar começar a sequência de pensamento sem incluir o ferimento da perna.

Nossos teosofistas e aqueles que tinham praticado exercícios de concentração, meditação e contemplação, levavam vantagem sobre os que nunca tinham reservado tempo para praticar a bela arte de confinar sequências de ideias em um único trilho e fazer o trilho levar a um e único alvo.

Qualquer lembrança de uma coisa ou acontecimento conterá sua aparência, gosto, cheiro, tato, temperatura, lugar no tempo e espaço e sua relação racional com todos os eventos pertinentes. A partir daí, vemos que deveria ser feito um bom quadro mental de uma condição futura, contendo todos esses aspectos.

Para aprender como a mente trabalha nesse particular,

só temos que fazer uma pausa por um momento e começar a rememorar os acontecimentos de algumas horas atrás ou uma semana, mês ou ano passado. O *EU Básico* geralmente apresenta primeiro as impressões do sentido da visão, depois, junto com a localização no tempo-espaço virão os sons, cheiros, gostos, tatos e assim por diante.

Será observado que a imagem visual lidera todo o resto. O olho é o sentido mais desenvolvido e parece bem natural que as imagens da visão não somente sejam as primeiras a vir, mas também que sejam favorecidas pelo *EU Básico* como o método de comunicação mais fácil de manejar na telepatia.

Como apontamos em nossa discussão das comunicações telepáticas entre duas pessoas, descobriu-se que o envio de um quadro é muito mais simples do que enviar uma impressão de sons, mesmo sons simbolizados em palavras.

Em nossos sonhos, descobriremos que George habitualmente pega as lembranças, pensamentos ou impressões de um certo número de acontecimentos e os transforma em termos de impressão visual. Desta forma, teremos um piano para representar música, um cão para representar a ideia de som do latido e rosnado, um prato de comida representando a satisfação de experimentar coisas e assim por diante. George também parece acreditar que "*uma figura vale mil palavras*". Ao tentar aprender o que George tinha em mente ao sonhar certas sequências de sonhos, os psicanalistas há muito descobriram que é bom reconhecer quais as coisas que foram transformadas em símbolos visuais.

O que isto nos traz é o fato de que a melhor forma de nos pormos a trabalhar para fazer os cachos de *formas de pensamento* da prece é usar **quadros visuais** como

estrutura. A estes podem ser acrescentadas outras impressões sensoriais, conforme possam ser clara e vividamente imaginadas. Algumas das coisas que se deseja fazer acontecer através da prece se prestam muito melhor que outras ao uso de uma variedade de imagens sensoriais. Uma prece por uma farta refeição incluiria quase todos os sentidos, enquanto outra por uma noite de um sono intenso e profundo, já não.

As palavras que incorporarão o quadro das coisas pelas quais se ora, deveriam ser selecionadas com maior cuidado e ensaiadas antecipadamente. Tantas palavras têm vários significados — e George é capaz de figurar a coisa errada, se uma palavra tiver, para ele, um significado diferente daquele que o seu *EU Médio* planejou usar.

Se o *EU Básico* seguir o costume habitual e fizer quadros visuais para substituir as palavras, como no caso em que se ora: "*Dê-me saúde, riqueza e felicidade*", seu símbolo para saúde pode ser um lutador premiado que recentemente o impressionou; sua figura para riqueza pode ser a caixa forte subterrânea do banco da esquina próxima e seu quadro de felicidade pode ser o do cachorrinho da vizinha abanando extasiado o rabo, com a chegada de sua dona. Se esta mistura de figuras for enviada ao *EU Superior* no intercâmbio telepático, é óbvio que somente poderá ser dada uma resposta confusa —isto se alguma coisa ocorrer.

Para evitar tal falha, o quadro da condição de saúde deveria ser trabalhado cuidadosamente com o *EU Básico*, e por bastante tempo para resultar em uma imagem visual de si próprio em um estado de perfeita saúde, capaz de fazer, gozar e realizar as coisas que a saúde perfeita tornaria possível.

Da mesma forma, os quadros deveriam ser feitos de forma definida, clara e adequados à riqueza, conforme se

aplicar a uma individualidade, ou à felicidade, se for o caso. (Na prece por outros, deve-se seguir o mesmo processo).

Não é à toa que dedicamos uma atenção tão cuidadosa às práticas com as caixas e uso do pêndulo para nos familiarizarmos com o *EU Básico* e seus caprichos. Nunca é demais conhecer seu próprio George. Isto é ilustrado no relatório de um famoso investigador inglês de telepatia que narra que dividiu seu grupo em duas partes, depois mandou metade do grupo para fora da sala para combinar e decidir sobre o que seria visualizado, a fim de ser enviado telepaticamente à outra metade do grupo.

Em um caso, o grupo em conferência entrou em uma cozinha e procurou objetos sobre a lareira e em outros lugares para selecionar um, a fim de ser usado. Foi escolhido um prato de porcelana azul, mas quando foi projetada a imagem telepaticamente para a outra metade do grupo, observou-se uma coisa surpreendente. Não somente o prato azul fora apanhado, mas era evidente que os *EUs Básicos* do grupo emissor também tinham escolhido enviar outras coisas vistas na cozinha. O relógio sobre a lareira e uma estatueta a certa distância do prato azul foram enviados e mencionados pelos receptores, assim como uma mesa com a cadeira ao lado dela e mesmo um quadro de uma cena de caça, pendurado na parede.

Em testes posteriores, descobriu-se que com muita, cuidadosa e repetida concentração em um único objeto, os *EUs Básicos* foram levados a entender que só um objeto era para ser enviado, com exclusão de outras coisas que pudessem ter sido observadas na sala e pudessem ter atraído os *EUs Básicos*.

É necessária uma faxina mental, como o exemplo acima mostra, para varrer de lado e jogar as formas de pensamento que estão atrapalhando as coisas pelas quais se planeja orar.

Da mesma forma como se faz confidência ao George e se explica antecipadamente o que se espera dele no exercício com a caixa ou com o pêndulo, ou no acúmulo de uma sobrecarga de **mana** e uso dela, deve-se ter um número suficiente de conversas de coração aberto com o *EU Básico*, para explicar em detalhe cada passo do método da prece que será posto em uso.

É óbvio que cada um de nós tem algum desejo, algum anelo{15} oculto por condições melhores, que sente não poder realizar sem ajuda. Antes de formular sua prece, é imperativo que se dê uma boa olhada racional naquele desejo. Se ele se materializar como resposta a sua prece, poderá facilmente significar responsabilidades adicionais as quais, quando as refletir cuidadosamente, podem impressionar-nos como sendo pesadas demais para suportar. Muitas vezes a regra é: quanto maior a bênção, maior a responsabilidade.

A saúde pode ser o mais barato, em termos de responsabilidade, embora muitos de nós, quando oramos por saúde, tenhamos que enfrentar ou realizar algum esforço, como nossa parte ao fazer acontecer a condição de saúde. Podemos ter que fazer mais exercício e comer menos e a maioria das pessoas prefere saúde medíocre a ter que "ajudar Deus a ajudá-lo" desta forma. Uma saudável normalidade é necessária ao decidir o que se pode pedir na prece.

O *EU Médio* não pode acreditar, nem por um momento, que há uma única chance de que a lua lhe seja dada como um presente, em resposta à prece —, e aquilo em que não podemos acreditar logicamente que aconteça (tanto de forma possível como provável) não será concedido. A descrença impede que seja feito o quadro perfeito da coisa pedida, como já concedida, em nossas mãos, aqui e agora.

Além disso, aquilo que o *EU Médio* não pode aceitar logicamente como uma crença, o *EU Básico* certamente não aceitará. Sua crença é a substância da FÉ e se ele descrê, arruinará o quadro da prece antes de enviá-lo ao *EU Superior*.

Como a FÉ será mencionada muitas vezes, à medida em que prosseguirmos, é bom explicar, a esta altura, que, para os iniciados em Huna, a "fé" NÃO era apenas o ato da CRENÇA completa. A palavra "fé" na língua sagrada é **mana-i-o.** Seu primeiro significado é "acreditar", mas os significados literais, conforme contidos nas raízes são:

1. *Usar uma sobrecarga de* ***mana***; a raiz **mana** mais a raiz **io,** significando esta última "excesso" e apontando à sobrecarga ou "excesso" de **mana**.

2. *Pedir uma coisa desejada* e *alcançar* ou *estender, como com a mão para tocar algo*. Isto mostra que se deve percorrer o *cordão* ***aka*** para "tocar" o *EU Superior*, a fim de lhe pedir a coisa desejada. (Tudo da **raiz *o***).

3. *Ser real*, ou, com o causativo ***hoo***, *fazer tornar-se real* (raiz ***io***)**.**

A Fé, sem obras é morta torna-se claro, se sabemos que a parcela das *obras* inclui o envio da sobrecarga de **mana** para o *EU Superior*, como uma parte do trabalho total de fazer a prece tornar-se uma realidade.

Uma excelente prática, ao formular a prece, é a de imaginar-se *projetado no futuro, na condição que planejamos pedir*. Poderá ser descoberto que aparece um certo número de obrigações. Se uma pessoa pedir um carro novo, depois projetar-se no futuro e pegar o carro, começar a dirigi-lo e a pagar sua manutenção em dinheiro, poderá

perceber que deverá ser incluído o dinheiro para a manutenção, no pedido do carro. Isto, por sua vez, demanda que se peça os meios de ganhar mais dinheiro e maiores ganhos demandam maiores esforços e gasto de tempo.

Uma das APHs que nos tinha escrito para contar que ela e seu jovem esposo tinham decidido, após cuidadosa troca de ideias, pedir uma casa de seis cômodos com bela mobília e com um bom carro grande na garagem, terminaram pedindo um confortável apartamento em uma localização conveniente, e um bom carro usado. Conseguiram ambos. Ficaram muito felizes com eles e tiveram pouco problema para enfrentar as modestas contas, à medida que chegavam.

Em Honolulu, um dos APHs decidiu tentar ajudar um jovem que tinha perdido o uso de suas pernas devido à pólio. Os dois concordaram sobre o plano para pedir a restauração da perna, e avidamente começaram a prática de realizar as preces como deveriam ser feitas. Tudo ia bem e as pernas inúteis começaram a formigar e mostrar sinais de recuperar a força. O jovem, então, repentinamente entrou em pânico pela perspectiva de ter que sair e ganhar sua própria vida. Rendeu-se ao medo e da noite para o dia suas pernas voltaram à velha condição de inutilidade. Tinha se esquecido de projetar-se no futuro, como um exercício diário preliminar e assim acostumar-se com a ideia de assumir novamente as obrigações da saúde e normalidade. Nunca se soube quem ficou mais atemorizado à descoberta de que estava sendo curado, se seu *EU Médio* ou seu *EU Básico*.

O homem que assume a sua total responsabilidade na vida (e este é o homem sempre pronto para ajudar os outros) talvez tenha a senda mais livre para o *EU Superior*, porque através de seu sentimento de que tem feito tudo o que pode, tem a confiança essencial e fé, ao pedir ajuda nas coisas que não pode conseguir sozinho.

Uma vez, quando palmilhava uma trilha remota no Wyoming, encontrei um homem solitário agachado atrás de uma cerca, consertando-a e — tanto quanto eu podia ver — falando sozinho. Aproximei-me e disse algo como: "*e daí, você tem que falar sozinho aqui, não é*? " Ele levantou-se, sorrindo maliciosamente e explicou "*Não exatamente — mas acontece que eu oro muito aqui. Estava orando para que os cavalos não fugissem*". Eu disse: "*E consertando a cerca ao mesmo tempo?* " "*Sim*", respondeu-me, "*este é o melhor meio de orar, me parece. Não se pode deixar a cerca caída e depois pedir a Deus para segurar os cavalos dentro*".

Outra coisa para meditar antes de fazer a prece: o *EU Superior* nunca toma parte em um roubo. Se você lhe pedir para receber a casa de seu vizinho, não a conseguirá. Ou se pedir por outra coisa igual a ela, sem esperar fazer o esforço necessário no sentido de obtê-la, lembre-se que é preciso o trabalho de muitos homens durante muitos dias para construir tal casa. É mais que provável que os *EUs Superiores* dos operários e construtores não estariam desejosos de ver os homens roubados de seu ganho, a fim de que outro pudesse possuir uma casa simplesmente por pedir.

Se há uma lei que possamos deduzir simplesmente olhando ao nosso redor, é aquela de que, conforme semeamos, assim colhemos. Não havendo semeadura, não haverá colheita.

Muitas vezes encontrei a atitude que diz que, de fato, Deus tem tudo em abundância e, portanto, deveria dar a cada um de nós tudo o que se deseja pedir. (Isto é geralmente acompanhado de uma ressentida má vontade em assumir-se, ou fazer qualquer esforço para contribuir para o bem-estar dos outros — acompanhado muitas vezes

de ciúmes da “boa sorte” observada nas vidas de outras pessoas). Esta é uma crença que é negada por todas as experiências da vida diária e um indivíduo que a mantém, na verdade encontrará problemas em conseguir que sua prece seja atendida pelo *EU Superior*, que sabe que seu homem não ganhou e que não merece os benefícios pelos quais ora.

Quando, após cuidadosa consideração de tudo que seja relacionado ao assunto, decidiu-se exatamente sobre quais as coisas pelas quais se vai orar (no mínimo no que concerne ao raciocínio do *EU Médio*), devia-se consultar o *EU Básico* seriamente sobre a decisão. Explica-se tudo ao George, dando-lhe as razões pelas quais isto ou aquilo seria bom. Pode ser interessante explicar porque as ideias anteriores foram abandonadas. O futuro deveria ser descrito nos termos mais ardorosos possíveis, para convencer George de que as coisas a serem pedidas são boas de ter.

Com esta preparação do George, então se relaxa física e mentalmente, convidando-o a prosseguir, enquanto se imagina as preces respondidas e nova vida, desfrutando as novas condições. Neste exercício jaz a oportunidade de observar, como se através dos olhos semicerrados, aquilo que o *EU Básico* faz — como ele reage quando nenhuma pressão é exercida sobre ele para gostar ou desgostar da vida que é visualizada no quadro.

As pequenas lufadas errantes de emoção de gostar ou desgostar, tristeza ou contentamento, prazer, medo etc. serão os sinais que demonstrarão a reação do *EU Básico*. Se parece haver uma reação emocional irracional e alguma condição que o *EU Médio* considera desejável, pode ser possível discutir o assunto com o *EU Básico*, em voz alta e explicando em detalhes porque a condição imaginada, não apreciada ou perturbadora, seria na realidade muito boa.

Quando bem adiantados na prática e depois de serem estabelecidos o contato e a confiança entre os dois EUs, pode ser possível perguntar: *Esta situação lembra a você algo que já o aborreceu alguma vez antes? Pode me dar um quadro ou uma lembrança do que foi?* Esperando, relaxado, o *EU Básico* pode trazer ao foco do centro comum de consciência a própria coisa que causou a reação perturbadora original. Se isto acontecer, pode então ser discutida e ser demonstrado por argumentos pacientes e exemplos, que a situação futura imaginada e a velha são bem diferentes e que nada na velha situação iria ser deixado à porta da nova.

A consideração final, ao planejar realizar a prece, é em relação aos outros que nos rodeiam, parentes, amigos e associados nos negócios (se forem envolvidos), mesmo rivais em negócios ou sociais.

Se alguém ora por sua própria boa fortuna, tem seu próprio *EU Superior* esperando para ajudá-lo. Se ora pela boa fortuna do grupo familiar, engloba os *EUs Superiores* de toda a família. Se planeja e ora pelo melhoramento de um grupo maior, logo — se trabalhar na direção escolhida com esperança e força — terá o auxílio do ***Poe-Aumakua***, ou “A GRANDE COMPANHIA DOS EUS SUPERIORES”.

O mesmo princípio funciona se se planeja pedir ajuda para fazer algo que possa resultar em danos ou dificuldades para outros — caso em que a ajuda dos *EUs Superiores* de outros pode tornar-se em ativa obstrução.

O amor dos *EUs Superiores* por seu homem é o amor perfeito e não egoísta dos níveis mais elevados. Não importa quão baixo e transviado o homem possa estar em sua escala evolutiva, o *EU Superior* dele almeja vê-lo aprender as lições da vida e fazer progresso. A ajuda dada altruisticamente a “um dos menores destes” atrai o auxílio do *EU Superior* do

infeliz ser.

Assim como os insetos aprendem a lição da colmeia, a humanidade também aprende que muito será ganho unindo-se e trabalhando pelo bem mútuo. Há força através do unir e um servir interesse comum na família, na tribo e nas nações. Ainda não aprendemos a trabalhar juntos como nações, mas essa lição será a próxima. Qualquer prece que inclua o bem dos outros tem suas chances de ser respondida multiplicada muitas vezes.

Deve-se dizer uma palavra sobre a crença difundida de que não se deve orar por coisas materiais. Nas principais religiões da Índia, a crença no Carma proíbe o desejo de coisas materiais e mesmo pela própria vida.

A prece, conforme conhecemos, não é usada. Construiria mais *mau carma* e nos prenderia mais firmemente à *roda de reencarnação*. O indivíduo tenta escapar da vida pelo cessar de desejar qualquer coisa. (Carma, como muitos leitores certamente sabem, é uma doutrina religiosa antiga unida à crença da reencarnação, ou sucessivas vidas físicas. O acúmulo do bem ou do mal, conforme adquirido em vidas passadas, determina a condição de vidas posteriores).

Os kahunas da Bíblia e os da Polinésia podem ser identificados como produtos da mesma iniciação, porque tinham exatamente a mesma postura em assuntos tais como o do carma e reencarnação. Se estavam cientes das ideias correntes na Índia, é fácil ver que rejeitavam a crença em uma quase infindável sucessão de encarnações. Concentravam sua atenção no problema de viver a vida terrena do momento, com a ajuda do *EU Superior*, da melhor forma possível. Embora acreditassem em uma vida pós-morte no reino do espírito, era assumido que uma vida bem vivida na terra resultaria em condições afortunadas após a

morte.

Por causa da perda do conhecimento da forma de fazer a prece Huna e devido ao fracasso subsequente em conseguir resultados satisfatórios através do uso das preces, surgiu no cristianismo uma doutrina de desesperança na qual era ensinado que os males da vida terrena deviam ser suportados com paciência e resignação, enquanto se fazia todo o esforço para assegurar uma vida mais feliz no céu. Os kahunas acreditavam ser certo, como também possível, ter uma vida boa e feliz, tanto aqui quanto além.

As palavras "*Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas*" têm sido mal interpretadas porque o significado Huna oculto nas palavras e outras semelhantes a elas, era desconhecido. Esta má interpretação, que "*passava a rasteira*" em tantos APHs quando começaram a pensar sobre como preparar-se para a prece, deve ser esclarecida para todos.

Na tradição antiga, o *reino de Deus*, ou do céu, é o *EU Superior* simbolizado como um plano mais elevado. De forma semelhante, o reino da terra é ocupado pelo *EU Básico*, com seu companheiro, o *EU Médio*.

"*Buscai o reino*" significa:

1. Aprender que há um *EU Superior*;

2. Alcançar a fé racional em sua existência e no fato de que está desejoso e é capaz de auxiliar-nos, e

3. Aprender pela prática e fazer o *EU Básico* contatar o *EU Superior* por meio do *cordão* ***aka*** e a apresentar o **mana** e a prece.

Nas palavras simples da Huna, pode-se dizer: "*Primeiro aprende a contatar o EU Superior em seu nível acima de ti e*

se puderes fazer isto com sucesso, tuas preces poderão ser feitas e todas as coisas que podes obter através da prece ser-te-ão dadas".

João Batista exclamou que o reino do céu estava próximo. É óbvio que não queria dizer que os níveis mais altos tinham vindo misturar-se com os níveis mais baixos. O que ele queria dizer, como um kahuna, era que o *EU Superior* estava próximo, esperando-nos para fazer o contato com ele.

Mas, advertia João, era necessário arrepender-se dos pecados antes de que o contato pudesse ser feito. Nunca podemos nos esquecer de que é necessária a reparação pelos males causados a outros, antes que possamos nos livrar do sentimento de que não somos dignos de contemplar o *EU Superior* — antes que o *EU Básico* se entregue a seu sentimento de vergonha ao enfrentar o *EU Superior* através da extensão do *cordão* ***aka***.

A velha ideia de que se deveria desistir de viver a vida normal ou que se devia sentar de braços cruzados, esperando que Deus conheça aquilo que necessitamos e supra nossas necessidades, não é, enfaticamente, Huna. Não é racional e nem mesmo imbuída de senso comum.

Não somos colocados aqui para inclinar todos nossos esforços para sair da vida terrena, sem vivê-la e aprender pela nossa experiência. Somos postos aqui para viver, amar, crescer e progredir. O exercício desenvolve os músculos. O uso desenvolve o intelecto. O livre-arbítrio nos foi dado para ser usado, não para ser deixado de lado, enquanto tentamos lançar a responsabilidade pelo viver inteiramente sobre o *EU Superior*.

Capítulo 9.
Como contatar o Eu Superior e apresentar a Prece

Alguns dos APHs ainda desejavam deixar de lado o *EU Básico* na prece, querendo crer que seus *EUs Médios* de raciocínio consciente podiam contatar os *EUs Superiores* diretamente “*se apenas soubéssemos o meio*”. Quando começamos o trabalho de verter passagens da Bíblia para a “*língua sagrada*”, o principal interesse destas pessoas era que eu encontrasse instruções explícitas para esta finalidade. Uma delas escreveu-me o seguinte:

> *Estou certa de que a chave jaz nas palavras “Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á”*[16]*. Por favor, traduza estas frases em havaiano e veja se não há algo lá que nos informe como proceder para contatar diretamente o EU Superior.*

A passagem foi imediatamente investigada.

“Pedi” significa somente “pedir” em havaiano. Nenhuma chave aqui. Mas com “buscai” e “batei” era diferente.

Na Huna, “*buscai*” é ***i-mi***. As raízes nos dão os significados de “*criar*” ou plantar o quadro-semente, e o regar com água, o símbolo de **mana**. Em outras palavras, quando alguém faz o quadro da condição desejada, que deve ser enviado em um fluxo de **mana** peio *cordão **aka***, é então a hora de “*buscar*” e encontrar o simbólico “*reino dos céus*” ou o *EU Superior*, onde a semente deve ser plantada e

cuidada pelo “*Senhor*” daquele reino.

“*Batei*” é ***kikeke***, que contém o significado secreto de *orar somente após ter feito reparações e deixado a casa em ordem*, senão a prece não terá nenhum valor.

Pono é uma palavra muito útil na Huna. Tem ainda outros significados importantes: *significa ter tudo adequadamente feito e colocado em forma e ordem correta*. Isto aplica-se especialmente à preparação dos quadros de *formas de pensamento*. Devem ser corretos, devem ser para o bem de todos envolvidos, devem ser de coisas possíveis de atingir — de outra forma NÃO há ***pono***.

Nos versículos que se seguem, conhecidos como **A oração dominical**, temos que parar para ver que são necessários quadros visuais ou mentais, para tornar as palavras de cada frase em quadros de formas de pensamento que possam ser enviados telepaticamente ao *EU Superior*, e serem usados como semente ou molde, ao criar a resposta para a prece.

Torna-se imediatamente aparente que a linha de abertura não se refere a tal quadro de *forma de pensamento*. É apenas uma instrução para mostrar que a prece deveria ser dirigida ao *EU Superior*, que é olhado com reverência pelos EUs inferiores.

“*Venha o teu reino, seja feita tua vontade assim na terra como no céu*”, nos dá, através dos significados externos e das raízes da sentença vertida para o havaiano: “*EU Superior*, permita-me entrar contato contigo e dar-te **mana** a ser usado para fazer com que os quadros de *formas de pensamento* que envio se tornem uma realidade no plano terrestre, assim como o quadro já é agora uma realidade no nível dos moldes de sementes de padrões de pensamento onde tu estás”. (As palavras-chave são “*reino*” ou ***au-puni***, com o significado das raízes, depois “*venha*” ***ou*** e ***hiki mai***

com sete significados Huna gerais diferentes e muitos mais ocultos nas raízes. “*Seja feita*” é, em havaiano, centrado nas palavras ***malamaia*** e ***makemake***, de cujas raízes se descobre que a “*vontade*” é “*desejo*” e que tal cria, simbolicamente, “*fazendo algo inchar, aumentar ou crescer*” — o que nos dá novamente a “semente” ou quadro de *forma de pensamento* da prece).

Versículo 11 - “*O pão nosso de cada dia nos dá hoje*” se apoia no jogo de palavras encontrado no Velho Testamento, em que o **maná** caiu do céu para nutrir os israelitas — novamente um símbolo mais que um fato histórico. Foi o **mana**, a força vital, o pão da vida” ou a “água da vida” — havia vários símbolos para os Três **manas** dos kahunas. Neste caso, o **mana** era o mesmo que “caiu do céu” nas narrativas bíblicas.

O **mana** enviado para o *EU Superior* é do *EU Básico*, terra, terreno, mas quando é devolvido pelo *EU Superior*, torna-se “chuva” ou “maná” — um nutriente abençoado. É também a ajuda, orientação e proteção que pode ser oferecida apenas pelo *EU Superior* e somente se lhe é permitido tomar parte totalmente na vida do ser. O **mana** inferior deve ser oferecido para o *EU Superior* com as preces diárias, se for preciso executar um trabalho no plano físico.

Versículo 12 - “*E perdoa-nos as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores*” não se refere aos pecados de prejudicar, pelos quais se deve fazer reparações e ser libertado interiormente, antes que a prece comece. Isto se refere a uma espécie diferente de pecado — o de “errar o alvo” ou falha em realizar o contato completo com o *EU Superior* e conseguir fazer a prece corretamente, por causa de outro grau de pecado: os emaranhados de complexos ou de fixações de cachos de lembranças não racionalizadas, que estão alojadas no *corpo* ***aka*** do *EU Básico*.

Seremos auxiliados a nos livrarmos destes ou "perdoados", se ajudarmos os outros a se tornarem livres. Este é um assunto que será retomado mais tarde. Agora estamos tratando da condição normal, na qual a senda não está intensamente bloqueada por complexos. (No versículo 14 é enfatizada a mesma importante ideia).

Versículo 13 - "*E não nos induza à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém*", torna-se: "Não deixe que o *cordão* ***aka*** se solte (símbolo da inabilidade do *EU Básico* para fazer o contato com o *EU Superior*), ou não nos deixe cair em uma armadilha (de *fios* — símbolo do complexo), pois sabemos que és bondoso, perfeito, belo e assim será para sempre". "Amém" cobre o final definido "dividir" e este é o símbolo da divisão da sobrecarga de **mana** pelo envio de uma parte dela, através do *cordão* ***aka***, para o *EU Superior*.

A "*porta*", que é para ser aberta quando se "*bate*" enviando o fluxo de **mana**, enquanto se "*busca*", preparando as "*sementes*" (ou *formas de pensamento*) da prece e se as coloca flutuando no fluxo de **mana**, é chamado de **puka**, em havaiano. Esta palavra significa **mudar algo de uma condição para outra**, que nos diz, em termos Huna, que a porta está aberta para o *EU Superior*, pois somente ele pode mudar as condições em resposta à prece.

Verti muitas outras passagens da Bíblia concernentes à prece. Jesus discutiu muito abertamente a questão da necessidade de prece, mas descreveu os elementos e métodos secretos da Huna em palavras que somente um aprendiz de kahuna poderia entender em seu significado interior. O sexto capítulo de Mateus é uma fonte de muita informação, referente ao tipo de prece Huna, desde que, naturalmente, se saiba o suficiente dos significados secretos

antecipadamente, para entender o que está sendo declarado.

Versículo 1: "*Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus*"{17}.

A chave aqui está na palavra "*esmola*", que em havaiano é feita das raízes **mana-wa-lea.** Isto nos narra que o que é dado como "esmola" é o **mana**, e que é apresentado ao *EU Superior* enquanto estamos usando nossa mente (**wa**) ao pensar / refletir e raciocinar, e que, quando apresentamos o dom de **mana** pensando cuidadosamente para enviar as formas de pensamento da prece, resulta prazer (**lea**)**.**

As "esmoías" não devem ser dadas abertamente ou diante dos homens, porque são dons de **mana** oferecidos interiormente, ao longo do *cordão **aka*** para o Pai. A advertência está incluída em: "*aliás*{18} *não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus*".

O versículo 2 não é pertinente à Huna e o versículo 3 somente repete a declaração de que a prece é uma doação de **mana** e, portanto, uma ação interior, não exterior.

Versículo 4: "*Para que a tua esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente*".

Outra palavra para "*segredo*" em havaiano é **nalo**, e seu significado é "*escondido, oculto ou invisível*". Também tem o significado de *EU Superior*, quando "*desaparece na distância e não pode ser visto*". Novamente temos o fato de que a ação é interior e que o *EU Superior* pode estar à distância e nunca ser visto, mas que pode ser contatado telepaticamente através do *cordão **aka***, pelo envio do

mana e das *formas de pensamento*.

Os versículos 5 a 6 repetem as instruções para orar internamente. O versículo 7 adverte contra a crença errônea de que o EU Superior ouve palavras reais, não importa quão alto possam ser faladas.

O versículo 8 acrescenta um pouco mais do segredo da Huna em "*porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes*". Em havaiano, a palavra "*necessidade*" é **pono**, que também tem o significado de *ter corrigido*, ter feito reparações pelos males cometidos aos outros, tendo realizado as coisas necessárias antes de ser "absolvido" e se tornado pronto para enviar a prece.

Este significado fornece uma luz inteiramente diferente à dificuldade mencionada antes, de convencer os APHs que perguntavam por que se deve fazer um quadro definido da coisa que se deseja ver acontecer, como resposta à prece.

Eles tinham argumentado que, se todas nossas necessidades eram conhecidas antes que pudéssemos orar, por que então orar? Mas, se não fosse necessário orar, Jesus não teria dito por que e como a prece deveria ser realizada ou quem responderia às preces e em que condições.

O *EU Superior*, sem dúvida, sabe ainda melhor do que os EUs inferiores aquilo que o ser total necessita, mas não interfere com o livre-arbítrio e concede, em lugar de deixar que as lições da experiência sejam aprendidas nos esforços para conseguir as coisas necessárias.

Nossas necessidades são conhecidas, mas a Huna nos conta o segredo seguinte de que, a não ser que comecemos aquela do trabalho de enviar uma prece.

Será notado que, após um estudo dos significados Huna ocultos na Oração Dominical, descobrimos que esta não é

absolutamente uma forma de prece para ser usada como tal, no sentido Huna. É uma fórmula de prece para ser usada como tal, no sentido Huna. É uma fórmula Huna relacionando os elementos envolvidos no fazer a prece e os passos que devem ser tomados. Não contém quase nada que corresponda aos quadros de formas de pensamento, "semente" ou "cálice" da prece real — estas coisas são deixadas para o indivíduo procurar providenciar para si próprio, de acordo com suas próprias necessidades.

Assim, não encontramos o "atalho" para contatar o *EU Superior* que estávamos procurando, mas encontramos espantosas confirmações do método Huna de fazer a prece. Ficamos mais que satisfeitos em prosseguir construindo nosso cuidadoso quadro de formas de pensamento, fazendo George entender e cooperar, acumular a sobrecarga de **mana** e enviar a prece ao longo do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior*.

Há algum meio de saber (na falta do "conhecimento" intuitivo) quando realizamos um contato bem-sucedido com o *EU Superior*? Aqui estão algumas sensações físicas relatadas pelos APHs:

1. Uma sensação de formigamento em todo ou parte do corpo. Alguns sentem como se estivesse chovendo um fino tremeluzir de aguaceiro elétrico provindo do *EU Superior*. Alguns sentem como um formigar nas mãos, ou ao longo da espinha, ou nos genitais, ou mesmo através de todo o corpo até os dedos dos pés. Esta sensação pode durar um segundo, um minuto completo ou mais. Geralmente deixa uma agradável sensação de bem-estar.

2. Um súbito e forte fluxo ascendente de emoções mistas de alegria, amor e adoração. É uma emoção que não se pode provocar à vontade, mas que vem

do *EU Básico*, como evidência da sua reação jubilosa, quando é capaz de contatar o *EU Superior*. (Os kahunas acreditavam que somente o *EU Básico* pode criar emoções, sejam elas ódio, medo ou raiva, amor ou desejo, mas que uma vez criada a emoção, pode ser comunicada ao *EU Médio* para compartilhar com ele).

3. A última das três sensações experimentadas pelos APHs ao fazer o contato com o *EU Superior* é um estranho pequeno sentimento que acontece no plexo solar — de onde o *cordão **aka*** provavelmente sobe ou sai para o *EU Superior*. O mesmo lugar ou parte do corpo, nos dizem os kahunas, é o centro das atividades **mana**-memória-mente. O mesmo tipo de sensação é experimentado ao "*lançar um dedo*" de substância ***aka*** para contatar algo próximo, à mão, ao enviar um fluxo de **mana** através de um *fio **aka*** ou cordão já existente, ligando o *EU Básico* de uma pessoa ao *EU Básico* de outra. Uma vez que se aprendeu a reconhecer este sentimento, serve como um sinal de que o contato com o *EU Superior* foi completado, conforme a condição bloqueada ou desbloqueada do *cordão **aka*** permitir na ocasião. Em acréscimo a esta sensação, há muitas vezes aquela de ter teias de aranha sobre o rosto, pescoço ou mãos.

Aquilo que pode ser chamado de experiência transcendente de contato com o *EU Superior* acontece geralmente apenas uma ou duas vezes na vida. Repentinamente, o *EU Básico* penetra silenciosamente pela porta invisível e o contato é realizado.

O **mana** é apresentado pelo *EU Básico* e o ser total é invadido pela alegria. Pode-se ver a luz branca que se forma

quando o *EU Superior* aceita o fluxo de **mana** e o converte em vibrações de luz. Experimenta-se uma sensação que permanecerá como lembrança sagrada e convicção da verdade pelo resto de nossos dias. Geralmente, quando acontece este abençoado encontro e o Filho Pródigo há muito ausente retorna ao lar, para o Pai em sua casa, todo o pensamento de pedir algo é esquecido. É bastante, no momento, estarem casa novamente e sentir a alegria do contato. Mas o ir e vir do Filho Pródigo transformado logo se torna natural e regular. Não mais será morto o "bezerro cevado" e não mais serão trazidas novas vestes para serem colocadas nos ombros esfarrapados.

Contudo, se nenhuma dessas sensações forem sentidas por algum tempo, continua-se testando o contato, sempre com uma sobrecarga preliminar de **mana**. Mantém-se pronto o quadro da condição desejada. Mas primeiro há um ritual, antes de apresentar a prece. O *EU Médio* faz seu papel, meditando no *EU Superior* e afirmando seu amor por ele que o *EU Básico* transforma em poderosa emoção. O *EU Médio* dirige o impulso ao *EU Superior* até que o contato seja feito. A doação de **mana** ao *EU Superior* é então realizada, para suas próprias e elevadas finalidades de serviço e melhoria mundial.

Depois disso, dá-se a ordem ao *EU Básico* para enviar o fluxo continuo de **mana**, com o quadro que construímos cuidadosamente, daquilo que desejamos fazer acontecer em nossa vida.

Para fazer um quadro preciso e claro, os kahunas muitas vezes compunham uma prece curta, descrevendo o que era desejado, em detalhes breves, mas exatos. Repetiam três vezes, em seguida, para certificar-se de que o quadro permanecia o mesmo e sobressaia claro e forte. Falavam em voz alta como dirigindo-se ao *EU Superior*, sabendo que o

EU Básico estava levando o quadro ao longo do *cordão **aka*** para o *EU Superior*.

Uma prece bem-feita pode ser suficiente, desde que aquele que faz a prece seja experiente e dotado de habilidade incomum. Para a maioria de nós, toda a ação da prece necessita ser repetida diariamente, até que a resposta seja concedida.

Se a necessidade for muito urgente, pode-se “orar sem cessar”, ou tão frequentemente quanto se possa fazer uma pausa e acumular **mana** recém-criado. Parece não haver limite para a habilidade do *EU Superior* produzir mudanças nas condições. Tudo parece depender da quantidade de **mana** disponível para o *EU Superior*, desde que, naturalmente, o quadro seja bem-feito.

Duas pessoas que estejam em completo acordo sobre como deve ser o quadro, podem trabalhar juntas, associando seus **manas** e pedindo a seus *EUs Superiores* para trabalharem juntos a fim de realizar a cura ou a mudança de qualquer condição ou circunstância. Quando um dos membros do par estiver doente, fraco e carente de **mana**, aquele com boa saúde pode ajudar enormemente, fornecendo o **mana** necessário para seguir com a prece.

Mas nem todas as preces se referem a melhorias na saúde ou condições. Muitas delas são por orientação em uma decisão a ser tomada, ou um curso de ação a ser empreendido. Necessitamos de ideias como resposta, não coisas físicas que serão materializadas. Como as respostas serão comunicadas do *EU Superior* para nós?

Em “*Milagres da Ciência Secreta*” narrei como um homem que eu conhecia bem, “o construtor de elevadores”, descrevia suas sensações ao contatar o seu *EU Superior* e também como recebia a orientação dele. Dizia que, ao fazer

contato, sentia ou ouvia um agudo “**tlin-tlin**”, como se uma campainha elétrica tivesse soado dentro dele. Três vezes por dia parava para realizar mentalmente o contato com o *EU Superior* que ele tinha aprendido que existia, mesmo se não soubesse bem o que era, e sempre havia este sinal quando o contato era feito.

Ele relaxava mentalmente, quando isso acontecia, e esperava. Se houvesse algum perigo para ele ou aos homens que estavam trabalhando sob suas ordens, teria um “pressentimento” de prevenção e ficaria em guarda. Podia sentir se o perigo era grande ou pequeno, próximo ou distante em questão de tempo. Na medida em que o acontecimento se aproximava, repetia seu contato com mais frequência, muitas vezes recebendo um quadro mental de onde ir esperar o perigo e, estando em guarda, prevenir ferimento ou acidente para seus operários, para si ou para a estrutura.

Nem os kahunas, nem o trabalho dos APHs foi capaz de decidir que forma de comunicação é usada pelo *EU Superior* para dar mensagens ou orientação aos EUs inferiores. As comunicações parecem vir através do *cordão **aka*** e do *EU Básico*, quando enviadas pelo *EU Superior*, mas o *EU Básico* tem uma forte tendência a entregar as mensagens em termos de símbolos ou em forma de quadros combinados com sons ou outras impressões sensoriais. Estas mensagens simbólicas são muito definidas e muitas vezes vêm em um sonho vivido. Mas o indivíduo deve aprender a reconhecer e a procurar mensagens em sonhos deste tipo e desta fonte.

O *EU Superior*, conforme é nomeado pela palavra **Akua-haiamio**, ou “*o deus que fala silenciosamente*”, é indicado como alguém capaz de transmitir uma impressão auditiva de palavras faladas através do *EU Básico*. Esta “tranquila vozinha” é a comunicação ideal, se pudermos captá-la. Mas

poucos podem, e estes poucos raramente são capazes de estar inteiramente seguros de que é o *EU Superior* falando e não a sua imaginação, ou se aquilo que eles ouviram ser dito não foi colorido ou mudado pelo *EU Básico*, quando entrega a mensagem.

Talvez a comunicação mais comum provinda do *EU Superior* aconteça naquilo que os kahunas chamavam de “o nascer de um pensamento na mente”. A experiência tende a reforçar a crença de que o *EU Superior* pode fazer com que os pensamentos surjam em nossas mentes, talvez transmitindo sementes de ideias através do *EU Básico*, a fim de que sintamos que formamos o pensamento das coisas nós próprios, mas na realidade estamos captando ideias enviadas para nos dar a necessária orientação.

Isto é chamado de “inspiração” quando usada em arte grandiosa ou em realizações que parecem transcender as possibilidades humanas. Ou, você ouvirá seu amigo dizer: “Eu tive um pressentimento” ou talvez “fui levado” a fazer isto ou aquilo.

Após uma prece sincera ao *EU Superior*, quando um “pensamento nasce na mente” com clareza e compulsão, com relação ao objeto da prece, deveria ser aceito como uma resposta e agir-se de acordo com ele.

Capítulo 10.
Resumo do Método de Prece Huna

Devido ao fato de que tanta coisa devia ser apresentada para tornar claros os métodos e conceitos Huna, parece adequado rever, a esta altura, os vários passos que devem sei executados ao fazer a prece da forma eficaz.

Antes de tentar a questão séria de fazer a prece, supõe-se que:

a) A pessoa já se tornou bem relacionada com seu *EU Básico*, descobriu alguma coisa dos seus gostos e desgostos, estabeleceu uma relação aluno-professor com amor, entendimento e calma disciplina, e já fez o *EU Básico* entender que deve receber ordens do *EU Médio*.

b) Ensinou o *EU Básico* a desenvolver seu próprio talento especial para a telepatia. Está prático no envio de cachos de *formas de pensamento* ao longo dos *cordões* ***aka***, de acordo com as instruções do *EU Médio*.

c) O *EU Básico* foi ensinado a acumular uma sobrecarga de **mana**. Se isto foi feito por meio de exercícios e de cuidadoso testar, então deverá ser suficiente uma ordem para o *EU Básico* acumular a sobrecarga, quando chegar a hora da prece.

OS PASSOS DA PRECE
PREPARAÇÕES ANTES DE FAZER A PRECE.

1.) Devem ser realizadas reparações pelos males ocasionados aos outros. Ou, se isto não puder ser feito

diretamente, boas ações, doações a obras de caridade e jejum ajudarão a convencer o *EU Básico* (assim como o *EU Médio*), de que as contas estão equilibradas e que agora a pessoa merece a ajuda do *EU Superior*.

2.) Já se terá decidido sobre o que será pedido, certificando-se de que é para o bem de todos envolvidos e que não prejudica ninguém. Já se terá projetado no futuro, imaginando-se vivendo as novas condições. Já se terá certificado muito bem de que o *EU Básico* está em pleno acordo que as condições a serem pedidas são verdadeiramente desejáveis e dignas do trabalho necessário para fazê-las realizar-se. Ter-se-á, também, considerado e aceito a responsabilidade adicional em que poderemos incorrer, ao conseguir o pedido.

3.) Foi feito um plano para uma série de preces diárias, sobre o mesmo assunto, sempre formulando a prece exatamente da mesma forma.

A resposta instantânea ou miraculosa parece requerer uma quantidade muito grande de **mana**, para capacitar o *EU Superior* a realizar as mudanças necessárias no plano físico. Somente o indivíduo excepcional será capaz de acumular uma sobrecarga adequada de **mana** para oferecê-la com um quadro suficientemente bem feito da condição desejada e obter uma resposta instantânea ou quase. Deve, também, ser lembrado que alguns problemas, especialmente os que envolvem a vida de outros, levam tempo adicional para serem trabalhados, através de uma mudança gradual nas circunstâncias.

4.) Três ou quatro coisas não relacionadas não deveriam ser apresentadas na mesma ação da prece. Por exemplo: suponha que se deseja saúde perfeita, um trabalho novo que seja agradável e útil, amigos e também a cura de um parente doente. É melhor apresentar cada uma

em uma prece separada, espaçadas por no mínimo uma hora, depois de praticar uma visualização vivida de cada uma por sua vez.

5.) Visualize os resultados finais que são desejados e não seja muito específico sobre como devem ser realizados. Isto deixa o *EU Superior* livre para materializar a condição desejada de sua própria maneira.

Nunca deve ser esquecido que o *EU Superior* é o “Espírito Paternal Totalmente Confiável” e que conhece melhor o que é bom para a pessoa. Não pode ser forçado ou ordenado a fazer aquilo que for errado, respondendo a uma prece por algo que traria condições impróprias, quer por seu próprio ser como para outros. Não se tenta compelir o *EU Superior* a responder uma prece nem “*se atormenta os portões do céu*” seguindo a prática moderna de afirmar com toda força de vontade possível que algum conjunto de condições desejadas está aparecendo como realidade, aqui e agora, quer sejam boas para todos, quer sejam prejudiciais a alguns. Pede-se, como se faria a um Pai vivo, que a prece seja aceita e realizada — sempre com a condição de que seja algo bom, adequado e próprio de ser conseguido.

6.) Deve-se ter reservado tempo para praticar suficientemente, a fim de que possa ser feito um contato rápido e fácil com o *EU Superior* a qualquer hora, mesmo se não se estiver fazendo uma prece. Tal prática é simples: Em primeiro lugar, deve haver um acúmulo de uma sobrecarga de mana, depois um aquietamento e meditação na natureza do *EU Superior*, o fato de que é verdadeiro e que está sempre aguardando, desejoso e ansioso de ser solicitado a desempenhar seu papel total no trabalho de viver uma vida feliz, bem-sucedida e útil. Seu amor pelo homem e

nosso amor por ele será sempre o tema central em qualquer meditação, pois se deve provocar uma resposta emocional de amor no *EU Básico* — uma resposta que possa ser sentida e compartilhada pelo *Eu Consciente*.

Este amor é a força magnética que impulsiona o *EU Básico* a fazer o contato com o EU SUPERIOR e a desejar oferecer sua doação a ele, na forma do envio do **mana** através do *cordão **aka*** de conexão.

O amor sempre deseja dar e servir, e a doação ideal, partindo do homem inferior para o *EU Superior*, é o **mana**. Tal presente, dado livremente e sem uma prece ligada a ele, é o oferecimento ideal. Torna possível ao *EU Superior* concretizar no plano físico da vida as coisas que possamos desejar ajudar ver realizadas. Através do *EU Superior*, pode-se, com tais doações, ajudar a trazer a necessária assistência aos outros, até mesmo a servir em uma escala mundial.

FAZENDO A PRECE

1.) O quadro da coisa a ser pedida na prece é revisado e trazido claramente à mente. Nada deve ser acrescentado ou tirado dele, depois que a primeira prece de qualquer série tenha sido feita, a não ser que se peça ao *EU Superior* para abandonar a prece toda e começar de novo, por alguma boa razão.

2.) A fé deve ser reafirmada, se algo aconteceu que a enfraqueça entre as sessões da prece. Uma forte afirmação da fé muitas vezes é necessária, a cada dia, antes que a prece comece.

Não é aconselhável contar aos outros o que se está

pedindo na prece, porque se os outros, irrefletidamente, expressarem dúvidas quanto ao resultado final, a fé e a confiança do sugestionável *EU Básico* pode ser abalada. Tal sugestão de dúvida necessita de muita afirmação contrária, de fé, para anulá-la. Deve haver uma determinação da primeira até a última prece, de não permitir a mais leve dúvida quanto ao resultado final, para conseguir um ponto de apoio na mente. Se necessário, podem ser feitas preces especiais, pedindo o reforço da fé e confiança.

3.) A sobrecarga de **mana** é acumulada e diz-se ao *EU Básico* para mantê-la pronta para o momento em que for feito o contato com o *EU Superior* e em que a doação de **mana** possa então ser realizada.

4.) Deve-se realizar suficiente meditação no *EU Superior* (com o corpo relaxado e à vontade, quer de pé, quer sentado ou reclinado) para despertar no *EU Básico* a emoção de amor pelo *EU Superior*.

O *EU Básico*, tendo aprendido que a razão para a meditação é focalizar os pensamentos e permitir-lhe fazer seu contato com o *EU Superior*, logo aprenderá a responder com amor e a fazer o contato quase imediatamente e também a começar a enviar a doação de **mana** para aquele particular momento da prece.

Pode ocorrer, à medida que a doação é completada, um fluxo de emoção de amor e felicidade, que é a resposta do Pai-Mãe *EU Superior* amoroso. Pode também haver a sensação de ferroadas ou formigamento, das quais os kahunas falam como a “chuva” ou queda de mana transformado em uma frequência mais elevada e enviado para abençoar o par inferior. Ou se pode logo aprender a reconhecer o contato por alguma sensação ou “sinal” peculiar a si próprio.

5.) Assim que for notada a sensação de ter feito o contato, solicita-se ao *EU Básico* que envie o quadro da prece (cacho de *formas de pensamento*) em um fluxo de **mana** adicional, por meio telepático.

Os kahunas tinham como prática emitir sua prece pela descrição vocal da condição desejada, enquanto a relembravam tão clara e vividamente na mente quanto fosse possível. Memorizavam a descrição curta, palavra por palavra, e a recitavam três vezes, como um meio de reforçar a "semente", enquanto enviavam o **mana** para "regá-la". A memorização da descrição, após escrevê-la com reflexão e cuidado, impressionará o quadro da prece do *EU Básico* de maneira forte e clara.

6.) Quando o quadro for descrito em voz alta, ou, se for impraticável falar em voz alta, silenciosamente, termina-se a prece com o mesmo propósito e precisão com que foi iniciada. Pode-se simplesmente dizer "*agradeço, Pai amoroso, e agora deixo o quadro da prece em tuas mãos para concretizá-lo na realidade física no futuro, assim como já é uma realidade em teu nível de ser. Deixa a chuva de bênçãos cair na forma do Mana Superior e Luz. Agora me retiro do contato. O período de prece está concluído. Amém*. "

7.) A prece, uma vez feita, deve ser deixada à guarda do *EU Superior* até a próxima ocasião de contato e até que novo **mana** seja oferecido, junto com uma nova declaração ou camada de reforço adicional para o quadro original da semente.

NOTAS ESPECIAIS

Muitos de nós caímos bem cedo em nossa vida, num hábito muito negligente, de apressar nossas preces. Fizemos isto quando meio adormecidos em criança, e o hábito tem a

tendência de manter-se e tornamos a emitir palavras vazias na prece, que são inteiramente inúteis.

Outro hábito negligente é o de embarcar na prece e dormir. Se a prece deve ser eficaz, deve ser feita na maneira adequada e com vivacidade, impulso e um amor fortemente desperto e em movimento. É a vontade do *EU Médio* que dirige e controla o trabalho, e esta força não é exercida a não ser que o *EU consciente* esteja alerta e concentrando sua total atenção, enquanto dirige cada passo e supervisiona o *EU Básico* no papel que deve representar.

Outro hábito muito mau é o de carregar consigo para o período de prece todas as dúvidas, medos e preocupações do momento. Tais coisas devem ser deixadas de lado firmemente, a fim de que a fé possa ser reafirmada e a serenidade seja alcançada para a introdução da prece.

Uma vez que se aprendeu a fazer um contato fácil com o *EU Superior* na prece, pode-se achar adequado realizar a doação de **mana**, depois afirmar que esta ou aquela preocupação está sendo deixada de lado ou abandonada completamente. Após despir-se de tais preocupações, pode-se fazer um simples pedido verbal (dependendo do *EU Básico* para enviar as formas de pensamento do pedido ao *EU Superior*), tal como "*Pai, pus de lado as coisas que me aborreciam. Agora peço que perdoe e purifique, livrando-me delas*".

Tem sido a experiência dos APHs que muitas vezes este curto período reservado para liberação e conseguir assistência do *EU Superior* a fim de livrar-nos das preocupações, zangas e disposição mal-humorada do dia ou hora, é de grande valia. Tal limpeza do *EU Básico* e *EU Médio* pode ser empreendida a qualquer hora, quer seja seguida por uma prece completa ou não.

Há trabalho que necessita ser feito no intervalo entre as ações da prece. O curso normal de preces, quando feitas à maneira Huna, é semelhante ao processo criativo que conhecemos tão bem no plano físico. Primeiro é produzida a semente e pode ser comparada ao quadro mental que incorpora o desejo da prece. A semente depois necessita ser mantida regada e preservada com cuidado por um período adequado de crescimento. Enviamos suprimento diário de **mana** para "regar" a semente e a planta que se origina dela. No devido tempo vem a resposta à prece, na forma da colheita do fruto da planta. Este parece ser um meio universal de materializar coisas.

O ovo é fertilizado, cuidado e chocado. Cuida-se do pintinho e este torna-se um frango crescido. A semente, o ovo, ou o quadro de formas de pensamento da condição desejada, não podem ser mudados, uma vez que foram selecionados; de outra forma, nunca produzirão a coisa desejada.

Esta é a razão pela qual uma série de preces, com o quadro-semente cuidadosamente isento de alteração, uma vez entregue ao *EU Superior*, deve continuar dia após dia, até que a colheita surja. O progresso pode ser aparente durante o período de crescimento. Pode-se ver a melhora gradual, dia a dia, antes que se possa dizer que a colheita completa chegou.

Assim como se deve viver no resultado almejado quando a prece é feita, do mesmo modo, quando se pensa na prece e no resultado final desejado, já se deve pensar em algo tão real como a planta contida na semente, o frango no ovo. Esta é uma realidade tão verdadeira como a espiga de milho na planta crescida, ou o frango quando chocado e criado. A diferença reside no tempo que se deve conceder para o crescimento, não na realidade básica. Entendendo-se

isto, pode-se pensar sobre a condição desejada como já sendo uma realidade, sem insultar nossa inteligência ou poder de raciocínio.

Outra coisa essencial a ser feita durante todo o tempo, desde que se faz a primeira ação da prece até a hora em que a resposta total é concedida, é a de tomar todas as medidas possíveis no plano físico para ajudar a realizar a condição desejada. "*Deus ajuda a quem se ajuda*" é bem verdadeiro aqui.

Vencem o senso comum e o pensamento reto. A ideia contida nas palavras "*Sereno cruzo meus braços e espero*" não é aplicável, quando se trata de uma prece eficaz. Os três EUs são sócios no viver e cada um deve desempenhar seu melhor papel para concretizar as condições desejadas.

A prece, correta e eficazmente feita, não é uma degradante forma de mendigar. É primeiramente um tornar-se digno e em segundo lugar, um construir com todo o poder da razão e da experiência que possa ser dominado pelo *EU Médio*. Terceiro, é um ato de criação, no qual todos três EUs desempenham seu devido papel.

O passado está fora do alcance da mudança. O presente está fugindo de nosso controle. Mas o futuro é nosso para moldá-lo em cada aspecto. Podemos levantar-nos e gritar exultantes, com os grandes kahunas do passado "*Olhai, eis que faço novas todas as coisas!* "

Tornar novo é fazer **hou** na linguagem dos iniciados. Veja que passos secretos a palavra revela em seus significados secundários:

a. - **Hou**: "tornar novo". (Criar a nova condição através da prece, trabalho e planejamento).

b. - *Estender, ou alcançar de um lugar a outro*. (Símbolo do

cordão ***aka*** e de fazer o contato).

c. - *Ensopar com água*. (Símbolo de fornecer o **mana** para regar a "semente").

d. - *Repetir qualquer ato, refazer, fazer novamente* (Símbolo da repetição diária da prece, a fim de que o mana possa ser fornecido, e mantido o quadro firme, claro e reforçado, a fim de que todas as coisas do futuro possam ser "tornadas novas").

Capítulo 11.
Curando pela Imposição das Mãos

No Velho Testamento, a imposição das mãos não era usada para a cura, mas como parte do ritual ou da ordenação. Quando os levitas deviam ser ordenados como a família de sacerdotes para servir todo o povo diante dos altares, o próprio povo se reunia e colocava as mãos neles, como parte do ritual da ordenação. Seguindo-se a isso e pelos séculos cristãos a fora, o mesmo ritual tem sido usado, mas sacerdotes e prelados são os que impõem as mãos, não a congregação, como nos tempos mosaicos. Isto está, contudo, de acordo com o mandamento confiado a Moisés, que passasse a Joshua, como um novo líder de um período ainda posterior, uma "parte de sua honra" e que isto era para ser feito através da imposição das mãos.

De uma forma menos definida, encontramos a imposição das mãos sobre a cabeça de quem devia ser abençoado. O alimento e bebida também eram abençoados de forma semelhante e as mãos eram colocadas sobre o alimento e bebida. A implicação é de que se pensava que nestes rituais havia algo invisível, mas real, transferido das mãos para a pessoa ou coisa assim tratada.

A ordenação podia ser a transferência de **mana** para transportar um conjunto de *formas de pensamento* para o *EU Básico* do ordenado. Ou, pelo toque, ser estabelecido um *cordão* ***aka*** entre o que ia ser ordenado e o que o ordenava. Alguém em pleno contato com seu próprio *EU Superior* podia, presumivelmente, ser capaz de manter o contato com

o sacerdote recém-ordenado e, desta forma, ter um meio de conservar o contato com ele e ajudá-lo em seu novo trabalho.

Em Atos 6:6 encontramos que sete convertidos foram selecionados para serem enviados a espalhar o novo ministério cristão a outros lugares e que “apresentaram-nos perante os apóstolos e estes, orando, lhes impuseram as mãos”. Em 13:13 a mesma coisa foi feita, concernente ao envio de outros ministros, com uma leve diferença, constante do fato de que jejuaram e oraram, antes da imposição das mãos, como ato final da ordenação. Como o jejum era parte do trabalho de fazer reparações gerais e impessoais, a fim de remover “pecados” ou o sentimento de culpa alojado no *EU Básico*, é provável que aqueles que iam ser ordenados também jejuassem, e que o alvo deste trabalho fosse o de ajudá-los a purificar seus cordões ***aka*** de complexos (algo que retomaremos mais tarde) e fazer um completo e total contato com seus *EUs Superiores*. (Este contato assinalava a descida do “Espírito Santo”, que era o *EU Superior*).

Jesus curou muitas vezes pela imposição das mãos. Foi também registrado que ele tocava a quem ia curar, como ao tomar a mão de alguém que ia ser levantado de entre os mortos, e às vezes era tocado como na ocasião em que o toque foi somente na barra de seu manto, mas ainda assim foi sentido. Neste comentário “*senti a virtude sair de mim*” temos uma evidência adicional da crença oculta sobre o contato físico de que algo era transferido de um para outro e que tinha um definido poder de cura de elevada ordem.

Na Igreja primitiva, a cura era realizada pela imposição das mãos e prece. Em algumas igrejas dos tempos modernos os mesmos métodos são usados, mas o segredo Huna existente por trás da prece e do uso de **mana** há muito foi

perdido.

A imposição das mãos desempenhava um papel importante na cura direta, não somente nas igrejas, mas, de forma semelhante, os "curadores naturais" de muitos séculos exerceram sua arte, sem prece. Em muitas religiões, as mãos eram impostas sobre os doentes, com ou sem prece e com ou sem o uso de água benta, fetiche ou canto. Nos últimos séculos, apareceram os "curadores magnéticos" e convenceram de que podiam transferir uma força dos magnetos para seu próprio corpo e depois transportar, através das mãos, aquela mesma força para curar seus pacientes.

Acreditava-se que os reis de uma certa época e em algumas partes do mundo tinham o poder de curar através de toque de suas mãos "toque real". Os sacerdotes da Santa Igreja abençoavam roupas e amuletos para dotá-los de poderes de cura, quando usados nos corpos dos doentes.

Com a descoberta do mesmerismo, que era um uso ampliado da força (que a princípio se acreditava ser derivada dos magnetos, porém descobriu-se mais tarde residir no corpo humano: o "magnetismo animal") curando por contato direto, recebeu um grande impulso e uma nova escola de cura desenvolveu-se rapidamente na Europa. Estes primeiros "magnetizadores" faziam seu trabalho de cura por meio da imposição das mãos ou pelo contato através de passes, da fixação do olhar ou de toques.

É evidente que eram capazes de fazer o **mana** fluir deles para o corpo do paciente (e assim, ao *EU Básico* e seu *corpo* ***aka***), fornecendo a força vital para ser usada na correção ou cura.

A mão tem sido aceita como um símbolo de poder através do tempo.

Isaías, cujos pronunciamentos deram toda evidência de provir de um kahuna, tinha isto a dizer, no Capítulo 40, versículo 10: "*Eis que o Senhor virá com mão forte e seu braço dominará*". A palavra "mão" foi inserida pelos tradutores da versão King James, conforme indicado pelos itálicos (que era seu costume, quando achavam que uma palavra esclarecia o significado). Contudo, traduzindo a passagem para a "língua sagrada", vemos que mão e braço correspondem à mesma palavra, ***lima***. Quando falavam de uma, podiam significar ambas ou qualquer uma delas.

Mas, quando investigamos melhor, descobrimos que o segredo da cura direta pela imposição das mãos está oculto na palavra usada para dedos, não na palavra braço-mão.

"*Dedos*" eram **mana-mana**, que é uma duplicação da palavra básica **mana**; e que dobra a sua força, tornando o **mana** inferior do *EU Básico*, no **mana** mais dominador e poderoso ou "*vontade*" usada pelo *EU Médio*, para controlar e dirigir o seu *EU Básico*. **Mana mana** também tem o significado de "*dividir*" ou "*ramificar*" e, enquanto os dedos são formados pela divisão e ramificação do terminal-mão do braço, isto nos conta o fato básico e importante de que o **mana** deve também ser "*dividido*" na cura direta.

Deve ser fornecido como uma sobrecarga pelo *EU Básico* do curador e ser compartilhado, a fim de que ambos — o *EU Médio* e o *EU inferior*, possam ter o suficiente para lhes permitir realizar a sua parte na cura; a divisão final é feita, compartilhando-o com a pessoa doente. Assim fica claro que é o **Mana**, dirigido através das mãos, que todos os curadores estão usando, quer saibam disso ou não, em seu trabalho de cura pela imposição das mãos (Se a prece também for usada, o Senhor *EU Superior* deve receber a sua participação de **mana**).

Após os curadores magnéticos, surgiu outra escola de

curadores, usando a sugestão junto com o uso da força vital. A sugestão é a implantação de uma ideia, telepaticamente ou pela palavra falada, no *EU Básico* do paciente. A sugestão parecia ter substituído todo o “magnetismo animal”, mas a última (a força vital ou **mana**) ainda desempenhava um papel muito definido em tais esforços.

Quase nenhum tratamento de cura deixa de ter algum elemento de sugestão, não importa se intencional ou não. O paciente geralmente está receptivo, querendo ser curado, e está mais que desejoso de ver em cada manipulação ou medicação a probabilidade de que causará o retomo ao normal.

Os kahunas sempre administravam sugestão, em forma suave, a seus pacientes, enquanto projetavam **mana** através de suas mãos. Parece adequado dar aqui um breve resumo da prática da cura de um kahuna conforme vista e relatada durante os últimos cinquenta anos antes do virar do século. Eram eles os terapeutas treinados de sua época, trabalhando com todos os três EUs do homem.

Em primeiro lugar, cuidavam para que tivessem livrado o paciente de qualquer senso de culpa existente no *EU Básico*, como resultado de malefícios feitos a outros, ou contra seus próprios corpos pelos excessos. Certificavam-se de que o complexo e as influências obsessoras também tinham sido retirados (discutiremos isto de forma completa mais tarde).

Feitas tais preparações, acumulavam grandes cargas de **mana**, construíam um quadro forte da condição curada e apresentavam ao *EU Superior* pedindo ajuda. Depois impunham as mãos sobre o paciente, frequentemente com alguma massagem na parte ferida ou doente, enviando para dentro o **mana** e cacho de *formas de pensamento* da situação curada, fortemente carregados de “vontade” e

aguardando, enquanto tornavam disponível mais e mais **mana** para o *EU Superior* colocar-se em ação e completar a cura.

Quando, no decorrer do tratamento, desejavam implantar uma sugestão, assim procediam, dando ao paciente ao mesmo tempo um “estímulo físico”. Isto era algo que podia ser sentido, visto, experimentado pelo paladar, ou de qualquer forma percebido pelo *EU Básico* do paciente, o qual, por essa razão, tornava a sugestão muito mais poderosa. Por exemplo, lavavam seus pacientes vivamente com água, borrifavam e esfregavam com molhos de **folhas verdes de “ti”**, enquanto asseguravam a eles que estavam sendo purificados de todas suas culpas remanescentes, após fazer cuidadosa reparação pelos males causados a outros, sendo também livrados de suas doenças.

Embora nosso alvo na APH fosse sempre em direção ao contato com o *EU Superior*, decidimos tentar a questão da cura pela imposição das mãos em males menores, usando somente aquela parte do método kahuna total de cura que foi descrito acima.

Desejávamos fazer o teste porque sabíamos que muitos curadores têm produzido resultados em curas pela imposição das mãos, sem recorrer à prece. Sentíamo-nos preparados para tentar esta experiência, porque tínhamos tido tempo para treinar nossos *EUs Básicos* a obedecerem nossas ordens para acumular uma sobrecarga de **mana** e a enviar nela o quadro de *formas de pensamento* que havíamos preparado.

Seguimos o método dos kahunas quando nos preparávamos para nos curar ou a outrem, somente com a técnica da imposição das mãos.

Ordenávamos ao *EU Básico* para acumular uma sobrecarga de **mana** e concentrá-la nas mãos, enquanto

construíamos um forte quadro mental da condição curada. O **mana** e o quadro eram enviados sob ordem, partindo das mãos para o paciente. Alguns tentaram um acréscimo a esta técnica. Isso consistia no reforço da sugestão ou ordem direta ao *EU Básico* para realizar a condição curada, usando um estímulo físico, como os kahunas tinham feito.

Uma pomada ou unguento eram esfregados no local em tratamento ou se aplicava calor ou compressas frias, fricção ou manipulação. Mas o que quer que fosse usado, tinha-se que tomar cuidado para fazer um quadro forte dele em ação, para ajudar o processo de cura.

Pode-se falar em voz alta e repetir a ordem para realizar a condição de cura com firmeza intencional, um certo número de vezes. Tais ordens devem ser dadas de forma que deixem de fora qualquer menção à doença ou condição imperfeita.

Deve se lembrar que não se diz ao *EU Básico: "*Use este **mana** que estou derramando de meus dedos no joelho ferido para curar o machucado". Em lugar disso, diz-se: "*Tome a sobrecarga de* ***mana*** *fluindo para o joelho e faça o joelho tornar-se perfeito, forte, bom e completamente normal*".

Enfatizo novamente que os cachos de *formas de pensamento* nunca devem incluir a coisa de que nos queremos livrar, mas deve conter somente os moldes mentais ou de ***aka***, da condição normal desejada.

Os relatos sobre a experiência que chegaram até mim eram um tanto surpreendentes. Parece que muitos de nós temos muitíssimo mais habilidade natural de cura do que jamais suspeitamos. Dores de cabeça desapareciam sob tratamento direto, dores cessavam, febres acabavam, a força retornava, a paz de mente era restaurada. O estado geral ou harmonia da vibração do **mana** parecia ser melhorado pela

doação de **mana** e forte quadro mental de cura, provindos do que está saudável e que faz o papel de curador.

Muitas pessoas nunca tentaram curar e assim não têm a menor ideia do que podem fazer apenas com um pouco de prática. Toda mãe e pai deveriam ajudar seus filhos ou membros da família desta forma. Nem só os males físicos devem ser tratados. Todos males de uma espécie emocional responderão rapidamente.

O **mana** com amor cancela medo e raiva. A coragem pode ser muito aumentada e toda a disposição de uma criança pode ser rapidamente mudada para melhor. Pode-se tirar a inquietação e induzir relaxamento, conforto e sono. Os animais de estimação respondem a tais tratamentos, plantas e árvores deram excelente evidência daquilo que amor e **mana** podem fazer, quando administrados a eles através das mãos. As possibilidades são infindáveis.

Alguns médicos entre os APHs aderiram aos testes deste método de cura e aqueles — tais como os osteopatas[{19}] e quiropráticos[{20}]) — que, em sua terapia costumeira colocam as mãos diretamente no paciente, têm tido notável sucesso no uso de métodos de cura direta. Frequentemente os usaram como parte de seus tratamentos regulares, mas quando acontecia de seus pacientes entenderem a Huna, o método de tratamento direto era usado com total conhecimento e cooperação do paciente e mesmo com melhores resultados que a média.

Tem sido nosso costume, no trabalho dos APHs, de testar e comprovar as teorias Huna, compartilhar o conhecimento de qualquer coisa realizada ao longo de nossas linhas com outros que não conhecem nada de Huna. Muitos destes relatos serão narrados mais tarde, à medida que chegarmos aos pontos testados.

Nesta questão de cura direta, ouvimos sobre uma escola de curadores que ensina a teoria de que se o curador fornece a força, Deus fará a cura — especialmente os ajustes necessários para colocar os ossos da coluna de volta ao perfeito alinhamento.

Os praticantes de duas escolas principais desta categoria tentam, com suas mentes, fazer a “força” deixá-los e ser “direcionada” para o ponto que está sendo tratado. Uns poucos podem fazer uma junta tornar-se ajustada sem tocá-la. Outros colocam as mãos sobre a junta e após um certo tempo exercem uma leve pressão. Frequentemente conseguem resultados melhores do que os que obtinham quando era exercida muita força física. Em todo caso, seu “direcionamento” de força e vontade de provocar o ajuste é acompanhado de prece — que significa, no final, que podem estar contatando o *EU Superior*.

Decidi-me a fazer um teste em mim próprio, das curas relatadas. Tenho um sacro-ilíaco que às vezes necessita ajuste e, convenientemente, o ajuste era necessário na época em questão. Geralmente uso os métodos kahunas que conheço, mas para fins de teste, usei somente a terapia dos *EUs Médio* e *Básico*. Acumulei uma boa sobrecarga de **mana**, depois estendi-me em minha cama sobre o lado esquerdo, coloquei a mão direita sobre a junta onde o ajuste era necessário e assumi uma atitude determinada de mente — usei a “vontade” — para comandar meu *EU Básico* para concentrar a sobrecarga de **mana** em meus dedos da mão direita, sobre a junta, depois inserir um *dedo de substância **aka*** no qual fora feita uma concentração de **mana** e então usar o poderoso *dedo **aka***-**mana** para colocar a junta no lugar. Meu George, já tendo a junta sido ajustada por médicos algumas vezes, captou a ideia imediatamente. Ele tinha sido bem treinado na questão de projetar um *dedo **aka*** através do cartão das caixas, assim estava bem no seu

papel no trabalho, e, como o corpo é seu próprio campo de ação e o conhece muito bem, foi capaz em menos de dez segundos de fazer a junta chegar ao lugar com um "clique".

Uma coisa tinha ficado aparente desde o princípio, no uso APH do *EU Básico* e ***aka*-mana** sob a coação ou estímulo, que é o fato de que a cura é muito parecida com a memorização. Repete-se e repete-se a coisa a ser memorizada, tornando os cachos de *formas de pensamento* do verso ou fórmula cada vez mais fortes, de modo que são atados de forma cada vez mais unida, um ao outro, e podem ser reproduzidos ou lembrado dos mais fácil e completamente.

A cura é algo que devia ser manejado da mesma forma que se decora um longo poema, a não ser que seja uma coisa simples como fazer, o ajuste de uma junta, que pode ser feito em uma única vez. O quadro da condição normal desejada e relembrado e reforçado e cada vez mais **mana** é ligado a ele. Mesmo a emoção de fé confiante pode ser gerada no *EU Básico*, através dos esforços do *EU Médio*.

O famoso Coué, que nos deu a fórmula "*Cada dia, em todos os aspectos, estou me tornando cada vez melhor*", tinha a ideia certa — repetição e mais repetição com o pensamento constante de que a cura ou melhora estava firmemente acontecendo. Se ele tivesse entendido o uso do ***aka*-mana** e do cacho de *formas de pensamento*, seu método poderia não ter sido esquecido tão cedo.

Há uma grande diferença entre cura comum e substituição de tecidos, e cura e substituição através de uma sobrecarga de **mana** e um comando de vontade para colocar o *EU Básico* no trabalho de fazer correção. Alguns tecidos do corpo são considerados pelos médicos como de uma espécie que não é substituída pelo corpo quando danificados — ou, se forem substituídos de alguma forma,

fica um tecido de cicatriz no lugar das células danificadas. Até aqui, o trabalho APH não tem descoberto onde pode ser traçado o limite na questão de substituição que é possível quando o **mana** extra é vertido diretamente e muitas vezes bem na parte necessitada de correção— acompanhado, naturalmente, pelas instruções e ordens adequadas ao *EU Básico* e, se possível, por um estímulo físico que realmente impressione.

Naturalmente, subentende-se que quando se obtém o auxílio do *EU Superior*, as possibilidades de cura são infinitamente maiores e mais permanentes.

Vou citar uma carta recebida algum tempo após ter publicado "*Milagres da Ciência Secreta*". Eu a incluo porque mostra o que um entendimento inteligente e a colocação em uso do conhecimento do acúmulo de **mana** e envio através das mãos pode realizar na cura. Mostra firmeza de propósito. Fé.

Nunca encontrei a senhora que escreveu a carta. Embora ela não diga isso, estou certo de que estava em contato com seu *EU Superior* durante a cura, como testemunha esta linha dela ... "...aquela barreira científica que não admitirá nenhuma luz espiritual". Ela não se tornou um membro da APH. Já tinha testado e provado a teoria kahuna por si própria. Reproduzi a carta em um boletim e foi fonte de inspiração para os APHs, animando-os a continuar o trabalho. Aqui está a carta:

Prezado Sr. Long:

Tenho estado desejosa de compartilhar com V. Sa., a minha experiência de cura através dos métodos Huna, mas sentia que devia esperar até que meu médico admitisse que era uma cura permanente. Embora a cura fosse miraculosa e impossível pelos padrões normais, ele insistia que provavelmente era um fenômeno temporário e que devia esperar uma recaída. ***Mais de um ano se passou,*** *sem recaída, de modo que agora está relutantemente admitindo que o mal foi curado, ainda que alguns aspectos da cura fossem impossíveis e não pudessem acontecer de acordo com a história médica.*

"Quatorze meses atrás fui mandada para o hospital com uma doença nos olhos que começou com conjuntivite, transformando-se rapidamente em irite, queratite bilateral (ambas consideradas incuráveis) e uma úlcera da córnea. Durante o decorrer do tratamento, antes da hospitalização, a úlcera tinha sido cauterizada duas vezes, resultando em uma visível cicatriz na córnea. Fui informada pelo médico que a cauterização era absolutamente essencial, devido ao fato do que a úlcera não tinha respondido a vários tratamentos e que resultou em uma cicatriz que ficaria comigo enquanto eu vivesse: assim, eu estava preparada para isso.

"Para abreviar a história, fui liberada pelo hospital totalmente desencorajada, uma vez que minha visão tinha sido muito e permanentemente prejudicada. Disseram-me para voltar para um exame e receita de lentes mais fortes, depois que os olhos tivessem um mês ou dois de readaptação. Eu tinha visões de mim própria usando aquele negócio de lentes grossas — o que já era mau suficientemente , mas ter minhas leituras reduzidas era o pior golpe imaginável.

"Enquanto recuperando-me em casa, li "Os Milagres da Ciência Secreta" e senti um renascer de esperança que realmente me tirou do meu desânimo. Não preciso dizer que comecei imediatamente a praticar o acúmulo de ***mana****, dirigindo-o para concentrar-se em minhas mãos. Então colocava as mãos sobre meus olhos e comandava a força a entrar e curar. Quando voltei ao oftalmologista para o exame, não disse nada sobre a melhora que sabia ter acontecido. Ele examinou meus olhos com cada peça do equipamento que possuía murmurando ocasionalmente que era incrível. Então, informou-me que teria que examinar meus olhos depois de pingar algumas gotas antes que pudesse prescrever qualquer coisa. Após novo exame com as gotas, foi forçado a admitir que algo tinha acontecido que não podia entender. Disse que não havia mais nenhum sintoma APARENTE de irite ou da queratite bilateral. O mais importante era o desaparecimento completo da cicatriz. Afirmou que o tecido da cicatriz não tem circulação de sangue e que NÃO PODERIA ser absorvido e que deveria estar lá, embora NÃO ESTIVESSE. O melhor de tudo, depois de usar óculos por dezessete anos, minha visão tinha melhorado ao ponto em que não mais necessitei de óculos de nenhuma espécie!*

O médico continuou questionando-me sobre o que eu pensava que tinha acontecido para efetuar tal mudança. Tentei contar-lhe, mas vi que não adiantava, com aquela barreira científica que não admite nenhuma luz espiritual. Ele apenas riu e olhou para mim como se eu fosse uma desequilibrada mental, mas do tipo inofensivo.

Quando me deu alta, preveniu-me solenemente que eu teria sem dúvida uma recaída dentro de três meses, que o que havia acontecido era estranho, mas certamente apenas uma condição temporária. Isso atiçou a décima sexta parte do meu sangue que é irlandês, e o fiz prometer admitir que seria uma cura permanente, desde que não houvesse retorno dentro de um ano. Ele estava tão seguro de si que concordou bem rapidamente com uma atitude tipo: "espere e verá".

Como prova física a mostrar aos duvidosos Tomés, tenho minha velha licença para dirigir, carimbada em tipos grandes na frente: "NÃO VALE SEM O USO ADEQUADO DE LENTES CORRETIVAS" e minha nova licença sem ele.

"Serei eternamente grata a V. Sa. e seu livro por esta maravilhosa cura".

Tenho permissão para reproduzir a carta, uma das

muitas que entesouro em meus arquivos, mas sinto que provocaria uma injustiça a quem escreveu, publicar seu nome e endereço (numa cidade da costa leste).

Todas estas cartas são interessantes como curas, e de nenhuma outra forma: elas nos lembram que a palavra escrita não tem nenhum valor, a não ser que as ideias nelas expressas sejam colocadas em uso e se tornem parte da experiência pessoal.

Capítulo 12.
O Grupo de Cura Mútua Telepática

Foi lançada uma experiência entre os membros da APH que desejassem participar, baseada nas teorias Huna do *cordão* ***aka*** e das mensagens telepáticas enviadas através dele. Nós a chamamos de Grupo de Cura Mútua Telepática, que foi em pouco tempo transformado em sigla, GCMT, segundo o hábito moderno. Iniciado como uma experiência destinada a durar e ser relatada somente por um período de um mês, o interesse e resultados conservaram-no ativo durante anos.

Como tem sido dito, a APH era composta de pessoas espalhadas aqui e ali através deste pais[21], Canadá, Europa e Austrália. Nosso único meio de encontro era através das cartas e dos boletins. Havia muitos que sentiam a necessidade do contato com outros que estavam trabalhando na mesma linha. Havia outros com necessidades urgentes e cuja confiança na força de suas próprias preces era fraca. É verdade que, onde haja uma pessoa que conseguiu pouco, trabalhando só, um número maior de pessoas unidas em um propósito comum, pode realizar grandes coisas.

Não havia possibilidade de nosso encontro físico, como as pessoas fazem na igreja ou salão de conferências. Mas porque não se encontrar telepaticamente? Tínhamos estado ensinando nossos *EUs Básicos* a usar o talento que pertencia somente a eles.

Aqui estava uma chance para experimentação, ao longo

dessa linha, mas em larga escala e uma oportunidade de ajudar aqueles que necessitavam de auxílio, se pudéssemos fazê-lo. Por muitos anos têm sido praticados "tratamentos à distância", por modernas organizações religiosas, sem a menção ou realização do envolvimento do elemento telepático.

Sempre houve preces em intenção de amigos e seres amados, à distância, e muitas vezes preces organizadas, nas quais membros distantes de um grande grupo se uniam em horas determinadas.

Pesquisei os registros das práticas kahunas para ver se havia um precedente ou guia que pudesse ajudar-nos ao planejar nossa ação. A combinação ideal para a cura, naturalmente, era o kahuna e seu paciente. O kahuna concentrava todos seus esforços em uma pessoa, antes de voltar-se para outra. Mas encontrei uma prática muito interessante, na questão do "trançar dos *cordões **aka***", que era exatamente adequada aos nossos fins.

Como declarado em capítulos precedentes sobre o treinamento do *EU Básico* em telepatia, sabíamos que a mensagem em forma de pensamento viaja pelo *fio* ou *cordão **aka*** projetado pelo *EU Básico* e ligado ao EU *Básico* da pessoa a quem estamos enviando a mensagem. Conhecíamos a crença de que os *EUs Superiores* de uma unidade tribal ou grupo formavam o **Poe Aumakua** ou *Grande Companhia dos EUs Superiores*. Acreditávamos também que havia força na união no nível do *EU Superior*.

O símbolo para isso era uma corda ou tecido, trançado com muitos fios.

Uma corda é muito mais forte que um fio e a implicação é que fios ou cordões de muitas pessoas, ligando-as aos muitos *EU Superiores*, se todas estiverem incentivadas para

o envio de mana e das formas de pensamento da mesma prece ao mesmo tempo, permitirão aos *EUs Superiores* realizar um poderoso trabalho de poder em favor da comunidade ou grupo de *EUs Básicos* e *Médios*, que se unem neste tipo de prece.

Na Polinésia, os templos muitas vezes eram grandes plataformas elevadas, pavimentadas de pedra e sobre elas havia várias casas de sapé, cada uma dedicada a um fim especial. Uma dessas casas era reservada para o bem da tribo como um todo. Era nesta casa que, após purificações ritualísticas preliminares adequadas das pessoas que se tinham reunido para constituir a congregação, os sacerdotes se ocultavam e realizavam o misterioso rito final de trançar as fibras de casca de coco para formar uma corda forte. Uma vez trançada, simbolizando a união dos *fios* ***aka*** de toda a congregação para fornecer força ampliada e provavelmente exibida para o povo — a prece era considerada concluída e enviada aos *EUs Superiores*.

No Japão, onde muitas coisas remanescentes da Huna ficaram retidas nas religiões mais antigas, o símbolo pode ser encontrado, sob a forma de um fio de corda pendurado entre dois pilares, diante dos templos. A corda é tão grossa quanto o corpo de um homem no centro, mas diminui para um pouco mais que um único fio em cada extremidade, contando a lição de força na união, em uma simbologia duradoura.

Desta ideia do significado da corda ou cordão trançado, desenvolvemos nosso plano de procedimento. Eu me propus a oficiar, centralizando as coisas e fazendo o melhor para realizar o rito de “trançar” e dirigir o **mana**, enquanto fluía de todos os lados, ao longo dos *fios* ***aka***, em direção aos *EUs* Superiores.

Os participantes do GCMT deviam enviar para mim, ao

longo dos *fios* ***aka*** que nos ligavam, o **mana** e as *formas de pensamento*.

Sabemos, por nosso estudo de psicometria, que um *fio* ***aka*** é ligado a um objeto pela pessoa que o maneja e que mais tarde um psicometrista pode tocar o objeto e seu *EU Básico* seguir o *fio* ***aka*** até o proprietário, descobrindo coisas sobre o dono, que podem ser verificadas. Portanto, decidimos usar, para nosso contato do *fio* ***aka***, cartas e assinaturas enviadas a mim por aqueles que tomavam parte na experiência.

A carta devia declarar de forma breve a prece bem meditada (da qual não deviam se desviar). Devia ser assinada a tinta e a assinatura ser olhada firmemente por cerca de meio minuto, com a folha segura nas mãos — desta forma assegurando-se de que o *fio* ***aka*** seria ligado à folha e à assinatura.

As cartas então seriam enviadas para mim. Planejei colocá-las em uma caixa e colocar as palmas de minhas mãos em seus cantos, durante os minutos em que devíamos realizar nosso ritual da prece em conjunto. Antes da hora marcada, contudo, eu tocaria cada carta e me concentraria nela por um curto período, para tentar fazer o contato preliminar, através de meu *EU Básico* e o *fio* ***aka***.

Escolhemos uma determinada hora diariamente para fazer nossos contatos mútuos e para a ação da prece. Como alguns dos APHs somente podiam trabalhar às tardes e outros somente à noite, e como havia a diferença de fuso horário entre as várias partes do mundo a ser considerada, estabelecemos os períodos de GCMT às 15 e 19 horas, fuso da Califórnia, e os APHs deviam calcular as diferenças de hora e fazer com que seus próprios períodos de prática coincidissem com a hora da Califórnia.

Foram enviadas instruções àqueles que queriam participar da experiência, com o procedimento da prece-ação. Reproduzo uma versão condensada delas, que servirá para mostrar como realizamos os testes:

O RITUAL DA PRECE-AÇÃO DO GCMT é, de forma geral, dividido em etapas, como segue:

1. Vocês manterão suas *formas de pensamento* da condição desejada totalmente feitas e prontas para serem rememoradas sob aviso prévio. Uns poucos minutos antes da hora estabelecida, cada um assume uma atitude mental adequada de expectativa e então acumula uma sobrecarga de **mana** tão grande quanto puder. Quando chegar a hora, faça um contato telepático com seu próprio *EU Superior* e os *EUs Superiores* dos outros, dirigindo sua atenção para mim, como coordenador, mantendo a vontade de fazer o contato telepático através de mim, como centralizador e de onde sobem os "cordões trançados" ou *fios* ***aka*** unidos, para contatar os *EUs Superiores* e aumentar o poder das preces-ação de todos que participam. Envie amor, bênçãos e **mana**, conscientemente, para os *EUs Superiores*, através de mim, como centralizador. Faça isso por dois minutos, também pedindo e visualizando bênçãos para o mundo e oferecendo **mana** para uso dos *EUs Superiores*, para seus próprios fins, quaisquer que sejam.

2. Após, aproximadamente, ao final de dois minutos, relaxe e deixe que eu lhes envie meu amor e bênçãos e visualização das condições perfeitas. Enviarei também uma cor, como auxilio no desenvolvimento de sua receptividade telepática. Não se preocupe se não captar nenhuma impressão.

Tem sido nossa experiência que os benefícios não deixam de vir se a captação for fraca ou inteiramente ausente.

3. Cerca de quatro minutos após a hora marcada, ponha-se a trabalhar, fazendo sua prece-ação da forma costumeira, rememorando e visualizando em detalhes vividos as condições que deseja ver construída em seu futuro pelos *EUs Superiores*. Imagine-se entrando nas novas condições e fazendo todas as coisas que faria ou fará quando elas se materializarem como realidades — quando a resposta for completada pelos *EUs Superiores*. Nessa ocasião é bom visualizar outros também abençoados com as condições desejadas, se a vida deles for ligada ou dependente da sua em algum ponto.

4. Quando se aproximar o final de oito minutos, esforce-se em mandar e dizer que ESTÁ enviando as *formas de pensamento* das condições desejadas, junto com um forte fluxo de **mana**, para os *EUs Superiores*, por meio do centralizador e do cordão trançado dos *fios* ***aka*** conectores. Concluído isso, faça uma pausa de poucos segundos e então termine a prece cerimoniosamente e de forma definida, dizendo: "*A prece voa ... Deixai a chuva de bênçãos cair*. (Este é o fluxo de retorno do **mana** transformado em ***Mana*** *Superior*, que tem o efeito de revivificar e abençoar-nos) *Au...ma...ma...*" (Ou "amém").

A experiência foi realizada fielmente durante todo o mês, sendo-me enviados relatórios durante ç período e no final dele.

Aqui está o relato, novamente condensado, extraído do

boletim, conforme foi feito no final do período de teste:

Relatório da Experiência do Grupo de Cura Mútua Telepática

25 de novembro a 25 de dezembro de 1948

A QUESTÃO DA HORA foi um dos principais obstáculos. Muitas vezes alguns de nós tínhamos que interromper as reuniões sociais ou tarefas caseiras e correr, para unir-se ao trabalho. Alguns não conseguiram muitas vezes realizar isso, de forma alguma. Um número surpreendente descobriu que pareciam incapazes de lembrar a hora e a esqueciam até que passasse (talvez seu “George” não estivesse interessado). Contudo, dentre o grande número dos que tomaram parte (cerca de cinquenta ou sessenta), somente muito poucos foram incapazes de participar, na maioria das tardes.

A FINALIDADE DA EXPERIÊNCIA ERA (**1**). Verificar se impressões telepáticas podiam ou não ser enviadas por mim, a partir do centro em Los Angeles, para um certo número de Associados ao mesmo tempo; (**2**). Ver se as impressões podiam ser captadas conforme enviadas ou se seriam distorcidas e alteradas; (**3**). Verificar que efeitos teria o trabalhar desta forma como um grupo, segundo os métodos e as crenças Huna, ao curar o corpo ou as circunstâncias, ou em outras formas inesperadas.

FORAM ENVIADAS TELEPATICAMENTE (por mim, para fins de teste) os números 1 a 10, figuras geométricas simples, tais como triângulos, quadrados, círculos, estrelas, cones, pirâmides (sólidos, em lugar de um simples esboço, em alguns casos) a letra “H” (de “Huna”) e a cor VERDE. Esta cor variou do verde amarelado claro até o mais escuro, brilhante e muitas vezes um verde ligeiramente azulado. Também foi enviado o quadro visualizado de vales verdes pacíficos, campos e terras de fazendas cobertas de verde

para corporificar a ideia de PAZ MUNDIAL, pela qual todos trabalhávamos, em acréscimo a outras coisas desejadas.

EM CADA QUARTA-FEIRA À NOITE um grupo bem organizado e há muito estabelecido de cerca de quinze pessoas, muitas treinadas no uso de sugestão para vários fins (não originalmente um grupo Huna, mas com todos membros já sócios da APH) se unia a mim na hora certa, para realizar as etapas da experiência. Continuei a enviar a imagem telepática como sempre, para testar a diferença, na recepção que pudesse ocorrer a certa distância e nas proximidades. (Não se notou nenhuma diferença).

ESTE GRUPO, trabalhando comigo como uma unidade mais tarde, durante a noite, tentava transmitir cura por meios telepáticos (invocando também a ajuda dos *EUs Superiores*) para vários APHs em lugares distantes. Isto era para testar a ideia de que várias pessoas, trabalhando em conjunto como um grupo, podiam ser capazes de exercer uma força maior do que um único indivíduo. Verificações por carta (em alguns casos sem deixar o paciente saber antecipadamente a hora e o plano), demonstraram um evidente benefício, especialmente na questão de restauração de força e sentimento de bem-estar. Em dois casos, as pessoas assim tratadas sentiram-se tão bem nos dias seguintes que se esgotaram e retornaram ao estado primitivo. Os membros do grupo também experimentaram esta estranha sensação de exaltação e contentamento no dia seguinte. (O problema de como conservar o efeito por mais tempo ou permanentemente parece ser ligado, de forma definida, à questão do **mana**. Em todas as ocasiões, o grupo tinha praticado acumular uma sobrecarga de **mana** para ser usada de várias formas, experimentalmente, assim como em testes de cura).

MEUS SENTIMENTOS PESSOAIS, NO CENTRO, foram

marcados pelo fato de que eram muito fortes em algumas noites e quase ausentes em outras, isto também tem sido a experiência de QUASE TODOS OS APHS, QUE RELATARAM SUAS SENSAÇÕES. A causa desta variação não foi determinada. Nas noites em que sentia pouco ou nada, as imagens mentais enviadas telepaticamente aparentemente foram captadas da mesma forma. Na primeira noite, peguei o maço de cartas que tinham chegado de lugares distantes e afastados e trabalhei com elas, notando os nomes nelas e mentalmente alcançando meus amigos, um após o outro, para estabelecer contato telepaticamente através dos *fios **aka*** ligados às cartas e assim, a eles. À medida que a hora se aproximava, senti uma forte corrente interior de excitação, como se captando a atitude de expectativa de todos, aguardando o início.

Quando chegou a hora, relaxei e aguardei até sentir os pensamentos e **mana** dirigidos a mim. Minhas mãos formigavam nas cartas e, quando concentrei a mente para unir todos nossos *fios* e elevá-los como uma grande "*corda trançada*" (***aha***) para a *Grande Companhia dos EUs Superiores* (da qual o nosso próprio fazia parte) aconteceu uma sensação BEM INESPERADA de ser repentinamente ELEVADO, PURIFICADO e ABENÇOADO. Senti um fluxo de alegria, amor e um grande desejo de ajudar, fazendo meu papel determinado no trabalho de cura e restauração. A reação emocional que marca a cooperação do *EU Básico* subitamente foi muito forte, e a alegria disso tudo trouxe lágrimas aos meus olhos. (Outros relataram esta reação da parte deles também). Nesta condição de ânimo, devolvi para os meus amigos o amor e bênçãos que sentia fluindo para nós, provindos dos *EUs Superiores*. Havia um sentimento místico nisso tudo, tal como eu havia experimentado na "Realização" sob o sistema Zen (budista) e como me lembro de ter sentido uma vez em uma reunião de despertamento batista, anos atrás...

O passo seguinte foi aquele em que todos tornamos claros diante de nós os quadros das condições desejadas. Visualizei as condições perfeitas de saúde, felicidade e prosperidade para todos e o mundo abençoado com paz e abundância. Nos minutos seguintes, apresentei meu quadro e senti aumentar o pronunciado formigar em minhas mãos, à medida que o nosso **mana** unido e os quadros fluíam pelo cordão trançado. No final do quarto minuto, encerrei as ações da prece da forma costumeira, relaxando enquanto tentava sentir qualquer retorno vindo dos *EUs Superiores*. Senti algo, vagamente, que parecia me preencher com nova força, elevar-me e purificar-me de novo. Logo comecei meu trabalho de cura telepática individual da noite, muito revigorado e com um sentimento maior de fé e confiança. Foi uma experiência muito abençoada e que, quando experimentada por outros, nos torna a todos ansiosos por continuar o trabalho, mesmo se muitas noites se passarem sem sentir tais fortes recompensas.

OUTROS RELATARAM um certo número de vezes a recepção das coisas enviadas telepaticamente, bem como as tínhamos enviado, quase sem nenhuma alteração ou erro. Mas na maioria dos relatórios, algo tinha sido acrescentado ou alterado. Por exemplo, o triângulo tinha sido visto colocado em um escudo verde, que era margeado em ouro. O círculo foi visto começando a girar, mover-se e multiplicar-se. Os campos foram acrescidos de árvores com belas flores e as trilhas nos campos eram espantosamente perfeitas, retas e verdes. Para alguns o verde foi substituído por outras cores, fontes, redemoinhos e arco-íris coloridos. A pirâmide sólida e o cone foram ambos relatados. Estrelas simples se tomaram iluminadas, brilhantes e no Natal, encimavam árvores de Natal.

O PAPEL DESEMPENHADO AQUI POR SÍMBOLOS indica que os *EUs Básicos* estavam bem empenhados no trabalho conosco. Sabe-se que o *EU Básico* acrescenta àquilo que

capta fisicamente, tornando-os símbolos e, se pudermos alcançar o significado oculto neles, frequentemente revelam coisas escondidas abaixo do limiar da consciência. A ocorrência de tais símbolos nos faz saber que havia uma realidade na recepção e que não era uma invenção da imaginação.

OS RESULTADOS DE CURA foram excelentes e o esforço no mês de teste parece ter coroado um trabalho de autocura começado antes e os esforços de cura no quais tenho trabalhado com os associados em seus problemas. Aqui estão alguns comentários selecionados das cartas:

> *"Sinto seu efeito benéfico muito tempo depois da hora marcada". "... o melhor que já estive em quatro anos... sinto-me muito pequeno e humilde, de alguma forma... retribuo os agradecimentos...". "Quando V. Sa. nos disse que minha esposa tinha sido tratada pelo grupo de quarta-feira à noite, de aproximadamente vinte pessoas, verificamos e relembramos, singularmente — ou não — conforme possa parecer, que ela estava deitada na cama aquela noite aproximadamente à mesma hora. Sem nenhuma razão aparente, chamou-me de onde estava, em outro quarto, para dizer-me que estava repentinamente sentindo-se melhor — muito melhor. Ela não pôde descrever bem o que lhe aconteceu no momento, mas declarou que "algo" parecia acalmá-la e dar-lhe uma sensação de grande força, algo que ela jamais havia experimentado antes". "Nada ainda". "Estou sentindo o benefício do trabalho e tendo a esperança de que realizará o quadro todo" Na primeira noite me senti tão relaxado que caí no sono. Senti como se estivesse flutuando no espaço.* (**<u>Nota</u>**: esta é uma sensação que agora se tornou familiar para muitos). *Na noite seguinte vi belos campos verdes...". "Na primeira noite vi vagamente uma porta de correr que foi empurrada para o lado, que tomei como*

indicação de que o caminho estava aberto para nós. Na última noite havia um anel, com triângulos colocados no topo... as fitas caindo como uma corda enquanto eram trançadas”. (**Nota**: Outros logo relataram ver os fios **aka** “trançados” de forma semelhante e dois viram-nos de muitas e belas cores)*.*

“Nós três participamos todas as noites... Mamãe disse que na noite antes da última, sentiu uma grande diferença em seus olhos... Certamente estamos gratos por isso”. “Os olhos melhoraram firmemente na experiência do Grupo de Cura Mútua Telepática”. “Em 23 de novembro recebi a lição para a experiência e aprendi parte do ritual. No dia seguinte, aprendi-o todo. Na manhã do dia 25, repentinamente descobri que a terrível dor... tinha completamente desaparecido... quer seja o tratamento, quer apenas 0 estudar das instruções, eliminaram a dor... eu estou maravilhada”. (**Nota**: Sem dúvida ela fez contato com seu EU Superior na prática e conseguiu uma pronta resposta). *“Vi um círculo duplo: ... como um anel, girando com um brilhante fogo verde líquido... bem no centro brilhava — como um diamante — um resplendor de todas a cores”. “Eu tinha muita dificuldade com minha respiração quando caminhava ainda que por uma distância curta, e tinha que me sentar e recuperar o fôlego. Ontem andei dois quarteirões e não tive nenhuma dificuldade. Não era capaz de fazer isso há meses, assim pode ver como estou feliz...” “O tumor desapareceu inteiramente... os médicos ficaram muito admirados...”*

UMA DAS CARACTERÍSTICAS SURPREENDENTES da experiência é a emergência do sentimento de que, unidos desta forma nos contatos telepáticos e fazendo um contato unido com o **Poe Aumakua**, nós nos tornamos **uma entidade grupal**. Estamos “trançados” em união como nossos *fios **aka***, e parecemos compartilhar a espécie de

união ou "unidade" conhecida pelo *EUs Superiores*. Sentimo-nos unidos em um "corpo", experimentando amor, proximidade e camaradagem. Após a experiência, que um certo número de nós sentiu vividamente, passamos a conhecer o significado interior de igreja ou congregação, como um mecanismo para ser usado ao contatar e trabalhar com os *EUs Superiores* — sendo guiados, ajudados e curados — e, por nossa vez, recebendo serviço para realizar em nossos níveis de vida e sob o comando daqueles nos Níveis mais elevados.

Como foi declarado, o primeiro teste dos métodos do GCMT foi tão satisfatório que imediatamente começamos um segundo período e depois tomamos essa parte dos trabalhos um rito regular, às 3 e às 7 horas, diariamente, sete dias por semana, sem interrupção.

À medida que o tempo passava, foi solicitado um ritual de prece e enviado através do boletim. Foi sugerido que fosse mudado para se adequar às necessidades de quem utilizava, e depois decorado para uso. Os pensamentos contidos na prece têm uma força muito impressionante sobre o *EU Básico* — um estímulo físico de alta ordem. Após acumular uma sobrecarga de **mana**, na hora, a prece começa:

> *"Busco agora o contato com MFL no centro e procuro tornar-me uma parte do Grupo que agora se reúne para prece...*
>
> *"Com o grupo eu agora procuro o contato com a **Grande Companhia dos Aumakuas**, que inclui o meu próprio... (pausa). Amados e Totalmente Confiáveis Espíritos Paternais, purificai-me de todos pecados de males cometidos a outros. Aceitai a minha promessa de abster-me de ferir, e de fazer reparações pelos males passados, tanto quanto for possível.*

*“Purificai meu rosto maculado, usando a abundância de Tua Graça. Purificai este suprimento de força viva que ofereço como meu sacrifício vivo a vós... Agora envio através do cordão **aka** de contato e dos cordões trançados do Grupo, através do MFL no centro, este suprimento de **mana**... Aceitai-o com amor e alegre doar...*

“Eu agora envio o quadro mental das condições que peço para serem usadas como moldes ou sementes, preenchidas e tornadas realidades no futuro. Vejo um mundo de paz... um mundo próspero... um mundo feliz... um mundo seguro...

“Agora apresento este quadro de todos em nosso Grupo sendo trazidos à Luz e permanecendo em perfeita saúde... com um abundante fornecimento de todas as coisas necessárias para a vida feliz e o Serviço... Vejo a todos nós, incluindo a mim próprio, recebendo o poder de Servir, os meios para o Serviço e a Alegria do Serviço. Empenho-me em aceitar todas as oportunidades de Serviço com fé até os limites de minha habilidade e que, de pequenas coisas possa crescer em maiores no Serviço e diariamente tornar-se mais como vós sois, mais totalmente confiável no uso que faço das coisas entregues a mim. Esforçar-me-ei por fazer meu papel, a fim de tornar-me como me vejo no quadro, no futuro, e saudável, feliz e próspero preenchido com a alegria da vida do Serviço — tomando-me totalmente confiável em cada pensamento, ato e aspiração.

“Agora apresento um quadro mental especial da condição desejada para mim próprio (aqui visualizar as condições pessoais desejadas ou condições desejadas para outros)*.*

“ A prece agora termina. As imagens mentais são

colocadas à vossa guarda para serem materializadas tão logo seja possível, Amados e Totalmente Confiáveis Espíritos Paternais

"Grande ***Poe Aumakua****... Agora deixai o fluxo de retorno do* ***mana*** *cair, como chuva abençoada, para trazer todo bem e toda purificação. A ação da prece termina. Retiro-me do contato... Au... ma... ma......"*

Quando entramos na guerra da Coréia[22], recebi muitas cartas de esposas ansiosas, pais e namoradas dos homens nas forças armadas. Pediam auxílio do GCMT. Assim, inserimos um parágrafo no ritual da prece, construindo um "Muro de Proteção" ao redor dos soldados cujos nomes tinham sido enviados. Colocávamos uma prece especial imediatamente após o quadro mental de um mundo em paz. Eram assim as palavras: "*Agora apresento o quadro de todos os homens ligados com o grupo, que estão nas forças armadas. Cada um está rodeado com um Muro de Proteção fortalecido por nossos EUs Superiores a todo tempo e constantemente, protegendo-os do perigo de qualquer espécie*".

É um fato que, até a ocasião em que escrevo, nem um só homem na lista do "Muro de Proteção" foi morto. Muitos passaram por ações em que outros foram mortos ou feridos. Um sobreviveu, incólume, a um desastre de avião em que vários outros foram mortos ou feridos.

Mas tal resultado feliz das preces-ação do GCMT não foi, de nenhuma forma, universal. Embora, através dos anos em que o GCMT esteve ativo, chegasse uma carta após a outra relatando resultados que beiravam o miraculoso, outros relataram ligeiros sucessos e algumas vezes uma completa falta de benefício.

Parecia depender muito do indivíduo que procurava

auxílio através do trabalho com o grupo. O envio fiel do **mana**, dia a dia, aos *EUs Superiores*, e uma apresentação cuidadosa e regular dos quadros das condições desejadas, demonstrou ter um poder construtivo ou cumulativo. Também, a habilidade de uma pessoa para ajudar outra, algo do tipo de “embeber a bomba com água” para permitir a outro bombear por si próprio, parece ser necessária, em muitos casos. Um *EU Básico* com fé e plena confiança parece ser capaz de auxiliar muito o *EU Básico* do outro.

Para pequenos grupos, o meio ideal de trabalharem juntos parece ser através de reuniões de contato semanais, com projetos regulares e com preces-ação do tipo Huna feitas em união. O ritual que acabamos de dar é muito útil e cobre todos os pontos importantes. Então, durante a semana, com algum membro do grupo agindo como centralizador, pode-se empreender o trabalho em hora certa uma ou duas vezes ao dia, como no GCMT, multiplicando-se a força peia associação, de todas as formas.

Pará aqueles que desejam servir através do tratamento de pessoa ausente, pode-se aplicar, como guia na teoria assim como na aplicação prática, o conhecimento obtido pelo GCMT em seu trabalho experimental com a Huna. O seguinte relato sobre comunicação telepática entre duas pessoas, com o objetivo de curar, foi publicado em um dos boletins:

> UMA EXPERIÊNCIA DE CURA TELEPÁTICA BEM SUCEDIDA, com pesquisa especial do uso de água como acessório na recepção telepática, foi realizada em maio e junho pelo APH T.A.L. residente em Los Angeles, e a APH Sra. J.M.R. residente em Madison, Wisconsin. A última é dotada de paranormalidade, habituada ao trabalho de cura e capaz de sentir um fluxo descendente de **Mana** Superior como um chuvisco

resplandecente, quando contata seu **Aumakua**. T.A.L. tinha demonstrado alguma habilidade psíquica e tinha usado o método kahuna de fixar o olhar em uma vasilha com água, como na fixação em cristal, para ter imagens visuais em resposta a projeções telepáticas ou outras projeções.

A data estabelecida para o teste foi 23 de maio de 1952, às 7 horas da manhã, hora da Califórnia. A Sra. R. escreveu para T.A.L. "*Gostaria de enviar-lhe uma irradiação de cura enquanto o (contato telepático) e a corrente estiverem fortes. Naturalmente, posso não ser capaz de concentrar uma irradiação forte na hora marcada, mas talvez o EU Superior ajude. Podíamos começar às sete e continuar por nove minutos. Você pode até receber uma mensagem falada*".

A experiência foi realizada na hora e aqui está parte da carta de T.A.L para a Sra. R., relatando sua recepção: "*Pontualmente às 7 da manhã, eu estava pronto, tendo me preparado mentalmente para a mensagem e com a vasilha cheia de água. Sentei-me passivamente e mirei a vasilha, esperando o aparecimento de qualquer sentimento da chegada de alguma mensagem. Parecia* ***haver um absoluto vazio****; então às 7:03 apareceu uma cena na vasilha de uma senhora com cabelos grisalhos, olhos claros, estatura média, vestida em um casaco ou talvez uma camisola, porque as mangas eram de uma cor clara e apareciam proeminentemente, quando seus braços foram erguidos em súplica da prece* (Nota: As duas pessoas que estavam fazendo a experiência nunca tinham se encontrado). *Ela caminhou de uma sala para outra, parou na segunda sala junto a uma mesa, abaixou a cabeça e olhou fixamente, como se em profunda meditação — e ao mesmo tempo me tornei consciente de uma vibração pulsando ao redor de meu estôma****go.***

Durou um minuto completo e dentro de mim surgiu o pensamento para liberar as tensões. Tornei-me muito relaxado e bocejei. Podia até ver os lábios dela mover-se como se fazendo uma declaração, mas não pude perceber as palavras. Depois de alguns minutos, a ação terminou".

"*Tem sido minha obrigação diária ter à mão leite para aliviar o problema causado por minha doença no estômago. Em meu caminho para o trabalho, estava animado, pois tinha um forte sentimento de bem-estar e promessa de sua manutenção, por causa da vibração de cura que tinha sentido. Durante toda a sexta-feira não houve necessidade de beber leite, e não fui perturbado de nenhuma forma naquele dia, como acontece geralmente quando aparecem situações tensas. Desde então meu estômago tem estado bem normal e tenho sido capaz de comer e desfrutar de alimentos que até aqui tinham sido tabu para mim*".

A Sra. R., em resposta e após expressar seu prazer e gratidão aos Altos Seres pela cura, prosseguiu fazendo a verificação sobre a imagem telepática vista na água: "*Seu quadro na água era tão verdadeiro que me espanta. Bem como descreveu, caminhei de uma sala para outra duas vezes, enquanto tomava respirações profundas e as enviava ao topo de minha cabeça, conforme explicado em "*Milagres da Ciência Secreta*" — para contatar o EU Superior. Depois fiquei em pé, ao lado de uma mesa baixa e orei com a cabeça inclinada, depois levantando os braços, a palma da mão direita para baixo e a palma da mão esquerda para cima; senti ondas de uma irradiação suave e soube que você estava recebendo a cura. Pedi então que a cura fosse mantida. Depois que a corrente de cura foi enviada, esforcei-me para mandar-lhe a mensagem "Aceite a cura"*.

“Apar*entemente o EU Superior — seu — terminou o quadro neste ponto. Contudo, continuei com a atividade, fingindo que EU ERA VOCÊ — e caminhei ao redor da sala, esquecendo-me de MIM — ENQUANTO EU ERA VOCÊ NA CALIFÓRNIA. Caminhei rapidamente, sentindo vigor e “bem-estar” — e completa liberação em saúde. Às vezes uso esta atividade quando envio a cura e descubro que funciona! Falei alto e disse — enquanto EU era VOCÊ: “estou forte e EU ESTOU CURADO! ’’— Em seguida voltei aqui, agradecendo ao Curador Universal de TUDO QUE EXISTE. Depois prossegui meus deveres costumeiros... Sua descrição do “paletó escuro com mangas claras aparecendo” estava certa. Eu estava usando um roupão escuro e havia mangas claras aparecendo por baixo das mangas escuras do casaco*”.

Capítulo 13.
Contatos feitos através de Assinaturas, auras de assinaturas e sua medida

Quando o Grupo de Cura Mútua Telepática foi organizado, sabia-se muito pouco a respeito da estrutura **aka** das assinaturas feitas a tinta, exceto que, de alguma forma, havia um *fio* ***aka*** ligado a cada uma delas, o qual conduzia até aquele que tinha assinado seu nome e olhado a escrita.

Ainda não sabemos bem como e porque um fio aka ligado à assinatura é retido nela por mais tempo do que em um *fio* ***aka*** semelhante, preso a uma folha de papel simples, através de um toque ou um olhar. O fato, contudo, foi bem estabelecido por nossas experiências telepáticas e, por essa razão, as cartas, cada uma com sua assinatura a tinta, foram usadas com sucesso, ao estabelecer e manter os contatos comigo, como centralizador.

Por quase um ano, nós, da APH, fomos forçados a confiar inteiramente na teoria Huna do *fio* ***aka*** ou cordão de conexão, simplesmente porque "funcionava". Os contatos telepáticos eram feitos acima de qualquer dúvida, enquanto quadros, símbolos e cores eram enviados e recebidos repetidamente. Então apareceram duas provas da validade da teoria do contato pelo *fio* ***aka***, que lançaram muito mais luz a toda a questão.

Em 1949, o Dr. Orcar Brunler, mencionado antes como cientista de renome, chegou da Inglaterra para residir na Califórnia.

Os APHs dessa região ficaram familiarizados com seu trabalho, através de suas conferências e porque se tornou membro de nosso grupo. Uma destacada contribuição para nosso conhecimento do *fio* ***aka*** de ligação, que vai de uma assinatura a seu proprietário, foi feita indiretamente, através da descoberta anterior do Dr. Brunler de que uma assinatura contém precisamente a mesma taxa vibratória da espécie de irradiação da pessoa que a escreveu, Essa descoberta é uma história fascinante, merecendo mais que uma menção passageira.

Conforme declarado em outro ponto correlacionado, por muitos séculos as habilidades psíquicas de *EU Básico* tinham sido colocadas em uso em coisas tais como a radiestesia de água com o auxílio da forquilha de uma árvore viva, ou o uso de um simples pêndulo. Em anos posteriores, foram inventados instrumentos como o Aurameter, de Cameron. Em todos casos, não importa que instrumento seja usado, a ideia é fornecer ao *EU Básico* algum meio mecânico, através do qual possa comunicar suas descobertas ao *EU Médio*.

Para alguém que tenha suficiente habilidade paranormal e treino, é possível sentir a água sob o solo sem o uso da forquilha, pêndulo ou instrumento. Há alguns anos atrás, notícias na imprensa falaram de um rapaz na África que podia "ver" paranormalmente dentro da terra e que tinha adquirido boa reputação pela localização de água, depósitos de ouro e diamantes.

Para os menos capazes e menos plenamente treinados, é de muito valor o auxílio instrumental. O pêndulo, por causa de sua simplicidade e porque pode balançar em várias formas ou direções, tem sido o apoio favorito para ajudar "George" a contar à sua mente consciente ou *EU Médio* aquilo que descobriu, quando instruído a fazer uma

investigação psíquica de algo, seja água subterrânea e minerais ou a condição de órgãos ocultos no interior do corpo. Como acontecia com nossas caixas de teste, o *EU Básico* pode penetrar certas coberturas, investigar o que está por baixo e relatar, pelo uso de um código pré-estabelecido de oscilações — a “convenção”.

Na Europa, o uso de pêndulo tem sido lugar comum por muitos anos, e tem sido reconhecido como prático e legítimo, desde que o usuário possa provar sua habilidade. Nos Estados Unidos, por várias razões, o uso do pêndulo foi inteiramente negligenciado até a última década, quando um leve interesse em seu uso foi provocado entre alguns tipos de “ocultistas” e alguns dos líderes dos movimentos de “alimentos naturais” — tendo o pêndulo provado ser um instrumento excelente e um auxílio para saber que alimentos seriam adequados para o operador do pêndulo e quais não.

Infelizmente, muitas pessoas do tipo irresponsável lançaram-se sobre o pêndulo e se puseram a usá-lo para alguma forma de prever a sorte. Isso, naturalmente, desacreditou parcialmente o uso de tal instrumento, mesmo nas mãos de peritos comprovados.

Na França, onde o pêndulo foi largamente aceito há muito, foi usado pelo Sr. Bovis, em conexão com uma régua de 100 cm de comprimento, para fornecer leituras em termos de centímetros, quando testava coisas materiais. Havia determinado uma convenção, ou código, no qual o *EU Básico* podia tomar conhecidas suas descobertas em termos de medidas na régua. Cem centímetros ou “graus” foram tomados como medida para um ovo, barril de vinho, queijo, maçã, ou garrafa de óleo de oliva perfeitos — e mais tarde no trabalho de diagnóstico para o estômago, fígado, olhos ou dentes.

Qualquer coisa, viva ou morta, desde que fosse física e suficientemente material para contatar, podia ser investigada pelo *EU Básico* treinado do Sr. Bovis, a fim de verificar sua pureza ou estado de saúde — sendo a resposta dada em termos de centímetros, fazendo o pêndulo balançar conforme estabelecido, seguro sobre o lado direito da régua de medir.

O processo era simples. Uma amostra da coisa a ser testada era colocada em uma extremidade da régua de medir, ou a mão esquerda do operador era colocada sobre a coisa a ser verificada, como sobre um queijo ou barril de vinho. A mão direita, segurando o pêndulo, era então movimentada vagarosamente da extremidade zero da régua de medir, em direção à extremidade de 100 cm. O *EU Básico*, conforme tinha sido ensinado, fazia o pêndulo balançar todo o tempo, mas em diagonal ou em círculos. Somente quando o lugar correto era atingido na régua, para indicar o resultado, o pêndulo começava a balançar exatamente em ângulos retos à régua.

Para tornar a mão mais firme ao segurar o pêndulo, o Sr. Bovis montou uma placa de metal sobre uma tábua com ranhuras, a fim de que a medida pudesse ser deslizada vagarosamente sob a placa, enquanto o pêndulo estivesse balançando. Marcou na placa linhas diagonais, assim como linhas para demonstrar o exato ângulo reto e o instrumento simples funcionava de fato muito bem. Chamou-o de "Biômetro". Mais tarde desenvolveu uma bela teoria na qual sugeria que todas as coisas emitem radiação e que seu Biômetro simplesmente ajudava a medir o comprimento de onda das radiações e as transformava em termos de "graus" de centímetros. Até prosseguiu um passo além e anunciou que, ao multiplicar sua leitura em centímetros; por 0,065, podia-se transformar o resultado em graus angstrom e identificar as radiações em termos de tudo, desde o

infravermelho até a luz ultravioleta.

O Biômetro foi um grande sucesso. O Sr. Bovis ganhou a vida por algum tempo como inspetor especial para o governo francês. Com seu Biômetro, podia classificar barris de vinho ou bolos de queijo — quase tudo — e fazê-lo muito melhor e mais rapidamente do que podia ser realizado por qualquer outro método.

Partindo daí, a verificação e teste de várias partes e órgãos do corpo foi uma etapa simples, que o Sr. Bovis empreendeu sem hesitação. Suas tentativas de diagnóstico eram tão bem-sucedidas que os médicos começaram a enviar pacientes para ele, quando não podiam determinar a natureza de alguma doença obscura. O uso do Biômetro expandiu-se e logo o inventor acrescentou alguns outros aparelhos à lista, sendo todos instrumentos simples, destinados a permitir ao *EU Básico* dele descrever o estado de saúde das pessoas, em termos de alguma forma de medida, como nos graus do círculo, e assim por diante.

Éramos tão afortunados a ponto de ter, entre os APHs, um membro que possuía um jogo completo de instrumentos Bovis, mesmo que isso acontecesse algum tempo após a morte do inventor e o cessar da fabricação das coisas tais como seu Biômetro, Tetrâmetro, centro radiográfico e Dosímetro Jumelle. Todos foram testados aqui e foram considerados tanto práticos como surpreendentemente precisos, desde que o *EU Básico* do operador fosse sempre adequadamente treinado e preparado no uso dos instrumentos e na convenção da medida a ser usada.

Enquanto o Sr. Bovis era ainda vivo, o Dr. Brunler tomou-se interessado no Biômetro e na teoria que tinha sido oferecida para explicar que estava medindo radiações em termos de "Graus Biométricos", ou centímetros, que podiam ser convertidos em leituras em termos de cores. Comprou

um Biômetro e levou-o consigo para a Inglaterra. Lá aprendeu a usá-lo habilmente e convenceu-se de que era prático.

Sendo também um inventor e pesquisador, não se passou muito tempo antes que o Dr. Brunler tivesse aumentado a extensão da régua de medir do Biômetro para 1000 cm, e estivesse medindo radiações que descobriu estar entre a faixa de 100 graus biométricos até o limite dos 1000 graus.

Nesta nova faixa, identificou radiações que pareciam vir da "mente" ou "alma" — a parte mais interior ou "EU" dos seres humanos. Por questão de simplicidade, chamou a estas radiações de "radiações do cérebro", mas preveniu que não estava medindo a saúde física do cérebro ou de seus tecidos.

Isto foi uma grande descoberta. Foi capaz de medir a **consciência, o nível de inteligência, a personalidade e o caráter**, no Biômetro modificado.

Ao fazer um grande número de leituras de indivíduos diferentes e ao classificar os resultados de acordo com seu extenso estudo das pessoas assim lidas, foi capaz de desenvolver uma escala de medidas da inteligência e personalidade, de forma geral. Procurando um meio de explicar o fato que alguns homens têm leituras mais altas que outros, e são muito menos dotados intelectualmente, estabeleceu a teoria de que a humanidade está num estado fluídico de evolução mental ou da "alma".

Postulava que, através de uma série de encarnações, os homens evoluíam cada vez mais alto na escala, até que, finalmente, alcançavam um alvo definido. A natureza do alvo não era algo tão simples de determinar. Necessitava-se apenas saber que altura, em termos de Graus Biométricos,

uma pessoa teria que alcançar através da evolução, antes que ela terminasse o seu curso e seguisse para algo ainda mais elevado.

Em sua pesquisa por limites nos grupos de graus mais elevados, empreendeu testes destinados a obter leituras de grandes homens do passado. Testando as coisas que deixaram, como manuscritos, quadros, estátuas feitas de mármore e pedra, realizou a descoberta posterior de que a assinatura em uma carta, num documento ou quadro continha, de alguma forma misteriosa, a mesma irradiação de quem as fizera, estivesse vivo ou morto há muito tempo.

Comparou leituras feitas diretamente de indivíduos com leituras tomadas em suas assinaturas, e em todos os casos descobriu que os dois resultados eram idênticos no Biômetro. Logo estava testando documentos embolorados, escritos arquivados, pinturas em famosas galerias. Testando estas assinaturas de homens famosos, verificando as assinaturas escritas por eles em várias épocas de suas vidas, ou em sua velhice, descobriu que a média do crescimento evolutivo durante a vida ia de um e seis graus biométricos. O último foi o mais alto que jamais descobriu, e um progresso raro ascendente, que parecia ter sido alcançado somente à custa de muito sofrimento.

A implicação tornou-se clara, quando considerou suas descobertas posteriores de que a média da leitura de homens primitivos era ao redor de 200 graus, e a leitura dos mais avançados não ia além de 725. Considerando um grau de crescimento evolutivo em cada período de vida, o número de encarnações necessárias seria de cerca de cento e cinquenta.

A leitura mais elevada que o Dr. Brunier encontrou veio de uma fotografia de um pano que tinha a reputação de ter sido usado para enxugar o rosto de Jesus, quando sofria

durante a crucificação[23]. O pano, supunha-se, tinha ficado marcado com a estampa de seu rosto e era e ainda é reverenciado em uma famosa igreja no Sul da Europa. A leitura era de 1000 graus biométricos exatos. O Dr. Brunler livremente admitiu que a relíquia podia não ser genuína, ou que a leitura pudesse estar colorida por suas próprias reações interiores, mas estava inclinado, assim me disse, a colocar o limite da evolução no ponto 1000 graus — ponto em que a transição aconteceria, que levaria o homem ao seu alvo, qualquer que fosse.

Entre os grandes homens do passado, cujas leituras foram feitas a partir de suas assinaturas e que podiam ser consideradas inteiramente confiáveis, o mais evoluído encontrado foi a do pintor, escritor e inventor — o gênio total — Leonardo da Vinci. Sua leitura era de 725 graus. Abaixo de seu nível estavam os outros grandes pintores, e depois deles vinham os grandes compositores. Em seguida os grandes escritores e depois os grandes estadistas, seguidos pelos generais. Os homens de ciência eram encontrados também nestes altos níveis. Raramente alguém abaixo de 450 graus tornou-se famoso de forma duradoura. A média das pessoas na Europa e Estados Unidos é ao redor de 250, enquanto para os homens de países menos desenvolvidos, a média é de 225. As leituras mais baixas eram em torno de 118 graus e estas vieram daqueles que estavam um pouco acima do nível de imbecilidade.

O “padrão da personalidade” também era registrado no Biômetro, mas não em termos de centímetros ou medida, como no caso da inteligência. Os movimentos horários e anti-horários, quando o pêndulo respondia com movimentos circulares, determinavam se a pessoa em exame era construtiva ou destrutiva — basicamente “boa” ou “má”. A vontade também foi medida e registrada em oscilações retas para frente e para trás, sendo estas à direita ou à esquerda

do ideal, ou coluna vertical na placa do Biômetro (a marca do ângulo reto em relação à régua de medir — embora a última não entrasse no quadro da medida do padrão da personalidade).

A questão intrigante de como as assinaturas podiam conter as mesmas irradiações e a mesma força das irradiações que o corpo ou a mente de quem tinha feito a assinatura, nunca foi satisfatoriamente explicada, exceto em termos de *fios* ***aka*** que permitem ao *EU Básico* do operador do Biômetro "estender um dedo", seguir o fio e fazer contato com o autor da assinatura, esteja vivo ou há muito morto e "em espírito".

Aceitando a explicação Huna de que, através do *fio* ***aka*** o *EU Básico* pode encontrar e medir o autor da assinatura, mesmo se não estiver no corpo, temos a prova adicional de que é a "consciência" ou "alma" que está sendo medida e não o corpo físico. Mais que isso, temos aqui a prova de que as características de inteligência e personalidade residem nos "EUs" que compõem o homem e que sobrevivem à morte física.

Esta conclusão permite a suposição de que deve haver reencarnações para explicar a evolução.

Minha experiência pessoal, usando o Biômetro, tem sido de que, quando a assinatura está no grampo final da régua de medir e minha mão direita segura o pêndulo sobre a placa, pronto a ser usado para marcar o resultado da investigação do *EU Básico* e dar sua leitura, há uma pausa na qual não sinto nada.

Simplesmente sento-me relaxado, mas atento, enquanto espero. Então, após uma pausa de talvez vinte a trinta segundos, sinto algo muito leve na boca do meu estômago, e o pêndulo começa a oscilar como se fosse por si

próprio.

Movo vagarosamente a régua de medir, a fim de que a assinatura gradualmente se aproxime do lugar sobre o qual o pêndulo está oscilando e primeiramente são dados os balanços padrões. Eles param e eu novamente movo a assinatura para mais perto. Está agora no ponto em que são encontrados os mais altos graus de inteligência. O movimento continua, cada vez mais próximo.

O pêndulo oscilando firmemente na diagonal à linha na placa que marca o ângulo reto à régua de medir, que está deslizando vagarosamente por sob a placa. Então, quando a distância certa for alcançada, o pêndulo gradualmente muda, de modo que oscila exatamente sobre a linha do ângulo reto. Quando isto é exato, frequentemente sinto um sacudir muito leve em meu pulso e o pêndulo para. Então leio a régua no lugar onde ela encontra a placa, a leitura é completada e estou pronto para registrá-la.

Algum dia estaremos usando o Biômetro como rotina, testando os muito jovens para saber que padrão de personalidade possuem e que nível de inteligência têm. Como este padrão de personalidade pode ser muito melhorado, se for menos que o bom e normal, e como a vontade pode ser treinada com sucesso, muito pode ser feito para guiar a criança na direção do crescimento. Como o nível de inteligência muda apenas um ou dois graus durante o tempo médio de vida, a criança pode ser encorajada a empreender o treinamento para o tipo de ocupação que melhor se adequar ao seu nível de capacidade mental.

Há ainda umas poucas coisas que precisam ser aprendidas sobre o uso do Biômetro. No sistema de leitura Brunler ainda falta um lugar adequado para os talentos naturais, tais como os para a música, arte ou mecânica. Isto precisa ser considerado, a fim de que uma criança, que não

é de forma alguma musical, por exemplo, possa ser poupada de um treinamento musical e lhe seja fornecido outro, que esteja mais adequado a algum outro talento dela.

O mais promissor de tudo é a perspectiva de que, com o tempo, possamos achar o melhor meio de medir o *EU Básico* e o *EU Médio* separadamente no Biômetro, e aprender a conhecer seu respectivo estágio e naturezas. Podemos mesmo ser capazes de medir o grau de perturbação que a presença de complexos e de influências obsessoras podem causar em um indivíduo.

A habilidade do *EU Básico* para medir coisas parece quase sem limites e deve-se supor que, ao fazermos uma medida muito difícil, o *EU Superior* pode algumas vezes dar uma ajuda.

Voltando à assinatura e ao *fio* ***aka*** ligado a ela, chegamos a um segundo conjunto de provas, que foram oferecidas algum tempo depois que o trabalho com o Biômetro começou:

Um dia, quando o APH Verne Cameron estava me visitando no Estúdio, e depois que tínhamos percorrido uma série de testes com estatuetas de marfim que tinham sido trabalhadas experimentalmente para torná-las “ícones” (dando-lhes auras artificiais de ***aka*** e tornando-as um centro para certas forças benéficas), começamos a conversar sobre o uso das assinaturas ao fazer leituras biométricas, e foi levantada a questão de se a assinatura tinha ou não um corpo ***aka*** ou “aura”.

Usando o Aurameter, o Sr. Cameron começou os testes sobre uma assinatura que forneci e, em questão de menos de um minuto, tinha contornado uma aura que era como um leque fino e irregular partindo dela e se estendendo acerca de sessenta centímetros acima dela e continuando até uma

ponta de 180 centímetros, na outra extremidade. No final, em ponta, supunha-se que o *fio* ***aka*** conector conduzisse ao contato com o distante autor da assinatura.

Embora estranho, o Aurameter parece não reagir ao *fio* ***aka*** que parte da assinatura. Pode ser que seja demasiadamente fino e tênue para estabelecer um campo positivo ou negativo de mana para influenciar a cabeça do Aurameter, ou pode ser que, a não ser que o *fio* ***aka*** esteja sendo ativado, como durante uma leitura biométrica da assinatura e o **mana** enviado para fluir através dele, o fio em si permaneça quase um nada, no que concerne à substância e mana. (Testes serão feitos mais tarde sobre este ponto).

Quase todos objetos que seguramos nas mãos e sobre os quais nos concentramos com a intenção de dar-lhes uma aura artificial, têm, quando o trabalho termina, um *fio* ***aka*** de uma espécie peculiar que parece tomar a forma de um forte "raio" de força, e tendendo-se do objeto em alguma direção e desaparecendo na distância, ou através do teto, ou no vazio do ar.

Em qualquer circunstância, mesmo se o *fio* ***aka*** está desativado e não fornece nenhum raio ou Indicação de uma força ou fluxo de mana, a assinatura definitivamente tem um *corpo* **aka**. Isto somente pode ser considerado se supusermos que algo da abundante substância ***aka*** do *EU Básico* do autor fica presa à escrita e que permanece lá.

O fato mais significativo sobre a aura em forma de leque que sai de uma assinatura e se estende dela para frente e para trás (mas não para baixo) é que nunca duas assinaturas até agora testadas mostraram o mesmo formato. Algumas são redondas e altas no topo, outras são baixas e entalhadas e quebradas. O tamanho e formato diferem de uma para outra de formas infindáveis. Cada aura é tão

individual e inconfundível como uma impressão digital.

. Deve ser empreendido um trabalho para continuar o estudo desta nova descoberta. Embora seja muito cedo para arriscar adivinhar em que direção este estudo vai conduzir, parece possível que possam existir indicadores que nos revelem algo do indivíduo, nos contornos gerais e esboços das auras das assinaturas. Exatamente, o que pode ser revelado, ainda deverá ser verificado. Pode até acontecer que a falta da indicação biométrica de um talento especial possa ser suprida peio padrão da aura da assinatura, uma vez que conheçamos os significados dos ângulos, voltas e cúpulas, dos entalhes e recortes profundos, ou das estranhas projeções finas algumas vezes observadas.

Não somente estamos recuperando o conhecimento da Huna e seus usos, mas permanecendo no limiar de muitas descobertas novas, que logo se tornarão balizas, à medida que prosseguirmos neste campo ainda pouco explorado.

Capítulo 14.
Outras Descobertas dos APHs

Desde que nos organizamos para pesquisa, devotados não somente a testar e comprovar as teorias Huna, mas também a estar atentos para o que outras pessoas estivessem fazendo e pensando em linhas afins, chegaram a mim informações concernentes a toda espécie de teorias estranhas e pouco conhecidas, fatos, testes e suposições. Em nenhum outro campo a especulação corre tão descontroladamente como no da psicologia, religião e ciência psíquica. Muito desse material não teve nenhum valor para nós, mas aqui e ali encontramos algo que era bem digno de ser verificado.

No princípio da pesquisa, nossa atenção foi atraída para o trabalho do Sr. L. E. Eeman, de Londres, e achamos suas teorias e descobertas de grande interesse e valor, particularmente porque tinha a ver com aquilo que chamamos de **mana**. Emitimos uma correspondência e o Sr. Eeman veio juntar-se aos APH. O que ele tinha descoberto era que se podia fazer a força vital ir de um polo positivo a um negativo, assim como a eletricidade. Em seu trabalho, descobriu que o corpo humano é polarizado em lado direito e esquerdo e assim foi capaz de fazer a força vital percorrer um fio de cobre isolado, da mão direita para a base da espinha, e da mão esquerda para a parte de trás da cabeça.

Esta mudança do fluxo normal de força vital (**mana**) no corpo, descobriu ele, causava um estado de relaxamento que era de grande auxílio em fazer dormir. Chamou-o de

“circuito de relaxamento” e uma vez feita a descoberta básica, pôs-se a trabalhar para ver o que mais podia ser feito, transportando o fluxo de *mana* daqui para acolá, nos fios. Prendeu várias pessoas “em série”, como se faria com um certo número de baterias, e observou o efeito. Experimentou os fios em “paralelos” e inventou testes de muitas espécies.

Descobriu que, junto com o fluxo de **mana** ao longo dos fios isolados, eram transportadas de uma pessoa para outras coisas como toxinas corporais. Uma pessoa sofrendo de infecção e febre, quando ligada em circuito com uma pessoa saudável, transferia um tanto de sua febre e desconforto para ela. Isto tinha o estranho efeito de ajudar a pessoa doente a se recuperar, mesmo tornando a pessoa saudável temporariamente doente, mas os germes reais da infecção não eram transmitidos para a pessoa saudável.

Igualmente surpreendente era sua descoberta de que uma pessoa que tivesse se recuperado de uma doença, tal como a febre tifoide, sarampo ou varíola, e que supostamente desenvolvera antitoxinas correspondentes em seu sangue, era de grande auxílio para alguém que sofresse da mesma doença. No circuito, a pessoa recuperada aparentemente enviava, através dos fios, junto com o fluxo de **mana**, algo da substância que causava a imunidade.

Isto tudo era muito não-científico e misterioso Fios não eram encanamentos e, no que concerne à física e à mecânica, tais transferências eram impossíveis. Mas, como outras coisas impossíveis aconteceram, foram comprovadas e exigiam uma explicação.

Com a ajuda de médicos, o Sr. Eeman continuou suas experiências e logo estava fazendo um teste direto sobre remédios, drogas e venenos de muitas espécies, seu método era simples. Pedia-se à pessoa que se oferecia para o teste

que deitasse em um divã com os fios presos no “circuito de relaxamento” comum. Então um dos fios era cortado e os terminais ligados a dois elétrodos que tinham sido colocados através de uma rolha em uma garrafa, com uma solução do material a ser testado.

Em seu excelente livro “*Cura Cooperativa*”[24], o Sr. Eeman narra em detalhes mais de setenta testes que foram feitos e as reações às substâncias introduzidas através do fluxo de **mana** no corpo da pessoa submetida aos testes. Foi tomada grande precaução para evitar sugestão ou telepatia.

Os médicos que se uniram à experiência mantinham as substâncias colocadas em garrafas com números de código, de modo que somente após os efeitos terem sido observados, podiam ser identificadas as substâncias e comparadas comas reações normais no corpo humano. Em todos os casos, o paciente demonstrava reações físicas ou mentais da mesma forma como se tivesse recebido uma dose da substância colocada no circuito. Os testes eram prova conclusiva de que algo realmente ia da garrafa para a pessoa e foi aberto um novo campo na questão da administração de remédios.

Naturalmente, logo surgiu a questão de o que era exatamente que tinha viajado ao longo do fio, partindo da garrafa. Obviamente, não era uma porção da solução da garrafa, assim devia ser alguma forma de irradiação desprendida da substância. O Sr. Eeman, após anos de consideração, concluiu que as substâncias desprendem alguma forma de irradiação de energia ou “dinamismo”.

Uma explanação possível nos é fornecida através da Huna. Os kahunas acreditavam que todas as coisas ou substâncias tinham *corpos **aka*** ou sutis correspondentes (o corpo “etérico” da moderna ciência psíquica). Adiantavam-nos a ideia de que o *corpo **aka*** é uma duplicata da coisa que

representa e que o *corpo* ***aka*** é a primeira parte da criação, sendo o físico a segunda, e que há uma quantidade definida de consciência e **mana** ligada a todas as coisas. De outra forma não existiriam nem manteriam uma forma especial.

Se aceitarmos a ideia de que os medicamentos nos circuitos de Eeman tinham *corpo* ***aka*** correspondentes, então é fácil dizer que o material do *corpo* ***aka*** do medicamento foi transportado no fluxo de **mana** para o corpo da pessoa submetida à experiência. Isto simplifica grandemente o problema, e nos resta perguntar se o efeito total está no *corpo* ***aka*** do paciente ou, através do *corpo* ***aka***, indiretamente no corpo físico.

Em sua obra, o Sr. Eeman levanta a questão de se todas doenças infecciosas não poderiam ter, como parte de seu contágio, alguma relação com a viagem das toxinas ao longo dos fios. Se isto for o caso, sugere, o estado mental da pessoa sujeita a tal infecção, podia ser suficiente para repeli-la.

Outra prova de que o *corpo* ***aka*** (ou "etérico") existe e que não é prejudicado quando o corpo é ferido ou mesmo quando a morte chega, foi fornecido pelo circuito de experimentos Eeman com drogas.

Um homem, que tinha perdido ambas a pernas, foi colocado em um circuito adequado, com tiras de metal colocadas onde estariam seus pés, e os resultados foram exatamente os mesmos como se pés reais estivessem lá. Foi sugerido que o homem imaginasse que estava dobrando os joelhos e que os pés teóricos não estariam mais em contato com as tiras de metal dos terminais. Ele fez isso e o efeito foi como se o circuito tivesse sido interrompido.

Ao final de mais de vinte e cinco anos de pesquisa e experiências, o Sr. Eeman deixou de lado o fio em seu circuito e substituiu-o por cordões de seda ou lã. Estes

funcionam da mesma forma e como não eram condutores da eletricidade comum, foi tornada clara a diferença entre a força vital e a eletricidade eletromagnética ou quimicamente produzida. O Dr. Brunler também tinha abandonado o uso de fios e tinha conduzido as radiações de uma faixa na cabeça do seu paciente, para o terminal da régua de seu Biômetro, através de um cordão de seda, quando fazia seus testes.

Verifica-se que a ideia original de que a força vital era semelhante à eletricidade e que podia ser conduzida como uma corrente através de fios, era um conceito errôneo. Mais que isso, uma vez que os fios do circuito de Eeman podem ser substituídos por seda ou lã, ou mesmo por cordões de algodão, surge imediatamente a questão: por que a roupa comum das pessoas não estabelece um circuito entre os polos do corpo?

O efeito do "curto circuito" da força vital através das roupas fez com que toda a teoria começasse a ser sentida como irracional. Contudo, a Huna novamente vem nos socorrer com uma explicação.

A Huna dá-nos a crença básica de que o *EU Básico* faz todo o fluxo de **mana** e que o perfeito condutor de **mana** é o fio de substância ***aka***, e não o fio ou pano.

O *EU Básico*, sendo facilmente influenciável pela sugestão, provocará obedientemente um fluxo de **mana** ao longo dos cordões ou fios, se lhe for dada a sugestão para que assim proceda. Contudo, como o **mana** flui somente através de substâncias ***aka***, um "*dedo*" do ***aka*** será projetado ao longo do fio ou cordão e o **mana** flui através dele — sendo o cordão visível apenas algo que mostra ao *EU Básico* onde estender seu *cordão* ***aka*** — como da mão para a cabeça ou da mão para a garrafa e dentro do remédio, depois para a cabeça.

Tendo visto a habilidade do *EU Básico* no seu manejo perito da combinação ***aka*-mana** em um fio ou cordão, e seu uso da consciência, não é mais surpreendente saber que pode trabalhar em novos campos, uma vez que receba a ideia do que é desejado dele.

Outros dos problemas não resolvidos em que os APHs se empenharam, foi o de se um objeto, como uma certa "tigela de prece" muito antiga da Babilônia, teria retido em seu barro não vitrificado uma irradiação colocada lá há séculos atrás. Ou, se a forte influência exercida ainda hoje pela tigela, era devida ao fato de que um *fio* ***aka*** duradouro ainda a ligava com o sacerdote, há séculos falecido, que tinha realizado os ritos sobre ela, quando estava sendo feita, fornecendo-lhe seus estranhos poderes.

A vasilha em questão é do tamanho e formato de uma sopeira e ao redor da parte interna dela tinha sido impressa uma prece de proteção a um israelita local, sua família e seus animais domésticos no idioma babilônico daquele tempo. Nada se sabe sobre como a tigela foi tratada pelo sacerdote, depois que foi dada a seu novo dono, nem sobre a eficácia do encantamento que o acompanhava. Fora coberta pelo pó dos séculos e somente há alguns anos atrás foi desenterrada e colocada em um museu em Sidnei, na Austrália. Era parte da exposição colocada diante da audiência, por um conferencista do museu, que descrevia a civilização antiga. Uma das APHs estava presente e ela ouviu com muita atenção a tradução da inscrição na parte interna da tigela e a descrição do uso das tais vasilhas na cura e para proteção contra doença ou desastres.

Após a conferência e enquanto segurava a vasilha em suas duas mãos, curiosa para saber se seu poder podia ainda ser despertado e usado, foi surpreendida por sentir um súbito formigamento em seus dedos. Supondo que tinha, por seu desejo, reavivado de alguma forma o poder, pediu

mentalmente que fosse curada de uma doença dolorosa que tinha desafiado os esforços dos médicos para curá-la, em um período de muitos anos. Em um momento ou dois a dor deixou-a e descobriu-se depois que a fissura tinha se fechado. Permaneceu fechada por muitos meses.

Mais tarde, seu marido visitou o museu e obteve a permissão para tocar a vasilha de prece. Também foi aparentemente curado. (As curas parecem não terem sido permanentes devido ao fato de que os complexos, que podem ter causado a doença, não haviam sido removidos, e com o tempo fizeram a doença retornar).

Todas as coisas, assim nos diz a ciência, irradiam uma força de uma espécie característica e na emissão da irradiação consomem sua força vital, a transformam em alguma substância menos ativa, ou sofrem a forma peculiar de “morte” que é característica de seu nível de ser.

Não pode haver nenhuma dúvida de que há uma irradiação natural do barro na tigela da prece, mas parece ter havido um novo potencial muito diferente acrescentado a ele. Diríamos, certamente, que alguma substância deve ter sido acrescentada, produzindo a irradiação de frequência mais elevada, que podia resultar em cura.

Como a cura com tais irradiações impostas demandam que haja uma consciência para guiar a ação de cura da irradiação, deve-se procurar ou o *EU Básico* da pessoa curada (embora tivesse deixado de usar o **mana** à sua disposição em seu próprio corpo para curar-se), ou alguma entidade viva ou espírito ligado à vasilha por um *fio **aka*** — ainda capaz, quando é feito o contato, de exercer a influência orientadora que podia fazer a energia da irradiação existente ou colocada dentro da tigela, entrar em ação e fazer as modificações físicas nos tecidos do corpo, de modo que resultasse em cura.

Trabalhando neste problema, alguns dos APHs empreenderam experiências para descobrir se um “ícone” de cura semelhante à tigela da prece podia ser preparado através de ações da mente, prece e rituais de bênçãos — até mesmo com a invocação de certos espíritos amigáveis dos que já partiram.

Um dos nossos APHs ingleses possuía um ícone de quatrocentos anos de idade. Era na forma de uma reprodução esculpida de Jesus na cruz, cortada na face de uma pesada tábua de madeira escura e embelezada em cores e prata. Tinha sido feita na Etiópia e obtida através de amizade com artistas nativos.

Através desse crucifixo / ícone, podia ser feito contato quase à vontade, com o espírito de uma mulher etíope há muito morta, mas que ainda mantinha um ativo interesse no novo proprietário. Este espírito forneceu auxílio de muitas espécies e deu conselho sobre para onde viajar e o que deveria ser feito. Ela tinha guiado o proprietário a encontrar meu livro, “*Milagres da Ciências Secreta*” e depois de lê-lo foi aconselhado a ir a várias ilhas do Pacífico para investigar crenças nativas e especialmente estudar as imagens nativas de outros tempos.

Sob a orientação desse espírito, foi empreendido o trabalho de fazer novos ícones. Vários materiais foram testados e no final foi decidido que o marfim natural era a melhor substância para a finalidade. Uma pequena figura de uma mulher japonesa foi obtida para o primeiro teste, esculpida em marfim africano. Mais tarde, foi obtida a figura de um deus hindu dançando, esculpida em marfim indiano, formando os dois um par masculino-feminino.

Estas pequenas estatuetas foram cerimoniosamente lavadas, abençoadas e colocadas em contato com o ícone do crucifixo por um certo tempo. Por fim, foram declaradas

prontas pelo espírito. A uma foi atraído um espírito feminino e à outra, um masculino. Ambas as figuras, quando testadas com o pêndulo, agora demonstravam um aumento muito marcante na forma da irradiação de energia. Foram finalmente enviadas a mim e logo testadas pelo Sr. Cameron com o Aurameter, conforme observado no capítulo anterior. Descobriu-se que tinham auras muito maiores que a de objetos semelhantes não tratados, e ambas emitiam feixes de força, tornando provável que no âmago dos raios houvesse *cordões* ***aka*** ligando-as ao espírito destinado a trabalhar através delas.

Outra experiência na confecção de um tipo de ícone foi empreendida muito antes da organização da APH, por urna famosa senhora inglesa que é uma poderosa curadora natural, artista e bem conhecida perita no uso do Biômetro Bovis no diagnóstico de doenças físicas. Ela tinha trabalhado com notável sucesso ao tratar óleos e telas usados para pintar seus quadros, depois abençoando-os e impregnando o quadro pronto para conferir-lhe irradiações de cura.

Seu teste do potencial de um quadro de cura pronto era colocar em contato com um paciente que, enquanto olhava firmemente para ele, recebia uma leitura biométrica. Quando o paciente registrasse uma leitura de 600 graus ou mais, o quadro era considerado terminado e pronto para ser colocado em uso. Durante o uso, era pendurado na parede e aqueles que desejassem cura vinham e concentravam o olhar sobre ele por algum tempo.

Através do olhar, estabelecia-se o contato com o quadro e suas radiações; supunha-se, mas é provável que o quadro aja somente como um lugar de ancoragem para os terminais de um *cordão* ***aka***, dirigido à própria curadora e através dela, talvez a seu *EU Superior*.

Em qualquer caso, estes quadros de cura mostraram-se altamente eficazes. Uma das mais belas destas pinturas “potencializadas” foi enviada como presente para mim e foi testada com o Aurameter e o pêndulo. Tem uma forte aura e emite um raio potente, partindo da metade superior da tela. Após receber este presente, os trabalhos do GCMT foram conduzidos em meu estúdio, diante do quadro e dois ícones de marfim.

Um projeto de teste dos APHs girava ao redor de estudos do tipo de instrumento eletrônico ou radiônico usado para diagnóstico e tratamento por alguns médicos e por muitos quiropráticos. Foi comprovado que nenhum destes instrumentos tinha necessidade de ser ligado a tomadas elétricas e que todos dependiam — assim como o Biômetro, o pêndulo e o Aurameter — da habilidade paranormal e treino do operador e do contato com o paciente ou algo ligado a ele, que fornecesse uma forma de contato pelo *fio* ***aka***.

Para isto, uma gota de sangue em um pedaço de mata-borrão era a favorita, embora a saliva no mata-borrão tenha funcionado igualmente bem. A colocação de muitos mostradores não afetou o instrumento que estudávamos, mas alterou a extensão do total de fio que ia do paciente, através do instrumento, do “bloco de fricção” ou outro indicador que fosse usado pelo operador para substituir o pêndulo do Biômetro.

Qualquer benefício de cura que possa resultar do uso de instrumento parece provir, como no quadro de cura, diretamente do operador, não do instrumento. Os mostradores colocados dão “leituras” em termos de números e estes substituem a leitura em graus, dos centímetros do Biômetro. Um fabricante de um famoso instrumento deste tipo compreendeu a teoria Huna e aceitou o fato do *fio* ***aka*** como meio de contato com o paciente, para todos

tratamentos fora do consultório.

Outro APH, um médico inglês de um treinamento e habilidade paranormal excepcionais, abandonou o uso do Biômetro e instrumentos eletrônicos e agora não usa nada mais elaborado que uma agulhada em seus dedos, para captar a mensagem de seu *EU Básico* de que irá ajudá-lo no diagnóstico de doenças de seus pacientes, determinar os remédios corretos e a quantidade necessária da dosagem de todos os possíveis meios de cura. Após seu diagnóstico, ajusta as juntas ou administra remédios, conforme o caso possa requerer, ou usa seu notável poder de cura natural, em combinação com a prece. Não é preciso dizer que seus resultados são bem acima da média.

Houve muitas outras coisas investigadas pelos APHs, algumas das quais eram promissoras, enquanto outras desembocaram num beco sem saída. Tínhamos, entre nós, um grupo sólido de pessoas altamente inteligentes, de mente aberta para novas ideias, mas que não se cegavam pelos “mistérios” com os quais certos falsos profetas dominam os crédulos e eles se tinham tornado APHs, em primeiro lugar, porque as teorias Huna pareciam-lhes baseadas no senso comum, embora necessitassem de verificação.

Parece que podemos nos colocar de volta aos tempos em que os homens olhavam para o raio com assombro e medo e não tinham nenhuma explicação para ele, além de que era um ato de Deus, e significava um potencial de destruição. Depois, se pudéssemos viver também no tempo em que os homens aprenderam a aproveitar esta temível força para fazê-la agir para si, na realidade gerá-la, podíamos obter uma comparação com nosso estudo.

Tínhamos que nos convencer da validade da ideia de que somos compostos mentalmente de três EUs, de que há

uma conexão de *cordão* ***aka*** e de que podemos e devemos gerar um forte fluxo de mana ao longo do cordão. Somente então o homem pode começar, realmente, a usar seus plenos poderes.

Mas ainda não é a perfeição, de forma alguma. Encontramos o maior problema de todos, que será relatado a seguir, junto com nossas tentativas de solução.

Capítulo 15.
O Problema das preces não respondidas

Deve ser declarado que, desde o início, frequentemente fomos cientificados sobre membros da APH que eram incapazes de contatar seus *EUs Superiores* e que muitas vezes não se obtinha nenhum resultado através dos esforços para usar o método Huna de fazer as preces. Havia, também as falhas no trabalho do GCMT a serem consideradas.

Em primeiro lugar, devemos reconhecer o fato de que algumas pessoas são constituídas de tal forma, que tentarão um método por pouco tempo, depois perderão interesse e passarão a outra coisa.

Há outros que apenas não podem “achar tempo” para treinar o *EU Básico* ou mesmo para assumir a atitude certa da mente e acumular a sobrecarga de mana antes da prece. Depois há aqueles que desejam que alguém realize um milagre para si — e imediatamente, sem nenhum trabalho de sua parte.

Mas se considerarmos tudo isso, há ainda o problema das pessoas que tentam honesta e sinceramente, cuja necessidade é tão urgente que podem orar e encontram o tempo para isso, mas que não parecem alcançar seus *EUs Superiores*.

Em meu livro, com o qual todos os APHs estavam familiarizados, tinha relatado as preces-ações das kahunas que conseguiam resultados tão espantosos. Narrei como realizavam seu trabalho de cura, ajudando os seus pacientes

a se livrarem dos sentimentos da culpa, exigindo que fizessem reparações e como ajudavam a remover as coisas que estavam “bloqueando a senda” e “roendo por dentro” (complexos) e depois, se presentes, quaisquer espíritos que tivessem estado exercendo influência na vida daquele a quem tinham se ligado.

Também lidavam com espíritos que não tinham se unido ao paciente, mas periodicamente faziam coisas para causar-lhe perturbação, geralmente em um esforço para vingar pessoas amadas, que tinham sido feridas pela pessoa atacada.

Falei sobre a sobrecarga de **mana** adquirida até que fosse tão grande e forte que poderia ser usada pelo kahuna, da mesma forma como faz o tratamento moderno de choque, para desalojar as entidades obsessoras. Contei sobre o uso super-mesmérico do mesmo poder para administrar sugestões, com a ajuda de um estímulo físico, para tornar a sugestão ainda mais poderosa e a forçar a aceitação dela pelo *EU Básico*.

Estes eram os métodos. Mas achamos difícil aprender a realizar o que os kahunas tinham feito. Os melhores kahunas eram paranormais treinados que podiam sentir os espíritos causadores de perturbações. Nós não podíamos. O uso da sugestão era olhado por alguns com suspeita natural e, uma tentativa de interessar um grupo de dezoito hipnotizadores a experimentar o “método do choque com **mana**”, mostrou-se inútil.

Não fora revelado, também, quais seriam exatamente as medidas que os kahunas tomavam para remover os complexos, embora suas palavras e símbolos mostrassem um profundo conhecimento da presença no *EU Básico* destas coisas provocadoras de perturbações.

O leitor provavelmente lerá todo este livro antes de

fazer uma pausa para ver se pode ou não usar o método de prece Huna, conforme foi explicado. Contudo, deveria ser dito aqui que o único meio de descobrir se uma pessoa pode ou não usar o método ou se há uma "senda bloqueada" para o *EU Superior*, é tentando — começar as etapas de treinamento e ver se as respostas são obtidas ou não, às preces que são feitas correta e cuidadosamente.

Se as respostas não estão acontecendo, as próximas etapas a serem empreendidas serão encontradas no capítulo seguinte deste livro. Se alguém inspecionar os primeiros e mais antigos escritos religiosos, encontrará que lá longe, nos começos obscuros da história, os homens começaram a orar e já estavam se perguntando por que as preces às vezes eram respondidas e outras vezes não.

A Bíblia é especialmente valiosa a este respeito, pois está cheia de passagens relacionadas com a prece e os métodos de fazer preces. Na antiga literatura religiosa da Índia, o problema não foi estabelecido claramente, porque a doutrina do carma de certa forma forçava as pessoas a acreditar que era melhor sofrer e assim pagar ou cumprir seus débitos cármicos, do que tentar conseguir o auxílio dos deuses através da prece para as coisas que lhes causavam sofrimento.

A propiciação aos deuses é, naturalmente tão velha quanto o conceito de "deuses" ou seres ultrafísicos. O rito mais comum de propiciação era o sacrifício, e depois vinha a penitência e a autopunição para atos classificados como "pecados" contra os deuses. Autoflagelação, o uso do cilício, automutilação, jejum e votos de silêncio ou abstinência, eram todos, parte dos esforços propiciatórios.

Certos homens vieram a ser os que oficiavam em todos os ritos de sacrifícios e gradualmente aparecem nas páginas da História como uma classe à parte, a classe dos

sacerdotes. Supunha-se que eles, e somente eles, eram capazes de dizer se os deuses estavam zangados ou se estavam satisfeitos. Logo se arrogaram o direito de administrar ou conceder perdão pelo “pecado”, como agentes diretos e autorizados dos deuses.

Ainda hoje esta função é exercida em substituição ao Deus Supremo.

O bode expiatório não é mais sobrecarregado com os pecados das pessoas e levado para os desertos. O abate dos animais no altar, o espargir de sangue na congregação e nos móveis do templo e a queima da carne, todas estas coisas passaram, na maior parte. Mais ainda é o **significado exterior** da religião que foi preservado. O significado interior daquelas religiões antigas nas quais a Huna tinha sido incluída como um corpo secreto de conhecimentos, há muito foi perdido.

Nos tempos modernos, muito tem sido feito para tentar fugir dos ritos dos conceitos selvagens e da presunção sacerdotal do privilégio divino e muitas teorias foram oferecidas, que vão desde uma completa negação da realidade material — incluindo o pecado — a expansão da ideia de Deus a uma ideia na qual a Deidade é vasta Impessoalidade.

Hoje, como nos tempos da introdução do cristianismo, a explicação mais amplamente aceita do por quê as preces não são respondidas, é de que aquele que faz a prece não está merecendo uma resposta. Pensa-se que o “pecado” é o que nos torna não merecedores.

As etapas-padrão para ficar purificado do pecado e assim tornar-se digno de ver as preces respondidas, podem ser estabelecidas como segue:

1. Pare de pecar.

2. Faça reparações pelos pecados cometidos.

3. Peça perdão e tenha esperança de recebê-lo.

Estes três passos têm sido seguidos com cuidado por vinte séculos e as preces ainda estão muitas vezes ficando sem resposta. Isto tem sido dolorosamente verdadeiro, a despeito da doutrina da reparação vicária, a qual, se aceita como aplicável ao indivíduo para sua própria purificação, é considerada como capaz de reparar todo e qualquer pecado. Obviamente, algo está faltando.

Os estudantes de história religiosa há muito suspeitaram que algo deve estar errado com nosso entendimento do que foi ensinado, tanto no Velho Testamento quanto no Novo, no que concerne às preces e seu frequente fracasso — e isto **inclui nossa compreensão** do pecado, reparações, expiação, purificação, preces por perdão e de ritos tais como o batismo, conversão, confissão e assim por diante.

Temos que recorrer à Huna para obter o conceito correto de pecado e depois descobrir que o pecado não é, basicamente, apenas quebrar uma "lei" proclamada por algum profeta como tendo sido estabelecida por Deus, embora os Dez Mandamentos tivessem sido leis sociais necessárias para um povo primitivo, fornecendo uma base moral para a vida, e ainda hoje permaneçam basicamente úteis.

O pecado é muito mais do que isso. É mais amplo, mais profundo e mais vasto. O pecado, como encontramos na Huna, **é qualquer coisa que seja má para o ser humano ou seu próximo**.

Ferir outros é um pecado. Não somente o assassinato físico, mas ferir outros mental e emocionalmente é um

pecado.

Ferir a Deus é impossível. O homem é demasiadamente fraco e pequeno para realizar isso. E quebrar uma “lei de Deus” feita pelos homens não significa nada, se não fere ninguém.

Mas qualquer coisa que impeça o *EU Básico* de agir para fazer o contato ao longo do *cordão* ***aka*** com o *EU Superior* e entregar a prece (assim “bloqueando a senda”), é má, porque separa o homem de Deus — separa os *EUs Básico* e *Médio* do *EU Superior*, quebra o conjunto dos três EUs, torna toda a vida aquém do normal e impede o *EU Superior* de ajudar o par de EUs inferiores. (Como foi declarado antes, o *EU Superior* parece estar obrigado a permitir o uso do LIVRE-ARBÍTRIO em larga escala, ao par inferior permitindo-lhes cambalear, tropeçar, sofrer e adoecer, a fim de aprender pela experiência).

O MAL cometido, sendo de tal natureza que fira os outros, pode ser reclassificado segundo a Huna em:

1. O “pecado” do mal cometido a outros por intenção maldosa, com pleno conhecimento de que é um mal — porém com um sentimento de culpa e a resultante dor na consciência. Isto fará o *EU Básico* deste pecador “fugir da face de Deus” como uma criança foge de um dos pais, quando merece punição e teme que seja aplicada.

   Um *EU Básico* cheio de (**a**) culpa, (**b**) vergonha por causa de seus atos ou (**c**) temor, NÃO fará o contato com o *EU Superior*, nem tentará enviar uma prece através do *cordão* ***aka***.

2. A pessoa naturalmente má que fere os outros maldosamente, sente-se justificada por fazer isso e não experimenta nenhum sentimento de culpa ou vergonha,

e se sente triunfante e digna de louvor por haver "sobrepujado" outros. Neste caso, seu *EU Básico* NÃO se recusará a fazer o contato com o *EU Superior*. NEM SEU EU SUPERIOR O AFASTARÁ. Sua prece por ajuda, para as boas coisas que possa fazer, serão respondidas. "Deus não faz acepção de pessoas" e neste caso o "mau floresce como o verde loureiro" por algum tempo, mas sua punição vem na forma do esmorecimento do seu crescimento evolutivo.

Isto parecerá muito duro para muitos se reconciliarem com a "Justiça de Deus", mas temos apenas que olhar ao redor para ver o mau prosperar e não sofrer nenhuma pontada de remorso ou vergonha. Nosso senso de "justiça" afrontada só pode ser curado pela percepção de que nosso conceito de "pecado" deve ser mudado daquele baseado em todas as crenças costumeiras para um firmado em um único teste: O ATO FAZ O *EU BÁSICO* SEPARAR O INDIVÍDUO DE SEU *EU SUPERIOR*? Se não, não pecou sob a classificação que somos forçados a considerar, a fim de entender por que as preces não são respondidas. Tudo descansa e gira ao redor da questão daquilo que pode ou não fazer o *EU Básico* se recusar a contatar o *EU Superior*. A questão da justiça, humana ou divina, ou do carma ou retribuição final, não tem lugar nesta premissa, a partir da qual examinamos o problema das preces não respondidas.

Uma vez que este ponto de vista seja aceito como um fato, ou mesmo como uma suposição (enquanto se deixa o assunto de justiça inteiramente fora do quadro por enquanto), podemos prosseguir e verificar a lista daquilo que impede o *EU Básico* de fazer sua parte na prece — coisas que são bem diferentes da espécie de maus atos que mencionamos acima.

O *EU Básico* é afetado somente por duas coisas:

(1) Aquilo que ele sente no momento com os cinco sentidos, como o que vê, ouve, sente — impressões dolorosas, temerosas, boas, más ou agradáveis.

(2) O que ele lembra dos tempos ou fatos do passado, quando registrou acontecimentos ou eventos — através da confecção de **cachos de formas de pensamento,** com os quais registra e lembra.

Isto nos leva a duas espécies de lembranças. Aquela que é feita de forma normal e natural, tem como parte dela o SIGNIFICADO ou RACIONALIZAÇÃO do acontecimento e sua RELAÇÃO COM TODOS ACONTECIMENTOS PRÉVIOS dos quais o homem tem conhecimento, ou que antecipa, teme ou espera ver acontecer. Todos cachos de *formas de pensamento* de lembrança são, quando prontos, ligados a todas as outras lembranças que SÃO RELEMBRADAS DURANTE O PROCESSO DE DECIDIR O QUE SIGNIFICAM, EM RELAÇÃO A TODAS COISAS ANTERIORMENTE EXPERIMENTADAS, lidas, imaginadas ou de outra forma tocadas.

Nas traduções de suas palavras antigas, encontramos que os kahunas usavam o símbolo da teia de aranha com moscas presas nela; cada mosca era uma lembrança e todas eram ligadas pelos fios da teia com as outras moscas. No centro jaz a aranha — o homem formado dos *EUs Básico e Médio* — ciente da presença de cada mosca e capaz de correr para inspecioná-la a qualquer tempo. Os finos fios da teia representam o *fio **aka*** e a lembrança normal é a ligada a todas outras lembranças em um processo de racionalização, enquanto era realizada, repensada e considerada.

Isto, por sua vez, nos leva a outra espécie de memória

— a que é feita e armazenada SEM SER RACIONALIZADA. Este conjunto de formas de pensamento não estarão ligadas corretamente a outras formas de pensamento, e porque o *EU Médio* NÃO FEZ SEU PAPEL E NÃO RACIONALIZOU a lembrança enquanto estava sendo preparada, esta lembrança em particular nunca é devolvida ao *EU Médio* quando quer relembrar. É uma memória renegada. Está deformada. É algo que o *EU Básico* sabe que não é normal e certo, e da qual se envergonha ou teme.

Um *EU Básico* que abriga um senso de culpa por causa de más ações cometidas pelos *EUs Básico e Médio*, não enfrentará o *EU Superior* através do *cordão* ***aka***. Exatamente da mesma forma, não se apresentará ao *EU Médio*, com a vergonha de uma lembrança não racionalizada pesando nele — fazendo-o sentir que tem mãos sujas e deve esconder a coisa negra a todo custo.

Neste aspecto, o *EU Básico* é mais teimoso e obstinado do que se pode imaginar. Esconde as lembranças renegadas como um hábil criminoso oculta sua pilhagem e, como o criminoso, se agacha escondendo-se do *EU Médio* à noite, quando este dorme, e examina seu mal adquirido saque, selecionando-o, tentando RACIONALIZAR DE SUA PRÓPRIA FORMA ILÓGICA.

O resultado deste esforço para endireitar as lembranças fora da lei, resulta em uma condição pior. Ao esconder o “saco negro” onde guarda sua pilhagem, o *EU Básico* trabalha, compara e chega a toda espécie de conclusões ilógicas e irracionais. (O poder de raciocínio usado pelo *EU Médio* é impossível para o *EU Básico*).

Um cacho de lembranças fora da lei pode ser vagarosamente ligado pelo *EU Básico*, usando *fios* ***aka***, a várias cadeias de cachos de *forma de pensamento* e relacionados ou interligados, mas normais e racionais, que

registram as lembranças e significados de acontecimentos.

Como resultado, o indivíduo, embora o seu *EU Médio* não possa se recordar de nada das lembranças não racionalizadas, parecerá reagir automaticamente a certos acontecimentos assim ligados com a memória fora da lei, como se estivesse ligeiramente demente. Assim, pode reagir em qualquer ou de todas as formas seguintes:

1. Pode encher-se de raiva ou de medo irracional ou alguma outra forma de emoção que pareça repentinamente surgir de dentro dele e ser forte demais para ser controlada.

2. Pode ficar incapaz de pensar normal e racional ou na velocidade normal, quando for confrontado com algum acontecimento que esteja ligado à memória fora da lei. Pode sentir um “branco” em suas lembranças bem ali, chegando mesmo ao grau de amnésia.

3. Pode repentinamente imaginar que as coisas sejam bem diferentes do que são na realidade: pode pensar que um amigo é um inimigo ou qualquer outra coisa; pode imaginar que ele próprio, repentinamente, é enormemente superior, que está numa condição tal que sua própria vida é uma miséria contínua.

4. Pode reagir fisicamente, sacudindo-se, tremendo, tornando-se histérico, paralisado, cego, ou surdo e mudo — por um período curto ou longo.

5. Pode não demonstrar nenhuma reação externa tais como estas, mas desenvolver doenças físicas de todas as espécies. (Os médicos agora sabem que uma grande parte das doenças humanas acontecem como um resultado do envolvimento, em um grau menor ou

maior, com a perturbação que estamos discutindo).

Em acréscimo às anormalidades nas reações aos acontecimentos, física, mental, emocionalmente ou em questão de saúde, há um outro fator muito importante a ser mantido na mente a todo tempo. Este é o fato de que há, ligado a cada cacho de lembranças, um certo algo que gradua a quantidade de **mana** que será automaticamente usada ou “liberada” quando aquele cacho de memória em particular for tocado ou ativado por alguma circunstância.

Muitas lembranças não provocam nenhuma emoção da parte do *EU Básico*, e assim quase não consomem nenhum **mana**, enquanto não recordadas. A emoção consome **mana** muito mais depressa do que qualquer outra coisa. Todos nós temos testemunhado o efeito de uma tempestade emocional, que exauriu a força vital — algumas vezes até o ponto de colapso físico.

Se uma lembrança fora da lei foi formada por algum acontecimento que fez o *EU Básico* fugir do controle por causa da raiva, medo, dor, ódio, quase a mesma porção muito grande de **mana** usada na explosão emocional original será relembrada e usada quando a memória for acionada.

Se o *EU Médio* ficou incapaz de funcionar quando a emoção original fez o *EU Básico* agarrar o freio, por assim dizer, e disparar com o indivíduo, deixando toda a razão para trás e fora do quadro, a mesma coisa acontecerá, em uma escala ligeiramente menor, quando a lembrança for ativada.

Por causa deste desperdício de **mana**, a pessoa cujo *EU Básico* possa estar interiormente agitado com uma lembrança fora da lei, toda emaranhada em uma confusão desenfreada, pode achar-se cronicamente exausta e doente.

Todos nós conhecemos pessoas endemoninhadas que constantemente expressam seus ódios, temores e negras suspeitas — que são irracionais na sua grande maioria, mas às quais se agarram a despeito de todo argumento, de forma desesperada e quase insana. De fato, tais pessoas são psicóticas ou neuróticas na mesma proporção em que estes emaranhados de lembranças fora da lei as aflige.

Uma pessoa que seja levemente sobrecarregada com lembranças renegadas é capaz de prosseguir razoavelmente bem através da vida. Muitos de nós estamos inteiramente inconscientes de que temos estas lembranças incômodas e de nenhuma forma suspeitamos que nossas doenças físicas, "má sorte" raivas, ódio, ideias estabelecidas ilogicamente e crenças, são a causa de alguma maneira pelos cachos de lembranças fora da lei. Suspeitamos menos ainda que são a causa do fracasso de nossas preces.

Infelizmente, muitos de nós não estamos cientes de que as menores perturbações mentais são causadas pelas lembranças fora da lei. Decidimos somente quando as coisas se tornam sérias, que estamos sofrendo de alguma "doença mental'' e vamos a um médico, que nos envia a um psicólogo ou a um psiquiatra.

Alguém muito aflito desta forma tende a reter e consumir mais e mais do **mana** precioso, ao reagir às lembranças fora da lei, e, à medida que o nível de **mana** abaixa, o *EU Médio* perde o controle sobre o *EU Básico*. A doença mental pode tornar-se tão pronunciada que a pessoa deve ser colocada em hospital de doenças mentais, para tratamento.

Os kahunas tinham três palavras para os três níveis do estado de separação do *EU Superior*, que fosse causado pelo *EU Básico*, quando armazena profundos sentimentos de culpa, vergonha, temor ou pesadas cargas de emaranhados

de lembranças renegadas. Estas palavras eram:

(1) **Ino**: ferir outros, ser ruim e mau intencionalmente.

(2) **Hala**: ter um número normal de emaranhados de lembranças fora da lei, de modo que somente uma parte de nossas ações ou reações são fora do normal. Esta palavra também significa *não encontrar a senda que se deveria seguir*. Esta "senda" é o *cordão **aka*** e não a encontrar é fazer o básico recusar-se a enviar a prece ao *EU Superior*. É errar o alvo ao tentar atingir a coisa almejada. (Verifique o Novo Testamento: "Errar o alvo do chamado do alto", no qual o chamado é a prece ao *EU Superior*).

(3) **Hewa**: cometer um erro, pensar, agir ou reagir erradamente, estar mentalmente perturbado de alguma forma. Esquecer. Esta palavra também tem o significado de "errar a senda certa", como a palavra **hala**.

As palavras simbólicas usadas pelos kahunas para indicar este algo que nos separa do *EU Superior* — este emaranhado de memórias não racionalizadas com seus muitos *fios **aka*** — aparecem através de toda a Bíblia. Aqui estão algumas delas:

Espinhos, cardos (as coisas amaldiçoadas que Deus fez crescer no solo que Adão foi forçado a arar depois que foi expulso do Jardim, por causa de seus "pecados").

O dragão, a serpente. Qualquer animal selvagem feroz — especialmente um leão.

Um laço, que é feito de um fio, cordão ou corda, simbolizando os *fios **aka*** do emaranhado das lembranças fora da lei ("pecados") que tentam, capturam ou mantêm alguém cativo de alguma forma.

Uma “pedra de tropeço” de alguma espécie. Uma cruz de qualquer formato.

Todas estas palavras simbolizam as fixações e obsessões as renegadas que nos atrapalham. Se houver muitas memórias fora da lei, elas BLOQUEARÃO A “SENDA”, “CAMINHO”, “ESTRADA” OU “VIA”. (Uma senda estreita ou um cordão estreito estendido é o símbolo da senda aberta; enquanto uma senda “tortuosa”, uma corda embaraçada, **não esticada**, é o símbolo do *cordão **aka*** que está inteira ou parcialmente bloqueado, ou um que o *EU Básico* somente ativará em raros intervalos, para enviar uma prece ao *EU Superior*, sob o comando do *EU Médio*).

Os kahunas usavam uma cruz de madeira no formato de um “X” na senda que levava ao templo. Era o sinal do tabu na Huna. O templo em si significava “o lugar do Mais Alto”. A cruz colocada na senda era uma advertência de que os não purificados não deviam prosseguir. Mais tarde retomaremos a simbologia de outra forma de cruz.

A poeira ou finas partículas de pó simbolizam as *formas de pensamentos*, assim como as sementes, conforme mencionado antes. Mas no caso das lembranças fora da lei, estas finas partículas de poeira eram vistas como algo que torna as pessoas impuras, que suja nossas mãos ou especialmente nossos pés.

Necessita-se ser purificado delas antes de estar apto a ficar face a face com o *EU Superior*, por meio do *EU Básico*, na ação de fazer a prece do tipo Huna. (A palavra Huna significa finas partículas de poeira, assim como “segredo” e isto mostra quanto os antigos kahunas consideravam importante o entendimento das *formas de pensamento*. Estas são simbolizadas como agindo em cachos, as “sementes” da prece, e formando outros cachos nas lembranças fora da lei e não racionalizadas que separam a

pessoa do *EU Superior*).

Um símbolo empregado muitas vezes é o do ninho de qualquer espécie, por causa do entrelaçamento dos cordões, como entre lembranças associadas, e às vezes o peixe apanhado na rede representa as lembranças que se tornam emaranhadas e removidas do seu estado normal. Os peixes são especialmente bons simbolicamente, porque geralmente estão ocultos e são difíceis de encontrar e pegar. Contudo, quando trazidos à superfície e privados de água (**mana**), morrem (racionalizados ou repensados, tornam-se inofensivos).

O **mana** que está ligado às lembranças defeituosas é simbolizado pelo gelo, neve, ou frio. É água congelada e está como que estabilizada e fixa (assim não pode fluir, simbolicamente) como são as crenças e ideias contidas nas lembranças defeituosas — as últimas sendo mantidas tão teimosamente pelo aflito *EU Básico*, apesar de todos argumentos apresentados pelo *EU Médio* ou por outros.

Tremer, arrepiar-se, sacudir de medo, portanto, são símbolos de **mana** e dos emaranhados de lembranças que mantêm o homem cativo. O "temor" do Senhor faz o *EU Básico* tentar escapar da punição paternal, recusando-se a "vir diante da face do Senhor" ou do *EU Superior*. O temor, culpa e vergonha se entrelaçam, de modo que um se intercambia com o outro.

Resumindo, o que pode impedir que suas preces sejam respondidas são as lembranças não racionalizadas que temos aprendido a chamar de "complexo" ou "fixação". E também o senso de culpa causado por ter cometido o pecado de ferir outros.

Podemos parar de ferir outros e fazer reparações por ferimentos já cometidos. Isto é relativamente simples para a

maioria de nós, porque vivemos **igualmente** vidas úteis e sem causar prejuízos.

Trazer os emaranhados de lembranças à superfície e racionalizá-las — este é o problema principal.

Capítulo 16.

O Problema da Senda Bloqueada

Em nossa visão APH do problema do desbloqueio do *cordão aka*, "senda" para o EU Superior, trazendo à luz e drenando ou racionalizando os emaranhados de lembranças, começamos com um cuidadoso estudo das descobertas modernas concernentes ao que Freud chamou de "fixações" e que mais tarde os psicólogos chamaram de "complexo". (Como é bem sabido, Freud teimosamente manteve a teoria de que o impulso sexual instintivo era a base de todas as perturbações do "inconsciente". Contudo, é possível usar seu termo "fixação" em sentido mais amplo/para cobrir todos os emaranhados de lembranças).

Freud definia a palavra "**fixação**" assim: "*Um instinto ou componente instintivo deixa de acompanhar o restante ao longo da senda normal prevista de desenvolvimento e é deixado para trás, em um estágio mais infantil. A corrente libidinosa em questão então se comporta em relação a estruturas psicológicas posteriores, como se pertencessem ao sistema do inconsciente, como se fosse reprimido*"{25}.

O "**complexo**" é definido como "*uma ideia emocionalmente colorida ou padrão de ideia que foi reprimida*"{26}. Usaremos os termos alternadamente, e devem ser entendidos como se referindo a "pedras de tropeço" da fraseologia Huna. A palavra "**racionalizar**" é usada aqui significando "*tornar racional e também, dotar de razão*"{27}.

Em gratidão a Freud e aos psicólogos que seguiram de perto suas pegadas ao explorar a mente humana, deve ser

admitido que, não tivessem eles postulado em primeiro lugar a parte subliminal[28] ou subconsciente da mente, e descoberto que ela continha lembranças não racionalizadas que causam uma variedade de doenças mentais e físicas, além de irregularidades, não teríamos podido ser capazes de entender nem mesmo parcialmente o que os kahunas queriam dizer com sua frase "coisas roendo alguém por dentro", nem as palavras simbólicas dos kahunas bíblicos que falavam de pedras de tropeço, espinhos, serpentes e pecados secretos.

A propósito, é interessante notar o fato de que os primeiros missionários do Havaí, nos anos entre 1820 e 1860, mesmo com kahunas à mão capazes e desejosos de instruir e ajudá-los a entender a Huna, falharam inteiramente em apanhar a ideia do subconsciente ou do *EU Básico* separados do *EU Médio* e do *EU Superior*.

Naturalmente, o subconsciente não era ainda conhecido no mundo ocidental, assim entende-se facilmente a dificuldade. (As palavras kahunas para os três EUs eram, respectivamente, ***unihipili***, ***uhane*** e ***Aumakua***, mas o melhor que os missionários puderam conseguir ao compilar um dicionário foi traduzir todas três palavras como — "alguma espécie de espírito").

Felizmente, o complexo tinha sido identificado algum tempo antes que o meu estudo da Huna começasse seriamente e a barreira ao total atendimento fora retirada. A verdade da fixação está bem estabelecida agora e embora os kahunas fossem mais específicos ao descrever os *fios* ***aka*** e a estrutura das formas de pensamento e a ligação do **mana** com o complexo, a visão moderna da questão é muito semelhante.

Freud, sendo um doutor em medicina, tornou-se interessado em pacientes que vinham a ele com diferentes

sintomas de alguma perturbação neurótica ou psicótica, frequentemente acompanhada de sintomas físicos de doença ou funcionamento muscular anormal. Desenvolveu gradualmente um método de tratamento para estes casos, que dependia da descoberta do complexo mantido na parte subliminal da mente (nosso *EU Básico*) e a racionalização dos emaranhados não racionalizados.

Descobriu que o subliminal era reservado e teimoso a ponto de não permitir que as unidades de lembrança fixadas viessem ao centro da consciência como memórias relembradas, quer por convite, por coerção ou através do uso de sugestão e pressão hipnótica. Dedicou-se amplamente à observação dos sonhos dos pacientes sob seu cuidado e a meticulosos estudos das circunstâncias que rodeavam o aparecimento de tais reações, conforme pudessem ser atribuídas à presença de fixação no subliminal.

Outros colaboradores uniram-se a Freud em sua pesquisa e logo haviam construído um quadro de correspondências simbólicas, destinadas a demonstrar as relações entre o sonho e o complexo — por exemplo, quando havia um sonho sobre um fogão barrigudo, indicava que o EU subliminal estava pensando simbolicamente sobre o útero do qual o homem nasceu.

Pensava-se que cada pessoa, não importa quais fossem as suas características, teria em seu subliminal, conjuntos de símbolos quase idênticos a fim de usar para as mesmas coisas e experiências, em sonhos. Os argumentos fornecidos para justificar estas declarações levemente absurdas, não eram bons, e o papel desempenhado pela sugestão, embora se supusesse ter pouco ou nenhum papel no processo do estudo do sonho, raramente era adequadamente avaliado.

A insistência de Freud de que as frustrações sexuais

eram, em maioria, a raiz da maior parte das fixações, fez com que investigadores posteriores divergissem dele em muitos pontos. Jung e outros fizeram acréscimos às teorias e se inclinaram um pouco mais em direção a acrescentar o Supraconsciente de alguma forma ao quadro, mas os métodos de Freud permaneceram mais ou menos em uso geral.

Os sonhos continuaram a ser observados, registrados e estudados em sua significação, a fim de conhecer, através deles, o que estava enterrado na parte subliminal da mente. Quando os sonhos eram poucos e distanciados, o método era ampliado por "livre associação" de ideias da parte do paciente, que, em um estado físico relaxado, diria ao analista o que vinha à sua mente automaticamente, como ideia associada, sempre que uma certa coisa, pessoa, lugar ou acontecimento fossem mencionados.

Um dos acréscimos posteriores ao sistema de tratamento era verdadeiramente estranho. O analista criava um complexo artificial, pensando em alguma situação possível que, se tivesse sido verdadeira, poderia ter causado ao paciente a formação de fixações. Este acontecimento era então relatado ao paciente com forte imposição da crença de que tinha acontecido de fato, e o que é mais importante ainda, que tinha sido a causa da fixação original que estava provocando reações físicas e mentais anormais. Quanto do elemento da sugestão entrava em tal processo raramente era declarado, mas frequentemente bons resultados eram obtidos.

Um dos defeitos dos métodos usados pelos analistas tem sido o de dedicar demasiado esforço para encontrar o complexo e muito pouco à renovação geral e correção da atitude global dos pacientes perante a vida e os seres humanos seus companheiros.

Parece não ter sido percebido que o pensamento imperfeito da parte do *EU Médio* era frequentemente o que impedia de encontrar o complexo. Por exemplo, os muitos ódios e temores do paciente podiam provir de ideias errôneas sobre pessoas, coisas, religiões e semelhantes. Estas poderiam necessitar de estudo e correção. Naturalmente, tais ideias podem ser o resultado do complexo. Mas muito frequentemente o médico cometia o erro de pensar que ódios e temores aparentemente ilógicos tinham suas raízes em algum complexo, quando, na verdade, o culpado era a educação formadora da experiência de vida do paciente.

O maior defeito do sistema, contudo, tem sido a falta de um claro entendimento da necessidade de corrigir o comportamento do paciente. A estrutura mental de um homem é "uma casa construída sobre areia", se o indivíduo não vê que a inveja, ambição, raiva sem sentido e a mancha da desonestidade são erradas e contrárias ao bem de seu próximo. Aparentemente também não foi concedido um total reconhecimento ao papel desempenhado pelo senso de culpa, quer este esteja alojado como um complexo no subconsciente, quer este seja algo compartilhado pelos *EUs Básico* e *Médio* em conjunto, especialmente quando a coisa vaga chamada de "consciência" castiga o paciente.

Freud foi forçado a reconhecer a "consciência" como um fator muito importante na melancolia. Esta é uma doença na qual o indivíduo sofre muito daquilo que Freud descreveu como uma punição excessivamente severa pela consciência, que é usada como um chicote pelo "superego". O conceito de Freud não era mais que uma mirada no *EU Superior* quando examinava seus pacientes. Era algo que pensava ser o resultado das pressões dos ensinamentos morais, que causavam uma repressão de necessidades inconscientes. O superego devia ser deplorado, assim como a influência da

religião.

Há muitos psicanalistas praticando hoje que seguem somente os princípios de Freud, não levando em consideração o valioso trabalho posterior de Jung, que reconhece o impulso religioso no homem como, pelo menos, válido.

Estes médicos aparentemente sentiram-se limitados pelo materialismo da ciência e por esta razão cuidadosamente se esquivaram de adiantar qualquer teoria que pudesse assemelhar-se a crenças religiosas reais. A religião significava, para muitos deles, pensamento desordenado e confusão. Além disso, os homens da igreja supunham que a Bíblia não fizera nenhuma menção ao subconsciente ou ao complexo e, por esta razão, ainda hoje, não são infrequentes os ataques de religiosos à psicanálise.

Este é um estado estranho da questão. Os analistas sabem muito bem que muitas fixações que são chamados a tratar, se originam de ensinamentos religiosos errôneos — do medo da perdição eterna.

Por outro lado, os resultados obtidos pelos analistas têm sido tão pequenos e tão incertos de acontecer, que muitos deles passaram a fazer uso das crenças religiosas do paciente e da sua fé em Deus, ao oferecer tratamento. Foi encontrado um meio eficaz nas igrejas, que abriram clínicas para o tratamento de seus membros e que forneceram, além de conselheiros religiosos, psiquiatras e. psicólogos.

O que nem o analista nem a média dos homens da igreja reconhecem é o papel desempenhado na anormalidade mental pela influência de espíritos. Esta influência poda ser tão leve que é tomada como inclinação natural do paciente, ou pode ser prenunciada, mas não reconhecida pelo que é. Mesmo nos casos de completa

insanidade — onde a obsessão é tão evidente que tem sido chamada de “insanidade obsessiva” — a postura científica dos psiquiatras não lhes permitirá dar o mínimo de atenção à possibilidade de interferência de espíritos. Muitos homens da igreja, mesmo com a Bíblia cheia de menções aos espíritos maléficos e demônios que causavam doenças e insanidade, têm ficado ao lado da ciência, nesta questão.

A despeito destes defeitos de limitações, contudo, deve ser livremente admitido que muito trabalho de boa qualidade está sendo feito por muitas pessoas e que a descoberta e remoção de complexos, se nada mais houver, frequentemente resulta em melhoria prenunciada, mesmo se o progresso nesta estreita área do campo tenha sido dolorosamente lento.

A insatisfação com a lentidão e incerteza da psicanálise e a quase completa falha dos religiosos (comparativamente falando) em conseguir a cura das mentes pela prece, resultou há alguns anos atrás em uma estranha revolta dos amadores. Separaram-se dos analistas profissionais e dos religiosos para tentar melhorar as teorias conservadoras e criar métodos analíticos mais novos, mais rápidos e melhores — especialmente métodos que um amador podia usar para ajudar outro.

L. E. Eeman, da Inglaterra, destacara-se entre os revolucionários, cujos circuitos de relaxamento foram discutidos no Capítulo 14 acima. Começou fazendo experiências e escrevendo sobre linhas psicanalíticas desde 1924, e realizou algumas descobertas muito interessantes. Desenvolveu um sistema para localizar e remover fixações, chamado de “Myognosis” e descreveu-o em artigos e conferências, assim como em seu livro “Cura Cooperativa”{29}. Não hesitou em acrescentar o elemento da religião e o Supraconsciente a suas teorias — e, por essa

razão, a despeito das excelentes demonstrações que faz de seus métodos, ganhou pouco reconhecimento dos psiquiatras.

A revolta contra os psiquiatras lentos e reacionários e à psicanálise da escola Freudiana voltou-se para novos canais na metade de 1950, com um leigo, L Ron Hubbard{30}, um escritor de ficção científica e que tinha sido vítima de guerra na Marinha.

O Sr. Hubbard tinha sido, assim como o Sr. Eeman, levado ao estudo da mente e sua natureza por suas próprias dificuldades. Passou algum tempo inventando e experimentando vários métodos de administrar terapia mental e desenvolveu um conjunto de teorias para acompanhar seus métodos. Se tinha ou não percebido que havia numerosas pessoas nos Estados Unidos que estavam prontas a revoltar-se contra as velhas teorias e terapias, é difícil dizer, mas logo que publicou seu livro “Dianética”{31} e ofereceu liderança, centenas se juntaram à sua bandeira.

A Dianética pode ter tido sua grande atração no fato de que oferecia uma terapia para todos, não apenas para aqueles que reconhecidamente sofriam de problemas mentais, psicoses ou neuroses. Adiantava-se a teoria de que todos têm “engramas” (algo semelhante ao complexo) em maior ou menor extensão e que cada engrama estava ligado com o papel da força mental do indivíduo.

Era prometido que quando os engramas fossem descobertos e trazidos à luz através dos novos métodos, a grande liberação de poder mental tomaria alguém assim “purificado” muito mais capaz mentalmente do que antes. Estes resultados deviam ser obtidos com quarenta a cinquenta horas de aplicação dos métodos. Tal aplicação não exigia nada mais que uma leitura cuidadosa do livro por duas pessoas, após o que podiam “auditar” um ao outro,

dizia-se, e milhares de “auditores” amadores logo estavam experimentando o novo método.

Foi descoberto que a prometida liberação de mais energia mental e a cura de doenças de natureza psicossomática não estavam sendo tão amplamente realizadas como tinha sido previsto. Era evidente que treino e experiência eram necessários depois que o livro fosse lido.

Entrementes, o Sr. Hubbard, para atender a esta necessidade, organizou escolas em que os estudantes podiam ser auditados e ensinados em primeira mão a usar os novos métodos de auditoria. A procura pelos serviços de “auditores” treinados em Dianética já era tão grande que os cursos de seis semanas pareciam a muitos um meio excelente e simples de ingressar em uma nova profissão.

Alguns APHs foram atraídos pelas possibilidades da nova terapia, outros tentaram “auditar” seus amigos e ser “auditados” por sua vez. Alguns procuravam os auditores recentemente treinados e se submetiam ao tratamento e outros se matricularam nas escolas e tornaram-se auditores profissionais.

A nova terapia foi amplamente discutida nos boletins APH e foram fornecidos relatos, de tempos em tempos, sobre as experiências dos APHs que tinham tentado os métodos do Sr. Hubbard. A princípio os relatórios eram uniformemente esperançosos e muitas vezes entusiásticos. Depois surgia uma dúvida, um sentimento de que os métodos da Dianética não cumpriam sua promessa.

O próprio Sr. Hubbard foi um dos primeiros a perceber isto e começou a revisar suas teorias e meios de incentivar a lembrança de acontecimentos (muitas vezes pré-natais) que acreditava terem causado os engramas. Novas técnicas foram muitas vezes anunciadas e colocadas à disposição,

através de artigos curtos publicados.

Enquanto o Sr. Hubbard estava revisando suas conclusões a cada mês, outros leigos, muitos dos quais tinham feito o curso profissional de Dianética e tinham trabalhado como auditores, formulavam teorias próprias e ofereciam terapia de uma forma ligeiramente diferente.

A Fundação Eidética{32} era um dos novos grupos que foram fundados por ex-auditores da Dianética. Neste grupo, a abordagem era baseada na Psicologia Gestáltica e o subconsciente não era reconhecido, portanto, o engrama, que era remanescente do complexo, era substituído por outros conceitos. Naturalmente, não havendo subconsciente, não havia supraconsciente.

A “Terapia E” foi contribuição do Sr. A. L. Kitselman, outro daqueles que tinham frequentado os cursos de auditagem. Contudo, a “Terapia E” era algo que o Sr. Kitselman tinha estado formulando por vários anos, ao lado da teoria. Tinha sido um estudante de religiões e psicologia e acreditava que, o que quer que estivesse impedindo uma pessoa de estar na sua melhor forma mental ou psicológica, podia ser removido por “Deus”, em qualquer forma que se pudesse pensar Dele. Este Ser Divino, que designava como “E” para fazê-lo adequar-se a todas as formas de religiões, só tinha que ser solicitado, através da prece, a assumir o controle e consertar as condições, corrigindo suas causas psíquicas. •.

É difícil avaliar estas novas terapias, uma vez que estão em um estado de crescimento e experimentação. Estão aparecendo constantes mudanças na teoria, assim como na prática, e novos termos são cunhados de uma forma espantosa, para adequar-se às novas ideias. Uma vez que o interesse primordial da APH era de descobrir se havia disponibilidade ou não de um método melhor de remover os

bloqueios do caminho, teremos que esperar um período mais estável, quando seus métodos tiverem sido testados e provados.

Do ponto de vista da Huna, concordamos que assim como a psicanálise, não estavam trabalhando com os **três EUs** e, portanto, seu trabalho estava destinado a ser incompleto. A questão extremamente importante — para a Huna — do **mana**, era completamente desconhecida. Em alguns dos métodos parece haver um esforço para fazer os pacientes abandonar velhos ódios e temores, tentar melhorar sua atitude para com a vida e para com as pessoas ao redor. Mas não há o ensino forte e vigoroso dos kahunas nesta parte do trabalho, nem a insistência para que se fizessem reparações àqueles que tinham sido feridos.

Uma coisa que o Sr. Hubbart tem discutido em seus escritos recentes e que parece promissora é a influência dos “demônios”. O grupo da Fundação Eidética também está trabalhando ao longo desta linha. A esse respeito há um passo definido em direção ao acordo com a Huna e fora das limitações da ciência, que têm impedido os psiquiatras modernos de tal reconhecimento.

Parece haver um medo definido da parte dos criadores das novas terapias de que possam cair no mesmo poço que aguardava os curadores-revivacionistas cristãos, que agora já deveriam ter substituído muitos dos médicos da área, se suas curas tivessem sido permanentes em muitos casos.

Qualquer cura que não remova a causa da perturbação, seja física ou psíquica, ou o resultado de influência de espírito, não é mais que um auxílio temporário, isto é o que os curadores-revivacionistas deixam de entender. Mesmo o trabalho primário de ajudar o paciente a livrar-se de velhos ódios e temores, ciúmes e invejas, é feito somente durante um curto período preparatório (se é que é feito), antes de ser

tentada a cura real.

E, naturalmente, os complexos não são reconhecidos e não são removidos. Pode ser obtida uma cura aparente, e frequentemente acontece, mas enquanto o complexo que causou a perturbação em primeiro lugar não for removido, é apenas uma questão de tempo até que a cura seja “desgastada” e a doença esteja de volta, geralmente pior que antes.

Um exemplo desta dificuldade — e muito real — foi trazido dolorosamente à nossa atenção na APH no caso de T.A.L., que foi relatado em um capítulo anterior. T.A.L. ficou inteiramente livre de sua dolorosa doença no estômago por algum tempo, após a cura ter acontecido. Podia comer qualquer tipo de comida sem resultados prejudiciais, e estava convencido de que sua cura era permanente. Mas, sem aviso prévio, a perturbação voltou e muito desapontado, foi forçado a visitar seu médico e pedir tratamento. É evidente que, sempre que a causa destas perturbações não for removida, a cura não será permanente.

Os auditores do tipo Dianético caem no mesmo fosso de falta de permanência em suas curas, em alguns casos. Isto acontece devido à falta de entendimento suficientemente amplo para cobrir os aspectos religiosos do problema.

Os complexos e a influência de espíritos, não importa como sejam descritos e nomeados, não podem ser auditados e removidos a fim de que fiquem fora do caminho, a não ser que o paciente esteja inteiramente desejoso de abandonar velhos meios prejudiciais de viver e prossiga na vida bondosa e útil. E acima de tudo, deve fazer contato com seu *EU Superior* e conservar a senda aberta.

Nenhum sistema de terapia mental pode estar completo se não levar em consideração o impulso quase universal dos

homens para reconhecer alguma forma de Seres Superiores e olhar para eles com veneração — voltar-se para eles como a fonte possível de ajuda, em tempo de perturbação.

Os psicólogos ainda questionam se há ou não algum instinto básico atrás da adoração a um Poder Superior. Mas é muito possível que tal instinto seja tão real e urgente quanto Freud descobriu ser o impulso sexual ou como outros consideram o instinto de sobrevivência ou o impulso por reconhecimento ou domínio. Tenho visto povos primitivos ficarem perdidos em contemplação de um espetáculo de grande beleza, dando toda evidência de um buscar e anelar impulsivamente por algo naquela beleza que está além e mais alto, que seja mais verdadeiro, mais nobre e mais real.

O homem não pode viver sem esperança e, quando tudo o mais se vai, ele ainda pode ter esperança de uma sobrevivência e uma vida futura, se lhe é permitido ter fé em um Ser Superior que não lhe falhará.

Qualquer terapia que não se erga sobre tal esperança, constrói de forma frágil. À medida que a psiquiatria penetra nas igrejas para ajudar no ministério de cura, oferecido para mentes perturbadas, isto está sendo entendido cada vez mais. Mas, até que seja reconhecido o significado dos “demônios” da Bíblia e dos espíritos obsessores, os “companheiros roedores” dos kahunas, o papel psiquiátrico do ministério pode ficar incompleto.

Capítulo 17.

As Fixações são Trazidas de Vidas Anteriores?

Existem Obsessões por Espíritos Não Detectadas?

Em todas as formas de psicanálise, conforme foi dito, os terapeutas dependem não somente dos sonhos, mas também dos pensamentos que ocorrem aos pacientes (em uma condição de relaxamento físico), permitindo que a mente possa vagar à vontade, uma ideia levando a outra, por livre associação. As coisas que vêm à mente dos pacientes nestas condições são como sonhar acordado e são estudadas da mesma forma que os sonhos tidos enquanto adormecidos, para descobrir neles símbolos ou outros indícios que possam ajudar a identificar as lembranças de acontecimentos causadores de complexos.

O paciente muitas vezes imagina cenas, pessoas, lugares e experiências que são quase tão reais para ele como seus sonhos e os descreve a seu analista, como faria com os sonhos. Por causa da clareza destas impressões e porque frequentemente parecem ser tão fiéis à vida, despertam uma perplexidade muito interessante.

Deveriam os sonhos acordados serem considerados como invenção da imaginação ou alguns deles como lembranças trazidas de acontecimentos e circunstâncias relacionadas com vidas passadas do paciente?

Freud inclinava-se à opinião de que tanto o sonho da noite como o do dia, da espécie mencionada, eram baseados na imaginação e não eram experiências. Como tal, pôs-se a analisar ambos como “estruturas psicológicas” nas quais

podiam estar ocultos símbolos que apontariam a origem do complexo ou fixação.

Mais tarde, quando Jung separou-se dos princípios freudianos, parece que pensava que esta teoria dificilmente seria suficientemente boa para explicar a questão. Jung sugeriu que cada um de nós podia herdar, através dos genes, uma porção da “memória racial”, e por causa disto parecemos lembrar acontecimentos de nossa própria vida passada, que realmente aconteceram nas vidas dos antepassados da raça. Supunha que estas lembranças eram comuns a todos da mesma raça e não experiências reais e individuais de qualquer paciente. Esta teoria parece tê-lo interessado enormemente, pois está dedicando seus derradeiros anos{33} à pesquisa, através de lendas e escritos medievais, para tentar encontrar o significado dos símbolos e arquétipos na história da raça.

Outros analistas têm falado e escrito sobre a evidência que têm encontrado de que os acontecimentos vividos através encarnações passadas do indivíduo estavam sendo relembrados. Os investigadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica já tinham aberto o caminho nesta direção e muitos deles tinham se tornado convencidos de que a reencarnação é um fato e que as memórias de vidas passadas às vezes são relembradas.

O Sr. Hubbard, em sua última pesquisa (chamada de Cientologia) adota esta postura.

Vamos tomar abreviadamente um dos relatos mais recentes e convincentes sobre testes destinados a explorar a questão combinada de encarnações passadas e fixações, transportadas delas.

Estes testes foram realizados por volta de 1945 por uma famosa médium e investigadora, Geraldine Cummins,

trabalhando e escrevendo com o Dr. R. Connell, na Inglaterra. (Veja seu livro "*Cura pela Percepção*")[34]. A srta. Cummins descobriu, pelo uso dos sentidos psíquicos, que muitas doenças estranhas e problemas mentais em vários membros de uma certa família antiga da Inglaterra, pareciam surgir de lembranças trazidas de vidas passadas. Esta família era judia e os terrores da perseguição tornaram as lembranças duradouras de uma vida para outra, especialmente da vida imediatamente anterior. Cito do livro:

> "Esta narrativa (contando uma circunstância especial na vida de um paciente), subentende-se, justifica a suposição de que, na avaliação das ações de outros, as lembranças legadas a eles, provindas do passado, deviam ser investigadas e avaliadas, antes que qualquer julgamento final possa ser declarado sobre elas. Os temores, as perseguições, as noites de horror, as câmaras de tortura, os túmulos silenciosos de amigos e parentes injustamente abatidos — quaisquer de tais experiências de acontecimentos na vida de antepassados indubitavelmente pode estender sua influência do passado e afetar as ações dos descendentes no presente, particularmente se tais descendentes sofrerem choques ou traumas (mentais) menores de uma natureza análoga. Portanto, um ato de covardia, como é concebido popularmente, pode ter sido iniciado por algum terrível e insistente impulso do passado esquecido que, desconhecido e inexplicado, condenou muitos homens ao opróbio de seus companheiros.
>
> "Os atributos psicológicos, assim como os físicos, são herdados, modificados ou agravados, à medida que cada geração passa, conforme os genes que os transportam sejam dominantes ou recessivos. Terrores quase incompreensíveis para alguns de nós, têm suas

raízes nutridas por horrores esquecidos. Mãos mortas se estendem do passado e moldam o presente. No futuro, estendem seus dedos ávidos e torcem e distorcem nossas decisões e destinos. E nós, antropoides cegos, com demasiada frequência pensamos que as decisões são nossas tão somente nossas — que as conquistas bem-sucedidas de nossas vidas são inteiramente de nossa própria modelagem. Que os crimes e falhas dos outros são assuntos para condenação desqualificada".

A transmissão de resultados terminais de relação causada por terríveis experiências de pai para filho, é comentada pelos escritores na discussão de outro caso:

"Não se pode contemplar a agonia atual da raça humana sem nos esforçarmos para avaliar algumas de suas consequências, em relação às gerações que ainda estão por vir". O Dr. Connell conta sobre a assistência a uma criança do sexo masculino que veio ao mundo após a primeira Guerra Mundial. "O pai da criança tinha passado nove meses de trabalho em uma mina de carvão alemã, como um prisioneiro de guerra. Durante aquele período em que esteve na mina de carvão, nunca viu a luz do dia; sofreu de forma inenarrável, física e emocionalmente, sendo perseguido pelo medo. Até que seu filho alcançasse a idade de 10 anos, tinha tal horror a todas as visitas que sempre se escondia sob uma cama ou uma mesa, quando chegavam estranhos e sempre que o médico era chamado. Sua doença era um pesadelo para ambos. Nasceu com um complexo dominante de terrível medo, e mesmo agora, vinte anos mais tarde e a despeito da criação mais cuidadosa, tem um olhar apavorado. Uma filha, nascida quatro anos mais tarde, puxou a mãe e não teve tal herança".

Em algumas escolas de psicanálise pensa-se que, a partir do momento da concepção, há algum meio pelo qual o

embrião sente e lembra-se de palavras pronunciadas pelos pais, especialmente se houver muita emoção ou alguma dor sentida na ocasião desta recordação. Os fatos parecem confirmá-los e a Huna pode dar uma explicação.

Somente o *EU Básico*, em seu *corpo* ***aka*** ou etérico, está ligado ao embrião. Como o *EU Médio* só começa a desempenhar seu papel na infância algum tempo após o nascimento, todas as palavras e outras impressões são lembradas pelo *EU Básico* e somente por ele — resultando que tais lembranças não são submetidas à luz corretora da razão do *EU Médio*.

Elas assim permanecem na forma de lembranças cegas e ocultas que mais tarde causam estranhos medos ou outras reações mentais. Em quase todos os casos, os impulsos à ação, causados por estas fixações, tendem a causar doenças físicas, se os impulsos forem frustrados e reprimidos.

No caso do menino mencionado acima, podia ser explicado que, conquanto herdasse, através dos genes, as características mentais que podiam responder a temores semelhantes, a causa real de seus terrores podia bem ter sido os quadros desenhados com muita emoção pelo pai, na presença da mãe grávida, ao recordar suas experiências e terrores. O *EU Básico*, sendo ilógico, reagiria literalmente às palavras como compulsões, não relacionadas a acontecimentos reais ou a seu lugar no tempo.

Uma possibilidade que nos atrai em nosso estudo dos métodos kahunas parece ter sido esquecida por muitos dos estudantes destes assuntos. É a ideia de que os espíritos dos mortos se ligam aos vivos e os forçam a lembranças de suas próprias vidas no corpo.

Os psicólogos estudaram tais manifestações e classificaram os espíritos ligados como “partes divididas” do

espírito residente ou personalidade. Sob a influência da sugestão hipnótica, as “personalidades secundárias” (ou espíritos, conforme sejam) foram trazidas à superfície e conversaram com eles. Muitos têm suas próprias lembranças da vida no corpo, e quase sempre tentam influenciar a pessoa que é sua vítima, impondo pensamentos, emoções e impulsos nela, ou à noite levando o corpo em expedições sonâmbulas.

Frequentemente lembram da angústia de sua morte na vida terrena, suas doenças, dores e tristezas e fazem aparecer sintomas e emoções correspondentes a elas naquele a quem se ligaram e de cujas forças vitais se alimentam, para ter força de vontade suficiente para exercer uma forma de comando hipnótico, em muitos casos.

Parece natural que os espíritos de antepassados selecionem membros das gerações seguintes como sua vítima ou hospedeiro. Neste caso, podemos contar com lembranças e reações compulsoras que são impostas aos vivos e que — devido a que a fonte parece ser seu próprio ser interior — produz a crença de que experiências de uma vida passada estão sendo transportadas de suas próprias vidas ou vidas passadas, não da vida terrena de algum espírito ancestral ligado a si.

Os psiquiatras modernos estão plenamente cientes de todas as aparências exteriores das influências dos espíritos, começando com as influências muito leves e intermitentes e terminando em completa obsessão. Contudo, como é tabu ser tão pouco científico a ponto de admitir que poderia haver tal coisa chamada de espirito, ou uma sobrevivência após a morte, ou um conjunto de lembranças trazidas de uma vida passada, os sintomas que têm sido conhecidos por muitos séculos e que são devidos a espíritos obsessores, têm sido simplesmente recatalogados e recebem novos nomes.

Sob o nome de “**Obsessão**” no **Dicionário Freudiano de Psicanálise** já citado, esta questão está bem ilustrada:

> “**<u>Obsessão</u>**: As obsessões são sempre censuras reemergindo em uma forma transmutada sob repressão — censuras que são invariavelmente relacionadas com um ato sexual realizado com prazer na infância... Dois componentes são encontrados em toda obsessão: (1) uma ideia que se impõe sobre o paciente; (2) um estado emocional associado a ela”.

Deve-se notar que Freud tomou nota cuidadosamente sobre a **força compulsiva do pensamento**. Ele, naturalmente, relacionou-a a um pensamento sexual reprimido — mas certamente, na obsessão, podia ter sido forçado sobre o paciente por um espírito. Também notou a mudança no estado emocional do paciente, adequada ao pensamento compulsivo. Fica aberta a questão sobre se o pensamento despertou a emoção ou, o que seria mais provável, se provindo de um espírito — se a emoção também veio de um espírito e não foi gerada no paciente. Atos e cerimoniais obsessivos foram atribuídos por Freud à parte inconsciente da mente porque, a despeito da razão e lógica, o paciente é incapaz de resistir ao impulso de fazer certas coisas.

Nos hospitais mentais de hoje (tirando os pacientes cujos cérebros foram prejudicados por doença ou venenos como o álcool), a esquizofrenia, ou “personalidade dividida” é a responsável pela maioria dos casos.

Choques, “stress”, tensão, fixações — quase tudo que enfraquece o indivíduo no nível mental e da “vontade” pelo consumo demasiado de seu **mana** — pode abrir caminho para as “personalidades secundárias” se manifestarem em maior ou menor grau. O tratamento por choque elétrico, insulina ou outras drogas é um remédio popular e embora

duro para o paciente, frequentemente é eficaz. (Os kahunas usavam um tratamento por choque de **mana** há muitos tempos atrás, como já mencionado).

De todos os psiquiatras com treino médico, somente um, que EU saiba, realmente reconheceu a obsessão pelo que é. Ele se separou das tradições científicas limitadoras de sua profissão, para abrir caminho, ao descobrir melhores meios de expulsar estes "espíritos maléficos" ou "demônios", que eram tão bem conhecidos dos kahunas da Polinésia e que são tão frequentemente mencionados na Bíblia.

Este homem era o Dr. Carl Wickland, um americano, que durante todos os últimos anos de sua vida dedicou seu tempo e atenção aos ângulos da obsessão e lhe negaram tanto reconhecimento quanto atenção. Contudo, realizou um trabalho pioneiro de uma ordem avançada, obteve excelente resultado em muitos casos, e deixou um notável registro de suas descobertas, teorias e métodos em seus livros, sendo o mais conhecido o seu "*Trinta Anos entre os Mortos*"{35} (*). Seu método era o de desalojar espíritos obsessores ou "encostos" de seus pacientes por um choque de eletricidade estática. O espírito era orientado para entrar no corpo da Sra. Wickland, (que era uma paranormal) e lá falava-se com ele, persuadindo-o a deixar o paciente em paz e entregue a bons espíritos "guias", para que cuidassem dele ou o forçassem a mudar seus caminhos. Era um método inteiramente não-científico, mas muitas curas foram feitas e muito auxílio foi prestado aos sofredores.

Uma vez que os kahunas das ordens de cura eram ou paranormais treinados ou usavam um paranormal como assistente, constantemente estavam buscando espíritos que houvessem se ligado a vivos e estivessem causando algum grau de doença ou perturbação mental. Estes espíritos, porque invariavelmente retiravam **mana** dos vivos para

fortalecê-los, eram chamados de "companheiros devoradores" pelos kahunas e em todos esforços para curar um paciente, procuravam-no e se encontrado, eram removidos, assim como eram os complexos. A técnica observada para a retirada de maus espíritos, conforme relatado antes, era o acúmulo de uma carga de choque de **mana** muito grande e o uso dela, associado a um tipo de sugestão hipnótica para desalojar o espírito obsessor. O *EU Superior* do kahuna também recebia suficiente **mana** para sua ajuda na operação, quando era solicitado a cooperar. Estava sempre disponível, também, a poderosa cooperação do **Poe Aumakua**.

Os complexos e os maus espíritos, "*coisas roendo-nos por dentro*" eram colocados juntos na mesma classificação de pecados, assim como os atos de ferimento cometido aos outros ou erros na boa conduta. E é importante declarar novamente, todos estes elementos que entravam na composição do pecado eram basicamente maus, porque faziam o *EU Básico* da pessoa doente ou obsidiada recusar-se a realizar o contato com o *EU Superior*. Uma vez que a recusa resultava em uma senda bloqueada para o *EU Superior* e a fim de obter a cura, era necessário abrir o caminho, sendo a primeira etapa essencial a de corrigir as coisas que tornavam o *EU Básico* bloqueado.

Encontramos no Novo Testamento muitas referências ao trabalho de expulsar maus espíritos, como uma prática de cura. Pouco se sabe sobre o tratamento anterior de Jesus, mas pelo que ele fez e ensinou, é evidente que era um membro da mais alta ordem de cura dos kahunas. Enquanto curava e ensinava seus discípulos a curar, como parte de seu ministério, seus ensinamentos são do maior valor na reconstrução da antiga tradição, nesta época tão distante.

Ele e seus discípulos enfatizaram o papel

desempenhado nas doenças por maus espíritos e os retiravam dos pacientes, a fim de trazer a cura. Algumas vezes os maus espíritos eram chamados de “demônios”.

No Velho Testamento, a palavra “diabo” aparece somente quatro vezes na versão King James. No originai hebraico, as palavras usadas eram ***sairim*** e ***shedim***, ambas usadas duas vezes e significando, respectivamente (conforme consta na versão revisada) bodes ou sátiros e demônios. O Diabo, ao contrário, era um anjo caído, Satã, o “Príncipe das Trevas”, que se acreditava ser apenas um pouco menos poderoso que Deus. Recebeu o título de “O Adversário” e “O Tentador”.

No Novo Testamento, é narrado que Jesus lutou com Satã e foi tentado por ele em seu disfarce de “Príncipe das Trevas”.

Um pouco dessa confusão pode ser esclarecida voltando à religião mais antiga, a Huna. Nela, símbolos belos e muito eficazes eram usados para apresentar ideias básicas que iam dos conceitos magnificentes e vagos, tais como os envolvidos na teoria da Criação, até os conceitos básicos comuns, tais como os três EUs do homem, maus espíritos, pecado em geral etc. '

A Criação do universo era, na Huna, simbolizada como uma luta titânica entre a Luz e a Treva. Ambas eram simbolizadas e personificadas. A Luz era a Suprema Inteligência e Bem. A Treva era falta de inteligência, estupidez, inércia, a geração e lugar de morada do mal — de tudo que fosse adversário da Bondade.

A Treva personificada era vencida pela Luz personificada e o resultado era a Criação. Contudo, a luta não terminava. Através de toda evolução ascendente das coisas criadas, incluindo o homem, a luta entre a Treva e a

Luz continuava, como o conflito de grandes poderes sombrios e elementais e como fragmentos daqueles poderes existentes nos corações dos homens, continuando a luta em uma escala menor. A Treva era, simbolicamente, dividida em partes menores, que eram capazes de penetrar em todos os homens e dirigir os maus, assim como todos os espíritos de homens maus — permanecendo estes maléficos e presos a níveis, terrenos após a morte física. Por outro lado, a Luz era representada como os *EUs Superiores*, um para cada homem, para ser sua Luz e guiá-lo para fora dos caminhos da escuridão.

Um dos mais recompensadores esforços ao longo desta linha de procurar entender a natureza composta do pecado, aconteceu no trabalho de traduzir para a língua polinésia o desnorteante significado contido na estória do Jardim do Éden.

Muitas pessoas hoje pensam que isto é uma alegoria, não uma declaração de um fato histórico sobre pessoas específicas e um lugar geográfico. É a estória de todo homem que "cai" do seu estado natural de contato com seu *EU Superior*. A narrativa tem sido encontrada não somente nos escritos bíblicos, mas ao redor do mundo, contada em muitas línguas e em muitas versões.

Era propriedade comum das civilizações, que se centralizavam no Oriente Próximo, há séculos atrás. Parece haver pouca dúvida de que é originária dos kahunas dos velhos tempos, pois qualquer dialeto da língua polinésia revela segredos Huna que são estranhos a qualquer outra língua, povo ou filosofia.

No Jardim do Éden, como a estória foi registrada no Velho Testamento, havia uma árvore que foi separada e seu fruto proibido a Adão e Eva. A serpente tentou Eva para comer do fruto, ela persuadiu Adão a compartilhar dele e

foram expulsos do Jardim.

Ora, "fruto" é **hua**, e seu significado secreto é: (**1**) ser muito ligado ao mal e (**2**) brigar, estar zangado, invejar. A "serpente" do Gênesis (como o Satã de Jó, o Hillel de Isaías e o dragão, tanto de Isaías como do Apocalipse) entende-se como símbolo da primeira causa do pecado, morte e maldade — e assim, a revolta contra Deus, a Luz e o Bem.

São todos símbolos de pecado em Huna e a palavra **moo** os engloba a todos. Esta palavra significa qualquer tipo de réptil e tem o significado secundário Huna de "secar", que é o símbolo de tirar e desperdiçar a "água da vida", ou **mana**.

A serpente, então, era o espírito do tipo "companheiro devorador": sabemos isso porque roubava e desperdiçava **mana** do *EU Básico* — secava-o, de acordo com a simbologia Huna.

Esta serpente tentou Eva. A palavra para "tentar" — **walewale** — significa não somente "tentar", mas também "*apanhar na armadilha*" e "*cilada*". Isto é importante no entendimento do significado Huna da estória porque a cilada, a armadilha ou qualquer forma de rede, sempre que mencionada ao descrever qualquer parte da Huna, é símbolo de um "companheiro devorador", espírito obsessor, ou de um complexo.

Conforme os botânicos modernos nos asseguram, a maçã ainda não existia nos tempos bíblicos. Ela foi usada por pintores de quadros imaginários representando o Jardim do Éden, na Europa, muito mais tarde.

Não foi declarado no Gênesis que a árvore dava maçãs — era simplesmente "a fruta da árvore do conhecimento". Na versão polinésia, contudo, toda evidência aponta para que a estória tenha sido originada em alguma terra tropical.

A árvore era descrita como a árvore da fruta-pão e perto dela crescia uma árvore **ohia**, ambas tropicais.

Ulu é a palavra para fruta-pão, mas ela tem um surpreendente número de significados Huna que nos contam diretamente ou por meio de símbolos, sobre a natureza dos “companheiros devoradores” o que fazem para seus hospedeiros e o que forçam seus hospedeiros a executar.

Estes significados mostram-nos aquilo que foi considerado o mais grave dos pecados da humanidade:

1.) Ser influenciado em maior ou menor grau pelos espíritos dos mortos.
(O pior seria ser completamente obsidiado por eles).

2.) Crescer, em tamanho e força (Isto mostra o aumento de força dos espíritos, quando retiram **mana** de sua vítima — “secando-a”).

3.) Crescer em zanga ou em mais mal (Os espíritos, uma vez tolerados pela vítima e podendo se alimentar de seu **mana**, tornam-se mais e mais poderosos e capazes de forçar seus maus impulsos sobre a vítima. Eles se tornam mais e mais capazes de obsediá-las e assumir o controle mais completo de seu corpo).

A árvore **ohia**, que na versão da Polinésia ou Huna da estória ficava ao lado da árvore de fruta-pão, nos dá mais significados que corroboram aqueles ocultos em **ulu**.

1.) Forçar, compelir, reprimir. (Estes descrevem muito bem os métodos e habilidades dos espíritos “companheiros devoradores”, em relação à sua influência sobre seus hospedeiros).
2.) Ser enganador, mau, pecaminoso e maldoso (Isto nos esclarece sobre a natureza dos espíritos).

O “pecado” de Adão e Eva era o de abrigar maus pensamentos, tão parecidos aos dos maus espíritos que estavam em acordo com eles ou com mentes semelhantes. Por esta razão, os *EUs Básic*os do homem e mulher permitiram aos espíritos que se ligassem a eles. Logo começaram a aceitar suas ideias e impulsos maléficos como sendo seus próprios. Assim foram expulsos de sua posição alegórica de bondade sem pecado — ou, em outras palavras, da condição do natural e pleno contato com seus próprios *EUs Superiores*.

Na estória do Gênesis, a serpente foi expulsa e uma maldição colocada sobre ela. A punição de Adão foi a de ser forçado a viver do suor de seu rosto e arar a terra que Deus tinha amaldiçoado, de modo que nela cresciam cardos e espinhos.

Cardos, espinhos e arbustos espinhosos, deve-se lembrar, são, em Huna, Símbolos ou dos “companheiros devoradores”, ou dos complexos. (Os kahunas parecem ter usado o mesmo conjunto de símbolos para ambos, sem dúvida porque os dois produziam os mesmos sintomas em seus pacientes).

O Jardim é a condição ideal e normal de vida, quando a pessoa está livre de quaisquer bloqueios na senda, que aparecem sob título de “pecados”, na Huna. A palavra “jardim” é **kihapai.** Seus significados secretos devem ser encontrados nas palavras-raízes das quais é composta. Estas são:

1ª. Raiz **ki:** espirrar água (símbolo do envio da sobrecarga acumulada de **mana** ao *EU Superior*, ao longo do *cordão **aka*** de conexão. Isto pode ser feito somente quando o indivíduo está na condição ideal ou normal, na qual seu caminho não está bloqueado por uma das formas de “pecado”).

2ª. Raiz **pai**: Estar atado em maços, estar em cachos (símbolo dos cachos de *formas de pensamento* ou quadros visualizados da coisa desejada. Estes cachos são enviados com o fluxo de **mana** pelo *cordão **aka***, ao *EU Superior*, na prece do tipo Huna).

3ª. Raiz **ha**: Respirar profundamente (símbolo de acumular uma sobrecarga de **mana**. Este acúmulo geralmente é acompanhado de respiração mais forte).

4ª. Raízes combinadas em **hapai**: Elevar (este é o símbolo do envio ou "elevação" dos cachos de formas de pensamento para o *EU Superior*).

A narrativa do Gênesis nos conta que depois que Adão e Eva foram expulsos do Jardim por causa de seus pecados — porque tinham permitido à serpente tentá-los com sucesso — Deus colocou "Querubins" com "espadas flamejantes" no leste do Jardim para guardar ou "preservar o caminho para a árvore da vida".

A palavra para "espada" é **pahi**, cujas raízes, **pa** e **hi** têm o significado de "secar" e de "expurgar algo". O segredo é que a condição ideal, simbolizada pelo jardim, é protegida pelo *EU Superior* contra a intromissão de maus espíritos. São impedidos de tomar-se suficientemente fortes para controlar os vivos, sendo eles mesmos "secados" ou impedidos de obter **mana**.

Expurgar também é "fazer fluir para fora" e fornece uma confirmação do primeiro significado de que o **mana**, simbolizado como um fluido, é tirado dos espíritos, se tiveram algum em sua posse (como terão, se estiverem obsidiando uma pessoa viva). O trabalho de afastá-los e torná-los fracos e inofensivos era realizado pelo *EU Superior*. O "caminho da árvore da vida" que devia ser guardado, simboliza o *cordão **aka***. É o que deve ser conservado

desbloqueado e aberto. Os maus espíritos devem ser impedidos de causar tal bloqueio.

Através dos kahunas, aprendemos a grande verdade de que, se caminharmos até o fim da vida e morrermos sem sermos purificados de nossas fixações, as levamos conosco. Por outro lado, pendem como pesadas cargas ao redor do pescoço e impedem o claro entendimento que normalmente nos permitiria prosseguir e progredir, como se deveria, nos estágios evolutivos em direção à perfeição. As fixações e males não corrigidos em nossa natureza prendem-nos ao nível terreno e tendem a fazer-nos tornar-nos um “companheiro devorador”.

Há muitos rituais na Igreja Católica que podem ser relacionados a origens Huna ou ter sua fonte em ideias e crenças Huna, mesmo se o significado do ritual tenha sido parcialmente perdido. Um destes é o ritual da Extrema Unção e os católicos fazem todo esforço para realizá-lo, com a intenção de obter uma derradeira e final purificação naqueles que estão prestes a morrer.

O ritual da Confissão com o da Absolvição deveria, se adequadamente entendido e administrado, afastar (e conservar longe) as fixações, da senda do indivíduo durante a vida e ele prosseguiria livre, são e desimpedido para a morte.

A Igreja tem também o ritual do Exorcismo para remover os “companheiros devoradores” e em cada caso os rituais são realizados com o uso de “água benta”, mesmo se não se compreende mais que isto simboliza o invocar do *EU Superior* para finalidades de purificação e pressupõe o auxílio do *EU Superior* — que, antecipadamente, deve receber um fornecimento suficiente de **mana** inferior para trabalhar com ele.

No Tibete existiu, durante séculos, um ritual escrito que

frequentemente foi chamado de “O Livro Tibetano dos Mortos”, para compará-lo com o mais conhecido do antigo Egito. Ambos almejavam assistir uma pessoa moribunda a progredir adequadamente da vida para o estado pós-morte. No Tibete tem sido costume um sacerdote ler este ritual de instruções aos moribundos — continuando a ser recitado por algum tempo após a morte, sob a convicção de que o morto pode ouvir e seguir as instruções dadas para sua entrada no “Bardo”, a vida futura.

Em ambos os rituais é colocada muita ênfase no grande valor inerente à vida vivida adequadamente enquanto se está na terra. O estado pós-morte é visto como uma continuidade da vida e das mesmas inclinações. Se estas inclinações não são boas, rapidamente podem sobrevir perturbações no outro lado, acredita-se, pois que espíritos maléficos espreitam lá, que são inimigos daqueles apanhados nos planos mais inferiores da vida futura. Se há alguma verdade em todas as religiões, deve-se concluir que a condição pós-morte depende muito do progresso moral durante a vida.

A crença em obsessão, ou “companheiros devoradores”, não é mais fantástica; graças a um século de trabalho na pesquisa psíquica e a muitas provas encontradas da sobrevivência humana. O complexo ou fixação foi redescoberto na psicologia moderna.

A alarmante incidência de insanidade em nossa época, aliada ao tratamento mal informado das vítimas em muitas instituições, parece compelir a um exame das probabilidades de espíritos obsessores, pelo menos em alguns dos casos.

A psiquiatria provou que é possível restaurar alguma pessoa à sanidade, removendo os complexos. Por que não prosseguir com o estudo daqueles pacientes obviamente

muito obsidiados por um espírito exterior a eles?

Capítulo 18.

Os vários Graus de Fixação
E a Influência Obsessora,
com um teste de auto avaliação

O leitor, a esta altura, pode sentir-se que foi levado a olhar as obscuras profundidades de contingências que não lhe dizem respeito. Embora as profundezas mais escuras possam não ser o caso, há ainda — como foi explicado — muitos graus de escuridão ou daquelas coisas que consideramos no capítulo passado. E, mesmo que alguém esteja convencido de que tem uma senda livre, é melhor assegurar-se. Além disso, é importante que nos informemos, a fim de que possamos estar melhor preparados para ajudar outros que estão precisando de ajuda, mas que não percebem suas necessidades.

O psicanalista Dr. Lawrence S. Kubie fala da grande necessidade da psiquiatria **preventiva,** em um artigo no boletim da Academia de Medicina de Nova Iorque[36], em setembro de 1952. Ele insiste que devem ser tomadas medidas para informar os médicos e leigos, a fim de que possam assistir no trabalho de educar o público, com a finalidade de que os sintomas das perturbações por fixação possam ser reconhecidos logo e prontamente tratados.

O Dr. Kubie conta a estória de uma garota que, na idade de sete anos, apresentou uma persistente dor de estômago e foi levada para o hospital. Um interno lá reconheceu que era algo devido a causas mentais ou psíquicas e recomendou que ela fosse levada a um psiquiatra. Isso não aconteceu,

contudo, e as dores de estômago voltaram nos anos seguintes. Por volta de seu 35º aniversário, tinha sofrido nove operações abdominais é recebido cerca de 5.600 horas de tratamento médico gratuito. Finalmente, foi a um psiquiatra, porque os médicos não tinham encontrado nenhuma causa física para suas queixas.

Era tarde demais para reparar os danos sofridos ou curar uma paciente que tinha se tornado uma hipocondríaca irrecuperável. O Dr. Kubie afirma que este não é um caso excepcional. Ilustra, apenas, a necessidade da psiquiatria preventiva.

Aquele psicanalista oferece aos médicos um teste simples para ajudar a determinar se um paciente pode sofrer de perturbações psíquicas ou não: "*Se um paciente pode utilizar eficazmente um conselho do senso comum, nada mais é necessário, e nosso paciente não pode estar muito doente. Quando (o conselho ditado pelo senso comum) escorrega das mãos dele, então está doente e necessita de ajuda técnica, tão cedo quanto possa ser fornecida*".

Embora estivéssemos discutindo principalmente as doenças, os bloqueios da senda podem causar outras coisas em nossa vida, que são igualmente opressoras. Do ponto de vista geral da felicidade ou sucesso, nada pode ser mais prejudicial que ser separado do *EU Superior* e perder sua ajuda e orientação.

Precisamos fazer o que pudermos por nós e pelos outros, a fim de nos assegurarmos de que foi alcançado e mantido um contato completo e normal.

É com isso em mente que as seguintes classificações foram feitas, para dar um quadro mais claro das coisas que bloqueiam a senda, de formas diferentes e em vários graus:

1.) Aqueles bloqueios que sabemos que podemos ter e que consistem em nossos ódios, medos, ganâncias, intolerâncias — com cuja totalidade agimos e todos os quais nos causam um sentimento de culpa, porque estamos vivendo menos perfeitamente do que realmente podemos. Parecemos incapazes de colocar de lado os ódios, temores e outras “tentações” que nos fazem deixar de viver de acordo com a “marca do chamado superior” ou os ideais dos ensinamentos religiosos ou morais que aceitamos como certos, adequados e totalmente bons.

2.) A segunda classe de bloqueios que fecham o caminho ao longo do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior* contém a metade atribuível ao *EU Básico* dos mesmos ódios, medos, ganâncias e especialmente, senso de culpa causado por responder a estes impulsos “pecaminosos”.

Como o *EU Básico* não é lógico, terá misturado e confundido unidades de complexo-fixação ou cachos de formas de pensamento de uma grande parte das lembranças das horas em que a pessoa odiava, temia, era gananciosa ou maldosa e assim por diante. Como todos nós temos uma necessidade premente de nos justificarmos por aquilo que fazemos e que sabemos interiormente não ser bondoso ou amável, o *EU Básico* aceita toda a justificativa do *EU Médio* — mas, por causa de seus sentimentos de culpa, não para lá. Fica trabalhando com as culpas, ganâncias e lembranças de atos não benéficos, no esconderijo profundo do “saco negro” de suas lembranças, relacionando, comparando, tentando conseguir melhores justificativas.

Termina com emaranhados de fixações, que são de tal natureza que, quando disparados, podem explodir na superfície na forma de uma reação emocional súbita e impulsos que nos fazem cometer ainda outros atos prejudiciais e a dizer coisas mais amargas, que nos dão razões posteriores para ficar tristes.

Estes bloqueios de “tentações” frequentemente são disparados por algo que resvala, mesmo que levemente, em nosso orgulho ou senso de importância pessoal, ou em nossa falsa estrutura de autojustificativa pelas coisas que fizemos a outros no passado. Neste estágio, podem geralmente ser trazidas à consciência pela autoanálise ou pela ajuda de um amigo, e a senda fica livre.

3.) Na classe três chegamos às fixações tão profundas que não podem ser relembradas sem a ajuda de uma pessoa treinada — um médico ou um psicanalista. Aqui, bem mais que nas duas primeiras classes, há tendência para haver doenças físicas causadas pela repressão das fixações.
E quando os males físicos não fornecem uma saída completa para o aguilhoado *EU Básico*, sintomas mentais neuróticos e psicóticos podem ser acrescidos à perturbação. Estas fixações podem, como já notamos, ter sido talvez originadas em vidas passadas ou em períodos pré-natais, na primeira infância ou em momentos de choque mental ou físico, quando são formados os emaranhados mentais de lembranças.

4.) A classe quatro não é reconhecida, exceto na Huna e nas partes da Bíblia com antecedentes Huna. As doenças mentais e físicas deste tipo provêm de influência de espíritos. Em termos modernos, são as “personalidades divididas”.
Na Huna, são espíritos que se ligam aos vivos e em grande parte, vivem do **mana** de seus hospedeiros. São capazes de injetar seus próprios pensamentos de vez em quando, na consciência do *EU Básico*, e mesmo mais frequentemente suas emoções ou estado de humor.

Deve ser lembrado que devem ser consideradas as causas físicas das doenças mentais, pequenas ou grandes.

Toxinas no sistema, perturbações ou falhas glandulares, doenças que afetam o cérebro ou sistema nervoso — todas estas causas estão na esfera do médico, para tratamento.

Em nosso trabalho APH, descobrimos que o uso de algumas das tabelas de teste agora disponíveis em livros e revistas era excelente para ajudar a determinar se as fixações ou “companheiros devoradores” estavam presentes ou não e a que extensão podiam estar afetando nossa vida.

(É verdade que a pessoa mais afligida pelo bloqueio do caminho é a menos consciente disso, em regra. Frequentemente, conjuntos de crença e de reações a certas ideias e situações estão ligados com fixações, que tornam o hábito difícil de mudar. Todos hábitos necessitam serem inspecionados de perto — inspeção com suspeita).

As tabelas de teste são baseadas em formas ideais de reagir a condições ou situações — formas que provaram pela experiência serem as melhores para o indivíduo, a família e a comunidade. Comparando nossas próprias reações com as delineadas nas tabelas, pode-se ter uma boa ideia se as fixações estão ou não presentes e a que grau **abaixo** do padrão ideal de normalidade a pessoa foi levada a pensar, agir e reagir.

Aqui está uma condensação dos pontos principais de várias tabelas que os APHs acharam benéficas:

TABELA DE AUTOEXAME PARA FIXAÇÕES, OBSESSÕES E HÁBITOS

1. A pessoa normal tem, mais ou menos, as seguintes características: fé em alguma forma de Ser ou Poder Superior, confiança de que está sendo cuidada, que as suas preces serão ouvidas se pedir as coisas certas, e que seus pecados são mais que equilibrados por boas ações.

É firme, corajosa e confiante, bondosa e tem consideração para com os outros. Gosta das pessoas e as entende, sendo capaz de compreender suas falhas e ter piedade de seus fracassos, em lugar de culpá-las acremente.

Tem um grande senso de responsabilidade pessoal, ama e cuida de sua família. Luta para fazer mais que a sua parte nos projetos da comunidade. É alegre e pronta a sorrir. Pode conversar com as pessoas e trocar ideias de forma simples e clara.

Não é inclinada à preocupação, raiva, medo, dúvidas ou suspeita. Pode ver o outro lado da questão mesmo em política ou em religião. É asseada, eficiente e saudável. .

2. Logo abaixo na escala, as características boas e normais, relacionadas acima mostram uma ligeira falha em alguns pontos, ou pode haver uma falta de positivismo em muitas das características desejáveis e normais.

   Pode aparecer levemente uma intolerância, pode haver mais egoísmo, menos interesse no próximo e mais tendência a explosões emocionais, preocupação, dúvida, ciúmes, inveja, suspeita.

   A autoconfiança não é forte, a fé é mais fraca, há menos firmeza e há uma ligeira confusão evidenciada no pensar — resultando em uma pequena dificuldade em trocar ideias claramente e a conversar livremente.

   A saúde não é tão boa.
3. Aqui o afastamento do normal é ainda mais marcante. Alguns pontos de defeito começam a sobressair visivelmente. Pode haver pontos focais nos quais as forças de várias fixações mais fortes se encontram, causando explosões, quando os acontecimentos “disparam” estas fixações.

   Estas explosões tomam a forma de reações que podem ser reconhecidas como grandes ou pequenas demais, em comparação com as reações normais às mesmas

situações e acontecimentos.
O homem pode ser doentio em suas expressões de amor e solicitude por alguns membros da família ou, por outro lado, exageradamente duro, severo e egoísta.
É obstinadamente fixo em suas próprias opiniões e tem pouca paciência com as opiniões dos outros.

4. Neste ponto o fluxo direto dos pensamentos (que depende de um fluxo adequado de lembranças racionalizadas), é cheio de "brancos" provocados nele pelas lembranças que foram bloqueadas e por memórias parcialmente ligadas com as fixações, e assim parcialmente bloqueadas.
Isto faz com que o pensamento seja lento e que o indivíduo chegue a conclusões errôneas, quando houver o mínimo conteúdo emocional no assunto em discussão.
Esta condição provoca mais falta de confiança e acumula dúvidas em lugar de fé.
São frequentes as explosões emocionais de ressentimento e raiva. Ou pode haver combustão lenta durante a maior parte do tempo, resultando em tal rebaixamento do fornecimento do **mana** que o indivíduo tende a evitar associação com outros, a falar pouco sobre qualquer coisa, exceto em um tom argumentador e a ser geralmente cheio de suspeita, antagonismo ou inércia.
A saúde não é boa e é inclinado a sofrer acidentes e perdas e a culpar estes ou qualquer pessoa, menos a si próprio.

5. Aqui as fixações ultrapassam as reações normais. As emoções estão muito fora de controle. A autoconfiança está no nível mais baixo. Não há senso de proteção da parte de Seres Superiores, mas, em lugar disso, um sentimento de contínua condenação.
Todo o mundo parece estar contra o indivíduo. É cheio de medo, geralmente dado a afligir-se com coisas em seu

passado que há muito deveriam ter sido deixadas de lado.
É inflexível em seus pensamentos e tende a repetir, nas tentativas de conversa, as suas declarações de opinião fixa.
Não consegue, nem por um momento, levar em consideração os outros ou opiniões contrárias, racionalmente. Não importa quão racionais sejam os argumentos apresentados ou de quanto pareça estar convencido, logo está de volta, repetindo suas declarações anteriores.
Sente auto piedade e tem necessidade de piedade. Retrai-se das pessoas, mas quer chorar no ombro de qualquer amigo que tolere essas explosões contínuas.
Está cheio de misteriosas dores e sofrimentos e sua força está em um nível tão baixo que geralmente está “esgotado”. Ou pode às vezes ter manifestações repentinas de alegria irracional, fé exagerada e exaltação, seguidas de depressão.

6. Neste estágio, o indivíduo está mais próximo do ponto perigoso. O fornecimento de **mana** está tão baixo que o *EU Médio* não pode conseguir o suficiente para construir sua “força de vontade” para controlar o *EU Básico* e a pessoa não tem mais interesse por nada, se não por si própria e sua condição.
Não está muito interessada nem mesmo em si própria. Quer sejam reais ou imaginárias, tem mais doenças, perturbações e preocupações do que pode ser relatado. Não quer ser ajudada. Quer simplesmente ser deixada só para chafurdar em suas misérias, ódios e temores sem fim.

As classificações fornecidas acima estão sujeitas a milhares de variações, para adequar-se à condição do indivíduo, em questão de saúde, dotes físicos ou mentais

naturais, condição social, meio ambiente, educação, acidentes na vida que trouxeram bem ou mal para ele e assim por diante.

O valor da generalização é que mostra o modelo sobre o qual as classificações são construídas.

Quanto mais alto a pessoa estiver na escala da tabela, mais apta estará para fazer um esforço e livrar-se de suas fixações e mais empenho será colocado neste esforço.

Quanto mais baixo estiver, menor será o desejo de mudar —, sendo sua reação “ *e daí?* “ Após a primeira demonstração de compreensão e entusiasmo.

Preocupação e todas as pequenas dúvidas, temores, sentimentos de incerteza e falta de confiança, são classificadas como “ansiedade” pelos psicanalistas. A maioria de nós tem suficientes complexos para sentir alguns desses sintomas,

Como resultado destas leves reações às fixações, geralmente temos algumas doenças físicas. Embora sejam pequenas estas fixações, podem ter um peso considerável, quando tomadas como um todo, e podem nos impedir de tentar a prece ou impedem que as preces que façamos alcancem o *EU Superior*.

No que concerne aos espíritos obsessores, as coisas que nos fazem realizar ou que nos impedem de fazer, fazer parcialmente ou deixar de fazer, através de sua influência no *EU Básico*, aparecerão como se fossem uma parte do *EU Básico*, residente no corpo.

Por esta razão, qualquer desvio do estado ideal e normal indicado na tabela, pode ser parcialmente devido à influência de um ou mais espíritos, que foram atraídos a nós

por nossas próprias atitudes.

A Oração Dominical, quando comparada com as fontes do Velho Testamento e os significados Huna ocultos nela, dá-nos, em lugar de "*não induzas à tentação, mas livra-nos do mal*", o significado de "*guia-nos para fora das armadilhas ou fixações e livra-nos dos maléficos ou espíritos*".

Capítulo 19.
Como desimpedir a senda ligeiramente bloqueada

Em nosso trabalho experimental, ao tentar descobrir o que estava bloqueando o caminho da prece individual, sempre começamos com uma cuidadosa verificação, para averiguar se era uma questão de hábitos de pensamento e crenças profundamente preconceituosos que o *EU Básico* estava relutante em mudar.

Isto é algo que o homem ou mulher pode descobrir trabalhando sozinho, se ele ou ela examinar tais crenças honestamente. Certamente, todos os bloqueios não são tão difíceis de expor, como as lembranças fora da lei e os complexos.

Ao fazer a prece do tipo Huna, o bloqueio mais comumente relatado era o de não sentir emoção de espécie alguma, no momento em que o *EU Superior* devia ter sido contatado. Sabemos bem, por nosso estudo das crenças dos kahunas, que onde não houver a mais leve sombra de emoção, entusiasmo, desejo, temor ou amor — nenhuma reação emocional de alguma espécie, o *EU Básico* não está cumprindo seu papel no trabalho.

Devemos nos recordar de que, quando o E*U Básico* se põe a trabalhar, produz emoções de uma espécie ou outra. É este afluir de emoção interior que costumeiramente pensamos ser proveniente de nossa mente consciente, ou *EU Médio*. Dizemos silenciosamente a nós próprios "Gosto disto ou gosto de fazer isto". Ou podemos dizer "não gosto

de fazer aquilo”.

Todo gostar e desgostar são mesclados com emoção, do contrário seriam ações automáticas, em alto grau. E esta emoção tem origem no *EU Básico*.

A atenção pode ser classificada junto com a emoção. Se o *EU Básico* estiver interessado, gostará daquilo que deve ser feito, ou talvez esteja suficientemente impressionado por sua importância, que — mesmo sendo uma tarefa desagradável e difícil a ser realizada —, prestará estrita atenção e fará o melhor para ajudar a realizá-la do começo ao fim.

É difícil definir as sensações que provêm do *EU Básico*, quando está em ação e realizando sua total participação no trabalho, em qualquer empreendimento. Nos jogos, é uma mistura de entusiasmo, prazer e atenção. Pode haver também uma mescla de espírito competitivo ou da vontade de caçar e capturar, ou defender-se com sucesso do ataque dos outros.

Quando se enfrenta a “parede em branco”, ao tentar orar, a causa é a completa falta de emoção.

Contudo, diferentes APHs relataram certas leves sensações que eram uma pista para a atitude do *EU Básico*: um vago temor em alguns, uma súbita emoção de aversão em outro, muitas vezes uma convicção de que toda a coisa era “algo que não funcionaria”.

Em alguns casos, não era tanto uma sensação, mas mais uma inabilidade em manter a atenção do *EU Básico* fixa sobre aquilo que se desejava dele. A atenção parecia escorregar e em um momento outros pensamentos apareciam na mente — tais como lembranças urgentes de deveres diários ou coisas que deveriam ser feitas ou que

seriam agradáveis de fazer.

As desculpas apresentadas pelo *EU Básico* para não fazer seu trabalho eram infindáveis. Podiam aparecer súbitos impulsos para telefonar aos amigos ou começaria uma preocupação de que algo estava errado na cozinha ou fora, no escritório. Um APH descobriu que quando tentava fazer seu *EU Básico* entrar em contato com o *EU Superior*, começava a sentir uma furiosa coceira, de modo que sua mente ficava inteiramente distraída. O *EU Básico* provou ser engenhoso e evasivo.

Os APHs tentaram muitas experiências diferentes, em seus esforços para chegar ao fundo do problema e descobrir porque o *EU Básico* estava relutante em cooperar. Foi descoberto que o método mais simples era de discutir a questão com o *EU Básico*, por meio do pêndulo. Aqueles que dedicaram tempo para ficarem bem relacionados com seu *EU Básico* foram capazes de conseguir muitas informações iluminadoras, fazendo perguntas simples que podiam ser respondidas com um “sim” ou um “não” do pêndulo, ou pelo “duvidoso” ou outros movimentos aos quais se tivessem atribuído certos significados.

O principal problema tornou-se o fato de que algumas crenças bem características da parte do *EU Básico* ilógico estavam bloqueando seu desejo ou vontade de ajudar a fazer a prece.

Uma APH, após muito questionar, chegou ao âmago da dificuldade ao fazer a prece por cura de certa doença que sofria, descobrindo que seu *EU Básico* não queria fazer a prece com ela porque pensava que seria inútil. Foi descoberto que a razão para esta convicção residia em que muitas vezes tinham sido feitas preces da maneira comum e nada havia resultado delas. A fé que o *EU Médio* tinha depositado no método Huna de prece foi tornada inútil pelo

teimoso *EU Básico*.

Felizmente, o *EU Básico* pode ser vencido com argumentos e raciocínio, se não houver uma fixação importante que bloqueie a senda. Neste caso, a APH descobriu que, voltando à educação da infância e à fé em Deus, podia-se conseguir uma cuidadosa abordagem nova da questão da prece e afastar a falta de fé. O relato enviado a mim era uma forma de diálogo simples, fácil e muito pessoal, que repito aqui:

— *Você acredita em Deus, não acredita?* (**Resposta do EU Básico por meio do pêndulo**). **Sim**.
— *Isso é bom. Então você também acredita que Deus pode responder nossas preces, não?* Sim.

(Vários exemplos de preces respondidas foram relembrados).

— *Você se lembra como ficamos alegres e agradecidos por estas coisas?* **Sim.**
— *Você acredita que devíamos orar a Deus através do nosso próprio EU Superior?* **Não**.
— *Você sabe que temos um EU Superior, não sabe?* **Sim**.
— *Mas você pensa que devíamos orar diretamente a Deus?* **Sim**.
— *É porque assim fomos ensinados quando éramos pequenas?* **Sim**.
— *Você acredita que devíamos orar através de Jesus, para alcançar Deus?* **Sim**.
— *Acha que sente Deus quando você ora?* **Não**.
— *Sente-o quando ora através de Jesus?* **Sim**.
— *Você entra em contato com o EU Superior muitas vezes, não?* **Sim**.
— *Pode dizer qual a diferença entre contatar Jesus e nosso EU Superior?* **Duvidoso**.
— *Naturalmente que não pode. Todas preces vão para o Cristo Interior em quem você foi ensinado a crer, e esse é o EU Superior. Entende isso?* **Duvidoso**.

— Então explicarei para você. Ouça cuidadosamente.

(Seguiu-se uma apresentação cuidadosa e vigorosa do fato de que o *EU Superior* é o Cristo Interno em cada um de nós, e que somente ele pode elevar as preces a Deus, se isso for necessário).
— Agora você entende que devemos contatar o EU Superior e entregar a ele as formas de pensamento ou quadros das coisas pelas quais oramos? **Sim**.
— Então estamos prontos agora para contatar nosso EU Superior, enviar mana para ele, ao longo do cordão aka de ligação e mandar, junto com o mana, os quadros das coisas pelas quais oramos? **Não**.
— Isso é por que pensa que estamos orando pelas coisas erradas? **Sim**.
— Acha que estamos pedindo demais? **Sim**.
— Você oraria pelo pão nosso de cada dia? **Sim**.
— Oraria pedindo geleia no pão? **Duvidoso**.
— Acha que não merecemos geleia? **Sim**.
— Acha que merecemos a cura? **Não**.
— É por que acha que devíamos orar somente pedindo sabedoria (buscai primeiro o Reino dos Céus) e esperar que todas outras coisas nos sejam acrescentadas? **Sim**.
— Acredita nisso por que nos ensinaram dessa forma quando éramos pequenas? **Sim**.
— Acha que é errado pedir em nossas preces aquela espécie de coisas que gostaríamos de ver acrescentadas ao dom de sabedoria e graça espirituais? **Sim**.
— Entendo. Você ainda se agarra aos velhos hábitos de pensar formados em nossa infância. Há um jeito novo e melhor de orar e pensei que tivesse prestado atenção e entendido. Agora diga-me, gostaria de ter geleia em nosso pão? **Sim**.
— Acredita que Deus pode dar-nos geleia, tanto quanto pão? **Sim**.
— Mas você disse que não merecemos geleia. Bem, você sente que somos tão maus que só merecemos punição?

Duvidoso.
— Acha que estar doente é a punição que merecemos? **Duvidoso**.
— Deseja que eu pare de comer — apenas jejue e ore até que morramos? **Não**.
— Quer que fiquemos tão doentes que morramos? **Não**.
— Acredita que Deus só tem amor por nós? **Duvidoso**.
— Acredita que Deus é amor? **Sim**.
— Entendo. Você ainda volta às coisas que aprendemos quando éramos pequenas. Agora ouça-me e preste bem atenção enquanto revisamos tudo e EU lhe comunico a verdade do assunto e explico o que temos estado aprendendo aqui ultimamente.
(Seguem-se cuidadosas explicações).

Isto ilustrará o tipo de questionamento usado quando os hábitos de pensamento e as inclinações do *EU Básico* causam os bloqueios.

Frequentemente o questionamento, aconselhamento e requestionamento terão que continuar por um certo número de sessões, antes que os problemas sejam desenterrados e o *EU Básico* absorva as novas crenças. No caso acima, o esforço foi inteiramente bem-sucedido: as preces foram finalmente feitas corretamente e respondidas.

Entre outras coisas que os APHs descobriram pela comunicação com seus *EUs Básicos* sobre o motivo por que não ajudavam na prece, havia as seguintes:

1. Um sentimento de que, a não ser que orassem pelos outros e ajudassem os outros a conseguir as coisas que necessitavam, não mereciam ser ajudados.

2. Uma sensação de temor a Deus e ao *EU Superior*, geralmente causada por um sentimento de culpa, falta de dignidade ou vergonha. (O medo pode ter sido formado

na infância e se tornou um hábito de pensamento e de reação).

3. Em um caso, a recusa em ajudar na prece foi causada por um desgostar profundo de uma certa parenta, que tinha forçado hábitos religiosos no APH em questão, em seus primeiros anos.

4. Um sentimento vago e geral de temor e ansiedade, tornando-se forte quando as necessidades, falhas e emaranhados nas condições sociais eram agudamente apontados pelos dados reunidos na prece.
   Por causa dessas preocupações interiores, a condição calma e "solene" necessária para realizar a ação da prece completa era quase impossível de atingir.

5. Inércia ou preguiça da parte do *EU Básico*. Não queria fazer o esforço para ajudar o *EU Médio* em seus desejos.
   Este estado era, em um caso agudo, uma completa falta de interesse pela vida. Em dois outros casos, o problema era causado pelas lembranças de experiências anteriores, onde o fracasso acontecera após esforços longos e extenuantes para ter sucesso de algum modo ou com algumas pessoas, ao corrigir emaranhados sociais ou de relacionamentos.
   O desejo tinha que ser despertado uma vez mais, com um elemento de ambição, suficiente renovação da confiança e fé no *EU Superior* e Deus, para prosseguir e fazer novas tentativas.
   Em um caso, o *EU Básico* parecia não estar desejoso de fazer a prece porque implicaria em um esforço subsequente para fazer a bola rolar na direção de trazer a resposta à prece. Em outras palavras, o *EU Básico* sentia que a coisa desejada não era digna de trabalhar por ela.

6. Um sentimento de que seria melhor manter velhos ódios e aversões do que abrir mão deles, a fim de limpar o

caminho e conseguir fazer a prece.

7. Um sentimento de que orar e ser curado causaria a perda do cuidado amoroso e solicitude da parte de outros membros da família e forçaria o indivíduo a enfrentar as responsabilidades, felizmente evitadas pela doença.

O papel desempenhado pelos hábitos de pensamento e crença provou ser maior que o esperado. Descobriu-se que, em quase todos os casos, o *EU Básico* precisava ser completamente trabalhado para quebrar e corrigir velhos hábitos de crença, sendo que o *EU Médio* já tinha evoluído além deles.

Ao corrigir as crenças dogmáticas religiosas da infância, descobriu-se que o *EU Básico* deposita grande confiança na palavra impressa. Como ao aprender coisas na escola, a repetição, mais repetição, constante revisão e exercícios ajudavam a substituir velhas ideias que bloqueavam o trabalho.

A leitura e releitura de trechos de *Milagres da Ciência Secreta* e dos boletins da APH que explicavam e tornavam lógicos os conceitos Huna, eram de valor inestimável, assim como outros materiais cobrindo meios semelhantes de pensar e crer. As leituras repetidas e explicações dos significados Huna em trechos da Bíblia eram especialmente convincentes — isto porque o *EU Básico* tinha firmado a crença de que a Bíblia devia ser aceita sem questionar.

Tais leituras de tradições secretas antigas encontradas na Bíblia também eram de grande valor, para ajudar o *EU Médio* a chegar a um entendimento do que era real e genuíno e do que era dogma acrescentado, pois há muito de Huna na Bíblia.

A regra a ser seguida era a de que somente se devia

confiar nas palavras de Jesus no Novo Testamento. Após sua morte, uma massa de teologia dogmática foi inventada e acrescentada, assim como havia ritos e doutrinas que, como as concepções errôneas que rodeavam as primeiras ideias de sacrifício com sangue, foram evidentemente iniciadas para impressionar as pessoas e fazer os ensinamentos funcionarem melhor.

O fato de que pareciam ser necessários, pode ser atribuído a que os ensinamentos Huna e as iniciações a serem transmitidas sobre os ensinamentos, foram interrompidos ou eram demasiadamente difíceis para as massas aceitarem, mesmo se houvesse pessoas capazes de proporcioná-las.

Quase toda pessoa que foi criada em círculos cristãos encontrará em si crenças dogmáticas que são mantidas pelo *EU Básico*, muito tempo depois que o *EU Médio* renunciou a elas.

Muitos descobriram que seus *EUs Básicos* se tornavam cheios de temor ao pensamento de questionar os dogmas comumente aceitos de sua religião. (Isto pode levar à superstição). Crenças antigas e não válidas têm sido muito mais fáceis de mudar pela explicação do verdadeiro significado oculto nelas, do que por qualquer esforço puro de contradição.

Se o *EU Médio* estiver convencido, deve por sua vez ensinar o *EU Básico* tão cuidadosamente como faria para reaprender um longo poema que, escrito de forma errada, teria que ser desaprendido em muitas linhas, a fim de reaprendê-lo do modo como deveria ter sido memorizado no começo.

Foi observado que algumas pessoas, que nunca eram capazes de prosseguir no trabalho da prece, pareciam ser

bloqueadas por egoísmo, ganância ou intolerância que não reconheciam. Tais coisas não podiam ser trazidas à sua atenção sem ofendê-las profundamente.

Tal atitude algumas vezes era demonstrada inesperadamente por uma observação ao acaso, tal como: “*Por que deveríamos pagar impostos a fim de que as pessoas que nunca economizaram um centavo possam se aposentar com uma gorda pensão, quando podiam bem se manter trabalhando, em lugar de ficar descansando e caçando moscas? “*

Outra observação reveladora seria: “*Deviam fechar toda fábrica no País e matar de fome os sindicalistas, até que aprendessem a ficar contentes com a oportunidade de ganhar dois dólares por dia, por doze horas de trabalho, seis dias por semana, como nossos pais pioneiros tinham que fazer*”. (Estas duas citações são reais).

O ensinamento do grande kahuna Jesus era de que deve haver amor e misericórdia em nosso relacionamento com os outros e mesmo em nossos pensamentos para com eles. Qualquer atitude da mente que negue compaixão aos outros é quase certa de vir acompanhada por um senso de culpa ou indignidade no *EU Básico*, mesmo se estiver profundamente oculto. Quase todos nós sofremos algum antigo deslize no “fair play” e decência comum e onde a mente consciente desconsidera isso, haverá conflito com o *EU Básico* naquilo que for inerente, porque pertence às lembranças mais antigas. Em quase todo caso desse tipo que chegou à nossa atenção, havia doenças físicas que pareciam desafiar todo auxílio médico ou da prece.

A questão de fazer reparações por ferimentos cometidos aos outros era uma parte básica dos métodos kahunas para limpar o caminho e podemos ver a razão para isso, à medida que estudamos as reações do *EU Básico*.

Pode-se esquecer, na pressa de um dia ocupado, que se falou irritada ou injustamente com a esposa, filho ou empregada, ontem. Mas seu *EU Básico* não esquece o olhar magoado da pessoa assim tratada. Não ficará satisfeito até que a pessoa tenha feito um pedido direto e humilde de desculpas, apagando toda mágoa da pessoa ferida.

Quando tais reparações não foram feitas há muito tempo o *EU Básico* ainda armazena sentimentos de culpa profundamente enraizados. Quando nos tornamos conscientes disso, e ainda assim não descobrimos exatamente que pessoa ou pessoas podemos ter ferido, ou se a oportunidade para fazer reparações individuais passou, é necessário um período para realizar reparações gerais.

Estas são realmente coisas físicas, feitas para impressionar o *EU Básico* — estímulo físico, incentivando-nos a fazer o bem de uma forma impessoal e dar contribuições para uma boa causa até que doa, um meio excelente de apaziguar o *EU Básico*.

Algumas vezes o *EU Básico* sente que a pessoa merece punição por atos de ferimento há muito cometidos. Aqui, novamente, o estímulo físico pode ser usado com vantagem, realizando um sacrifício tal como jejum, deixando de fumar ou realizar outros hábitos agradáveis, durante algum tempo.

Tais reparações gerais foram prescritas em meu próprio caso, no Havaí, há muitos anos atrás, quando uma das poucas kahunas sobreviventes na época estava me preparando para ser ajudado: Como eu estava trabalhando arduamente naquele tempo, não impôs um jejum completo — somente passar sem comida ou cigarros até uma hora da tarde, durante três dias. Foi feita uma contribuição para o Exército da Salvação, que realizava um bom trabalho localmente e porque o *EU Básico* se torna impressionado com o grande valor do dinheiro, desde nossa infância. Tal

doação, se suficientemente grande para pesar, causa muita impressão. Em meu caso, meu *EU Básico* ficou bem impressionado, no final do terceiro dia, de que merecíamos ajuda de todos e quaisquer Poderes Mais Elevados. A ajuda viria imediatamente — e com geleia no pão.

Um dos grandes ensinamentos de Jesus era de que a compensação direta a uma pessoa anteriormente ferida, poderia ser trocada por compensações gerais, na qual uma quantidade suficiente de boas ações aqui e ali, equilibrariam a balança. "*Portanto, assim como tendes feito* (um ato bondoso) *ao menor destes, meus irmãos, tendes feito para mim*". Cada um de nós efetua seu próprio pagamento, mas quando temos um profundo senso de culpa e não podemos fazer reparações diretamente, como no caso de alguém há muito morto, podemos substituir por ações realizadas para o benefício das pessoas ao nosso redor.

Novamente, uma grande verdade foi comprovada em nossos testes APH: Não há nenhuma "Estrada Real" para o *EU Superior* — o "Reino dos Céus". O rico e poderoso, assim como o pobre e fraco, têm que atravessar o mesmo processo de purificar o interior, assim como o exterior do "cálice" simbólico do homem.

O exterior do cálice é o *EU Médio*, e suas crenças devem ser examinadas e reformuladas para enfrentar o teste do não-ferir, básico para a Huna. Se este arrependimento ou reformulação puder ser levado ao ponto em que o não-ferir se torna positivo e possa incluir o desejo sincero de ajudar os outros — a amar o seu próximo — mesmo a um pequeno grau, tanto melhor.

O *EU Básico* é o interior do cálice, e não importa quão puras tornamos nossas atitudes de *EU Médio*, as preces não atravessarão o *cordão* ***aka*** para o *EU Superior* se as crenças e atitudes habituais e ocultas do *EU Básico* não forem

purificadas ou levadas a acompanhar as do *EU Médio*. “Uma casa dividida contra si própria não pode permanecer de pé”.

Os hábitos de pensamento são muito fortes, talvez mais fortes que os hábitos de beber e fumar. O *EU Básico* é difícil de apanhar, manter e forçar em novas linhas de pensamento e ação.

Os APHs têm sofrido suas “escorregadelas para trás” tal como outros grupos aos quais é proposto um novo caminho e aceito pelo *EU Médio*, enquanto o *EU Básico* não é imediatamente controlado e não são realizados esforços firmes e pacientes até que seus hábitos de pensamento e crença sejam corrigidos.

Devemos “nascer de novo” a esse respeito — e nesta vida, não aguardando e tendo esperança de que automaticamente evoluiremos e progrediremos em uma série de futuras encarnações. Os ganhos espirituais adquiridos aqui serão levados conosco para a vida — ou vidas — à frente.

Na APH, pesquisamos um método que pudesse ser usado por uma pessoa sozinha, como substituto à psicanálise, na qual uma segunda pessoa deve ajudar a localizar e remover os emaranhados fora da lei, que são difíceis de afluir à superfície. Durante algum tempo, dedicamos atenção ao método de “anotar”, popularizado por um inglês leigo, E. Pickworth Farrow. Em seu livro sobre o assunto, “*Psicanálise a Si Próprio*”[37], o Sr. Farrow nos conta como fracassou em conseguir cura mental e corporal, depois de tentar os serviços de vários analistas — nenhum dos quais, parece, estava devidamente livre. Ele próprio pôs-se então a trabalhar usando um método simples, no qual sentava-se por um período de cerca de quinze minutos por dia e escrevia o que quer que viesse a seus pensamentos, enquanto deixava a mente vagar.

Descobriu que o subconsciente vagarosamente respondia a seu desejo de que os acontecimentos que causaram a fixação fossem relembrados e apresentados diante do foco da consciência, a fim de que se pudesse meditar sobre eles e assim racionalizá-los e transformá-los em lembranças inofensivas. Em seu livro,' relatou o progresso lento mas firme conseguido desta forma, relembrando um incidente após outro, embora até ali inteiramente esquecidos, sendo gradualmente curadas suas doenças mentais e físicas, como resultado disso.

Uns poucos APHs se puseram a testar o método e com o tempo estavam prontos a apresentar seus relatos. Os resultados obtidos estavam longe de serem uniformes, como poderia ser esperado, já que cada APH tinha suas próprias experiências de vida e fixações resultantes, junto com os sintomas correspondentes.

O fato que se destaca é que, quando o *EU Básico* era suficientemente encorajado a selecionar a coisa a ser escrita, logo começava a trazer à mente lembranças do passado e, à medida que isso prosseguia, havia mais e mais lembranças de coisas e condições há muito esquecidas.

Descobriu-se que coisas que tinham cessado de ter qualquer importância para o *EU consciente* ainda eram muito importantes para o *EU Básico*, e em muitos casos de forma surpreendente e até divertida. Velhas esperanças e ambições, antigos temores, afrontas e desejos, tudo vinha à superfície e a parte estranha disso era que afloravam com tanta força e frescor, que o APH era muitas vezes arrastado por elas, como quando eram novas e vitais para ele.

A frescura e poder das lembranças revividas de “impulsos”, desejos, planos e compulsões eram em alguns casos tão fortes que as coisas há muito consideradas como prontas para serem abandonadas, estavam a pique de ser

retomadas e entrar em ação. Velhos esquemas para ganhar dinheiro, reformar a política ou a economia do mundo estavam entre a lista de coisas que repentinamente voltavam, parecendo tanto possíveis como dignas de serem tentadas.

Esta tendência do *EU Básico* de trazer de volta as vividas lembranças antigas, assim como as mais escuras de medo e tristeza, fizeram-me emitir um aviso no Boletim APH, de que qualquer pessoa que iniciasse o uso do método deveria tomar precauções para que nada, na forma de ação fora do comum, empreendimento ou resposta, deveria ser permitido ou considerado, sem primeiro expor a questão diante de um amigo confiável, que não estivesse preso à maré de velhos “impulsos'' e que, por isto, pudesse apontar o engano de fazer algo com elas — de reagir.

Em um caso, uma APH adotava o método de, durante mais de duas mil sessões, voltar parte por parte, revivendo seus velhos impulsos, até que chegou finalmente aos impulsos religiosos muito fortes de sua primeira meninice.

Embora houvesse há muito abandonado os velhos pontos de vista religiosos que tinham ficado impressos nela, e ido explorar as linhas metafísicas de pensamento e religiões da Índia, reverteu completamente ao estágio no qual tinha permanecido um curto ano ou dois em sua meninice. Não somente pediu demissão da APH por ser uma “organização pagã”, mas escreveu longas cartas para convencer-nos de que devíamos abandonar a Huna e voltar ao severo dogmatismo da religião de sua infância.

Por outro lado, alguns APHs tiveram resultados melhores e foram capazes de evitar serem apanhados nos impulsos impetuosos, tornando a racionalizá-los rapidamente do lado emocional e removendo deles o falso fascínio ou o temor que continham.

Junto com as velhas lembranças também estavam aqueles acontecimentos que haviam causado doenças físicas, mais tarde na vida. Um exemplo desses aconteceu no caso em que uma APH tinha se recordado do fato há muito esquecido de que, quando muito pequena, tinha sido tão fortemente aterrorizada por grandes aranhas cinzentas que viviam no alpendre, que tinha evitado ir lá tanto fosse fisicamente possível, e quando ia, sentia muito receio.

Quando esta lembrança voltou e foi submetida a uma completa inspeção do ponto de vista adulto, o velho impulso de medo desapareceu e, o que é mais importante, um problema de longa data de constipação desvaneceu-se como um passe de mágica e não retornou.

Acontecimentos como estes trouxeram claramente à luz o fato de que há muitas coisas que o *EU Básico* corrigirá sem auxílio externo, e bem à parte de qualquer ação do *EU Médio* ou do *EU Superior*, se a fixação que causou a perturbação for removida. Mas também deve ser recordado que em outros casos nenhum resultado foi obtido, de nenhuma forma, após muitas horas de uso do método de “anotar”.

Deve ser lembrado que os APHs estavam trabalhando a partir de auto diagnose das profundezas de suas fixações. Poucos, comparativamente, sentiram a necessidade de um método analítico. A maioria ficou contente em reexaminar seus hábitos de pensamento e revisá-los em direção ao padrão de “não ferir” da Huna.

Gradualmente, isso começou a mostrar, resultados, conforme se inspecionavam sobre a intolerância para com outros, em suas próprias raivas e ciúmes. Cada vitória tornava a ação mais clara e mais fácil. Surgia mais paz de mente. Então, finalmente, estavam orando com mais sensação de contato com o *EU Superior*. Talvez os bloqueios

não estivessem completamente removidos, quem sabe? De qualquer forma, o *EU Superior* começou a auxiliar.

A verdade do assunto parece ser que, quando é realizada uma limpeza suficiente do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior*, por qualquer meio, a relação normal entre os três EUs é automaticamente reestabelecida e o *EU Superior* se apressa a retirar o **mana** do *EU Básico* e a fazer a cura, e as correções acontecem, não somente no corpo mas também em atitudes mentais e nas condições que rodeiam o indivíduo.

Muitas coisas aconteceram aos experimentadores, que tiveram sucesso em conseguir que os bloqueios leves fossem removidos, nos quais somente a intervenção e orientação amorosas do *EU Superior* podiam ser responsáveis pela quase miraculosa reviravolta dos acontecimentos, que trouxeram felicidade e sucesso, para substituir infelicidade e fracasso.

Capítulo 20.
Nova luz nos Ensinamentos de Jesus

Nos capítulos precedentes, vimos que os kahunas, incluindo Jesus, o maior deles todos, dividiam, de forma geral, as pessoas em duas categorias, no que tange ao seu relacionamento com o Pai *EU Superior*.

Em primeiro lugar, havia a categoria de pessoas que viviam a vida bondosa e que eram naturalmente inclinadas a ser úteis e construtivas. Aqueles poucos complexos que pudessem abrigar eram de tal natureza que não causavam um sentimento de culpa no *EU Básico*, que o fizesse ocultar seu rosto do *EU Superior*.

O segundo grupo englobava aquelas pessoas que viviam a vida predatória e prejudicial para os outros a um certo grau ou, no pior caso, eram inteiramente inclinadas a seguir os caminhos maléficos da vida. Estas eram as que tinham *EUs Básicos* complexados com ódios, medos e culpa, e que não tentariam se aproximar do *EU Superior* em prece, por causa destes bloqueios da senda do *cordão* ***aka***,

Para o primeiro grupo, as pessoas normalmente boas e amáveis, havia, no ensino de Jesus, um conjunto simples de instruções para ajudá-las a viver a vida normal, onde os três EUs trabalham em conjunto, de forma livre e com sucesso. Estes eram os **ensinamentos externos** que podem ser resumidos em poucas palavras. Jesus ensinava: (**1**) que se deve amar ao Senhor ou Pai *EU Superior*, e (**2**) deve-se amar o próximo. Esta parte final do mandamento inclui toda a bondade e exclui todos ódios e ações prejudiciais.

Mas na parábola da ovelha perdida, Jesus tornou claro que sua missão era, primordialmente, destinada a ajudar aqueles que estavam separados do *EU Superior*, ensinando-os como desbloquear a senda e restaurar o contato.

Dizia (**Mat. 18,11**) “*Porque o Filho do homem veio salvar o que estava perdido*”. Aquelas “ovelhas perdidas” que sofriam pelo pecado de más ações ou que estavam separadas de seus *EUs Superiores* pelos complexos ou através da associação com “companheiros devoradores” maléficos, eram a sua principal preocupação.

Como estes indivíduos muito raramente eram capazes de ajudar-se a retornar ao aprisco do viver normal, colocava o máximo esforço na necessidade de levar a “boa palavra” a eles, para convertê-los e ajudá-los a viver a vida bondosa.

Deve-se supor que o culto do segredo, que era todo poderoso nos ensinamentos internos através de todas as idades, era necessário por razões que não são claras para nós hoje. Em qualquer caso, a evidência de que tal culto do segredo era observado pelos kahunas dos dias do Velho Testamento, assim como no Novo Testamento, é convincente.

Vimos como o conhecimento foi guardado pelos kahunas da Polinésia, nos tempos modernos. Agora que temos a chave para os “segredos do reino dos céus”, mencionada por Jesus, descobrimos que ela abre as verdades interiores ocultas em muitas passagens, nas quais os ensinamentos internos eram tocados por aqueles que escreveram relatos da vida de Jesus, após sua morte.

No Velho Testamento encontramos repetidas passagens (que somente podiam ter sido escritas por homens iniciados na tradição secreta) as quais mostram, através do uso dos símbolos e chaves do código comum à Huna, que há várias

formas de “pecado” capazes de causar o bloqueio do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior*.

Há repetidas promessas de que estes bloqueios podem e serão removidos, desde que sejam tomadas medidas adequadas, mas há muito pouco a contar sobre quais seriam essas medidas ou como deviam ser entendidas e colocadas em prática.

Por outro lado, Jesus instituiu um vasto movimento de reforma destinado a destruir crenças antigas e inúteis da religião judaica, e a tomar conhecidos os meios de obter liberação das “pedras de tropeço” retardantes, que impediam os homens de contatar seus *EUs Superiores*. Veremos que os discípulos eram iniciados na tradição Huna e instruídos pelo uso da “língua sagrada” dos kahunas. Por causa de seu conhecimento da língua sagrada, com seus símbolos e códigos, os discípulos, após a crucificação, dedicaram-se a preservar por escrito as instruções para remover as fixações e tornar-se liberado das garras dos espíritos “companheiros devoradores”. Os quatro Evangelhos contêm todo conhecimento velado que reconhecemos como sendo Huna.

Jesus, com sua extraordinária inteligência e discernimento, foi capaz de condensar seus ensinamentos principais em três unidades, de tal apresentação dramática que, só por causa dos dramas, sobreviveriam com pouca mudança.

Ensinamentos diretos, como temos visto, tornaram-se rapidamente dogmatizados e mal interpretados; mas em um drama, ainda que possa haver dogmas inventados para explicar seu significado interior, a história narrada sofre pouca alteração e assim pode transportar para idades subsequentes os meios de entender as verdades básicas ocultas.

Embora haja uma riqueza de Huna oculta em outros dramas do Novo Testamento, os três que serão discutidos nos capítulos seguintes são:

1. O drama do Batismo, em que se estabeleceu o ritual batismal, seguido pela Grande Tentação.

2. O drama da Última Ceia, em que se estabeleceram os rituais do lava-pés e da Comunhão.

3. O drama da Crucificação.

Um dos fatos significativos sobre os três dramas que foram selecionados para nossa discussão, é o de que cada um foi desempenhado como parte real da vida de Jesus e de seus discípulos. Por esta razão, a palavra "drama" não é muito boa para nosso uso.

Os incidentes e acontecimentos da vida real tinham, é verdade, todos os elementos do drama no sentido mais verdadeiro, mas faltava-lhes o "faz de conta" que começamos a associar à produção teatral nos séculos posteriores.

"Os autos de mistério" das idades antigas podem ter sido padronizados a partir de incidentes da vida e colocados em uso nos rituais iniciatórios, mas nunca, ao que se saiba agora, houve uma perfeição de dramatização, contra um plano de fundo da realidade e da história, tal como foi atingido por Jesus.

O maior dos três dramas foi incorporado na mais espantosa dramatização registrada: a da crucificação. Ao desempenhar seu papel nela, Jesus perdeu a vida, mas deixou um acontecimento tão dramático, impressionante e pungente, que cada detalhe dele tem sido lembrado por quase dois mil anos. Foi registrado por seus discípulos

iniciados tão cuidadosamente, que a qualquer tempo futuro, alguém que entenda a tradição antiga poderá encontrar nos acontecimentos a chave para a filosofia mais antiga e mais perfeita jamais desenvolvida pela humanidade.

Olhando para trás, de nossa posição vantajosa como pesquisadores do conhecimento antigo, podemos ver como era necessário certificar-se de que as informações incorporadas nos acontecimentos dramáticos não seriam perdidas com a passagem do tempo.

Percebe-se, pelas palavras de Jesus, que ele tencionava que os discípulos iniciassem outros na tradição secreta, e que houvesse iniciação continuada de geração a geração. Também é evidente que esperava um crescimento em número de iniciados e uma expansão do conhecimento, de forma vasta e prolongada. Mas também, conhecendo a natureza humana e as limitações do intelecto humano, tomou as medidas necessárias para impedir a perda completa do conhecimento, caso os discípulos falhassem e as iniciações em cadeia fossem impedidas ou contaminadas. Na verdade, não somente previu o futuro neste caso, como em muitos outros.

Antes de seu tempo, muitos dos kahunas dos países da bacia do Mediterrâneo tinham partido em direção às ilhas do Pacífico, aparentemente para encontrar um lugar onde as influências exteriores não seriam interrompidas e seu precioso conhecimento secreto poderia sobreviver seguro e não contaminado.

Assim aconteceu até a virada do último século, permitindo que os homens desta nova idade pudessem usar o conhecimento recuperado para aprender de novo, através do uso de símbolos e código, o conhecimento que Jesus construiu nos dramáticos incidentes que rodeiam a apresentação de seus ensinamentos, de valor inestimável.

Somos felizes que relatos fornecidos nos quatro Evangelhos pelos discípulos foram escritos de forma tão simples, que mesmo a tradução em outras línguas e os acidentes de muitas cópias não trouxeram muitas mudanças básicas.

As “pérolas de grande preço” foram tão cuidadosamente escondidas que somente os iniciados sabiam que estavam lá, e ninguém de fora seria capaz de encontrá-las e destruí-las.

Em nossa discussão dos acontecimentos dramáticos, somente podemos confiar nos eventos da vida de Jesus e de seus discípulos imediatos.

A falha em encontrar outros que pudessem e quisessem aceitar as iniciações autênticas, parece ter acontecido surpreendentemente depressa, enquanto o crescimento da má-interpretação e das afirmações e ensinamentos dogmáticos e sem fundamento começou quase que imediatamente.

Paulo, que nunca conheceu Jesus, foi uma das influências que produziu ruptura. O dogma sobreposto por ele sobre os ensinamentos originais são ainda parte e parcela da cristandade organizada.

É claro, para o pesquisador, que Paulo não fora um iniciado kahuna. Não somente desconhecera Jesus, mas dificilmente conhecera seus discípulos.

Após a crucificação e sua conversão na estrada para Damasco, seguiu para a Arábia por um período de três anos. Somente após isso é que foi para Jerusalém, onde esteve com Pedro durante quinze dias. (*Gálatas 1:17-18*).

Na Arábia, presume-se que tenha criado seu sistema de crenças. Estas crenças usavam Jesus como pedra fundamental, mas a estrutura principal era o judaísmo puro

e simples, trazido do passado. (Paulo era judeu, um fariseu).

Jesus tinha oferecido reformas nos rituais e crenças dos judeus. Tinha, desde o tempo do batismo por João, rejeitado o uso do sangue sacrificial espargido, como um instrumento de perdão real do pecado — quanto mais como um símbolo de tal perdão.

Mas Paulo não procedeu assim. Faltando-lhe a iniciação e os segredos que jaziam ocultos nos três rituais básicos instituídos por Jesus, voltou aos ritos primitivos dos judeus para encontrar justificação para suas declarações dogmáticas, cobrindo o significado real da vida e ensinamentos de Jesus. Em sua Carta aos Romanos, Paulo elaborou seus dogmas e doutrinas de uma forma bem reveladora. Declarou que, porque Adão tinha pecado, seus pecados eram compartilhados por todos seus filhos — toda a humanidade. A morte de Jesus foi necessária e certa, disse ele, porque trouxe perdão ou "justificação por seu sangue" para todos que realizassem o simples fato mental de aceitar este dogma e acreditar que desta maneira Jesus tinha feito uma expiação por todos os pecados do mundo tinha pago até a última gota e "redimido o mundo".

É verdade que Paulo ensinava que todos deviam viver a vida boa e útil. Esta era a doutrina externa. Mas era incapaz de ver significado no rito do lava-pés ou no ritual da comunhão. Compreendeu totalmente errado o significado interior da morte na cruz e não podia achar nela nada além de uma duplicação dos ritos de sacrifício selvagens de purificação, que tinham sido sobrepujados pela lenta marcha da civilização e que Jesus mesmo se esforçou em reformar. Não fez nenhum esforço para ajudar a instituir uma reforma nos velhos ritos, mas tropeçou, tentando fazê-los encaixar no novo sistema que estava desenvolvendo.

Onde Jesus tinha restabelecido o significado contido na

aliança entre Deus e os judeus, Paulo declarava (*Hebreus 9:12*) que a velha aliança obtida por Moisés tinha “entrado em decadência” e, por esta razão, não estava mais vigorando. Foi além, mudando o conceito original de uma aliança entre Deus e os israelitas, para a ideia de um testamento, ou uma última vontade e testamento — sendo isto algo que Jesus deixou como seu legado à humanidade.

Este legado de salvar o mundo, foi exposto, fora obtido pelo derramar de seu sangue para apaziguar um Deus de vingança, que mantinha a humanidade em resgate pelos pecados de Adão — não o Deus descrito por Jesus como o “Pai Amoroso”.

Paulo argumentava que Deus nunca perdoa o pecado, exceto como retorno por um sacrifício de sangue; portanto, era necessário que o sangue real de Jesus fosse derramado, na mesma forma exata e literal em que fora o sangue de animais, nos tempos mosaicos. No versículo 22 de Hebreus[38] lemos este argumento: “*Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão*”.

Jesus é então descrito como um alto sacerdote, não entrando no lugar sagrado apenas uma vez ao ano, com o sangue de animais como um sacrifício, mas com seu próprio sangue “*...agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado*”[39]. No versículo 16 explicou: “*Porque onde há um testamento é necessário que intervenha a morte do testador*”.

Paulo era um grande estudioso das Escrituras, usando-as constantemente, ao tentar provar suas doutrinas. Portanto, ele deve ter estado perfeitamente familiarizado com a profecia de Jeremias de “uma nova aliança” que deveria ocorrer para o povo.

Jesus dominava as sagradas escrituras, ao discutir com a hierarquia do templo, e estava bem ciente da profecia em questão. Portanto, quando disse, no ritual da comunhão: “*Este é meu sangue da nova aliança*”, mencionava aquilo que Jeremias profetizou, como veremos. (Estou ciente de que a versão “King James” traz “Este é o meu sangue do novo testamento”, inquestionavelmente uma confusão da parte dos tradutores, porque estavam trabalhando sobre os documentos paulinos também). Jesus nunca falara em deixar um legado.

Mas Paulo, ao trabalhar sua doutrina, tornou-se tão convencido desta ideia de “vontade e testamento” que ignorou o uso da palavra “aliança”, tão importante nos escritos mais antigos.

Vamos agora ver o que Jeremias profetizou (Jeremias, cap. 31:31 e seguintes):

“Eis que vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá.

“Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor.

“Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. ***Na mente* lhes imprimirei** as minhas leis, também no ***coração lhas inscreverei***, eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

Estas são palavras de um kahuna. As palavras que coloquei em itálico mostram que a lei de Deus será entesourada na consciência do homem, sim, mesmo em seu subconsciente (coração).

Não será mais necessário, naqueles tempos vindouros,

que os homens sejam conduzidos pela mão. Este é o papel de Deus na aliança. Agora, quanto ao papel do povo:

"Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: "Conhece ao Senhor, ***porque todos me conhecerão desde o menor até o maior deles***, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei".

Ali temos o quadro de cada homem tendo o conhecimento e o poder, finalmente, para fazer o contato com seu *EU Superior*. Não era esse o alvo para o qual Jesus estava preparando o homem em seus ensinamentos? Notamos que a profecia não faz menção ao derramamento de sangue para ganhar a salvação, que Paulo afirmou não poder ser obtida de nenhum outro modo e que declarou depois exigir o sangue de Jesus. Isto era uma "nova aliança".

Isaías (53:3 e a seguir) fornece uma das mais famosas profecias citadas para mostrar que Jesus era o Redentor. Aqui, novamente, é feita menção a uma aliança (que aqui está se formando) e da redenção do pecado. Mas não é dita nenhuma palavra para sustentar a doutrina paulina do sacrifício de sangue, que substituiu o verdadeiro ensinamento Huna da senda e meios da redenção ou fuga das pedras de tropeço do "pecado". Isaias profetizou assim:

"Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto. (...)

"Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

"Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz

estava sobre ele e pelas suas pisaduras fomos sarados(...)

“Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levarão sobre si”.

(E 59:20) “Virá o Redentor a Sião e aos de Jacó que se converterem, diz o Senhor”.

“Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, (...) o meu espirito que está sobre ti e as minhas palavras, que pus na tua boca; não se apartarão dela, nem da de teus filhos (...)”

Os ensinamentos de Jesus eram tais que em nenhuma ocasião defendeu os sacrifícios de sangue da manhã e noite dos antigos judeus, ou o sacrifício pelos sacerdotes para a remissão dos pecados da tribo como um todo. Não defendeu nenhuma colheita em massa dos pecados sobre um bode expiatório. Em Seus ensinamentos, a remissão era uma questão pessoal que cada homem tinha que empreender por si próprio ou com o auxílio de um amigo, se necessário. Não havia remissão em massa, nenhum sacrifício de sangue de nenhuma espécie.

A única ocasião em que ele falou com aprovação de um sacrifício de sangue foi o da iniciação do ritual da Comunhão e, como veremos quando formos discutir aquele ritual, não significava o derramamento real de seu próprio sangue, mas, oculto em suas palavras e nos símbolos Huna para sangue, jaz algo de uma natureza inteiramente diferente.

É imperativo, se devemos ter uma verdadeira compreensão dos ensinamentos de Jesus, que sejam entendidos os dogmas sem base de Paulo pelo que são — coisas insignificantes que têm pouco ou nada a ver com os

ensinamentos secretos de Jesus. Mas não é exatamente justo culpar Paulo muito severamente pelo que fez. Afinal ele não era nenhum iniciado, não possuía os “olhos para ver e os ouvidos para ouvir”.

Era um fanático, como muitos outros desde o seu tempo, e não encontrando nenhum dogma nos ensinos de Jesus, sentiu-se impelido a injetá-lo na nova igreja que estava sendo fundada. Ele era um caráter complexo, sofrendo de alguma espécie de dor física da qual se queixava em suas cartas, e que parecia incapaz de curar.

A Paulo devemos algumas das mais belas literaturas da Bíblia. Era intolerante e fanático em alguns assuntos (por exemplo, o lugar das mulheres na igreja) e ainda assim era capaz de uma passagem inspirada como o Capítulo 13 de I Coríntios: “*Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor”,* etc. (Isso, naturalmente, era um dos ensinamentos exteriores de Jesus). O que se lamenta em tudo isso é que a Igreja primitiva e os homens a partir daí, através dos séculos, têm seguido os dogmas paulinos, como se fossem verdadeiramente uma parte daquilo que Jesus ensinava.

Precisamos ver, como um exemplo entre muitos, que a cristalização dos erros paulinos foi responsável pelos conceitos crus que mais tarde apareceram na Igreja como a Missa, na qual o comungante é ensinado a acreditar na transmutação do vinho e da água, de modo que realmente bebe o sangue e come a carne de uma terça parte de Deus sacrificado.

Os dogmas, quando não fundamentados em fato, acham uma forma de demandar a invenção de outros dogmas para apoiá-los. A cristandade perdeu os verdadeiros significados secretos dos ensinos sob uma profunda camada de mau entendimento, que, acredito, a redescoberta da

Huna pode afastar e substituir pelo sistema original de conhecimento.

Capítulo 21.
O Significado Secreto do ritual do Batismo

Deve ficar bem claro, à medida que examinamos o primeiro dos rituais básicos, o do Batismo, que marca o começo da revolta que Jesus liderou contra os dogmas da religião judaica do seu tempo.

Indica a rejeição do ritual antigo e ineficaz do sacrifício de sangue, no qual um espargir de sangue devia trazer o perdão dos pecados.

O **uso da** água no batismo marcou a restauração do entendimento da Huna e de todos os elementos que ela contém. A água, o símbolo Huna de **mana**, assumiu a dianteira e se tivesse havido total e duradouro entendimento do papel desempenhado pelo **mana** no intercâmbio entre os três EUs do homem, a antiga ideia de uma purificação através de lavar com sangue teria se desvanecido para sempre. Nunca chegaríamos aos tempos modernos dizendo estar "*purificados pelo sangue do Cordeiro*".

No Egito, na época em que os kahunas estavam partindo para o Pacífico, parece ter havido uma profecia do retorno da "verdadeira luz" que era um dos nomes da Huna, como também um dos títulos do *EU Superior*.

Aqueles que conheciam a antiga sabedoria tinham tradições dum retorno do conhecimento secreto ao final de cada período, quando estivesse ameaçado de extinção. O retorno, também, devia sempre ser incorporado em um

grande mestre que pudesse fazer reviver a antiga sabedoria e restabelecê-la.

No Velho Testamento havia o “Messias” ou “Ungido”, que devia vir e ajudar os homens a libertar-se do pecado, a fim de que o Reino de Deus pudesse ser restabelecido entre eles. Na Polinésia, bem quando a Huna estava sendo perdida, a chegada do Capitão Cook foi saudada esperançosamente como a de **Lono**, “aquele que devia vir” e que restauraria a sabedoria.

Uma tradição e expectativa semelhantes iriam ser encontradas na América Central, nos dias dos Maias. A “Segunda Vinda” prevista no Novo Testamento após a morte de Jesus, seria, externamente, seu retorno à terra no corpo. No significado secreto da Huna, é o próximo retorno do conhecimento verdadeiro e interior — talvez, na realidade, a terceira ou mesmo a décima “vinda”.

Jesus, então, quando começou seu ministério, após a realização do ritual do batismo, seguiu a tradição que já era tão antiga quanto o próprio conhecimento secreto, sob o título de “Verdadeira Luz”. Como incorporação dela, ensinava em símbolos ocultos da Huna dizendo: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim*”.

Este ensinamento mais tarde foi desvirtuado para constituir o dogma de que a salvação pessoal dependia inteiramente da aceitação de Jesus como um salvador pessoal. Isto atraiu o dogma seguinte, determinando que todos homens nascidos antes do nascimento de Jesus estavam além do âmbito de sua salvação e que todos os homens, após seu advento, a não ser que viessem a Deus através de Jesus como um salvador pessoal, estariam perdidos.

De todos os estudos feitos das palavras pronunciadas

por Jesus, uma coisa emerge e se destaca claramente. Jesus ensinava uma forma de realizar um relacionamento normal entre os três EUs. Tal relacionamento normal deve ser a soma total da “salvação”.

Não ensinou que ele, pessoalmente, era um meio direto de salvação e que devíamos ser perdoados dos pecados e que nos tornaríamos íntegros física, mental ou moralmente, pelo simples ato de acreditar que ele, Jesus, era capaz de realizar tal salvação.

O homem deve realizar sua própria salvação. Jesus ofereceu instrução sobre o método a ser usado, e, para os próximos a ele, ofereceu ajuda para colocar aqueles métodos em uso. Ensinou, também, seus discípulos a oferecer a mesma instrução e dar a mesma ajuda àqueles que não podiam usar os métodos por si próprios, sem no mínimo algum auxílio preliminar externo. (Desta ajuda, como veremos, estavam particularmente necessitados aqueles que eram incapazes de libertar-se das fixações das influências de espíritos, a fim de que pudessem abrir suas sendas para seus próprios *EUs Superiores* e conseguir o auxílio real e duradouro daquela fonte).

Mantendo na mente o fato de que Jesus veio ensinar os homens como conseguir sua própria salvação, não para oferecê-la a eles como algum presente místico a ser ganho simplesmente por “acreditar em seu nome”, estaremos prontos a examinar os rituais básicos, nos quais os homens eram ensinados a salvar a si próprios — o que, em última análise, se transforma no único meio possível pelo qual podem ser salvos. Tomemos, então, o primeiro ritual — o do Batismo.

A aparência um tanto surpreendente de João Batista, vestido de pele de camelo, com um cinto de couro sobre o quadril, com sua exortação nova e enfática, tinha trazido

inúmeras pessoas ao rio Jordão, antes que Jesus chegasse lá. João tinha instituído o novo rito do batismo na água, dizendo ao povo que devia arrepender-se de seus pecados e ser purificado dos efeitos do pecado pelo batismo.

Falava de alguém que viria, os laços de cujas sandálias era indigno de desatar. Algumas pessoas insistiam em saber quem ele próprio era e respondia:

"*Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitai os caminhos do Senhor*"[40].
Bem aí ficamos sabendo que João era um iniciado Huna. "Caminho" e "Senhor" são as palavras-chave de seu discurso. Por onde quer que o conhecimento fosse levado pelos kahunas, o *cordão* ***aka*** era simbolizado por: (**1**) um caminho, (**2**) uma senda, (**3**) uma via e (**4**) um cordão, um fio de teia de aranha, um chicote, um látego, uma corda.

Estender ou estirar uma corda simbolizava a abertura do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior*. Limpar as pedras de tropeço da senda ou via tinha o mesmo significado. O "Senhor" era o *EU Superior* a quem Jesus mais tarde distinguia de Jeová chamando-o de "o Pai". Não era o Deus Supremo. Era o **Haku** dos kahunas, "o Senhor das águas divididas", ou do **mana** que deve ser compartilhado entre os EUs inferiores e o *EU Superior*, se o último deve desempenhar seu papel todo poderoso na vida do homem.

O clamor constante de João para o povo era: "*Arrependei-vos! Pois o reino dos céus está próximo*".

Na língua sagrada, a palavra "arrepender" é **mihi**. Em acréscimo ao sentido externo de sentir-se triste porque alguém pecou, há o sentido interno de "reconhecer uma obrigação". Como uma obrigação reconhecida deve ser cumprida, o ato de arrepender-se implica em fazer as reparações pelos pecados cometidos até onde for

humanamente possível.

O leitor está ciente, estou certo, pela leitura até aqui, de que a regra era observada pelos kahunas do Havaí. Recusavam-se a ajudar a abrir a senda e realizar a cura através do auxílio do *EU Superior*, até que seus pacientes tivessem primeiramente feito as reparações pelos prejuízos causados aos outros. A única expiação vicária para tais pecados de ferir, não consistia em outra pessoa fazer as reparações por eles, mas em seus próprios bons atos para os outros, no caso em que as expiações não pudessem mais ser realizadas diretamente àqueles anteriormente prejudicados.

A lamentação no "banco dos lamentadores" nas modernas reuniões revivacionistas não é, de nenhum modo, o total do ato de arrependimento. João Batista tornou claro que os atos eram uma parte do processo, quando disse: "*Produzi, pois, fruto digno do arrependimento*"{41}.

O arrependimento também incluía lembrar-se de pecados passados e realizar a tarefa de transformar qualquer velha atitude de mente que fizessem alguém desejar ferir outros. Tinha-se que voltar a reconsiderar suas atitudes normais e corrigi-las para ficar de acordo com o padrão Huna de amor e bondade. Este recordar-se dos "pecados" passados ou ações prejudiciais era algo que necessitava de assistência, a fim que as más atitudes pudessem ser comparadas com as atitudes de homens transformados e pudessem acompanhá-las. Isto exigia a "confissão" dos pecados e era um processo que envolvia discuti-los com alguém que tivesse colocado a própria vida adequadamente em ordem e com sua senda aberta.

Recorda-se que em Mateus o povo era "*batizado por ele* (João) *no Jordão, **confessando seus** pecados*".

Para conseguir o sentido oculto de "*confessar*", temos que verter a palavra para a língua sagrada, onde se torna

hai akaka. Isto feito, realizamos algumas descobertas muito significativas.

Descobrimos, a partir de **hai**, que não somente as pessoas narram suas faltas e erros — mas que param de cometê-los. Ao narrar, emaranhados de lembranças fixadas são “desembaraçados”.

Hai, usado com a raiz **hoo**, o causativo, revela as qualificações de alguém recebendo as confissões: “*Fazer um sacrifício no altar*''. O sacrifício é sempre o envio da sobrecarga de **mana** para o *EU Superior* ao longo do *cordão **aka***. “Altar” ou “Lugar elevado” é o símbolo do *EU Superior*. Isto implica em que, durante o período de confissão, a pessoa para quem a confissão é feita deve ter uma senda aberta e ser capaz de enviar o **mana** ao *EU Superior* como um ato basicamente importante, ao fazer a prece.

Há outro significado muito importante: “*Ter uma profunda afeição por alguém*”. Isto indica o amor do *EU Superior* pelos EUs inferiores[42] como fator vital ao purificar a senda e reunificar os EUs. Também aponta a necessidade de profunda afeição da parte dos dois que trabalham juntos.

O significado final de “Separar com força, rasgar furiosamente, como um animal selvagem” dá-nos o símbolo inconfundível das fixações que prejudicam tão intensamente os homens — os lobos e leões dos emaranhados de lembranças e influências obsessoras.

A segunda palavra em **hai akaka**, significando “*confessar*”, oferece mais detalhes do processo. **Akaka**, quando usada com **hai**, tinha o significado de “fazer abrir” ou “tornar claro, transparente, totalmente entendido”, “trazer à luz”. O “fazer abrir” algo, era um dos símbolos de fazer o EU Básico abrir-se e divulgar suas convicções de culpa ou indignidade, ou suas crenças complexadas e

fixadas.

De acordo com Matheus, João Batista disse: "*Eu vos batizo com água, para arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que EU, cujas sandálias eu não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espirito Santo e com fogo*".

Exteriormente, João está predizendo a chegada de Jesus, que iria acontecer em breve, e dizendo que ele iria oferecer uma forma diferente de batismo, que seria mais potente e eficaz.

Em termos de Huna, está dando o significado interior do processo da purificação e está falando do *EU Superior*, não de Jesus, como aquele que, quando o **mana** for fornecido e posto a trabalhar para limpar a senda para o indivíduo, irá fornecer o "batismo com fogo" o todo poderoso **mana** superior, que é fornecido pelo *EU Superior* ou Espírito Santo.

O "batismo com fogo" tem intrigado os homens durante séculos, mas não confunde aquele que conhece os símbolos Huna. "Fogo" significa luz e luz é o símbolo do *EU Superior*, assim como do **mana** inferior, quando retirado pelo *EU Superior* e seu poder elevado de alguma forma (talvez a uma frequência vibratória mais alta), a fim de que possa ser usado para a finalidade de quebrar as fixações ou, um pouco mais tarde, quando a senda estiver livre, para realizar a cura.

João prossegue dizendo, a respeito do mesmo assunto: "*A sua pá ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível*"[{43}].

A frase "A sua pá ele a tem na mão..." refere-se externamente a alguém peneirando grão no chão do debulhador, e o significado externo é o único possível, se for

usada qualquer língua para exprimir a frase, a não ser a língua sagrada da Huna. Mas em polinésio, quando a palavra pá, **peahi**, for examinada, encontramos um segundo e terceiro significados, cada um deles nos narrando o segredo do qual a palavra "pá" é a chave. Estes significados são "ungir com fogo" e "quebrar".

0 "ungir com fogo" é o verter do **mana** superior e, este derramar de força "quebra" as pedras de tropeço ou fixações que bloquearam o *cordão **aka*** de contato. Na Huna, o símbolo de "quebrar" é usado frequentemente e o que é quebrado é o cacho de *forma de pensamento* que compõe a fixação.

O "entulho" no soalho do debulhador é, no sentido Huna, o resíduo deixado pelos cachos quebrados de *formas de pensamento* das fixações. Este entulho é destruído completamente, ao ser queimado no fogo que é descrito como "inextinguível", porque não é fogo comum, mas o **mana** superior, contra o qual nada pode prevalecer.

Aqui, então, está o quadro de João Batista, pregando uma nova forma de alcançar o Reino dos Céus, dando importância aos *EUs Básicos* das pessoas pelo estímulo físico de lavá-las com água no rio. O significado interno das coisas que ele lhes falou não foi entendido pelos ouvintes, mas devia ter havido fogo, fervor e convicção no próprio homem, pois responderam avidamente ao ritual do batismo. Sua necessidade, seu anseio por mais Luz era sem dúvida grande, ou eles não teriam se aglomerado no Jordão em tal número, como as narrativas informam.

A este cenário sobre a margem do rio, fluindo através do país desértico, com João Batista em sua veste de pele de animais, exortando, ouvindo confissões, batizando, Jesus chegou caminhando. Veio calmamente e só.

Onde ele tinha estado nos anos precedentes, desde o último relato de sua infância, ninguém sabe. Mas certamente tinha estado submetendo-se a um rigoroso treinamento com iniciados, em alguma parte. Tinha agora trinta anos e estava pronto para começar seu ministério.

Sem ostentação, bem simples e humildemente, aproximou- se de João. Pediu para ser batizado. João, que o reconheceu imediatamente, protestou:

“Eu é que preciso ser batizado por ti e tu vens a mim? “

Jesus respondeu-lhe: “*Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça*”.

Ambos sabiam que ele não tinha pecados dos quais ser purificado, mas está claro que desejava estabelecer o ritual universalmente, por sua própria participação nele. João batizou- o. Quando Jesus saiu da água, “*eis que se lhe abriram os céus e viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo*”. **{44}**

Nesta última parte do drama, os que o registraram foram cuidadosos em colocar a frase, a fim de evitar erro na recuperação do significado interior pelos iniciados que podiam mais tarde ler o relato.

Na Huna, o símbolo de um espírito de qualquer espécie é um pássaro. Neste caso, foi o *EU Superior*, Espírito Santo ou “Espírito de Deus” que foi visto descendo. Externamente, o Espírito Santo desceu do céu. Interiormente, desceu para estabelecer contato com os dois EUs inferiores, através do *cordão* ***aka*** aberto. Tal descida e tal restabelecimento do contato total e normal é indiscutivelmente o alvo a ser atingido através do uso do ritual.

A frase: “*Este é meu Filho amado, em quem me comprazo*”, aplica-se a todos, e não somente a Jesus. É a expressão de amor e aprovação que todos *EUs Superiores* podem usar quando a senda é aberta e o contato é restaurado. Os *EUs Superiores*, na verdade, ficam muito satisfeitos com qualquer “filho” que tome as medidas necessárias para abrir sua senda bloqueada — sendo as medidas necessárias: (**1**) arrependimento, com tudo que isso implica, (**2**) confissão, com o acompanhamento do (**3**) batismo — com todas as coisas que a Huna revela estarem envolvidas nestas três etapas combinadas.

Dentro e oculto nestas três etapas, encontra-se o grande segredo do rito batismal — o segredo de que o *EU Superior*, quando recebe suficiente mana, pode, desde que primeiramente tenham sido feitas reparações pelos pecados de ferir, começar o trabalho de remover as fixações ocultas e desconhecidas que estão bloqueando a senda.

Embora as palavras “Importa-vos nascer de novo”[45] não façam parte do rito batismal, a ideia tem sido associada com o batismo há longos anos, devido às exortações do clero. A respeito deste motivo, podemos a esta altura examiná-las para encontrar o significado Huna. A frase foi realmente usada por Jesus, quando estava conversando com Nicodemos, após seu ministério estar bem estabelecido.

O significado secreto de “nascer'’ é encontrado no dialeto Maori melhor que no havaiano. (Há vários dialetos polinésios, devendo todos serem considerados). A palavra é **whanau**. Seu sentido secundário ou Huna pode ser melhor traduzido como *evoluir* ou *progredir em um sentido mental-espiritual*.

O conceito básico da Huna era que os homens nascem (ou separam-se da mãe) e que então crescem e progridem em experiência e conhecimento. O alvo desse crescimento é

aprender que há um *EU Superior*, que se deve trabalhar com ele livre e facilmente, de todas as formas.

A fim de trabalhar adequadamente com o *EU Superior* deve-se sobrepujar os instintos animais de ganância, medo e ódio, naturais ao *EU Básico*. Chega-se ao total e normal crescimento em estatura somente quando se estiver UNIDO com o *EU Superior*.

Esta **separação,** seguida pela **união,** era simbolizada de muitos modos na Bíblia. Alguém se separava da vida antiga de escuridão e pecado. Outro se unia com o *EU Superior* pelo fato de chegar a conhecê-lo e estabelecer contato através do *cordão* ***aka***. A união da noiva e noivo simbolizavam este segundo passo. A união do Filho com o Pai simbolizava-o. O símbolo mais favorecido de todos era o de se tornar "UM" com o Pai.

Ao citar trechos do que Jesus disse a Nicodemos (*João 3:3-9*), estou usando a tradução Ferrar Fenton, por razões de clareza. Disse Jesus (e novamente os itálicos são meus):

"...se alguém não nascer ***de cima,*** não pode ver o Reino de Deus... Se o homem não nascer ***da água*** e ***do Espírito,*** não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espirito é espírito. ...Deveis nascer ***décima...***"

O segundo estágio de crescimento ou nascimento, como vemos nas palavras de Jesus acima, era realizado com a ajuda deságua ou **mana** e do Espírito ou *EU Superior*. Tinha-se que fazer o **mana** fluir ao longo do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior* e a AJUDA PARA DESBLOQUEAR A SENDA VINHA DE CIMA — isto é, do *EU Superior*, à medida que usava o **mana** para agir em baixo, removendo os bloqueios da senda até que a união dos três EUs fosse cumprida.

Isto nos dá, acredito, um relato bem completo do que

significa a exortação “nascer de novo”, quando alguém está sendo instado a ser batizado.

Quando o drama do batismo de Jesus foi completado, o fato seguinte que aconteceu foi a Grande Tentação. Não há pausa entre a narração da descida do Santo Espírito e a partida de Jesus “*levado pelo Espírito*” às solidões “*para ser tentado pelo demônio”.* O rito teria sido incompleto, do ponto de vista da Huna, se não incluísse a resolução dos problemas dos “companheiros devoradores”.

Assim, estes espíritos obsessores, simbolizados pelo “demônio”, foram incluídos no processo de purificação a ser registrado, como se fosse um prosseguimento do batismo e embora saibamos que para a maioria das pessoas a dificuldade com os espíritos obsessores não ocorre.

Também sabemos que Jesus era um iniciado kahuna do mais alto grau e, portanto, há muito tempo tinha sido libertado de quaisquer fixações ou companheiros devoradores que pudessem tê-Lo atribulado, em uma ocasião anterior.

Era parte do treinamento dEle, contudo, aprender a lidar com tais problemas e ensinar outros a lidar com eles. Por sua finalidade de apresentar em forma duradoura e dramática suas próprias experiências de vida, para personificar e perpetuar as grandes lições da Huna, dirigiu-se para o deserto, para viver lá o drama da “tentação”.

A chave para o sentido oculto na tentação pelo demônio jaz na palavra “deserto”. A palavra Huna para isto é **hihiu.** “Deserto” é o símbolo de um emaranhado de pensamentos e emoções forçado em seus hospedeiros por “companheiros devoradores” maléficos. Eles têm suas próprias fixações, que trouxeram da vida no corpo e forçam os vivos a aceitá-las como suas próprias.

Hihiu tem sentido secundário ou Huna de:

1. *Estar emaranhado*, símbolo dos emaranhados no *cordão* ***aka*** que os impede de ficar retos, abertos e desimpedidos.

2. *Cometer um erro*. Um engano ou erro na conduta, tal como os que poderiam ser causados pela influência de um espírito, cai na classificação Huna de "pecado".

3. *Ser selvagem, não domado, como um animal selvagem*. Novamente vemos o uso de animais bravios e selvagens na Huna para simbolizar os "companheiros devoradores".

O demônio ofereceu a Jesus várias tentações e terminou oferecendo-lhe grande poder, se se ajoelhasse e o adorasse. Mas Jesus recusou-se a adorá-lo (**hoomana** = adorar, literalmente, fazer e doar **mana**, como para o *EU Superior*, que, somente ele, pode transformá-lo em poder benéfico e devolvê-lo). Jesus respondeu: *... porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele darás culto*[46].

E quando o diabo terminou estas tentações "*apartou-se dele até o momento oportuno*"[47]. A palavra Huna para "tempo oportuno"[48] é **maloo**, que significa "*dessecar*" ou *secar retirando a água de alguma coisa*. Sendo a água o símbolo de **mana**, encontramos aqui o diabo, incapaz de conseguir um suprimento de **mana** pelo ato de ser "adorado", ficava impotente para continuar suas tentações e partiu. Devido a ter tentado tão intensamente conseguir **mana**, pode ser classificado como um dos "companheiros devoradores", que se alimentam do **mana** do seu hospedeiro vivo.

O "dessecar" do suprimento de **mana** do mau espírito deve ser realizado por um processo de cessar de "concordar"

com eles, deixando de responder a seus impulsos maléficos, como Jesus fez no drama. Isto é algo que o *EU Médio* pode fazer e o *EU Básico* cumprir. Envolve uma conversão completa e mudança do modo de vida do mal para o bem.

Embora o indivíduo possa virar uma nova página e equilibrar suas contas fazendo reparações por males passados sem nenhuma assistência externa, geralmente permanecem as fixações e algumas vezes influências obsessoras, das quais não está ciente. Isto é classificado sob o título geral de "pecados", contudo, e devem ser removidos.

São as coisas que o salmista indicava quando disse: "*Quem pode entender seus erros? Purifica-me de minhas faltas secretas''*. Pode também ser notado que o salmista procurava auxílio exterior para obter purificação das fixações e influência de espíritos.

No drama da tentação de Jesus, deve-se lembrar que neste caso ele já tinha sido colocado em contato total e livre com seu *EU Superior*, conforme explicado no símbolo do Espírito Santo descendo sobre ele na forma de uma pomba.

Por esta razão, não necessitava de auxílio externo de João ou de outros homens, ao lidar com espíritos maléficos. Tinha a ajuda do EU Superior, e isso era o suficiente.

Em ritos posteriores, veremos o que deve ser feito quando as influências obsessoras necessitam ser removidas, antes que a senda possa ser aberta.

Capítulo 22.
O Significado secreto do ritual do Lava-Pés

. Os três anos do ministério de Jesus é algo difícil de atravessar. Os princípios Huna estão revelados em cada parábola, em cada pronunciamento cifrado. É fascinante observar o grande kahuna em ação, curando os corpos e mentes doentes das pessoas, da forma como os kahunas têm feito, onde quer que os iniciados em Huna tenham estado agindo.

Dissemos que Jesus curou a muitos — talvez milhares — pela imposição das mãos. Mas é nos casos detalhados de suas curas que encontramos a corroboração dos métodos usados pelos kahunas do Havaí. Ele utilizava sugestão. Demolia complexos, como no caso do rapaz paralítico descido através do teto da casa em que Jesus estava com Pedro. Expulsou maus espíritos, como no caso do menino epiléptico trazido a ele pelo pai. Usou estímulo físico na cura do homem que era surdo e tinha problemas de fala.

Jesus possuía um sentido psíquico altamente desenvolvido e o usava nos diagnósticos. Isto pode ter sido um dom natural ou o seu *EU Básico* pode bem ter sido treinado em telepatia durante os anos de trabalho com iniciados, antes de seu aparecimento como um kahuna. Diagnosticava os problemas dos pacientes por meios telepáticos, não tendo, portanto, nenhuma necessidade de interrogá-los. Usava “tratamento à distância” em alguns casos, que sabemos ser um processo telepático.

Toda esta demonstração coloca em base sólida até

nossos humildes esforços na APH para desenvolver a natureza telepática do *EU Básico*. Também confirma e torna menos estranho o trabalho bem-sucedido de médicos de hoje, que estão usando o pêndulo para adquirir o conhecimento telepático do *EU Básico* sobre a condição do paciente, em diagnósticos.

Daria um outro livro contar tudo que os ensinamentos e curas de Jesus revelam quanto à Huna. Algum dia espero que esse livro seja escrito. Há espaço aqui somente para indicar a importância de tal projeto. Enquanto isso, ficamos satisfeitos em prosseguir contando novamente os três incidentes dramáticos na vida de Jesus, encontrando neles os profundos e ocultos significados Huna.

Assim chegamos à noite da Última Ceia. Jesus sabia, com aquela premunição que provém somente do *EU Superior*, que seria traído e crucificado. De fato, Caifás, o alto sacerdote, já tinha convocado uma reunião dos principais sacerdotes, escribas e anciãos para planejar apoderar-se de Jesus pela esperteza e matá-lo. Havia pessoas observando-o, de modo que o podiam localizar onde estivesse e prendê-lo.

Foi um dos próprios discípulos de Jesus, Judas Iscariotes, quem se dirigiu aos principais sacerdotes e ofereceu-se para entregar Jesus a eles — por uma soma de dinheiro. Entraram em acordo sobre a importância de trinta peças de prata. Depois disso, Judas estava esperando por uma boa oportunidade a fim de cumprir sua parte na barganha.

Jesus desejava celebrar a festa da Páscoa em Jerusalém e enviou Pedro e João para prepará-la. Disse-lhes, com o conhecimento do *EU Superior*, onde encontrar um aposento adequado, um quarto mobiliado na parte superior de uma casa na cidade. Pedro e João a encontraram conforme predito por Jesus e prepararam a festa.

Lá temos o ingrediente dramático, quando os doze discípulos se sentaram com Jesus para comer no cenáculo: aquele que sabia que seria traído, o traidor que tinha feito a barganha; os outros onze desconhecendo o que estava para acontecer, e todos comendo juntos, como era costume. Jesus, sabendo que logo iria deixá-los, desejou este último encontro porque, como Lucas diz, "tendo amado os que eram do mundo, amou-os até o fim".

Começaram a ceia com a iniciação do rito da Comunhão, que será discutido depois. Então Jesus falou, muito triste: "*Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá*".

Os discípulos olharam-se, espantados, perguntando-se de quem estaria ele falando. Judas dever ter dissimulado a expressão em seu rosto, com sucesso. Os outros começaram a perguntar ansiosamente a Jesus: "*Sou eu"*? Pedro fez sinal a João, o discípulo amado, que estava se reclinando sobre o peito de Jesus, para perguntar-lhe o nome do homem, e João fez a pergunta.

Jesus respondeu: "*Aquele a quem eu der um pedaço de pão molhado*". Ele mergulhou um pedaço de pão em alguma espécie de sopa ou molho e entregou-o a Judas Iscariotes.

Judas tentou dissimular, perguntando, sem dúvida com a esperança de parecer inocente. *"Mestre, porventura sou eu"? "Tu o disseste*", respondeu Jesus, de forma breve, e declarou: *"O que pretendes fazer, faze-o depressa*".[49]

Os outros discípulos não sabiam o que este intercâmbio significava, mas como Judas era quem estava encarregado da bolsa comunitária, pensaram que tinha sido enviado em alguma incumbência, quando Judas deixou imediatamente a sala.

Naquela noite, mais tarde, em um jardim do outro lado do riacho Cedron, onde Jesus e seus discípulos tinham se reunido após a Última Ceia, Judas conduziu a ele os principais sacerdotes, os escribas e anciãos, junto com um populacho armado com espadas e cacetes. Judas foi até Jesus e beijou-o, um sinal combinado com seus conspiradores de que aquele era o homem que procuravam.

O que acontecia com Judas? Tinha estado acompanhando Jesus durante algum tempo e este poderia tê-lo livrado da terrível fixação de ambição, que o consumia. Aparentemente tinha se incorporado à vida humilde e quase pobre dos seguidores, mas não havia expressado a profundidade de sua ganância até esta ocasião.

Jesus sabia disso e disse, após o rito da comunhão, "*Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão, levantou contra mim seu calcanhar*". {50} Talvez Judas seja o grande exemplo das profundidades a que pode levar a cobiça no *EU Básico* do ser humano.

Era Pedro quem realmente preocupava Jesus. Pedro, bom, honesto, franco, amoroso, devia ser salvo para levar os ensinamentos, como fez mais tarde, à distante Roma pagã, onde sacrificou sua vida por isso. Mas o *EU Básico* de Pedro armazenava um complexo de medo e aparentemente não havia melhor meio de resolvê-lo do que deixar Pedro expressá-lo em um ato que o tornaria consciente dele, o faria ficar amargamente envergonhado e depois removê-lo.

Jesus disse a Pedro, durante a ceia, que ele, Pedro, negaria conhecer seu líder. Pedro ficou perplexo. Seu *EU Médio* rejeitava tal ideia como impossível, mas não conhecia o poder do complexo de medo em seu *EU Básico*. Jesus perguntou-lhe "*Amas-me*"? E Pedro fervorosamente assegurou-lhe que sim. Então Jesus disse-lhe "*Apascenta*

minhas ovelhas", prevendo o ministério de Pedro, para o qual deveria ser salvo.

Jesus repetiu a pergunta três vezes e três vezes Pedro reafirmou seu amor e três vezes Jesus disse "*Apascenta minhas ovelhas*". Há algo de grande significado nisto, do ponto de vista da Huna. Os kahunas sempre repetiam três vezes qualquer mensagem importante ou prece e sempre nas mesmas palavras.

Pedro negou que conhecia Jesus e negou-o três vezes a diferentes pessoas. Quando Jesus foi levado como prisioneiro ao palácio do Sumo Sacerdote, o amor impeliu Pedro a seguir Jesus até lá e somente um outro discípulo foi tão longe. Mas o temor o assaltou, medo por sua própria segurança, quando aquelas pessoas o reconheceram como um dos seguidores de Jesus.

Após a última negação, Jesus voltou-se e olhou para Pedro. Não disse nada, mas que intensidade deve ter havido naquele olhar! Pedro então, instantaneamente, lembrou-se que Jesus tinha predito que o negaria três vezes, saiu e chorou amargamente. Naquele momento, o complexo de medo foi totalmente dissolvido e toda a sua história subsequente foi a de um homem sublimemente corajoso.

Mas retornemos à mesa da ceia onde todos os discípulos, menos Judas, que tinha saído em seu nefando negócio, estavam sentados com Jesus. Não falamos ainda do importante rito do lava-pés. Foi principalmente por causa de Pedro que Jesus instituiu o rito, embora ensinasse a todos eles a técnica necessária para remover os complexos, quando começassem seu ministério.

A ceia terminara. Jesus levantou-se de seu lugar e colocou de lado as vestes. Tomou uma toalha e envolveu-se. Depois derramou água em uma bacia e começou a lavar os

pés dos discípulos. Enxugava-os com a toalha com a qual estava cingido. Esta era uma ação estranha e nova. Os discípulos não a entenderam e estavam embaraçados e desconfortáveis, em ter seu mestre realizando o trabalho de um servo.

Mas quando olhamos isto de perto, vemos que as coisas usadas e realizadas estão repletas de símbolos e significados ocultos, uma vez que as traduzamos para a língua sagrada.

Jesus tomou uma toalha e cingiu-se. Em outras palavras, fez uma tanga com uma toalha. Na língua dos kahunas isso é **maio** e a mesma palavra significa tanto tanga como toalha. **Maio** tem o significado secreto de "esgotar". Isto não soa familiar ao leitor, a esta altura? O **mana** deve ser esgotado dos cachos de memória das fixações. Uma vez que o **mana** é retirado de tais complexos, eles são despedaçados. Sabemos, no trabalho de nossos psicólogos modernos, que urna vez que a força e energia da emoção ligada às fixações é liberada, a fixação morre.

Jesus verteu água em uma bacia. Ninguém que tenha lido até aqui pode deixar de reconhecer que a água é o símbolo para **mana**. Jesus estava providenciando um suprimento de **mana** a seu próprio *EU Superior*, para ser usado em benefício daqueles cujos pés iam ser lavados.

Por que os pés deles deveriam ser lavados? Os pés são símbolo Huna para o *EU Básico*. Havia o bloqueio do medo no *EU Básico* de Pedro, de modo que não podia enviar **mana** para seu próprio *EU Superior*. Quanto aos demais discípulos, o registro não declara — ele se concentra em Pedro.

A palavra polinésia para pés é **wawae**, feita das raízes **wa** *e* **wae**. **Wa** nos fornece, por um significado, "*um espaço entre dois pontos do tempo*". Tal espaço de tempo deve ser

incluído em qualquer memória, quando relembramos um evento passado. Nos métodos de um analista trabalhando com um paciente, os eventos causadores de fixações são relembrados. Uma vez que tais acontecimentos são trazidos ao foco da consciência, e são entendidos em sua verdadeira perspectiva/tornam-se racionalizados e não são mais lembranças fora da lei ou fixações.

Outro significado de **wa** é "*pensar, refletir, ponderar, revolver na mente*". Isto descreve o processo de racionalização que acontece. Um terceiro significado de **wa** é "lançar fora ou vomitar algo". Isto é o símbolo do ato de livrar-se das fixações alojadas no *EU Básico*. A segunda raiz, **wae**, nos dá "*quebrar e separar o bom do mau*", que descreve o processo de desfazer as lembranças de fixações e racionalizá-las. Significa, também, "*demorar-se mentalmente em pensar sobre um acontecimento, refletir, considerar um caso, fazer uma escolha*", tudo descrevendo o processo de pesar e racionalizar um acontecimento causador de uma fixação.

Vemos, então, o fato extremamente significativo de que Jesus escolheu lavar **os pés** (o *EU Básico*) de seus discípulos, demonstrando simbolicamente o método de remover os complexos.

Até a palavra para a bacia que ele usou, **pa**, na língua sagrada, contém significados que indicam a inabilidade daqueles com sendas bloqueadas, de enviar **mana** a seus próprios *EUs Superiores* ("*ser esgotado ou ressecado*"). A palavra **pa** também tem o significado de "dividir alguma coisa entre pessoas".

No caso do ritual realizado por Jesus, é a divisão do **mana** fornecido por ele (conforme simbolizado pela água na bacia), entre seu próprio *EU Superior* e o *EU Superior* daqueles a serem purificados. Um significado final oculto na

palavra é “tocar” e isto é o fecho de todo o processo: é o símbolo de, através do *cordão* ***aka***, contatar ou “tocar” o *EU Superior*. Isto deve ser feito antes que o **mana** possa ser doado a ele.

Jesus, então, trouxe a bacia cheia de significados Huna e também usou a toalha, também cheia de significados, para lavar os pés de Pedro.

Pedro, desconfortável e infeliz, protestou. Jesus lhe disse: “*O que faço não o sabes agora, compreendê-lo-ás depois*”.

Na verdade, Pedro deve ter descoberto muito depressa o que o ritual significava, após sua negação de conhecer Jesus e depois de seus complexos haverem se dissolvido em lágrimas. Deve ter ponderado profundamente a questão e usado a técnica em seu trabalho de curar outros.

Mas na ocasião em que Jesus estava lavando seus pés, Pedro disse impulsivamente: “*Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça*”.

Jesus lhe disse que aquilo não era necessário — era somente seu pé (*EU Básico*) que necessitava ser lavado. “Estais limpos, mas não completamente”, pois sabia que o *EU Básico* de Pedro conservava o complexo de medo.

Depois que terminou de lavar os pés, tomou as vestes e sentou-se, Jesus disse que havia dado a eles um exemplo e que dali em diante deviam lavar os pés uns aos outros.

A técnica que emerge do labirinto de símbolos é essencialmente esta: a pessoa cuja senda de *cordão* ***aka*** para seu próprio *EU Superior* está bloqueada por fixações, pode procurar o auxílio de outra cuja senda não esteja bloqueada.

O homem ou mulher pode conceder o poder do **mana** a seu próprio *EU Superior* e pedir-lhe que seja usado para quebrar as fixações daquele que pede. Este ajudante não necessita ser um kahuna. Fora dito aos discípulos que podiam e deviam ajudar-se mutuamente desta forma.

Era evidente que Jesus não considerava este auxílio possível somente para alguém com seus próprios grandes poderes. É suficiente que o ajudante seja alguém que demonstrou estar em contato com seu *EU Superior* — em outras palavras, tem tido resposta às suas preces e pode acumular uma grande sobrecarga de **mana** para uso dos dois *EUs Superiores*, ao destruir as fixações no *EU Básico* do outro.

A partir dos significados ocultos nas palavras polinésias para “pés” e “bacia”, concluiria também que o rito do lava-pés indica um processo de conversa entre a pessoa complexada e seu ajudante, com vistas à racionalização dos emaranhados de lembranças. Devido à experiência dos amadores hoje, tentando fazer isto com um amigo e conseguindo apenas excitar os problemas ocultos e não sabendo como resolvê-los, parece essencial para qualquer ajudante haver recebido algum treino nesse campo.

A combinação de uma pessoa que tem sua própria senda para o *EU Superior* em boa condição de operação, mais um conhecimento de como usar a sugestão e estímulo físico, e de como ajudar a racionalizar as fixações quando vêm à tona, seria o ideal.

Se o conhecimento dos significados Huna desvelados das palavras usadas no ritual parece remanescente daquelas empregadas no rito do batismo, o fato é que é o mesmo. Os escribas iniciados que registraram os acontecimentos, repetiam para dar ênfase e certificar-se de que a verdade do caminho de salvação da humanidade seria preservada.

Era o método que os polinésios usavam, o ocultar do segredo em palavras de uso comum. Podia-se esperar encontrar uma filosofia nobre e uma técnica para usá-la em tais palavras como caminho, confessar, água, pá, bacia e pés?

O simples recontar do rito do lava-pés, que parece ter sido usado raramente na igreja cristã, comparado ao batismo e comunhão, traz à luz o porquê de ter sido evitado. O clero e os estudiosos simplesmente não podiam desvendar seu significado. Não espanta que tenha sido deixado de lado como uma mera lição de humildade. Mas Jesus nunca teria representado este ritual, se não tivesse um significado grande e profundo.

Além disso, devia ser resguardado para o futuro. Quaisquer dos ritos podiam ser descartados por aqueles que ignoravam os significados Huna, assim como aconteceu com o rito do lava-pés. Mas se apenas um permanecesse para revelar a verdade, quando chegasse o tempo para ser desvendado, seria, assim, preservado e estaria disponível.

Os iniciados remanescentes da antiga tradição desapareceram da região do Mediterrâneo nos primeiros séculos após a morte de Jesus. Assim, não temos literatura posterior sobre o assunto, provinda dessa fonte.

Capítulo 23.

O Significado oculto no ritual da Comunhão

Eruditos historiadores e bíblicos nos narram que quando a igreja primitiva se expandiu de Jerusalém para a Antióquia e Grécia, não havia escrituras para seu uso, exceto uns poucos pergaminhos de escritos antigos que mais tarde foram incorporados àquilo que é chamado de Velho Testamento. Os anciãos das igrejas cristãs recebiam cartas de Paulo e outros evangelistas e visitas periódicas deles para ajudá-los a dirigir seu trabalho.

Estas cartas eram lidas para as congregações, mas de forma alguma eram consideradas literatura sagrada. É realmente espantoso que tenham sido preservadas. Muito tempo depois, concílios da Igreja organizada incorporou-as como escritos sagrados, naquilo que chamaram de Novo Testamento, e Paulo foi canonizado.

Os quatro evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João não apareceram senão muito tempo após as cartas haverem sido escritas, cerca de cinquenta a cem anos após a morte de Jesus. Embora eu tenha falado do trabalho dos iniciados da Huna, a ser encontrado nas narrativas da vida e ensinamentos de Jesus, deve-se reconhecer que a teologia de Paulo e o crescente número de dogmas apresentados por homens inferiores, se insinuava nas narrativas.

Isso contribuiu para a confusão sempre existente, à medida que os séculos transportavam a mensagem cristã, de declarações contraditórias nos Evangelhos. Eruditos bíblicos nos dizem que estes relatos eram compilações de

vários escritos de diferentes autores. Contudo, Mateus, Marcos, Lucas e João foram declarados “santos” pela igreja organizada. Nossa certeza se origina dos registros daquelas partes remanescentes, fiéis aos ensinos originais.

Meu método de separar os inestimáveis ensinamentos de Jesus do dogma espúrio é, conforme expliquei antes, usar o teste da Huna. Gostaria de prefaciar o exame do Rito da Comunhão com alguns — uns poucos — exemplos, uma vez que o espaço não permitiria mais.

Jesus começou seu ministério lendo uma passagem de Isaías. Ora, Isaías era um grande iniciado Huna, conforme comprovado pela tradução de passagens após passagens de seus escritos para a língua sagrada. Vamos rememorar o momento em que Jesus anunciou seu ministério, conforme registrado em Lucas (*4:16-21*):

“Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume e levantou-se para ler.

“Então lhe deram o livro do profeta Isaías e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável ao Senhor*”.

“E tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.

“Então passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”.

Ali vemos Jesus aceitando a profecia de que um novo e maior profeta da ordem Huna se levantaria e sabendo que incorporava em si o cumprimento das profecias. Nelas era

descrito como o Filho de Deus e como alguém unido a Deus (o Pai *EU Superior* ou **Aumakua** da Huna).

Tendo realizado sua própria união com seu *EU Superior* e sendo capaz de curar por causa de tal união, começou no princípio de seu ministério a ensinar os homens que tal união era possível e que ele a tinha realizado.

Para nossa compreensão da posição que assumiu, é necessário conservar em mente o fato de que não proclamava que nenhuma outra pessoa podia atingir tal união e unidade. Ao contrário, constantemente incentivava os outros a se esforçarem para atingir esse alvo. Em uma ocasião, aconteceu que foi acusado de blasfêmia quando disse "*Eu e o Pai somos um*" e quase foi apedrejado por isso. Jesus respondeu aos acusadores: "*Não está escrito em vossa lei: Eu disse: Sois deuses*"? (Estava citando um dos Salmos) "*Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas, porque declarei: Sou filho de Deus*"?{51}

Novamente, por ocasião da Última Ceia, quando estava conversando intimamente com seus discípulos, disse:

"As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim, faz as suas obras.

"Crede-me que estou no Pai e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

"Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço e outras maiores fará..."

O que mais poderia ele estar talvez dizendo, além de que realizava seus milagres através de seu *EU Superior* e

que os discípulos (que não foram posteriormente exaltados como UM DEUS, embora também realizassem milagres de cura) seriam capazes de obras ainda maiores, através de seus próprios *EUs Superiores*?

A palavra "Deus" e Pai *EU Superior* são intercambiáveis nos ensinamentos em todos os pontos, tais como são o Espírito Santo e o EU Superior.

Devemos entender que frequentemente Ele permanecia diante daqueles a quem ensinava em um estado de completa união com o *EU Superior*, e que falava como se fosse com a voz do Pai. Isto era comum nos círculos Huna, em que a mais alta ordem dos kahunas era chamada de "*Aqueles que falam pelo deus*". Na cura, o comando "*Sê tu curado*" era pronunciado pelos três Eus em perfeita união, não pelos EUs inferiores, apenas.

Nos lugares dos seus ensinamentos em que Jesus falava como se fosse Deus ou o Pai, e não um homem, estava seguindo o antigo costume Huna. Isto resultou em infindável confusão, pela falta da visão Huna neste assunto.

Os homens não podiam entender como Jesus podia ser um homem e ainda um deus. Faltando-lhes entendimento, desenvolveram dogmas nos quais apresentavam Jesus como uma parte do Deus Supremo triuno, que era composto de Deus o Pai, Jesus o Filho e o Espírito Santo. Esta teologia não era nem Huna nem judaísmo e o próprio Jesus não ensinava nada desse tipo. Ensinava, simplesmente, que era possível para o homem no corpo unir-se com seu próprio *EU Superior*, a quem chamava de "o Pai" ("*o Pai que habita em mim*") e tornar-se UM nesta união — NÃO TRÊS EM UM.

Em Mateus (28:19) ocorre um exemplo da insinuação do dogma paulino. Este é o relato de que Jesus, retornando como espírito a seus discípulos, após erguer-se do túmulo,

disse: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*”.

Conhecendo a Huna, vemos que o *EU Superior* recebe o título de Espírito Santo enquanto desce sobre Jesus como uma pomba. Cada EU do homem é um espírito para o kahuna, o **Aumakua** sendo o “santo”.

A palavra “ghost”[{52}] é estranha ao hebraico, latim ou grego. Não é nada mais que uma palavra alternativa tirada do germânico *geist*, significando “Espírito” e emprestada para tornar-se nossa “ghost” inglesa.

Será proveitoso percorrer as narrativas do evangelho e ver que quando Jesus está expondo uma verdade e a começa com “Eu sou...” ou termina com “... através de mim”, etc., está falando como seu Pai *EU Superior*. Algumas vezes, naturalmente, é a referência pessoal costumeira ao *EU Médio* que todos usamos; o contexto nos dirá isso; mas sempre, na exposição de verdades fundamentais, o “Eu” e o “mim” são o Pai.

Uma APH, tentando esta prática de ler velhas palavras de forma nova, queixou-se de que, após algumas páginas, velhos hábitos de crença do *EU Básico*, implantados na juventude, começaram a se confundir com o dogma bem martelado nela. Foi sugerido que tentasse ler uma das modernas versões revisadas, em inglês, que não alteram as ideias expressas na versão King James, mas ajudam a rejeitar a força da interpretação dogmatizada.

Estarei utilizando a versão Ferrar Fenton no próximo caso a ser discutido. Trata-se do ensinamento sobre o “pão da vida”, que aparece em João 6:32 e versículos seguintes e que é uma boa preparação para entender o Rito da Comunhão.

Algumas pessoas procuravam Jesus, impressionadas por seu trabalho de cura e pediam um sinal de que era realmente uma obra de Deus. Lembravam-lhe que nos tempos mosaicos seus antepassados tinham recebido tais sinais sob a forma de maná caído do céu. Jesus respondeu-lhes:

"*Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.*

...Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome e o que crê em mim jamais terá sede".

Leia isto em termos Huna, Jesus falando pelo Pai, o *EU Superior*, e note que ele menciona sede e, portanto, indica o fato de que a água ou **mana** era parte do "alimentar" que ensinava. A figura de linguagem "pão do céu", aponta para o retorno do fluxo do **Mana** Superior e está ligada ao maná do tempo de Moisés, que "caiu" do céu para nutrir espiritualmente os Filhos de Israel no deserto.

Outro trecho da passagem é: "*Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne*"[{53}].

Este versículo tem sido apontado como uma profecia de sua própria morte e uma prova de que Jesus realmente deu sua própria vida na cruz para conceder vida ao mundo — para "salvá-lo". Em lugar disso, estava ensinando a lição de que o *EU Superior* fornece a vida do mundo, ao devolver o **mana** enviado a ele pelos *EUs Básicos* — de outra forma haveria pecado, morte e desastre.

O relato prossegue, dizendo: "*Disputavam, pois, os*

judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer sua própria carne”?

“*Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. … Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente vivo pelo Pai; também quem de mim se alimenta, por mim viverá. …quem comer este pão viverá eternamente*”.

A ideia de “comer o deus” a fim de absorver seu poder e a própria substância dele, pode ser buscada no Egito. De uma forma deturpada, espalhou-se para várias partes do mundo e pensava-se que uma pessoa poderia absorver a força, coragem ou virilidade de seu inimigo se, após este ter sido abatido, fossem comidas partes dele. Muito canibalismo surgiu deste conceito, mais do que de qualquer apetite por carne humana.

Na Huna, o *EU Superior*, como um “deus”, é alimentado com **mana** pelo *EU Básico* e, por sua vez, o **mana** é transformado em uma forma mais potente e enviado de volta como alimento para a parte inferior ou física do homem.

Os polinésios tinham um ditado para isso, de que se alguém não alimentasse os deuses, morreria. E, se os deuses morressem, o homem morreria. O alimentar recíproco era algo ensinado externamente como um comer real do corpo do deus e beber do seu sangue.

Não há dúvida de que Jesus esperava que algumas das pessoas que tinham vindo questioná-lo fossem capazes de entender o significado interior da frase cifrada que estava usando. Estava sempre ansioso para atender àqueles que tivessem “olhos para ver e ouvidos para ouvir”. Mas nenhum estava neste grupo.

“*Muitos de seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso, quem o pode ouvir?*

“Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica; ***a carne para nada aproveita***”.[54]

Vamos lembrar-nos dessa declaração quando chegarmos ao exame do Rito da Comunhão.

Este ritual foi iniciado durante a ação dramática da noite da Última Ceia. Depois que Jesus e os discípulos estavam sentados à mesa da ceia e antes que começassem a participar do banquete colocado diante deles, Jesus olhou-os amorosamente e disse: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes do meu sofrimento[55]. Depois “apontou-lhes um reino” para seu trabalho, “para que comais e bebais à minha mesa no meu reino...”[56].

Selecionarei passagens de Lucas e Mateus para contar como o ritual foi estabelecido:

“...tomou Jesus um pão e abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

“*E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus*[57].

“*A seguir tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados*”.

“*E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei*

deste fruto da videira até aquele dia em que o hei de beber, de novo, convosco, no reino de meu Pai".

Este, então, era um ritual cerimonial de lembrança dos ensinamentos de Jesus. O partir do pão e o comer dele é simbólico e traz à mente a verdade Huna de que o *EU Superior* deve ser alimentado com **mana** e depois, por sua vez, alimentará os adoradores com o Mana Superior. O mesmo se aplica ao tomar o sangue. É parte do corpo e flui simbolicamente, como o **mana**. Novamente representa o **mana** que deve ser enviado ao *EU Superior* e este o devolverá para alimentar o indivíduo.

A lição é óbvia, para aqueles que conhecem o significado Huna oculto no ritual.

Esta não é a lição mais importante a ser retirada dos ensinamentos Huna na Bíblia. Todas as lições são importantes e partes indispensáveis do processo total de atingir o relacionamento normal entre os três EUs.

A contingência do acaso que fez o partir do pão e o beber do vinho assumir a maior importância nos rituais da Igreja — o sacramento mais frequente e solenemente observado — não prova que seja mais valioso, do que, por exemplo, a remoção das fixações ou o colocar em ação o *cordão **aka***, ao procurar a união com o *EU Superior*.

Como a "remissão do pecado" foi dada como a principal finalidade de comer o pão (como o corpo) e o beber do vinho (como o sangue), vemos ali o uso do **mana**, uma vez que tenha sido entregue ao *EU Superior*, para remover as fixações e abrir a senda do *cordão **aka*** de contato e ligação — restabelecer a COMUNHÃO entre os três EUs.

Os homens que começaram a construir dogmas e doutrinas após a morte de Jesus, apoderaram-se do ritual da

Comunhão e eis no que o transformaram:

O pão e o vinho seriam transformados por Deus na substância real da carne e sangue de Jesus, a fim de que pudesse ser consumido pelos fiéis. Devem ter se esquecido de sua declaração de que o corpo não era digno de nada. Contudo, havia um progresso pelo qual agradecemos. Nenhuma oferta de sacrifício era feita a Deus, na velha forma de derramar e espargir sangue. Não havia tentativa de alimentar Deus com carne queimada de animais sacrificados, como Jeová era alimentado pelos seguidores de Moisés.

O que deveria ser entendido, e compreendido como uma das grandiosas pedras fundamentais da Huna, era que o **mana** era a única coisa que podia ser usada para alimentar os *EUs Superiores* da congregação e dos sacerdotes.

Já vimos que o ato de adorar, que é básico e um ato primordial a ser cumprido pelo reunir de uma congregação para a realização de qualquer ritual, não é uma questão de cânticos, prece e preparação. Adoração é **hoo-mana** e significa "*produzir **mana''*** e então doá-lo aos *EUs Superiores* através dos *cordões **aka*** dos adoradores.

O sacrifício da Missa é, externamente, o oferecimento do corpo abatido de Jesus como uma oferta a Deus sobre o altar. Após o oferecimento, os membros da congregação participam da "comunhão" e comem Deus. Isto está correto no que tange ao significado interior; é selvageria e ignorância, se somente o significado exterior for conhecido.

Quanto à questão do "Novo Testamento", foi discutida no Capítulo 20, em relação com as doutrinas paulinas e a conclusão foi de que Jesus devia ter dito "nova aliança". A profecia de Jeremias sobre uma nova aliança foi citada

naquele lugar.

Uma vez que Jesus estava cumprindo as profecias ao pé da letra em seu próprio ser e em seu ministério, e tinha feito isso de forma tão bem-sucedida, não é concebível que falhasse neste ponto, ao instituir o ritual da Comunhão. Esquecer as profecias pelas quais tinha vivido e que provinham de grandes kahunas de sua mesma linha e escola de iniciação, seria esquecer o significado de sua missão. Ele devia instituir uma nova aliança, com novas leis, que deveriam ser escritas nos corações daqueles que podiam aceitá-las.

Gostaria, neste ponto, de dar os significados secretos da palavra polinésia para aliança, **kumu**. Estes são: (**1**) "*começar um empreendimento*", significando o começar do processo de "alimentar" pelo envio do **mana** ao *EU Superior*. (**2**) "*Uma fonte de água*".

O erguer-se da água em uma fonte é um dos muitos símbolos pitorescos da Huna para o envio de **mana** (água) para cima, até o *EU Superior*, ao longo do *cordão* ***aka***. Por outro lado, a palavra para testamento não traz nenhum significado secreto de qualquer espécie, quer em sua forma completa ou em suas raízes.

João, em sua versão do drama da Última Ceia, não descreve o ritual da comunhão de nenhuma forma, mas em lugar disso se concentra nas valiosas instruções de Jesus para seus discípulos. Entre estas, encontramos Jesus emitindo um novo mandamento. Nas alianças dos tempos antigos, havia quase sempre um mandamento para o povo provindo de Deus, como parte do pacto. Os Dez Mandamentos faziam parte de uma aliança. De acordo com João, Jesus disse: "***Novo mandamento vos dou: QUE VOS AMEIS UNS AOS OUTROS***"[58].

Nada poderia ter resumido melhor a nova aliança que aquele mandamento, nem seria mais revelador dos ensinamentos Huna.

Mesmo a palavra para mandamento, em polinésio, **kana-wai** nos oferece o importante significado secreto de: "*fazer a água aparecer*" que, naturalmente, é o símbolo de acumular uma sobrecarga de **mana**.

Certamente, o erro que Paulo, e outros após ele, cometeram sobre a morte de Jesus ser necessária, a fim de permitir que seu sangue fosse derramado como um sacrifício de sangue real, para redimir o mundo da maldição dos pecados de Adão e Eva, pode agora ser corrigido.

O próprio cálice cheio de vinho, que era oferecido como um cálice do sangue "derramado pela remissão dos pecados" fornece-nos abundantes e fecundos significados interiores, quando nos recordamos da tradução de "cálice" na língua sagrada, conforme mencionado no Capítulo 8. (*Cálice*: **ki-aka**. Raiz "**ki**" "*esguichar água*", "*semelhante à fonte de água*" e nos fornece o significado simbólico de enviar **mana** para cima, ao *EU Superior*. A raiz **aha**, "*uma corda*", o símbolo Huna para o *cordão **aka*** e quando combinada com a raiz **ki**, mostrando como a água ou **mana** era enviada para o *EU Superior* — ao longo do *cordão **aka***).

Pode ser útil explicar que todas as vasilhas e bacias que os polinésios possuíam eram feitas de cabaça e que redes de cordas eram tecidas ao redor das vasilhas de cabaça, a fim de que pudessem ser transportadas mais facilmente pelos terminais das cordas.

A palavra inventada para "cálice", "bacia" ou "tigela" era construída ao redor da palavra-raiz **aha**, significando corda ou cordas. Este significado também se aplica à bacia na qual Jesus verteu água, antes de começar o lava-pés.

Tudo isso contido no cálice simbólico. Agora, quanto ao sangue no cálice, o entendemos como um símbolo do **mana**, mas a palavra para sangue — **koko** — tem significados internos interessantes:

1. *O trançar ou trabalho de trançar cordões ao redor de uma cabaça*. Esta é a mesma rede mencionada acima em relação à cabaça ou cálice. Novamente é o símbolo do *cordão* ***aka***.

2. *Preencher, encher completamente*". O *sangue da nova aliança*, sob este significado simbólico, é o preencher o *EU Superior* com **mana**.
   Podia ser também o cumprimento das profecias por Jesus, ao emitir um novo mandamento e estabelecer um ritual substituto, através da Comunhão, para tomar o lugar do sacrifício de sangue do velho pacto.
   Contudo, o significado interior permanece, essencialmente, o do envio do mana ao longo do *cordão aka* para o *EU Superior*, a fim de que possa então agir para remover os pecados de fixação — obsessão da pessoa a ser purificada — para que possa "remir" ou perdoar.

3. E finalmente temos na *palavra para sangue*, "*levantar ou estender*" (com **hoo**, o causativo). Este é o símbolo do envio de **mana** ao longo do *cordão* ***aka***. Também simboliza o fato de que o *cordão* ***aka*** se ergue e estende para tocar o *EU Superior* no distante final. Estende-se do *EU Básico* para o *EU Superior*.

Nossa conclusão final deve ser de que Jesus não derramou seu sangue para apagar o débito do pecado original, devido pela humanidade a um Deus sem misericórdia.

Na apresentação da verdade simbólica no ritual da

Comunhão, ele não verteu nenhum sangue, e o vinho no cálice que era oferecido aos discípulos NÃO representava o sangue que mais tarde derramou em sua morte na cruz.

O ritual total é um redeclarar dos grandes princípios básicos da Huna, o conhecimento dos quais torna cada homem e mulher capazes não somente de obter a purificação do "pecado", mas realizar o contato com o EU Superior — que é o "tornar-se um com o Pai". E este é o alvo desejado em todos os ensinamentos de Jesus.

Capítulo 24.
O Significado secreto da Crucificação

Chegamos agora ao grande e terrível drama da Crucificação. A escalada da série de acontecimentos, exemplificando a desumanidade do ser humano para com o homem, e levando ao trágico clímax, tem tocado as mentes e corações das pessoas ao longo dos séculos. Como tal, só seu significado exterior tem exercido influência incalculável. Mas os que registraram o drama o expressaram em tais termos que somos capazes de descobrir os significados mais profundos e ocultos, que o revelam como o resumo final de tudo o que Jesus veio ao mundo para ensinar.

A missão de Jesus era a de tornar cada indivíduo ciente de si próprio, saber com que tinha que lutar em si mesmo, como lidar com isso e de oferecer a promessa do brilhante alvo à frente, quando atingisse a união com seu próprio Pai *EU Superior* — que podia e devia realizar. Não estava preocupado com a tribo como um todo — a humanidade, as massas — como estava Moisés. Jesus sabia que, quando cada indivíduo fosse uma pessoa integrada, a questão da sociedade, composta de tais indivíduos, se resolveria por si só.

De acordo com a Huna, a consciência de cada pessoa (*EU Médio*), é um espírito que vive como hóspede no corpo para ajudar a controlar o *EU Básico* e também adquirir seu próprio crescimento através da experiência de vida, até atingir o contato permanente com o *EU Superior*. Seu dever maior é guiar e ensinar o *EU Básico*, a fim de que este possa

progredir do nível animal de consciência ao do homem, ou nível do *EU Médio*.

Devemos saber que os impulsos animais ou instintivos do *Eu Básico* são muito fortes e de forma correta para a preservação da espécie. Mas há ocasiões em que o *EU Médio* deve controlar até mesmo tais impulsos. Isto é exemplificado na narrativa externa de Jesus no Getsêmani, o jardim no qual se refugiaram ele e seus discípulos, após a Última Ceia.

O evento ocorreu antes da traição de Judas. Jesus se afastou para orar, dizendo aos outros que estava extremamente angustiado. Prostrou-se sobre seu rosto e orou: "*Meu Pai; se possível passa de mim este cálice! Todavia, não seja como EU quero, e sim como tu queres*"{59}.

O *EU Básico* no corpo de um homem forte, jovem e saudável oferecerá luta para salvar o corpo. Está produzindo abundância de **mana** e ama a vida. Jesus, se era o que o perturbava, não podia vencer isso, na primeira vez que orou. Voltou aos seus discípulos e lhes disse "*o espírito* (seu *EU Médio*) *na verdade, está pronto, mas a carne é fraca*". Estimulou-os a orar, também, contra tal "tentação" neles próprios.

Tornou a se afastar e orou: "*Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade*". Após um intervalo, repetiu a prece novamente, nas mesmas palavras. (Relembramos que os kahunas diziam uma prece importante três vezes, nas mesmas palavras).

Desta vez venceu, com o auxílio do *EU Superior* e voltou a seus discípulos, novamente sereno e lhes disse para dormir e repousar.

Devíamos estar bem satisfeitos com este significado

externo e certamente há muito a aprender dele, não fosse pela importante palavra “*cálice*” do qual Jesus pediu para ser libertado.

Sempre foi suposto que queria dizer “cálice da amargura” ou “cálice de veneno” que encontramos na literatura. E assim é na língua polinésia e há uma palavra para ela: pai. Não é o cálice (**ki-aha**) que discutimos mais de uma vez como o símbolo do envio do **mana** como uma fonte ao *EU Superior*, ao longo do *cordão **aka***. **Pai**, o cálice da amargura, nos fornece significados diferentes, que ampliam o escopo daquilo que o incidente supostamente exemplificava.

Devemos lembrar-nos de que Jesus foi purificado de todos pecados de fixação no *EU Básico*, mesmo antes de ser batizado. Prosseguiu, em seu ministério, completamente em comunhão com seu Pai EU Superior. Viveu uma vida sem ferir e ensinou-a como o caminho para outros. Ensinou a importância do indivíduo. Pregou a **dignidade inerente** ao homem.

Deve-se também conservar na mente que Ele sabia, através de seu *EU Superior*, antecipadamente, exatamente o que iria acontecer com Ele, sem dúvida, em detalhes. Sempre estava preparado para cumprir as profecias, deve-se supor que, quando os revoltantes detalhes do que estava para acontecer apareceram diante dos olhos de sua mente, eram estarrecedores.

Pai, então, o cálice da amargura, revela três significados ocultos. O **primeiro** é “açoitar”. Uma das coisas mais degradantes e humilhantes que foram depois feitas a Jesus foi o chicoteamento, primeiro nas mãos de Pilatos, depois pelos soldados que zombavam e cuspiam nele. O **segundo** significado secreto de **pai** é “misturar sangue e água em uma composição”. Depois que Jesus foi pendurado

na cruz, uma espada transpassou seu lado “e dele verteu sangue e água”. O **terceiro** significado é “falar o mal, caluniar”. Se alguma vez um homem foi caluniado e injustamente acusado este foi Jesus, depois de preso.

Com estes significados auxiliando, pode ser claramente visto que o que perturbava Jesus, que precisava orar desesperadamente por ajuda, não era somente o impulso instintivo do *EU Básico* para sobreviver, mas uma fixação maior, causada pelo próprio trabalho que realizava, belo e nobre como era.

Ele de tal modo acreditava na dignidade do homem que não podia suportar vê-lo insultado. Esta parece ser a “tentação” final de todos os grandes obreiros espirituais, uma espécie de orgulho espiritual. É significativo que tivesse prevenido seus discípulos contra a tentação.

Assim, tendo dissolvido estas fixações através da poderosa ação de sua prece, repetida três vezes, Jesus atravessou os próximos dias de quase incrível calúnia, injustiça e brutalidade que lhe ocorreram e manteve uma extraordinária dignidade através de tudo isso. Somente uma vez fraquejou e isso ocorreu quando, semiconsciente na cruz, Seu *EU Básico* enviou um último grito moribundo, tão tocantemente humano, a Seu Pai.

Em seu julgamento, Pilatos não podia encontrar nenhuma falta em Jesus, dentro da lei. Mas por razões de conveniência política, entregou-O aos importunos chefes dos sacerdotes e anciãos, para resolver como desejassem.

Queriam livrar-se dEle, pois Sua presença e Seus ensinamentos estavam retirando inteiramente do seu estável, dogmático e rendoso tempo, gente demais. Assim tem sido sempre com os fanáticos em qualquer religião, em qualquer lugar, para não falar dos fanáticos políticos. Entre

os sacerdotes supremos e anciãos estavam arruaceiros que incitavam a multidão a pedir que Jesus fosse exterminado.

Mesmo agora, cerca de dois mil anos mais tarde, as pessoas em países “civilizados” não aprenderam a lição que este incidente no drama da vida de Jesus retrata tão graficamente. Hitler ainda podia incitar as multidões de pessoas “educadas” à violência contra os judeus que odiava.

Com os gritos da multidão sedenta de sangue para apoiá-los, os principais sacerdotes e anciãos pediram que Jesus fosse crucificado e Pilatos assim ordenou. Era um procedimento normal, naquele tempo, executar criminosos desta forma. Eram pregados à cruz e pendurados lá até que o sangramento produzisse a morte, que levava longas horas de agonia para acontecer.

Jesus, então, após uma série de insultos nas mãos de seus captores, recebeu sua cruz para carregar, usando uma coroa de espinhos que tinham posto sobre sua fronte. Foi forçado a carregar a cruz por um longo caminho até o Calvário, onde a crucificação aconteceu.

Com Ele foram dois ladrões, levando suas próprias cruzes, os quais deviam ser crucificados ao mesmo tempo. A multidão atropelava-se ao redor de Jesus de forma atormentadora, insultando, escarnecendo e injuriando, embora seus fiéis seguidores, especialmente as mulheres, chorassem desesperadamente. Em algum ponto do caminho, um jovem do interior foi instado ao serviço de carregar a cruz para Jesus por uma certa distância, embora este retomasse a carga quando se aproximaram do Calvário. (Não nos contam os narradores do drama porque isto aconteceu, mas podemos estar certos de que há um significado nisso).

A via dolorosa dos Passos da Crucificação tem sido parte do procedimento de adoração da Igreja Católica Romana através dos séculos e ainda hoje. As cenas são

representadas algumas vezes em belos quadros, pendurados em certos intervalos, nas paredes das igrejas.

São chamados de estações da crucificação e os fiéis param em cada uma para rezar. A cruz está no topo de todo prédio, da catedral à pequena capela. É ligada ao rosário empunhado por cada pessoa durante suas preces na igreja ou em casa. A figura de Jesus moribundo na cruz está em toda parte, em quadros e esculturas, mesmo nos lares mais humildes.

Para muitos, creio, o símbolo da cruz significa pouco, exceto como um estímulo físico que age como recordador da teologia dogmática de que Jesus morreu pela remissão de seus pecados. Os primeiros protestantes, em seu zelo por destruir qualquer coisa "romana", baniram a cruz. Mas a vemos voltando, pouco a pouco, e encimando os campanários de suas igrejas. É um símbolo digno de preservar, quando se compreende a riqueza de seu real significado.

A cruz era um símbolo básico entre os polinésios. Conforme mencionei em outra parte, nos antigos tempos, os iniciados em Huna colocavam uma cruz de madeira antes da entrada de seus lugares santos ou tabus, como uma forma de "marca do rei" para impedir os impuros de se aproximar. Era o símbolo dos impuros que eram afligidos por qualquer das várias espécies de "pecados".

O Lugar Sagrado era o símbolo do *EU Superior* e a entrada da "senda". A língua contém duas palavras diferentes para "cruz", cada uma contendo os significados ocultos que revelam as verdades que a cruz simbolizava.

A primeira destas palavras para "cruz" é **kea**. Seu sentido secundário ou interior é "obstruir a senda e impedir de seguir por ela; impedir o progresso de alguém em

qualquer caminho; forçar ou compelir alguém a fazer algo contra a sua vontade, meter-se em dificuldades".

Este significado fornece uma completa descrição daquilo que os "obsessores" forçam alguém a fazer e também das fixações, da forma como bloqueiam a senda e impedem o progresso.

É quase espantoso como os kahunas conseguiram perpetuar seu conhecimento da constituição do homem, mostrar o que causava as dificuldades e como sobrepuja-las. A língua dos polinésios é peculiar em que muitas vezes é usada uma variante de uma palavra (como **unihipili** e **uhinipili**) a qual oferece ainda outros significados ocultos pertinentes. Assim, a variante para **kea** é **pea** (que é uma parte da palavra para "**pá**" — **peahi**, já discutida). Das raízes de **pea** tiramos, em primeiro lugar, "ungir". Este é o símbolo para aquele que carregou com sucesso sua cruz.

Em outras palavras, alguém que conseguiu controlar o *EU Básico* e desbloquear seu *cordão* ***aka***. "Ungir" era uma forma de purificação, uma espécie de cerimonial ou ritual. O Messias era alguém que tinha atingido o estado de união com o *EU Superior* através da purificação. Jesus certamente era um Messias neste sentido. A palavra grega para "ungir" dá-nos o título mais usado para Jesus, "O Cristo" ou "O Ungido", para usar a forma em nossa língua.

Em segundo lugar, tiramos, da raiz básica **pe**: "quebrar", um símbolo do processo de destruir o cacho de *formas de pensamento* da fixação.

O transportar da cruz, então, é o símbolo Huna para a realização bem-sucedida do treinamento do *EU Básico*, de forma que seja conduzido à vida bondosa e justa que deve ser vivida, antes que o contato completo com o *EU Superior* possa ser realizado conscientemente e conservado. É a

promessa de que, assim procedendo, os três EUs funcionarão como uma única unidade, com a finalidade de que possa ser vivida uma forma de vida normal e evolutiva.

A simbologia da cruz em si própria, o objetivo material, inclui o quadro das armadilhas contidas no processo. A haste vertical da cruz representa o *cordão **aka*** se erguendo para o *EU Superior*, a partir do *EU Básico*, e a barra que cruza a vertical representa qualquer coisa que faça o cordão ficar bloqueado e o fluxo de **mana** deixar de ser enviado para cima, ao *EU Superior*.

Há uma palavra especial em polinésio para a forma da cruz usada na crucificação, que é **amana:** O leitor notará instantaneamente o termo familiar **mana** e saberá o que significa. Assim, quando encontramos um significado secundário para **amana,** uma cruz, verificamos que é "oferecer alimento ou qualquer sacrifício aos deuses", e sabemos que o que foi oferecido aos "deuses" *EUs Superiores* não foi na realidade alimento, mas **mana**, enviado ao longo do *cordão **aka***.

Contudo, como já disse, a haste horizontal, nesta espécie de cruz, mostra que o **mana** não pode ser enviado com sucesso quando o *cordão **aka*** estiver bloqueado.

Este fato pode ser visto em outros três significados de **amana** que seguem:

1.) *Dirigir alguém para o mal*, apontando para os "companheiros devoradores" e seus poderes e a influência dos obsessores.

2.) *Causar doenças*. Este é um dos resultados da contaminação causada pelo bloqueio da senda.

3.) *Um cacho de coisas*. Este é o símbolo das *formas de*

pensamento das lembranças. Neste caso, por causa da associação de outros maus significados da palavra em questão, vemos que são indicadas as lembranças contendo acontecimentos causadores de fixações.

Que Jesus conhecia e usava esta simbologia Huna da cruz torna-se aparente em seus primeiros ensinamentos, quando disse: (*Lucas 9:23-24*) "*Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue,* ***dia a dia, tome a sua cruz*** *e siga-me*". Certamente, ele não estimularia outros a sofrer a crucificação, como sofreria mais tarde — e diariamente, para tornar as coisas mais impossíveis. Estava oferecendo o ensinamento daquilo que a cruz simboliza e estimulando que o esforço em direção à união fosse realizado diariamente.

Enquanto estamos considerando esta passagem por causa da palavra "cruz", contida nela, podemos também fazer uma pausa para ver qual é o significado de "negar-se".

A palavra "negar" é, na linguagem sagrada, **hoo-le-mana**, com estes significados:

1.) *Negar, como negar a autoridade de um sobre outro*. Este é o significado externo, mas é muito esclarecedor, quando transformamos a palavra um tanto vaga "negar" na palavra Huna. É a *vontade* ou a autoridade do *EU Básico* ou animal que deve ser *negada* diariamente. Deve ser controlada.

2.) Das raízes **le** e **mana,** temos: "*fazer o* ***mana*** *voar para cima*". Este é o significado interno e simboliza o fato de que o alvo de treinar o *EU Básico* é mantê-lo sob controle, fazê-lo participar do viver a vida bondosa e ensiná-lo a "fazer o **mana** voar para cima", ao longo do *cordão* ***aka*** para o *EU Superior*, quando ordenado a assim proceder.

Agora retornemos àquelas cenas no caminho do Calvário. Notamos lá o inexplicável fato de outro homem levando a cruz para Jesus durante parte do caminho. Isso sem dúvida aconteceu, mas os iniciados que escreveram o relato conheciam a simbologia do ato e foram cuidadosos em preservá-la, por essa razão.

Podemos certamente vê-la, conhecendo o significado de carregar a cruz, como uma dramatização da pessoa que ajuda a remover as fixações, como no ritual do lava-pés. Outros símbolos significativos cruzam a mente: Jesus usava uma coroa de espinhos. Já declaramos que os espinhos são símbolos de fixações. Foi acompanhado por dois ladrões, que também seriam crucificados.

A palavra "ladrão" é **ai-hue**. A raiz **ai** significa "alimento" e a raiz **hue** "roubar". O significado combinado das raízes mostra que os ladrões representavam "companheiros devoradores".

A raiz **hue** também significa "uma cabaça" e assim nos leva de volta ao símbolo do "cálice". Outro significado é "fluir, como água", que é o símbolo do transbordamento ou perda de **mana** causado pelos maus espíritos que vivem de forma invisível com os homens, alimentando-se de sua força vital e que os impulsionam a más ações.

Chegando ao Calvário, Jesus foi pregado à cruz. Foi erguida a fim de que pudesse ficar pendurado lá, em agonia, até que a morte o libertasse.

Na linguagem sagrada, "pendurar na cruz" é **li-peka**. Da palavra **li** obtemos estes significados internos: "*Odiar, detestar, estar cheio de ódio, estar invejoso, ser orgulhoso, arrogante, desconsiderar os direitos dos outros*". Estes significados descrevem o *EU Básico* não regenerado e as atitudes para com os outros que são a soma e substância das fixações e obsessões que causam a crucificação

simbólica, com todo o sofrimento que implica.

Jesus foi crucificado entre dois ladrões. No relato, nos dizem que um dos ladrões se arrependeu de seus maus atos e que Jesus prometeu ajudá-lo a obter a salvação. O outro permaneceu mau e não se arrependeu e nada podia ser feito por ele. Aqui podemos ver ilustrada a crença Huna de que aqueles que morrem sem se arrepender, impuros e separados por uma senda bloqueada, permanecem no mesmo estado após a morte e assombram os homens como "companheiros devoradores", quando encontram, nos vivos, pessoas com propensões maléficas semelhantes. Estes eventualmente progredirão e aprenderão suas lições e serão capazes de receber auxílio, mas até que fiquem preparados, devem compartilhar as agonias da cruz que são trazidas por sua maldade e por suas sendas bloqueadas.

Após a sua morte, Jesus foi retirado da cruz e colocado em um túmulo. A palavra para "túmulo" é **i-lina**, na qual a raiz **lina** contém o significado secreto que é "*endireitar ou estender, como um cordão ou corda*" e aqui temos a indicação de que a morte na cruz simboliza o ponto do progresso no qual o sofrimento causado pelo mal chega ao final e a evolução na vida bondosa começa, com o *cordão* ***aka*** sendo liberado dos nós e emaranhados, e aberto. A palavra para "novo" na frase "um túmulo novo" é **hou**, que tem como um de seus significativos o de "estender". Este é o símbolo de alcançar através do *cordão* ***aka*** para fazer o contato com o *EU Superior*.

"Morte" **make** em Huna, significa uma transição de uma espécie de vida para outra. Também significa "tornar-se direita, adequada e própria". Este é o significado interno da morte na cruz ou o final do período em que o *EU Básico* está fora de controle e é suficientemente mau e selvagem para atrair e abrigar maus espíritos. Com a morte, maus espíritos não têm mais **mana** de que se alimentar, assim partem. Se

o indivíduo alcançou o ponto de transformação para os bons caminhos, as fixações podem mais facilmente ser quebradas e a evolução começa seriamente.

A grande pedra que fechou o túmulo — o símbolo da pedra de bloqueio — foi afastada por mãos invisíveis, enquanto as mulheres que tinham vindo visitar o túmulo estavam dizendo "*Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo*"?{60} Aqui também temos a evidência de que os *EUs Superiores* podem remover até mesmo a mais poderosa das entidades obsessoras, até mesmo o "Senhor das Trevas".

Jesus levantou-se dentre os mortos. O significado exterior da ressurreição é que se levantou e apareceu a seus discípulos para provar que se sobrevive à morte. Em Huna, "ressurreição" é **ala hou ana**, que fornece o significado, em sua tradução literal, de "*abrir a senda de novo*". O significado interno da ressurreição, então, é sua promessa da vitória final sobre o pecado simbolizado e sobre a morte na Cruz, a restauração da normalidade e evolução através da senda aberta e do pleno contato com o *EU Superior*.

O fato de que Jesus realmente retornou e conversou com seus discípulos, após a morte de seu corpo, tem sido ignorado e desacreditado em nosso mundo de pensamento materialista. Sem dúvida, a crença teológica de que, como um aspecto de Deus Supremo, qualquer coisa era possível para Jesus — e somente Jesus — realizar, é suficiente nas igrejas cristãs.

Mas quando se inspeciona o trabalho dos kahunas com espíritos, expulsando os maléficos e assegurando a ajuda de bons espíritos, nos tornamos mais e mais cientes da continuação da vida além do curto espaço do qual estamos conscientes, quando no corpo. As pessoas comuns entre os polinésios sentem a presença de espíritos e para eles é uma parte aceita e comum da vida. Não têm nenhum medo do

assim chamado sobrenatural — é natural na experiência deles — e tratam estas visitas de forma despreocupada. “Minha avó acaba de passar a figueira lá adiante — sirva-se de mais **poi**, por favor”.

No mundo ocidental, os espiritualistas e pesquisadores da ciência paranormal provaram bem conclusivamente a continuidade da vida após a morte, mesmo depois que uma boa quantidade de embustes foi retirada de suas experiências. É um clímax vital e imperioso na vida e ensinamentos de Jesus, que devesse retomar por um breve período antes de prosseguir na vida maior do espírito.

Em Jesus vemos um homem que aprendeu as lições de vida e que atingiu a perfeita união com seu próprio Pai *EU Superior*. Vemos nele alguém pronto, após a morte, para progredir um passo acima na escala da vida e ser. Se aceitarmos as crenças Huna antigas sobre este ponto como em muitos outros, podemos acreditar que após sua '‘ascensão” Jesus passou pela formatura ou estágio de transição e o *EU Médio* Jesus ergueu-se um grau para tornar-se um *EU Superior*. Seu *EU Básico*, finalmente foi ensinado sobre os caminhos do homem e a necessidade de cessar de reagir como um animal, progrediu para tomar-se um EU Médio, sem dúvida experimentando o renascimento em um novo corpo físico, com um novo *EU Básico* como companheiro.

O “Pai” que tanto amava Jesus, e que era um com a Grande e Brilhante Companhia dos **Aumakuas**, também iria, de acordo com a Huna, elevar-se um grau e tornar-se um com os **Akua-Aumakuas**, que ficam um grau mais alto naquele verter de vida que provém da Vastidão do Supremo, e que se move vagarosamente para o alto, podemos apenas supor, para a Fonte da qual todos proviemos.

Uma das últimas coisas que Jesus disse, quando

retornou em espírito a seus discípulos, foi: "*E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*"[61]. Esta promessa e o amor, a personalidade suave e isenta de egoísmo de Jesus, tornou-o querido aos homens e mulheres através dos tempos.

Ao revelar os significados Huna em sua vida e ensinamentos e ao estabelecer a crença do senso-comum (conforme atestado por tudo que os iniciados Huna escreveram sobre ele) de que era um dos maiores seres humanos que jamais viveu, eu não desejaria, em nenhum momento, destruir aquela sensação amorosa da companhia dele.

Para mim, educado em uma igreja ortodoxa do tipo fundamentalista, contra cujas doutrinas cedo me rebelei, este estudo transforma Jesus ainda mais em um homem a ser amado, reverenciado e, acima de tudo, a ser seguido.

"*E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*". Ele ainda está conosco, tão próximo quanto nossos próprios *EUs Superiores*, porque é UM com eles na Grande Companhia. Podemos ainda orar em seu nome, porque isso é orar ao mesmo tempo em nome de nosso próprio Pai *EU Superior*.

E, como a paixão suportada por Jesus, enquanto vivia na terra, devia servir para alcançar, ajudar e guiar as ovelhas perdidas do mundo, podemos estar bem certos de que qualquer ligeira ajuda, conforto ou orientação que oferecermos ao "menor deles" em Seu nome, nos levará para mais perto dEle e da Brilhante Companhia com os quais ele agora trabalha e continua seu ministério, em nível diferente e amplo.

Estamos vivendo em um dos periódicos tempos de sublevação mundial, que significam mudança drástica e

progresso. Para muitos de nós, parece que o mundo está sendo crucificado. Mas não há nenhuma razão para temor e desespero, pois há sinais, também, de uma nova e dourada era pela frente. A época que foi profetizada há tanto tempo parece estar à mão, a hora do homem começar a entender-se e assim, individualmente, realizar sua salvação.

Não importa onde estamos em nosso progresso evolutivo, pode haver alegria, saúde e sucesso para cada um, de acordo com suas necessidades e capacidades para o Serviço. A promessa de salvação permanece, tão certa, brilhante, justa e clara quanto era há vinte — sim, mesmo vinte e cinco séculos atrás — quando Isaías pronunciou em palavras veladas do antigo segredo, exclamando na exaltação de sua visão{62}:

"Então se abrirão os olhos dos cegos e se desimpedirão os ouvidos dos surdos.

"Os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; pois águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo.

"A areia esbraseada se transformará em lagos, e a terra sedenta em mananciais de águas; onde outrora viviam os chacais crescerá a erva com canas e juncos.

"E ali haverá bom caminho, que se chama o Caminho Santo; o imundo não passará por ele, será somente para o seu povo; quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco.

"Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele.

"Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará as suas cabeças, gozo e alegria alcançarão e deles fugirá a tristeza e o gemido".

Capítulo 25.
Conclusão

As perspectivas pela frente são muito animadoras, agora que estamos nos aproximando da conclusão da longa investigação da Huna. A APH, pelo esplêndido trabalho de seus membros durante um período de cerca de cinco anos, provou que aqueles que têm suas sendas suficientemente abertas para contatar seus *EUs Superiores*, podem colocar a Huna em ação após um curto período de treinamento e depois de revisar algumas de suas ideias sobre religião e psicologia.

As pessoas dedicadas que leem este relato e que descobrem, após o esforço necessário, que não podem realizar o trabalho Huna e concluem que isto pode ocorrer porque têm bloqueios desconhecidos em suas sendas, necessitarão de auxílio do tipo “lava-pés”. Felizmente tal ajuda é fácil de proporcionar e há muitos que seriam capazes de assisti-las.

Estou pensando especialmente nos bons homens e mulheres que pertencem a muitas organizações de religiões evoluídas no mundo de hoje. Não sei quantos curadores dedicados há nos círculos do Novo Pensamento, nos quais a cura mental-espiritual vem sendo ensinada, mas o número deve ser muito grande.

Estas pessoas são curadores profissionais, na maioria, e tem sido minha experiência de que muitas vezes consideram bem-vindas as informações originárias da Huna

e as colocam em uso, a despeito do fato de que não é oficialmente reconhecida nos grupos a que pertencem.

Se eu estivesse convencido de que minha senda estaria bloqueada e de que necessito de ajuda para conseguir que meu *EU Superior* receba o **mana**, a fim de que possa começar a trabalhar de cima para baixo para limpar a senda para mim, procuraria uma das igrejas liberais mais novas e mais abertas, e inquiriria quais de seus curadores estaria familiarizado com a Huna e pronto para assistir-me na abertura da senda.

Se ninguém conhecesse a Huna, eu introduziria o assunto e providenciaria para que a pessoa adequada se tornasse familiarizada com a literatura sobre a Huna. Feito isso, continuaria a pressionar aquele membro para assumir o trabalho comigo.

Muitas das religiões organizadas, antigas e bem estabelecidas, naturalmente, ficariam satisfeitas em continuar com os velhos pontos de vista e crenças dogmáticas que substituíram à doutrina de amor e serviço. Continuarão pregando programas de ódio em seus púlpitos e atacando cegamente todas as igrejas e dogmas que sentem estar competindo com as suas.

A redescoberta dos ensinamentos interiores de Jesus não significará nada para os homens mais idosos que detém a autoridade em muitas igrejas cristãs. Estarão tão petrificados em seus dogmas e tão temerosos do estado congelado da crença de seus paroquianos mais velhos, que se recusarão a conceder até a mais leve consideração a algo que ataque seus dogmas.

Por outro lado, muitos jovens ávidos e sérios tomam a decisão de tornar-se ministros. Vão para escolas especiais para treinamento e suas mentes permanecem relativamente

abertas por algum tempo. É possível, de algum modo, que estes homens possam ser abordáveis e estar mais inclinados a entender a Huna e mesmo a empregá-la, se tal uso não for proibido inteiramente por seus superiores.

Também podem ser formados grupos fora das organizações regulares. Um pequeno grupo é sempre melhor, porque pode haver trabalho entre amigos. Duas pessoas que se entendem, confiam um no outro e são motivadas pelo amor, formam uma "igreja" em si próprias. "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome..." incorpora esta ideia.

A confissão é algo útil, mas deveria ser realizada em grande privacidade, não como tem sido feita recentemente em alguns dos grandes movimentos religiosos em que a confissão pública degenera em disputa entre entusiastas, para ver quem pode confessar os feitos mais maléficos.

O voto de segredo inviolável que prendia a Huna por tantos milhares de anos tornou-se desnecessário agora, quando a escuridão e selvageria das massas se aliviou ao redor do mundo e podemos encontrar capacidade de ler e escrever e esclarecimento.

Contudo, há um voto de inviolável segredo que não podemos dispensar. Este é o voto que todo homem e mulher de boa vontade deve assumir e preservar, se concordar em agir como confessor de outra. Em acréscimo ao voto de total e duradouro segredo quanto à confissão, deve haver o máximo esforço para permanecer inteiramente impessoal e não emitir o mais leve julgamento mental ou interior.

"*Não julgueis para que não sejais julgados*" é o ensinamento aqui. A pessoa, ao aceitar a obrigação de ouvir uma confissão, torna-se um substituto do *EU Superior*. Ora-se ao *EU Superior* daquele que está prestes a abrir seu

coração e envia-se um bom suprimento de **mana** com a prece que é feita, pedindo que os atos errôneos que são confessados sejam liberados em qualquer ponto em que formem fixações ou atraem “companheiros devoradores”.

O envio de **mana** nunca deve ser olvidado, nem se deve permitir esquecer-se de que esta é uma obrigação sagrada e não uma “superstição de selvagens”, como um ministro dogmático certa vez chamou-o em uma carta para mim.

Permitam-me afirmar novamente que a fé, que Jesus demonstrou ser algo absolutamente essencial, não é simplesmente um ato de crença perfeita. Ela é, primeiramente, um ato de buscar o contato com o *EU Superior* e depois enviar o **mana** e as formas de pensamento da prece, a fim de que possam ser tornadas REALIDADE — transformadas em algo verdadeiro como resposta à prece. (Veja a apresentação da palavra “*fé*”, **mana-o-io**, no Capítulo 8).

Os grupos também são valiosos no processo de treinamento. A prática telepática e o trabalho com as caixas e o pêndulo frequentemente podem ser realizados com vantagem em grupos, especialmente para ajudar os menos experientes a entenderem o que fazer e como lidar com isso.

O *EU Básico* aprende com outros *EUs Básicos* de uma forma surpreendente e alguém que não possa usar o pêndulo pode repentinamente descobrir-se realizando isso, após observar outros demonstrarem o uso deste simples instrumento.

Contudo, deve ser dita uma palavra de prevenção concernente ao trabalho em grupos maiores. Há, geralmente, uma tendência a começar a questionar coisas bem alheias ao propósito em questão. Muitas vezes há

alguma pessoa no grupo que gosta de falar e que insistirá em dominar a cena.

Além disso, há sempre aqueles que desejam distrair-se e que não poderão ou não desejarão tomar parte no trabalho sério de aprender a entender e usar a Huna.

Nenhum grupo deveria admitir novos membros depois que um curso foi estabelecido e que o treinamento começou. Deixe que os outros formem seus próprios grupos ou espere até que uma nova sessão de treinamento comece — uma em que todos começarão o trabalho em pé de igualdade. Certa vez eu formei um grupo e deixei-o aberto para novos membros e visitantes.

A cada reunião meus amigos alegremente traziam com eles pessoas que nunca tinham ouvido nada de Huna e em cada reunião eu tinha que começar do início e contar aos recém-chegados o que era a Huna e o que planejávamos fazer. Não é preciso dizer que não realizamos nada que possa ser relatado, porque os membros mais antigos logo ficaram aborrecidos e se afastaram.

Agora que completamos o círculo total de investigação e voltamos da sabedoria das cabanas de sapé da Polinésia para Jesus, que vagava sem lar com seus discípulos através da Palestina, curando e instruindo seu grupo escolhido, creio que o conhecimento destas verdades básicas antigas e símbolos gradualmente se infiltrarão na cristandade organizada a partir de baixo, se não do topo. Espalhar-se-á mais rapidamente entre os milhares que se tornaram não desejosos de aceitar os dogmas e a esterilidade das Igrejas ortodoxas e assim se voltaram para outras fontes de luz e inspiração.

A própria funcionalidade da Huna, conforme atestado por milhares de cartas que tenho recebido nos sete anos

passados, garantirá que se espalhe. Não demorará muito para que aqueles que se puseram a usar a Huna em suas próprias vidas e a ajudar outros, descubram companhia, mútuo interesse e entendimento em um número crescente de pessoas ao redor deles.

Posso prever uma época, não muito à frente, em que os homens terão aprendido que a vida sem ferir e bondosa é sempre a melhor e que aqueles verdadeiramente abençoados são os que têm aprendido a amar o próximo assim como a serem bondosos e não prejudiciais.

Aparecerão entre nós homens e mulheres que começarão a trazer o sinal da Nova Era em suas mentes e corações. Serão conhecidos por uma certa "característica que a princípio parecerá estranha, muito nova e muito inacreditável, serão TOTALMENTE CONFIÁVEIS, ao limite de sua habilidade humana, em cada palavra pensamento e ação. Serão homens e mulheres que adquiriram o vislumbre e que estão se movimentando de forma serena e forte em direção à graduação no final desta vida, para o nível ocupado pelos **Aumakuas**, os "Espíritos Paternais Totalmente Confiáveis".

À medida que estas palavras estão sendo escritas, no final do ano de 1952, o longo período de pesquisa e investigação parece estar chegando ao término.

Resta um pouco ainda de testes a serem concluídos e então a APH terá completado o trabalho para o qual foi organizada e poderá dispersar-se.

Meu trabalho com os APHs foi um dos pontos brilhantes de minha vida e desejo, ao terminar, agradecer novamente a meus muitos amigos leais, altruístas e de visão clara, da organização, muitos dos quais somente conheço através de suas cartas e contatos telepáticos nas horas de prece. Sem sua ajuda, a restauração da Huna não poderia ter alcançado

este ponto.

¤¤¤O¤¤¤

Se desejar quaisquer informações adicionais sobre a Huna,
envie envelope selado para resposta à:

Associação de Estudos Huna
Caixa Postal 14
95330-000 — Veranópolis – RS

A Edição desta obra (como todas as demais publicações pela FEEU é possível graças aos donativos dos filiados desta entidade, não possuindo a Fundação, nenhuma outra forma de renda. Quem tiver interesse de estudar, bastará pedir e passará a receber as publicações, após preencher um formulário de inscrição. A distribuição é feita com amor; é a nossa maneira coletiva de fazer “Um Mundo Melhor”.

FORMAS COMO MANDAR AS CONTRIBUIÇÕES

1. Por Ordem de Crédito para nossa conta 12.737-P Agência Gen. Câmara, 324-7 do BRADESCO; idem nossa conta 02-3333864/3 da Agência Centenário do Banco Meridional do Brasil, centro, Porto Alegre, RS.

2. Por ordens de pagamento por meio de qualquer Banco com Agência em Porto Alegre.

3. Por Vales Postais ou Valor Declarado pelo Correio.

4. Por cheques nominais a esta entidade com o nome completo: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E EDITORIAL UNIVERSALISTA, pagáveis em Porto Alegre, RS.

CREDITO INSTANTÂNEO: se escolher esta modalidade para doar, por obséquio encaminhe cópia do depósito, para termos conhecimento e podermos contabilizar.

NOTAS

{1} Observar que a Srª Ceres é a tradutora desta obra (N.R.)

{2}N.T.: “The Secret Science Behind Miracle

{3}N.T.: “H” aspirado.

{4}N.T.: Livro foi publicado em 1953, pela primeira vez.

{5} Esta é a 1ª aula do estudo da matéria (N.R.)

{6} 2ª aula do estudo da matéria (N.R.)

{7}N.T.: A tradução correta é chama-lo de “Eu Interior”, em lugar de “EU Básico”, porém vamos evitar este termo, para não dar a conotação errônea de que ele é menos importante do que os demais EUs.

{8}N.T.: “Projection of the Astral Body” no original, em inglês.

{9}N.T.: “Thoughts througt Space” no original, em inglês.

{10}N.T.: Pode-se usar caixas de fósforo idênticas.

{11}N.T.: Um livro mimeografado foi patrocinado em 1952 pela Borderland Sciences Research Associates. 3524 Adams Ave., San Diego. Calif.

{12}N.T.: Este livro foi escrito antes da invenção do Kirliam.

{13}N.T.: A expressão “Eus inferiores” corresponde a *EU Básico* e *EU Médio*.

{14} Arthur Edward Waite (1857-1942), inglês, estudioso, místico, ocultista e renomado escritor de esoterismo e maçonaria com mais de 70 livros e inúmeros artigos e estudos, orientou a artista Pamela Colman Smith (1878-1951) para ilustrar o conjunto de 78 cartas do baralho de tarô em 1910, que se tornou amplamente difundido até os dias de hoje (Tarô Rider-Waite). Todas as cartas são assinadas pela artista com a monograma P.C.S.; daí a expressão utilizada pelo Autor Max F. Long, referindo-se à carta **Ás de Copas**. (N.R.)

{15} Significa anseio, desejo (N.R.)

{16}N.T.: Bíblia, Mateus 7.7.

{17}N.T.: Todos os versículos bíblicos são traduzidos conforme a versão original de João Ferreira de Almeida.

{18}N.T.: “*Aliás*” aqui tem o sentido de “De outra maneira...”

{19} Pratica medicinal, especialmente de fisioterapia, que utiliza técnicas de mobilização e manipulação articular, e de tecidos moles do corpo (N.R.)

{20}N.T. - Pessoas treinadas na manipulação de ossos, especialmente da coluna.

{21}N.T.: Refere-se aos Estados Unidos da América

{22} O Autor é norte-americano e se refere à entrada do País dele nessa guerra. (N.R.)

{23} Refere-se ao “Santo Sudário” ou Sudário de Turim, feito em linho que

muitos cristãos acreditam ser a mortalha que cobriu Jesus e que é objeto de grande polêmica, quanto à sua autenticidade.

{24}N.T.: Cooperative Healing, que podia ser obtido do Sr. L. E. Eeman, 24 Baker St. London W1, Inglaterra, por 15 schilings.

{25}N.T.: Freud: Dictionary of Psycoanalysis (Dicionário de Psicanálise) editado por Nandor Fodor e Frank Gaynor. (*Observação: esta nota está como no original, sem indicar a autoria – N.R.*)

{26} Palavras: "The New Dictionary (O Novo Dicionário). Grosset & Dunlap.

{27} New International Dicionary - Webster (Novo Dicionário Internacional - Wesbter). (*Observação: esta nota está como no original, sem indicar a autoria – N.R.*)

{28} **Subliminal** é aquilo que se encontra abaixo do limiar da consciência e ainda assim influencia a conduta. (N.R.)

{29}N.T.: "Cooperative Healng"

{30} Lafayette Ronald Hubbard (1911-1986), mais conhecido como L. Ron Hubbard, ou ainda LRH, escritor norte-americano e fundador da Igreja da Cientologia, cujas teses e fundamentos, são objeto de polêmicas severas, inclusive a respeito de cometimento de fraudes na Europa. (N.R.)

{31}N.T.: "Dianetics'' (*Publicado pela primeira vez em 1950 – N.R*)

{32}N.T.: "Eidetics Foundation"

{33}N.T.: Quando este livro foi escrito, Jung ainda era vivo.

{34}N.T.: "Perceptive Healing" de R. Connel, doutor em medicina, F.R.C.P.I. e Geraldine Cummings. Psychic Book, 5 Boomsbury Court. Londres W.C.I. Jnglaterra.

{35}N.T.: Thirty Years Among the Dead". .

{36}N.T.: Bulletin of the New York Academy of Medicine

{37}N.T.: "Psychoanalyse Yourself" por E. Pikworth Farrow. International Universities Press. 277 Wl. 13 th street. New York.

{38}N.T.: Deve ser o Capítulo 9, Versículo 22.

{39}N.T.: Versículo 26 do capítulo 9 da Epístola aos Hebreus.

{40}N.T: João 1:23

{41}N.T.: Mateus 3.8

{42}N.T.: Lembramos: a expressão "EUs inferiores" refere=se a ambos, EU Básico e EU Médio

{43}N.T.: Mateus 3:12 - A palavra "pa" em inglês, "'fan" tem também o sentido da "peneira" "crivo";

{44}N.T.: Mateus 3:16.17

{45}N.T.: João 3:7

{46}N.T.: Mateus 4:10

{47}N.T.: Lucas 4:13

{48}N.T.: em inglês: “season”

{49}N.T.: João 13:21-27

{50}N.T.: João 13:18

{51}N.T.: João 10:34-36

{52}N.T.: Significa fantasma ou espirito e em inglês é usada alternativamente com ''Spirit” para indicar o Espirito Santo

{53}N.T.: João 6:51

{54}N.T.: A tradução literal das palavras seria: “A carne não é digna de nada”.

{55}N.T.: Lucas 22:15

{56}N.T.: Lucas 22:30

{57}N.T.: “ela” aqui significa “a páscoa”.

{58}N.T.: João 13:34

{59} N.T.: Mateus 26:39

{60} N.T.: Marcos 16:3

{61} N.T.: Mateus 28:20

{62}N.T.: Isaías 35:05-10